



**LUIZ ALBERTO MACHADO CABRAL**

**A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia**

**CAMPINAS,  
2013**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**LUIZ ALBERTO MACHADO CABRAL**

**A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto de  
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual  
de Campinas para obtenção do título de Doutor em  
Linguística.**

**Orientador (a): Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira**

**CAMPINAS,  
2013**

NR 425 Rest

Unidade BCCL  
T/UNICAMP

Cutter C112b  
V. 1  
Tombo, BC 103206  
Proc. 16.195-14  
C D  
Preço 11,60  
Data 19/09/14  
Cód. tit. 920208

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

C112b Cabral, Luiz Alberto Machado, 1959-  
A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia / Luiz Alberto Machado Cabral. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.  
  
Orientador: Flávio Ribeiro de Oliveira.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.  
  
1. Mitografia. 2. Mitologia grega. 3. Fábulas gregas. 4. Literatura grega. I. Oliveira, Flávio Ribeiro de, 1964-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The Pseudo-Apollodorus' library and the status of mythography

**Palavras-chave em inglês:**

- Mythography
- Greek mythology
- Greek fables
- Greek literature

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

- Flávio Ribeiro de Oliveira [Orientador]
- Roosevelt Araujo da Rocha Junior
- Alexandre Soares Carneiro
- Trajano Augusto Ricca Vieira
- José Carlos Baracat Junior

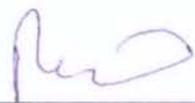
**Data de defesa:** 29-08-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

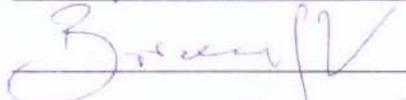
Prof. Dr. FABIO AKCEL RUD DURÃO  
Coordenador Geral de Pós-Graduação  
IEL / UNICAMP  
Matr.: 29048-6

BANCA EXAMINADORA:

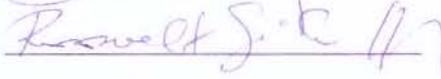
Flávio Ribeiro de Oliveira



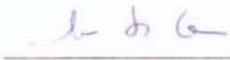
José Carlos Baracat Junior



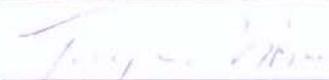
Roosevelt Araujo da Rocha Junior



Alexandre Soares Carneiro



Trajano Augusto Ricca Vieira



Daniel Rossi Nunes Lopes



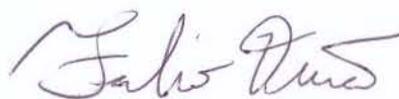
Josiane Teixeira Martinez



Paulo Sérgio de Vasconcelos



IEL/UNICAMP  
2013



Prof. Dr. FABIO AKCEL RUD DURÃO  
Coordenador Geral de Pós-Graduação  
IEL / UNICAMP  
Matr.: 29048-6

20140722J



## RESUMO

A *Biblioteca* é um compêndio em Grego antigo de mitos e lendas heroicas dispostos em três livros e foi denominado “a mais valiosa obra mitográfica dos tempos antigos que chegou até nós”, mas não se sabe absolutamente quem é o seu autor. A obra que temos em mãos é atribuída a Apolodoro, o Gramático, ou seja, Apolodoro de Atenas, um erudito do século II a. C. e autor da obra *Sobre os Deuses (Peri Theôn)*. O texto que possuímos, no entanto, menciona um autor romano, o cronista Cástor, um contemporâneo de Cícero do século I a. C. Os eruditos que se seguiram a Fócio se equivocaram na atribuição da obra. Uma vez que Apolodoro de Atenas não poderia ter escrito a obra, o autor da *Biblioteca* é convencionalmente denominado o “Pseudo Apolodoro” por aqueles que almejam ser estritamente precisos. As referências tradicionais mencionam apenas “a *Biblioteca e Epítome*”.

Sua primeira menção na literatura grega ocorre em 858 d. C. pelo erudito bizantino Fócio, que teve acesso à obra na íntegra, tal como ele menciona no seu “relato de livros lidos”, que ela continha histórias dos heróis da Guerra de Troia e dos *nóstoi (Retornos)* que faltam nos manuscritos que restaram.

Infelizmente, a *Biblioteca* chegou-nos incompleta. Nos manuscritos ela se encontra indivisa, mas por convenção, foi dividida em três livros. Parte do Livro III, que é interrompido abruptamente no meio das aventuras de Teseu, foi perdida. No século XII d. C., no entanto, John Tzetzes possuía o texto completo, e em 1885, R. Wagner constatou que um manuscrito da Biblioteca do Vaticano, que continha trechos de uma obra de Tzetzes, continha também um longo trecho resumido, extraído de todo o conteúdo da *Biblioteca*, incluindo o seu final perdido. Essa versão resumida (ou epítome) é conhecida atualmente como *Epítome do Vaticano*.

Coincidentemente, poucos anos depois, A. Papadopoulos-Kerameus descobriu em Jerusalém um manuscrito que continha um conjunto de excertos resumidos, todos do Livro III e da parte conhecida apenas pela epítome de Tzetzes. Este manuscrito ficou conhecido como *Epítome Sabaítica* (devido ao monastério de São Sabbas, onde o manuscrito foi descoberto); Portanto, embora a *Biblioteca* tenha sido impressa pela primeira vez em uma edição moderna em 1555, foi somente com a edição de R. Wagner, de 1894, que tivemos acesso ao texto completo, ou pelo menos próximo disso. Estas duas epítores são inestimáveis para nós por serem nossos únicos testemunhos da parte do livro que se perdeu e foram compostas em tempos diferentes, por diferentes eruditos ou copistas, e quando são contrastadas, nem sempre conservam o mesmo material ou detalhe. Este é o motivo pelo qual escolhemos traduzir uma versão combinada delas, criada por J. G. Frazer, que une as duas epítores para criar um relato mais completo e coerente.

Em nossa tradução da obra, tentamos manter a clareza e a objetividade sem pretender “embelezar”, quando nosso autor não teve a intenção de fazê-lo.

Compilada fielmente, embora de maneira acrítica, a partir das melhores fontes literárias disponíveis para o Pseudo Apolodoro, em sua época, a importância da *Biblioteca* deriva sobretudo da fidelidade com a qual ele reproduz ou resume os relatos de escritores cujas obras nos são acessíveis e nos inspira a aceitar suas afirmações também com relação a outros autores, cujos escritos desapareceram. Daí a extrema importância documental desse livro como um registro meticuloso sobre o que os gregos acreditavam a respeito da origem do mundo e da antiga história de sua raça, pois é o único testemunho de tradições perdidas de que dispomos. Os relatos breves e desprovidos de adornos dos mitos na *Biblioteca* levaram alguns comentadores a sugerir que mesmos as suas seções completas são um resumo de uma obra perdida.



## ABSTRACTS

The *Bibliothēke* is an ancient Greek compendium of myths and heroic legends, arranged in three books and it has been called "the most valuable mythographical work that has come down from ancient times", but his author is completely unknown to us. The work has come down to us attributed to Apollodorus the Grammmarian, that is, Apollodorus of Athens, a second-century BC scholar and author of *On the Gods (Peri Theon)*. The text that we possess, however, cites a Roman author: Castor the Annalist, a contemporary of Cicero in the 1st century BC. The mistaken attribution was made by scholars from Photius onwards. Since for chronological reasons Apollodorus of Athens could not have written the book, the author of the *Bibliothēke* is conventionally called the "Pseudo-Apollodorus" by those wishing to be scrupulously correct. Traditional references simply instance "the *Library and Epitome*".

The first mention of the work in the Greek literature is in AD 858 by the Byzantine scholar Photius, who had the full work before him, as he mentions in his "account of books read" that it contained stories of the heroes of the Trojan War and the *nostoi*, missing in surviving manuscripts.

Unfortunately the *Bibliothēca* has come down to us incomplete. It is undivided in the manuscripts but conventionally divided in three books. Part of the third book, which breaks off abruptly in the middle of Theseus' adventures, has been lost. In the twelfth century AD, however, John Tzetzes, had a complete text too, and in 1885 R. Wagner realized that a manuscript in the Vatican Library containing excerpts of some Tzetzes' work also contained large abridged excerpts drawn from across the whole of the *Bibliothēke* – including the lost ending. This abridged version (or epitome) is known as the Vatican Epitome.

Coincidentally, a few years later, A. Papadopoulos-Kerameus discovered in Jerusalem a manuscript that contained another set of abridged excerpts, all from the third book and the portion known only from Tzetzes' epitome. This became known as the Sabbaitic Epitome (from the monastery of St. Sabbas, where the manuscript was discovered); Thus, although the *Bibliothēke* was first printed in a modern edition in 1555, it was only with Wagner's edition of 1894 the we had a complete, or at least nearly complete, text. The two epitomes are invaluable for us because they are our witness to the last part of the book and were made at different times by different copyists and scholars, and when they overlap they do not always preserve the same material or detail. That is the reason why we have chosen to translate a combined version of them, created by J. G. Frazer; with stitches the separate epitomes together to create a fuller and more connect account. In our translation of the work we have tried to be clear and straightforward, without "prettying up" our author into something he is not.

Compiled faithfully, if uncritically, from the best literary sources open to the Pseudo-Apollodorus, the *Bibliothēke* debt its importance above all to the fidelity with which he reproduced or summarized the accounts of writers whose works are accessible to us and inspires us with confidence in accepting his statements concerning others whose writings are lost. Hence his book possesses a documentary value as an accurate record of what the Greeks in general believed about the origin and early history of the world and of their race. The brief and unadorned accounts of myth in the *Bibliothēca* have led some commentators to suggest that even its complete sections are an epitome of a lost work.



## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	15
Autoria, título e data de composição da <i>Biblioteca</i> .....	15
As fontes da <i>Biblioteca</i> .....	21
Conteúdo e organização.....	23
História do Texto.....	27
Finalidade e público da <i>Biblioteca</i> .....	29
Tradução.....	31
O ESTATUTO DA MITOGRAFIA GREGA.....	33
Introdução.....	33
Natureza da Mitografia.....	37
LIVRO I.....	41
Descendência de Urano e Gaia.....	41
Descendência de Deucalion.....	50
LIVRO II.....	65
Descendência de Ínaco.....	65
LIVRO III.....	93
Descendência de Agenor (Europa).....	93
Descendência de Agenor (Cadmó).....	95
Descendência de Pelasgo.....	107
Descendência de Atlas.....	109
Descendência de Asopo.....	115
Reis de Atenas.....	119
Teseu.....	125
EPÍTOME.....	127
Teseu (continuação).....	127
A progênie de Pélope.....	130
Pré-homérica.....	132
<i>A Ilíada</i> .....	137
Pos-homérica.....	139
Os retornos.....	142
As perambulações de Odisseu.....	147
BIBLIOGRAFIA.....	153



“O plágio é necessário. É o progresso que o implica. Ele analisa de perto a frase de um autor, serve-se das suas expressões, apaga uma ideia falsa, substitui-a pela ideia certa.” Isidore Ducasse, *Poesias: prefácio a um livro futuro*.



# INTRODUÇÃO À *BIBLIOTECA* DO PSEUDO APOLODORO

## 1) AUTORIA, TÍTULO E DATA DE COMPOSIÇÃO DA *BIBLIOTECA*

Atualmente, nosso conhecimento de mitologia grega se dá sobretudo através de manuais, que constituem verdadeiros acervos de narrativas de mitos para nos ajudar a conhecê-la em seu conjunto. Os gregos, no entanto, foram instruídos em sua mitologia por meio da transmissão oral e somente bem mais tarde é que encontramos um acervo de mitologia grega. Por esse motivo, o Pseudo Apolodoro é de grande relevância para os estudos que versam sobre mitologia grega: por ser uma fonte específica dos mitos gregos, é sempre mencionada em todos os trabalhos pertinentes ao assunto, embora ela não relate todos os mitos gregos, nem inclua todos os detalhes. Sua importância reside principalmente no fato de nos propiciar uma narrativa centrada nos mitos que passaram a ser relevantes para além dos limites da cidade-estado local. “É sobretudo a interpretação do que ele julga ter importância que moldou nossa noção atual e relativamente estável do que entendemos por mitologia grega”<sup>1</sup>, como nos diz Ken Dowden.

Com relação ao nosso autor, sabemos muito pouco e pouca coisa pode ser estabelecida de forma definitiva. A informação mais consistente de que dispomos provém do século IX d. C., em um manuscrito no qual o patriarca Fócio afirma que se tratava de Apolodoro, o gramático, e o copista da obra de Fócio o identifica como Apolodoro, o ateniense. Podemos presumir, portanto, que Fócio e seu copista identificaram nosso autor com o célebre gramático ateniense, que floresceu por volta de 140 a. C. e escreveu várias obras eruditas, atualmente perdidas, entre as quais se incluía um tratado muito famoso *Sobre os Deuses (Peri Theôn)*, em vinte e quatro livros<sup>2</sup>. No entanto, sólidos argumentos foram apresentados para se recusar essa identificação e atualmente a atribuição da *Biblioteca* ao gramático ateniense tem sido rejeitada. A análise de alguns fragmentos que chegaram até nós parece indicar que o conteúdo do tratado *Sobre os Deuses* era completamente diferente do que constitui o da atual *Biblioteca*, uma vez que seu intuito parece ter sido o de explicar a natureza das divindades através de princípios críticos e racionalistas, concluindo que elas eram personificações de forças naturais ou então homens e mulheres que já haviam morrido, enquanto o nosso autor se limita a nos fornecer um mero resumo da mitologia grega tradicional sem fazer o menor esforço para explicá-la ou criticá-la<sup>3</sup>.

A fama e a influência de Apolodoro de Atenas eram tão grandes que a maioria dos estudiosos modernos suspeita que algum escritor póstumo decidiu usar o seu nome pelo prestígio literário que desfrutava, como uma espécie imitação lisonjeira, um fenômeno que já é conhecido em outros em outros gêneros escrita antiga<sup>4</sup>. Contudo, o intento de fazer passar sua obra como uma

---

<sup>1</sup> DOWDEN, 1994, p. 20.

<sup>2</sup> Com relação à obra mais importante de Apolodoro de Atenas *Peri theôn (Sobre os deuses)*, Lesky afirma que talvez não haja outro livro que gostaríamos tanto de ter uma ideia quanto esse, sobretudo por haver exercido uma influência incalculável sobre os autores que se versavam sobre o mito e a religião. Pelas informações que chegaram até nós, presume-se que devia ser um tratado muito amplo e detalhado, no qual também se registravam tradições obscuras e raras. Tomando como ponto de partida os nomes e os epítetos culturais dos deuses da épica homérica, a obra abrangia quase todos os tópicos concebíveis relacionados a essas divindades, como também procurava explicar sua origem, desenvolvimento e significado. Encontramo-nos aqui diante de um nível mais elevado de pesquisa, que terminava pela discussão teológica e filosófica; pensa-se, por exemplo, na recorrente polêmica contra o antropomorfismo dos gregos, que já havia sido objeto do sarcasmo de Xenófanes, ou nas especulações epicuristas a respeito da escassa ingerência divina na vida humana. Os métodos de Apolodoro eram, portanto, acadêmicos e racionalistas, e ele era utilizado como fonte tanto por sua análise crítica como pela informação básica que transmitia e por isso não deve ser confundido com seu homônimo e presumido autor da *Biblioteca*.

<sup>3</sup> FRAZER, 1995, p. IX-X.

<sup>4</sup> O maior defensor desta posição é H. Diels (DIELS, 1981, p. 617). Mas não só na literatura antiga que ocorre este fenômeno, na moderna também, como sucede com a publicação da segunda parte do D. Quixote, de Cervantes em que um autor anônimo publica a continuação sem reivindicar a autoria, valendo-se apenas da fama de Cervantes.

obra autêntica do famoso estudioso, não resistiu aos modernos métodos de análise filológica dos tempos modernos, e em 1873, Carl Robert<sup>5</sup> provou definitivamente que a obra não poderia ser nem mesmo uma pálida versão da obra *Sobre os deuses* ou de qualquer outra obra de Apolodoro de Atenas. E mesmo que ainda haja uma ou outra objeção a esse ponto de vista, poucos sustentam seriamente a posição contrária. Isto não significa que nosso autor não tenha se chamado Apolodoro, mas parece pouco provável, devido a essas circunstâncias. Por esse mesmo motivo, nosso autor também costuma ser mencionado como o “Pseudo-Apolodoro”, uma convenção que também adotamos com base no estado das pesquisas atuais, pois, não sabemos praticamente nada a respeito de nosso autor.

A data de composição da obra só pode ser inferida por meio de conjectura e seu ponto de partida constitui no principal argumento contra a identificação do nosso mitógrafo desconhecido com o célebre gramático ateniense, e constitui grande mérito de Carl Robert o de haver notado que nosso autor cita o cronista Cástor:

*De Argo e de Ismene, filha de Asopo, nasceu um filho, Íaso, do qual afirmam haver nascido Io. Mas Cástor, autor de crônicas, e vários poetas trágicos dizem que Io era filha de Píren. Zeus costumava seduzi-la quando ela desempenhava a função de sacerdotisa de Hera. Todavia, ao ser surpreendido em flagrante por Hera, com um leve toque metamorfoseou a donzela numa novilha branca e jurou que não havia se unido amorosamente a ela. Por esse motivo, Hesíodo afirma que as juras feitas pelos amantes não atraem a cólera dos deuses.* (Pseudo Apolodoro, II 1, 3).

Portanto, como observou Carl Robert, Apolodoro de Atenas jamais poderia ter citado Cástor, que viveu no tempo de Cícero e de Pompeu, o Grande, e escreveu uma crônica, datada de 61 a. C. Por conseguinte, o copista do *Parisinus Graecus* 2722, que copiou as obras de Fócio, se confundiu. O Autor – e provavelmente o título da obra – atribuídos ao texto que temos em mãos, podem ser inadequados, uma vez que menção a Cástor é perfeitamente pertinente à natureza do trabalho de investigação de fontes do autor de nosso texto e não há a necessidade de atribuí-la a um interpolador, o que nos leva a supor que nosso texto *não* foi obra de Apolodoro de Atenas, que é do século II a. C. e de que ele é posterior pelo menos ao ano 61/60 a. C. (*terminus post quem*)<sup>6</sup>. Por sua vez, pressupor uma data de composição anterior a essa é ainda mais difícil. Tanto quanto as evidências externas (isto é, o texto que temos em mãos) o permitem, nosso autor poderia ter escrito sua obra em qualquer período entre a metade do século I a. C. e o começo do século III d. C. Quando nos voltamos para a evidência interna, proporcionada pelo estudo de sua linguagem – que é a única possibilidade de teste que nos restou – as características parecem antes apontar que o livro foi escrito na data mais antiga e não na mais recente. Pois seu estilo em língua grega, apesar de algumas poucas inexatidões e solecismos, é nitidamente correto, o que permitiria situá-lo entre os séculos I a. C. a II d. C. Mesmo os torneios ou expressões, que à primeira vista surpreendem o leitor como indubitáveis sintomas do grego tardio ou degenerado, podem ser ocasionalmente defendidos através de exemplos de escritores mais antigos<sup>7</sup>.

Não obstante, mesmo nesse intervalo de tempo ainda expressivo, foram feitas algumas tentativas para determinar a data com mais precisão, porém os escritos em prosa grega do último século antes de Cristo e dos dois primeiros depois de Cristo ainda não foram estudados e analisados estatisticamente de modo suficiente. Por um lado, há pouquíssimos textos dessa natureza na parte mais antiga desse período para proporcionar uma comparação, e por outro, há muitos na parte mais avançada, porém eles não são datados. O problema não se delimita ao Pseudo Apolodoro. Ele é um dos vários autores gregos do período Imperial que são pouco mais do que nomes para nós, dos quais não dispomos de nenhum conhecimento biográfico para apoiar nossas pesquisas. As datas presumíveis destes autores são fixadas às vezes por um consenso entre os estudiosos e pelas evidências circunstanciais, mas evidências conclusivas particularmente nesse caso são raras, e ainda

---

<sup>4</sup> O primeiro a contestar a autoria do Pseudo Apolodoro foi Carl Robert em *De Apollodori Bibliotheca*, Berlin, 1873.

<sup>6</sup> ARCE, 1995, p. 17.

<sup>7</sup> FRAZER, 1995, p. xiv.

assim, nossa tentativa de estabelecê-lo como sendo “provavelmente um autor do século I d. C.” deve ser tomada apenas como “a melhor dentre todas as suposições”<sup>8</sup>.

Este parece ser o limite cronológico aceitável, pois mais adiante não podemos prosseguir. O autor não fornece qualquer detalhe a seu respeito e nunca se refere a acontecimentos contemporâneos. Tudo o mais que foi dito sobre o Pseudo Apolodoro é pura especulação, como, por exemplo, a hipótese de que, para datá-lo, devemos levar em consideração que ele nem mesmo faz uma alusão à origem de Roma e à lenda romana em sua vertente relacionada com a mitologia grega<sup>9</sup>, inferindo, a partir disso, que esse “intrigante silêncio”, se deve ao fato de o escritor desconhecer a existência de Roma ou ao de que ele resolveu deliberadamente ignorá-la, para se concluir finalmente, então, que nosso autor não seria um cidadão do Império Romano, mas teria escrito sua obra em algum lugar tranquilo do mundo grego, quando Roma era ainda apenas uma potência na Itália e ainda não havia começado a fazer incursões no mar Egeu<sup>10</sup>. Para objetar a esta teoria, basta lembrar que Luciano de Samósata, que viveu no século II a. C. “e nos deixou uma vasta obra de diálogos satíricos e obras de ficção de tema filosófico, religioso, literário, a exemplo daqueles autores helenizados que se dedicaram a compor obras com motivos totalmente gregos, sem fazer maiores referências à cultura ou mitologia romanas, mesmo que tenham vivido em tempos memoráveis do império”<sup>11</sup>. Outros autores, como John Forsdyke (Forsdyke, 1957, p. 151), defende que a omissão ao mundo romano é deliberada e que o Pseudo Apolodoro teria se recusado a reconhecer a exploração da mitologia pelos estrangeiros etruscos e romanos<sup>12</sup>.

A primeira menção da obra parece ser a do patriarca Fócio, que, tendo resumido quase trezentas obras que havia lido para compor a sua *Biblioteca*, menciona uma que particularmente nos interessa, assim, no códice 186<sup>2</sup>, ele nos diz:

*No mesmo volume li uma pequena obra de Apolodoro, o Gramático. Traz por título A Biblioteca. Contém as mais antigas fábulas dos gregos: tudo o que o tempo lhes proporcionou para acreditar nos deuses e nos heróis, os nomes dos rios, dos países, de sua origem; e, além disso, todos os fatos que remontam às épocas antigas. Chega até aos fatos da guerra de Troia; passa em revista os combates que certos heróis travaram, suas façanhas e certas viagens daqueles que retornaram de Troia, sobretudo as de Odisseu, com o qual termina esta história dos tempos antigos. A maior parte do livro é um resumo que não será inútil para aqueles que tiverem a oportunidade de se lembrar de velhas histórias. Leva este epigrama que não é desprovido de elegância: “A sucessão dos tempos poderás obter por meio de minha sapiência e poderás conhecer os mitos dos tempos antigos. Não os procures nas páginas de Homero, nem na elegia, nem na Musa trágica, nem na poesia mélica, nem o busques na clamorosa obra dos poetas cíclicos, mas consulta a mim somente e encontrarás em mim tudo o que mundo contém”<sup>13</sup>.*

Para muitos estudiosos, essa notícia-resumo de Fócio é a primeira menção e descrição da nossa obra e nos proporcionaria, deste modo, o autor, o título e o argumento. Tudo o que não nos foi transmitido pela tradição com clareza, Fócio parece expô-lo explicitamente neste comentário. Mas, como Javier Arce bem ressaltou<sup>14</sup>, esta notícia antes nos traz mais problemas do que os resolve. Pois se é verdade que nosso texto contém “os mitos dos tempos antigos”, o seu conteúdo,

---

<sup>8</sup> SMITH-TRZASKOMA, 2007. p. xxx, de longe a mais simples e didática exposição da problemática do texto e de sua autoria, dentre todas as edições comentadas, talvez com exceção da de FRAZER

<sup>9</sup> ARCE, 1995, p. 28. Uma vez que o próprio curso de seu trabalho iria levá-lo a tratar das lendas romanas, como a história em que Hércules transporta os bois de Gérion na sua passagem pela Itália e a fuga de Enéias durante o saque de Troia, Baseando-se nestes argumentos, GRIMAL, 1997, p. xliii, defende que a obra que chegou até nós é uma versão de um abreviador do séc. I a. C., que se contentou em seguir o plano e os dados gerais da obra, sem fazer qualquer contribuição pessoal, pois se obra fosse do séc. II a. C. seria difícil explicar a ausência completa de alusões ao mundo romano.

<sup>10</sup> ARCE, 1995, *idem*.

<sup>11</sup> LAGES, 2012, p. 84.

<sup>12</sup> *Idem*. A Profª. Drª Luciene Lages ainda nos lembra, muito a propósito, de que Eneias aparece na *Biblioteca* vinculado a Troia, porém o Pseudo Apolodoro não o indica como fundador da cultura ocidental.

<sup>13</sup> Fócio, *Biblioteca cod. 186<sup>2</sup>* HENRY, cit. por ARCE, p. 9.

<sup>14</sup> ARCE, 1995, p. 9.

no entanto, não faz menção alguma “aos nomes de rios, dos países, das povoações, das cidades e de sua origem”, uma vez que o que predomina em nossa narrativa são os inúmeros catálogos de deuses, heróis, filhos, de genealogias, façanhas, amores. O que parece mais atrair a atenção de Fócio é a parte referente à Troia, o retorno dos heróis à pátria, as viagens de Odisseu, justamente a parte que desapareceu da obra original. Fócio, porém, nada menciona da característica principal de nosso livro, que é a de nos proporcionar a genealogia dos principais deuses ou de heróis. Além disso, parece-nos igualmente suspeito que num texto todo em prosa, com raríssimas concessões à poesia<sup>15</sup>, contenha em seu início um epigrama. Pois também não nos parece, de modo algum, que o nosso autor tenha alguma intenção em substituir Homero ou os poetas trágicos ou cíclicos, como o epigrama menciona<sup>16</sup>. É possível, portanto, que Fócio tenha lido uma *Biblioteca* de Apolodoro, o Gramático, mas esta não é exatamente a obra que temos em mãos. Isto nos leva, por sua vez, a considerar o problema do título.

Como assinalou Javier Arce<sup>17</sup>, há pouquíssimas obras na Antiguidade que têm por título *Biblioteca*. De fato, há só três: a *Biblioteca Histórica*, de Diodoro Sículo, a *Biblioteca* de Fócio e a do Pseudo Apolodoro. Tudo indica que o título da primeira foi deliberadamente pretendido pelo autor, segundo o juízo de Plínio<sup>18</sup>. A obra conhecida como *Biblioteca* de Fócio não se chamava originariamente assim, mas “*Inventário e enumeração dos livros que lemos...*” Conhecida como *Myriobiblion* na época bizantina e que se firma com o título de *Biblioteca* no século XVIII, e a *Biblioteca* do Pseudo Apolodoro. Pode ser que o manuscrito lido por Fócio tivesse realmente este título, mas é igualmente grande a possibilidade que não fosse o da obra que comentamos aqui e que ela tenha passado a ser designada como a *Biblioteca* justamente em consequência da indicação de Fócio, pois a que tipo de livro os antigos atribuíam o título de *Biblioteca*?

A rigor uma *Bibliothéke* é uma “compilação de várias fontes”, uma obra que se caracteriza por fazer um resumo de outras dentro de um esquema unitário ou amplo, como ocorre com a do próprio Fócio, e mesmo que esta definição possa servir para caracterizar ao menos em parte o conteúdo do nosso livro, o exame comparativo com as poucas obras preservadas sob este nome e a ausência de semelhante título em toda a série dos *Mitographi graeci* levantam igualmente sérias dúvidas sob a autenticidade deste título para a presente obra.

É um fato conhecido que os títulos destas obras – muitas vezes inexistentes na tradição helênica que chegou a Alexandria nos séculos III-II a. C. foram atribuídos pelos eruditos segundo sua temática. Ora, pelo exame de toda nossa obra, a temática mais evidente, que nos salta aos olhos, é justamente a enumeração constante das várias genealogias de deuses e heróis ao longo do livro. Assim como a obra de Acusilau de Argo, que é citada várias vezes no nosso texto, consta de três livros de *Genealogias*, também a obra de nosso autor poderia ter sido designada por este título, pois além de corresponder plenamente ao seu conteúdo, estrutura e finalidade, ele também designa um gênero bastante frequente entre os escritores mitógrafos. Portanto, é bem provável que o copista do *Parisinus Graecus 2722*, tenha se equivocado e o autor – e talvez o título – referidos ao nosso caso podem ser inadequados. Trata-se talvez de uma confusão entre a existência e a fama do gramático e tratadista Apolodoro de Atenas (que viveu em 140 a. C.), que foi autor do livro *Sobre os deuses* e de uma *Crônica* e de outras obras bastante famosas e difundidas na Antiguidade, e o fato de que o patriarca Fócio tenha dito no *cod.* 186<sup>2</sup> que havia lido uma *Biblioteca* de Apolodoro, gramático, cujo tema é, entre outras coisas, mitológico. A existência destes componentes: um texto mitológico sem uma atribuição de título e sem autoria; um Apolodoro de Atenas, gramático, que escreveu obras de diversos tipos, entre elas algumas de caráter mitológico (*Sobre os deuses*) e uma *Biblioteca*

<sup>15</sup> Veja-se, por exemplo, sua descrição do labirinto cretense (III 1, 3; comparar com III 15. 8) e de Tífon expelindo fogo (I, 6. 3). Cf. FRAZER, 1995, p. xvi.

<sup>16</sup> SMITH-TRZASKOMA, 2007, p. xxx-xxi, pensam diferentemente, e supõem que, se o epigrama foi um acréscimo posterior do nosso autor, ele pretendia com isso apenas que sua obra servisse como uma espécie de introdução e um guia para estimular a leitura das obras primas da cultura grega e não que ela substituisse definitivamente a leitura das narrativas míticas da épica, da lírica e da tragédia, o que seria um absurdo.

<sup>17</sup> ARCE, 1995, p. 13.

<sup>18</sup> PLÍNIO, *História Natural, Praef.* 25, cit. por ARCE, 1995, p. 13

de Apolodoro, gramático (Fócio) *podem* ter sugerido ao copista a atribuição de nosso texto a Apolodoro de Atenas e de que ele só poderia ser a *Biblioteca*<sup>19</sup>.

Outra possibilidade seria a de que Apolodoro de Atenas teria realmente escrito uma *Biblioteca* mitológica, mas o que conservamos hoje (o texto aqui traduzido) seria uma compilação à qual um autor do século I ou II d. C. teria acrescentado, entre outras coisas, a menção ao cronista Cástor. A *Biblioteca* compilada continuaria, portanto, levando o título e o nome de Apolodoro, e Fócio teria lido esta compilação. Porém, essa teoria dificilmente poderia ser aceita porque a compilação do século I ou II d. C. teria de ter expurgado do original *toda* a opinião pessoal do autor, pois é pouco provável que um autor como Apolodoro de Atenas pudesse escrever uma obra como *Sobre os deuses* – crítica e racionalista – e um tratado meramente descritivo como o que temos em mãos.

Por outro lado, há uma série de comentadores (escolistas de Homero, de Sófocles, de Eurípides, de Platão, etc.) e o erudito bizantino J. Tzetzes que citam, com referência a termos ou episódios mitológicos, um Apolodoro (geralmente a fórmula é simplesmente: “Apolodoro narra no livro segundo”; “conforme Apolodoro no livro primeiro”; “Apolodoro afirma”; “isto narra Apolodoro, na *Biblioteca*”). O problema consiste em saber de que época são estes comentadores e se suas referências podem ser contrastadas de modo satisfatório com nosso texto. A data dos escolistas não está perfeitamente estabelecida e praticamente todos eles pertencem à época bizantina (séculos IX ao XII), mas como já assinalou Frazer<sup>20</sup>, estes escolistas não nos servem em nada para fixar alguns limites cronológicos do nosso texto porque simplesmente não podemos saber se quando eles mencionam o Pseudo Apolodoro e/ou *Biblioteca* estão se referindo à mencionada por Fócio ou se a nossa já é confundida com a obra de Apolodoro de Atenas intitulada *Biblioteca*.

Portanto, as principais hipóteses referentes à autoria e à data da composição da obra podem ser assim sintetizadas, a partir do esquema proposto por Javier Arce:

- A) O texto que possuímos, incompleto, foi intitulado *Biblioteca* e seu autor foi certo Apolodoro gramático. Esse é o texto descrito por Fócio no *códice* 186, ainda que de maneira insatisfatória. Os escolistas citam esse mesmo texto. O copista do manuscrito *Parisinus Graecus 2722* errou em atribuir a Apolodoro de Atenas a obra que copiava: tratava-se simplesmente da *Biblioteca* de certo Apolodoro ou de um autor desconhecido.
- B) O texto que temos em mãos não é a *Biblioteca* do Pseudo Apolodoro que Fócio descreve, mas é a esse livro que os escolistas se referem e cujo título original pode ter sido *Genealogias* (*Genealogíai*). Portanto, não sabemos nem o título nem o autor da nossa obra. Da obra mencionada por Fócio não sabemos se ela foi conservada. Em todo caso, poder-se-ia identificá-la com o que chamamos *Epitoma Vaticana*, representada igualmente nos *Fragmenta Sabbaitica*.

A partir de considerações sobre seu estilo e de todas as outras evidências, os estudiosos inclinam-se a situar nosso autor entre o século I e II d. C. Se o autor era realmente Apolodoro ou se esse nome lhe foi atribuído por erro ou fraude dos copistas, que se confundiram ou desejaram atrair o público pela atribuição da obra ao famoso gramático ateniense, nós não temos meios para decidir. E apesar de o copista do manuscrito *Parisinus Graecus 2722* descrevê-lo como “Apolodoro, o ateniense”, nós não temos nenhum indício do seu lugar de nascimento<sup>21</sup>, assim como não temos meios de garantir que o título da obra de que nos ocupamos tenha sido de fato *Biblioteca* ou mesmo *Genealogias*, ou ainda que ela não tinha título algum.

---

<sup>19</sup> ARCE, 1995, p. 17. Sigo a orientação geral da exposição de Javier Arce quanto às suas dúvidas da atribuição da obra e do autor, brilhantemente formuladas.

<sup>20</sup> FRAZER, 1995, p. xvi.

<sup>21</sup> *Idem*, p. xvi-xvii.

O seguinte esquema, proposto por Javier Arce<sup>22</sup>, ajuda-nos a ter uma ideia de todas as possibilidades:

1. Hipótese  
“Genealogias” (nosso texto. Livros I-III conservados.  
Data posterior a 61/60 a. C.  
Atribuída a Apolodoro de Atenas pelos manuscritos).
  
2. Hipótese  
“Genealogias” (nosso texto. Livros I-III conservados  
Data posterior a 61/60 a. C. Autoria desconhecida)

Resumos das  
“Genealogias”  
a) *Epitoma Vaticana*  
b) *Fragmenta Sabbaitica*

Fócio denomina este texto  
*A Bibliotheca* de  
Apolodoro

3. Hipótese  
*Bibliotheca* de um (nosso texto. Livros I-III conservados  
tal Apolodoro Data posterior a 61/60 a. C.  
Atribuída erroneamente a Apolodoro de  
Atenas pelos manuscritos).
- Epítomes  
(2) feitas  
por  
Tzetzes
- Fócio resume  
esta obra incompletamente.

Portanto, adotamos a denominação da *Bibliotheca* do Pseudo Apolodoro por convenção, pois não temos meios para decidir se este era realmente o título da obra, nem se algum Apolodoro foi, de fato, seu autor.

---

<sup>22</sup> *Op. cit.* p. 20.

## 2) AS FONTES DA BIBLIOTECA

O livro *A Biblioteca*, do Pseudo Apolodoro, pode ser descrito como uma mera exposição sistemática das genealogias dos deuses e heróis gregos, tal como são registradas na literatura. Uma vez que o autor não faz nenhuma reivindicação de que os tenha extraído da tradição oral – e aparentemente, não há nenhum indício que possa comprovar isso – é quase certo que todas as suas informações são derivadas exclusivamente a partir de livros. Ele recorre a excelentes fontes e as segue com fidelidade, mas quase nunca tenta explicar ou reconciliar as discrepâncias e contradições nelas encontradas. Permanece imparcial e limita-se apenas a constatar: “Mas Ferécides diz...”, “mas segundo a opinião de Hesíodo...”, “Uns dizem...”, “Outros dizem...”<sup>23</sup>. Para Forsdyke, o Pseudo Apolodoro apresenta relatos abrangentes dos mitos e como eles foram representados na literatura clássica<sup>24</sup>. Daí a extrema importância documental desse livro como um registro meticuloso sobre o que os gregos acreditavam a respeito da origem do mundo e da antiga história de sua raça, pois é o único testemunho de tradições perdidas de que dispomos<sup>25</sup>.

Nosso autor cita nominalmente os seguintes autores: Homero, Hesíodo, Ferécides, Acusilau, Paníasis, Herodoro, Demarato, Dionísio, Cástor, Asclepiades, Cércope, Píndaro, Apolônio, Telesila, Eurípides, Eumelo, Ásio, Estesícoro, Meleságoras (ou Ameleságoras) e Filócrates. Sem dizer textualmente o nome, menciona: o autor das *Naupáctias*, o autor da *Tebaida*, o autor da *Alcmeônida*, o autor dos *Nóstoi* (*Retornos*), os órficos, os trágicos (genericamente). E emprega, por fim, em inúmeras ocasiões, fórmulas anônimas que indicam utilização de fonte, como “alguns dizem”, “dizem”, e “segundo uns”, etc.

Os autores mais citados vêm na seguinte ordem: Ferécides (12 vezes); Hesíodo (12); Acusilau (8); Homero (5); Eumelo (4); Eurípides (4); Paníasis (3); Cércope (2); Heródoto (2); Demarato (1); Dionísio (1); Cástor (1); Asclepiades (1); Píndaro (1); Apolônio (1); Telesila (1); Ásio (1); Estesícoro (1); Meleságoras (ou Ameleságoras) (1); poetas trágicos em geral (3); autor da *Alcmeônida* (1); autor dos *Nóstoi* (*Retornos*) (1) e, pelo menos 34 vezes menciona fontes sem citá-las textualmente.

Entre os poetas, o autor das *Naupácticas*, citado na *Biblioteca*, é talvez o mais antigo, e pode ser identificado com Carcino de Náupacto, que escreveu sobre os Argonautas imediatamente depois de Hesíodo<sup>26</sup>; o autor da *Tebaida*, posterior a Homero, escreveu por volta do século VII a. C. 7.000 versos sobre as lendas do ciclo tebano dentro do ciclo das *Cíprias*<sup>27</sup>. O mesmo ocorre com o autor da *Alcmeônida* que é uma continuação do ciclo homérico. Eumelo de Corinto, lírico do século VIII-VII a. C. escreveu *Corintíacas* celebrando a origem da cidade, além de uma *Európiá* e uma *Bugonia*. E portanto, é quase contemporâneo de Hesíodo, e nada mais sabemos a seu respeito. Ásio escreveu sobre Hércules e suas façanhas entre os séculos VII-VI e foi um dos poetas que desenvolveu amplamente o gênero genealógico. É citado várias vezes por Ateneu. Paníasis de Halicarnasso é de 460 a. C. e escreveu 14 livros de uma *Heracleia* em verso (3.000 dísticos). A poetisa Telesila de Argo é quase da mesma época (520-493 a. C.) e além de ter inventado um tipo de verso, escreveu também um hino coral a Apolo e Ártemis<sup>28</sup>.

Quanto aos autores do século II a. C., há Demarato, que escreveu *Argonáuticas*, e Dioniso Escitobráquion, alexandrino, evemerista, que em seus livros tratou sobre Dioniso, as Amazonas, Troia e os Argonautas. Sua vida e atividade literária situam-se entre 150 e 90 a. C. Da mesma metade do século II a. C. é Dionísio de Samos – também citado pelo Pseudo Apolodoro -, que escreve um *Ciclo*, em sete livros, nos quais descreve a história dos deuses, a guerra de Troia e a notória viagem dos Argonautas. Meleságoras ou Ameleságoras é um autor que escreve histórias sobre a Ática no século II. E por fim, Cástor de Rodes, que escreveu uma *Crônica* – uma

<sup>23</sup> FRAZER, 1995, p. xvii.

<sup>24</sup> Citado por LAGES, 2012, p. 86

<sup>25</sup> FRAZER, 1995, *idem*.

<sup>26</sup> A. LESKY, 1995. Cit. por ARCE, 1995, p. 24.

<sup>27</sup> *Idem*. PAUSÂNIAS, 9.9.5, *ibid*.

<sup>28</sup> *Ibid*. De onde todas essas informações foram extraídas, com farta bibliografia.

continuação à de Apolodoro de Atenas; segundo a forma erastostênica, mas bem menos precisa. Pertencente à escola retórica de Rodes – citado por Cícero – sua *Crônica* abrangia desde o rei assírio Nino até Pompeu Magno (61/60), o qual fornece um *terminus post quem* seguro para nosso autor. Finalmente, os órficos; constituem uma série de escritos provenientes do século II a. C. que resumem as opiniões religiosas e filosóficas desta seita sobre a mitologia e religião antiga.

O Pseudo Apolodoro cita poucas vezes os títulos das obras que consultou para elaborar seu texto, mas às vezes o faz: menciona, por exemplo, expressamente *O escudo* de Hesíodo, as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes; a *Erifile* de Estesícoro (obra hoje conservada apenas em fragmentos); e, ainda que de forma indireta, a *Crônica* de Cástor<sup>29</sup>.

Sabemos também que ele utilizou outras fontes, como evidenciam as trinta e quatro menções de opiniões anônimas dispersas ao longo do seu texto, mas que não nos permitem saber exatamente a quem se referem. Por outro lado, ainda que ele tenha mencionado Apolônio de Rodes em uma única ocasião, isto não significa que não tenha o consultado em várias outras ocasiões – como demonstrou Van der Valk<sup>30</sup>.

Pode-se verificar de quão perto o Pseudo Apolodoro segue suas fontes pela comparação de suas narrativas com os originais que chegaram até nós, nos quais ele se baseou, tal como o *Édipo-Rei*, de Sófocles (III 3, 5, 7 ss.), *Alceste* e *Medeia*, de Eurípides (I, 9.15 / I, 9.28), a *Odisseia* (*Epítome*, VII) e, sobretudo, a *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. A fidelidade com a qual ele reproduz ou resume os relatos de escritores cujas obras chegaram até nós, inspira-nos confiança para aceitar suas declarações a respeito de outros importantes autores cujas obras desapareceram, tais como Ferécides de Leros, Acusilau e Asclepiádes de Trágilo<sup>31</sup>.

Tudo indica que o Pseudo Apolodoro recorreu a várias fontes, mas parece que estas eram mais de caráter mitográfico do que literário. Uma ou outra referência de uma obra bem conhecida poderia provir do conhecimento de primeira mão do Pseudo Apolodoro, mas nessa época a mitografia já havia se consolidado há séculos, a julgar pelo número de obras que versavam sobre este tema. As histórias narradas (ou algumas vezes supostamente contadas, pois tal como em nosso tempo, cometiam-se erros na transmissão que eram posteriormente incorporados) em Homero, Hesíodo, nos poetas trágicos e em vários outros autores literários haviam sido compiladas inúmeras vezes antes, e as opiniões de mitógrafos anteriores já haviam se incorporado a elas, a ponto de que Hesíodo e Acusilau, apesar de suas naturezas tão diferenciadas, pudessem ser tratados igualmente como fontes (cf. II. 5. “Hesíodo e Acusilau dizem...”). Portanto, é concebível que Apolodoro pudesse ter feito todo esse trabalho de consulta novamente, mas é altamente improvável, mesmo que admitamos uma breve consulta ocasional a uma fonte original<sup>32</sup>.

Em III 10, 3 encontramos, porém, a seguinte passagem:

....Tendo se tornado cirurgião e atingido um elevado nível no exercício de sua arte, Asclépio não apenas impedia que alguns morressem, mas também ressuscitava os mortos, pois tendo recebido de Atena o sangue que fluía das veias da Górgona, utilizava o sangue que fluía das veias do lado esquerdo para causar destruição aos homens, e da parte direita, para sua salvação, e deste modo, ressuscitava os mortos. Eu encontrei alguns que são mencionados como tendo sido ressuscitados por ele: Capaneu e Licurgo, conforme afirma Estesícoro na *Erifile*; Hipólito, segundo narra o autor das *Naupácticas*; Tíndaro, segundo afirma Paníasis; Himeneu, conforme relatam os órficos; e Glauco, filho de Minos, como diz Meleságoras. (Pseudo Apolodoro, III 10, 3).

Apolodoro anuncia, em uma rara utilização do verbo na primeira pessoa, os personagens que ele encontrou na sua pesquisa (*heûron*), evidenciando, assim, o caráter livresco e erudito de suas fontes, embora talvez seja impossível concluir se ele fez essa pesquisa a partir de cada uma das obras originais que cita, ou se ele a encontrou pronta em outra fonte e a incorporou em sua obra.

No entanto, há muitas outras questões que permanecem, como a de que se todas as fontes mitográficas do Pseudo Apolodoro são tardias ou se ao menos em algumas vezes ou em alguns

<sup>29</sup> A maioria destas informações podem ser encontradas em LESKY, 1985, p. 889 (para o Pseudo Apolodoro).

<sup>30</sup> VALK, 1958, p. 131.

<sup>31</sup> FRAZER, 1995, p. xviii-xix.

<sup>32</sup> SMITH-TRZASKOMA, p. XXXVII

casos ele consultou diretamente as obras de Ferécides, Acusilau e Helânico. A crer pelo testemunho do livro de A. Cameron *Greek Mythography in the Roman World* (Oxford University Press: Oxford, 2004), a mitografia era uma atividade que se caracterizava sobretudo pela assimilação e pelo plágio e as citações de uma fonte encontradas numa obra, mesmo quando feitas de boa fé (e algumas definitivamente não o eram, mas eram claramente fraudulentas e inventadas para dar credibilidade às opiniões do autor), provêm, na sua quase totalidade, de fontes intermediárias, e não de consultas diretas às fontes primárias, e foram inseridas para conferir maior autoridade intelectual à obra em questão. Portanto, alguns mitógrafos são melhores do que outros, e algumas fontes mais confiáveis do que outras; Apolodoro parece ter recorrido às suas fontes de forma inteligente e convincente, e, para nossa sorte, sua *Biblioteca* parece se basear, se nem sempre em fontes primárias, ao menos em obras excelentes e bem informadas. Apolodoro e seu livro fazem parte destas tendências descritas por Cameron, porém ele evita os piores representantes do gênero<sup>33</sup>.

### 3) CONTEÚDO E ORGANIZAÇÃO

A *Biblioteca* é uma antiga obra mitográfica que chegou até nós como o amplo propósito de descrever os principais mitos gregos até a morte de Odisseu, após seu retorno da guerra de Troia, bem como os episódios mais notáveis ao longo de sua jornada. O leitor encontrará, portanto, desde o nascimento dos deuses olímpicos, até os mitos dos maiores heróis (Jasão, Hércules, Belerofonte, Teseu, Perseu), as histórias centradas em várias dinastias locais (em Argo, Tebas, Atenas, etc.), bem como uma diversidade de outros mitos, muitos dos quais nos são menos familiares hoje do que o foram na Antiguidade. O Pseudo Apolodoro, no entanto, não toma como ponto de partida, como faz Hesíodo em sua *Teogonia*, a criação primordial de divindades como o Caos, Geia, e Urano, mas sim o reinado de Urano e sua união com Geia, pois este é o princípio de um mito narrativo. Não há uma história para nos explicar como era o Caos. O começo com Urano permite ao Pseudo Apolodoro introduzir imediatamente a genealogia (o fato de que Urano e Geia tiveram seus primeiros filhos já é mencionado na segunda linha do Livro I) e a sucessão dinástica (Urano e designado na primeira linha como o primeiro a reinar), que constituem os dois principais princípios organizadores que o Pseudo Apolodoro empregará simultaneamente para estruturar toda a sua narrativa. Quem gera quem e quem sucede quem no trono de determinado país ou cidade é a questão que impulsiona a narrativa adiante através do tempo<sup>34</sup>.

Bruno Snell lembra-nos de que o *kléos áphthiton*, a “fama imperecível”, uma das mais antigas heranças indoeuropeia, constituía o bem supremo para o guerreiro, e que cabia ao poeta conservar viva a lembrança da grande proeza realizada em conjunto ou do herói. A “vasta fama”, a “maior sob o céu”, como também diz Homero (*eurý, mégiston hypouránion*), ou a fama “inextinguível” (*ásbeston*) eleva o homem acima de si mesmo e vence o espaço e o tempo<sup>35</sup>. No entanto, essa fama não exalta apenas o indivíduo, mas toda a sua estirpe: daí a importância de conhecermos a cadeia das gerações que liga o avô ao neto. O fato de os heróis homéricos se preocuparem com a fama que desfrutarão na posteridade (Helena, *Ilíada*, VI, 757: *triste destino Zeus grande, nos deu, para que nos celebrem no distante porvir, o canto excelso dos vates*; Aquiles, *Ilíada*, IX, 413), evidencia o quanto o pensamento e a ideia da fama favoreceu o surgimento de uma consciência histórica e está, a nosso ver, na origem da própria mitografia, vinculada estreitamente ao princípio genealógico como motivo estruturador de toda sua narrativa textual, pois o costume de enumerar gerações até o primeiro antepassado divino criou, como mostram Hecateu e Heródoto, a referência cronológica da historiografia posterior e da própria mitografia, uma vez que a genealogia constituiu-se num princípio estrutural organizador das primeiras narrativas mitográficas, como demonstram as obras de Hecateu de Mileto, Acusilau de Argo e Ferécides de Atenas.

A *Biblioteca* é atualmente dividida em três livros, porém o livro III está incompleto e o restante da obra só existe em forma resumida (v. HISTÓRIA DO TEXTO). A divisão atual do livro, que

<sup>33</sup> *Idem*.

<sup>34</sup> *libid.* p. 32.

<sup>35</sup> SNELL, 2001, p. 154.

predomina nas modernas edições da obra e que não ocorre nos manuscritos que chegaram até nós, segue no entanto, a evidência externa na forma de citações (especificando, por exemplo, que determinada história era encontrada no Livro I de Apolodoro) de que a obra, era de fato, dividida em três livros na Antiguidade.

O Livro I abarca as linhagens dos deuses (*Teogonia*) bem como Prometeu e a criação da humanidade, a progênie de Deucalion e Pirra, os descendentes de Éolo, Jasão e os Argonautas. O Livro II abrange a descendência de Ínaco, o deus-rio argivo, e a linhagem de Argo, sobretudo Perseu, Hércules e os heraclidas. O Livro III descreve a linhagem de Agenor, o filho mortal de Posídon, bem como Europa, Cadmo, a fundação de Tebas, Dioniso, Minotauro, Édipo, Tirésias, Apolo e Admeto, Teseu, enquanto as *Epítomes* prosseguem com o relato de Teseu, Dédalo, Egeu, Pélope, dando destaque à descrição da Guerra de Troia (pré-homérica: o rapto de Helena, e pós-homérica: retorno dos heróis de Troia) até a morte de Odisseu, e considerando-a, como os próprios gregos o fizeram, o evento culminante de toda a sua herança mítica. A disposição geral do livro pode ser assim apreendida:

- I. Teogonia
- II. Linhagem de Deucalion
- III. Linhagem de Ínaco
- IV. Linhagem de Agenor
- V. Linhagem de Pelasgo
- VI. Linhagem de Atlas
- VII. Linhagem de Asopo
- VIII. Reis de Atenas
- IX. Linhagem de Pélope
- X. Episódios da guerra de Troia antes da *Ilíada* de Homero (PRÉ-HOMÉRICA)
- XI. Resumo da *Ilíada*
- XII. Episódios da guerra de Troia depois da *Ilíada* de Homero
- XIII. Consequências da guerra (PÓS-HOMÉRICA)
- XIV. As peregrinações de Odisseu

Há uma notável economia nesse esquema genealógico, com miríades de personagens mitológicas dispostas em relativamente poucas genealogias. As três linhagens de Deucalion, Ínaco e Agenor ocupam a parte mais volumosa da obra, mas depois o esquema torna-se bastante complexo. O ponto vital aqui é a figura de Pelasgo. Embora ele seja mencionado no seu ponto exato de sua inserção genealógica como antigo descendente de Ínaco, o Pseudo Apolodoro desloca a progênie de Pelasgo para um livro e meio após a menção da linhagem de Agenor. Esse deslocamento de Pelasgo, que à primeira vista pode parecer surpreendentemente fortuito, é, de fato, fundamental para configurar todo o restante da narrativa à medida que o relato progride em direção à guerra de Troia, e introduz outro princípio de organização: o geográfico. Genealogia e sucessão real são ainda os princípios dominantes, mas nem todas os personagens dos mitos gregos (e certamente nem todas as histórias) ligam-se facilmente às genealogias precedentes e portanto outras considerações passam a ter importância. Os descendentes de Pelasgos povoarão a Arcádia – a menção da Arcádia, por sua vez, possibilita a transição (em III, 10) para abordar os mitos das filhas de Atlas, que nasceram ali. Mas isto não é aleatório. Pelasgo foi cuidadosamente postergado em virtude da menção à Arcádia, pois a Arcádia se torna a ligação (através de Taígete, a filha de Atlas) com Esparta (III 11, 6-12, 8). A genealogia espartana remete-nos a Helena, que por sua vez nos remete aos seus pretendentes e ao seu casamento (III 12, 9-13, 7), que nos remete aos troianos (III 13, 8), e daí, em última instância, à guerra de Troia (embora outros personagens importantes ainda necessitem ser postos em cena antes de entrarmos propriamente na sua descrição). Isso é organizado de modo tão inteligente e objetivo quanto se poderia esperar sob essas circunstâncias. Acima de tudo, o Pseudo Apolodoro tem um ponto final em mente, nomeadamente, a guerra de Troia. A genealogia nunca é abandonada, mas outras prioridades podem vir à tona quando a abordagem exclusivamente genealógica for

improdutiva. A predominância da genealogia como princípio estruturador da seção mais antiga da narrativa, como se pode depreender pelo estudo da mitografia, não se restringe apenas ao Pseudo Apolodoro e não era de modo algum uma invenção sua. A maior parte das ligações e das cronologias havia sido estabelecida por mitógrafos anteriores, como Ferécides e Helânico, muito antes do Pseudo Apolodoro escrever sua obra. De fato, o motivo genealógico como propulsor da narrativa aparece com força e cedo na literatura grega, antes mesmo do desenvolvimento da mitografia erudita como tal, e é, em última instância, produto da tradição poética. No Canto V da *Ilíada* de Homero, quando os heróis Glauco e Diomedes se encontram, o último faz-nos um breve, porém completo relato de sua história familiar (ele era o filho de Hipóloco, filho de Belerofonte, filho de outro Glauco, o filho, por sua vez, de Sísifo), tomando o restante do tempo para contar a história de Belerofonte na íntegra. Não muito depois da *Ilíada*, a *Teogonia* de Hesíodo apresenta um relato da origem do universo e dos deuses que tecem a narrativa em torno de uma estrutura genealógica, concluindo-o com algumas genealogias heroicas. Sua continuação, a poesia do *Catálogo das mulheres*, apesar de provavelmente não ser de sua autoria, transferia o esquema ainda mais para o cerne das genealogias heroicas e essa obra provavelmente inspirou em ampla escala as tentativas mitográficas de organizar o material mitológico de diferentes maneiras.

Um elemento de organização genealógica é, com certeza, o cronológico. Como ressaltamos acima, o foco na sucessão genealógica ou na sucessão da soberania cria uma construção em um esquema cronológico (pais vêm antes de seus filhos, assim como um rei antecede seu sucessor). Mas cada linhagem tem seu esquema cronológico próprio, e o Pseudo Apolodoro adota uma solução prática. Nós começamos com os deuses e terminamos com os acontecimentos posteriores à guerra de Troia, portanto, a extensão completa da narrativa parte do antecedente para o posterior, mas ao início de cada linhagem, é preciso recuarmos no tempo. Esse princípio funciona muito bem, e o Pseudo Apolodoro pode merecer os créditos por essa organização específica admirável (pode ser também, é claro, que ele a tenha tomado na íntegra de outro mitógrafo anterior). Certo, há algumas repetições e algumas antecipações em que um mito ou personagem não foi tratado ainda, mas isso é absolutamente inevitável. A primeira menção de Hércules, por exemplo, é em I 1, 4 onde ele é mencionado como o assassino de Lino – uma vez que Lino se encaixa genealógicamente neste ponto da narrativa. Para a história completa, porém, teremos de esperar até II 6, 3, quando ela se encaixa na narrativa dos mitos de Hércules. Em I 1, 9 há uma breve digressão pela qual ficamos sabendo que Zeus suspendeu Hera do Olimpo “por ter enviado uma tempestade contra Hércules quando ele estava navegando após a conquista de Troia”. Essa história só será contada na íntegra em II 13, 7. Em I 3, 5, por outro lado temos o relato completo do papel de Hércules na Gigantomaquia, enquanto em II, 138, no ponto em que ele se encaixa na seção referente a Hércules, há somente uma única frase que nos remete implicitamente à narrativa mais completa: *após ter saqueado Cós, chegou a Flegras graças a Atena, e ao lutar ao lado dos deuses, venceu a guerra contra os Gigantes (Hércules na ilha de Cós)*. Em cada caso, a versão mais detalhada da história é narrada na sequência mais apropriada da narrativa.

Ocasionalmente, o Pseudo Apolodoro recorre à referência cruzada (como fez com Pelasgo), esclarecendo-nos como uma história se encaixa em uma determinada linhagem, indicando simultaneamente para o leitor o local em que ela é narrada na sua versão mais completa. Essas indicações geralmente não são suficientemente explícitas para o leitor moderno, porém não temos a mínima ideia de como as figuras do sistema mítico grego se encaixavam no seu conjunto. Supomos que o conhecimento cultural da maioria das pessoas na Antiguidade, que certamente deveriam saber mais a respeito de Hércules, por exemplo, do que a média das pessoas atuais, teria resolvido essa possível confusão causada pelo deslocamento de um episódio da sua posição exata na sequência lógica da narrativa, permitindo que as principais figuras fossem encontradas na sua genealogia específica com mais rapidez do que poderíamos fazê-lo com o auxílio de um índice. O mais importante, porém, é que o Pseudo Apolodoro cria uma narrativa que é dotada não apenas de dinamismo, mas também de nítidos princípios organizadores e do sentido de adequação. Esses princípios, por sua vez, não são rígida nem cegamente mantidos: o conteúdo do início da *Biblioteca* é diferente do conteúdo do final e o Pseudo Apolodoro vai modificando seus princípios de acordo

com a necessidade e demonstra uma notável habilidade ao efetuar essas transições. O cuidado com o qual ele dispõe certos elementos da narrativa (como faz ao postergar a menção da linhagem de Pelasgo, por exemplo, para recorrer à sua ligação com Arcádia e uni-la às filhas de Atlas e por conseguinte à genealogia espartana) é realmente impressionante e nós devemos antes admirar o modo como ele faz isso do que admitir que alguma coisa saiu errada porque ele não narrou uma história no seu lugar “apropriado”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Essa constituiu, sem dúvida, a melhor contribuição da leitura de SMITH-TRZASKOMA, 2007, p. xxxiii-xxxv.

#### 4) HISTÓRIA DO TEXTO

Parece que Fócio tinha razão quanto à utilidade da *Biblioteca* para recordar as velhas histórias, a julgar pela quantidade de comentadores que se serviram dela para produzir comentários (escólios) e notas explicativas em vários textos. Essa atividade atingiu seu ápice no século XII de nossa era com J. Tzetzes, que usou a *Biblioteca* como uma fonte para elucidar os detalhes mitológicos notoriamente difíceis da obra do poeta Licofron, do século III a. C. Tzetzes também incorporou material do Pseudo Apolodoro no seu longo poema *Chiliades*. Em seguida, parece que a *Biblioteca* caiu no esquecimento, pois ela não é comentada ou textualmente citada até o século IV quando J. Pediasimus a empregou na sua narrativa dos trabalhos de Hércules como base para um breve resumo em prosa e um pequeno poema versando sobre o mesmo tema. Esta é a última aparição do Pseudo Apolodoro em Bizâncio<sup>37</sup>.

Fócio e Tzetzes tinham cópias completas da *Biblioteca* a sua disposição, mas nós não (o que torna Tzetzes um valioso testemunho para ajudar a reconstruir parte do material perdido). O manuscrito mais antigo da obra que dispomos é do século XIV (por volta da época de Pediasimus, e talvez sua cópia), mas está incompleto, faltando várias páginas, e certamente não contém o final da *Biblioteca*. O manuscrito acabou aparecendo na Itália, após a queda de Constantinopla em 1453. Há também outros manuscritos posteriores da obra, porém são todos desprovidos do final e parecem ser cópias derivadas da cópia do século XIV. Não obstante, a despeito da utilidade da obra do Pseudo Apolodoro, ela esteve perto de desaparecer completamente.

Foi também R. Wagner que em 1885, trabalhando na edição dos *mitographi graeci* nas bibliotecas de Roma, encontrou um códice no qual reconheceu os *excerpta* (trechos) do que faltava na “Biblioteca de Apolodoro”, isto é, do que ele considera ser o prosseguimento nosso texto. Trata-se de um códice do século XIV (*Vat.* 950). Contém fragmentos que correspondem à história de Teseu e sua progênie (justamente onde nosso texto termina); à estirpe de Pélope e, até o final, fragmentos referidos à guerra de Troia, queda de Troia, ciclo dos *Nóstoi* (“Retornos”). Este manuscrito foi denominado *Epitoma Vaticana*, “Epítome do vaticano”.

Praticamente na mesma época (apenas dois anos mais tarde), em 1887, Papadopoulos-Kerameus, trabalhando independentemente, descobriu em Jerusalém os *Fragmenta Sabbaitica*, que correspondem a um manuscrito grego no qual se encontra uma epítome de extensão, tema e texto quase igual ao texto do manuscrito *Vat.* 950 e que pertenceu, originariamente, ao monastério de São Sabas (*Codex Sabbaiticus*). Este texto, também resumido, completa a história, chegando até Odisseu, suas aventuras e sua morte.

Wagner sugeriu a hipótese de que os fragmentos do Vaticano (*Epitoma Vaticana*) era obra de J. Tzetzes, que conhecia bem o Pseudo Apolodoro e que havia feito um resumo de seu livro de mitologia para seus alunos, porque às vezes a epítome coincide com o texto do Pseudo Apolodoro citado por Tzetzes.

Esta hipótese seria aceitável se os *Fragmenta Sabbaitica* coincidissem exatamente com o “Apolodoro” citado por Tzetzes, embora essa possa ter sido a obra que foi lida por Fócio.

No estado em que estão, nenhum dos manuscritos contém o final do Livro III (o texto termina abruptamente no meio das aventuras de Teseu). Tzetzes, no entanto, tinha o texto completo, e em 1885 R. Wagner percebeu que o manuscrito da Biblioteca do Vaticano continha trechos de alguma das obras de Tzetzes e também continham trechos resumidos e extraídos de toda a *Biblioteca* – inclusive de seu final perdido. Essa versão resumida (ou epítome), conhecida como Epítome do Vaticano é inestimável, mas não é apenas a nossa única comprovação da parte final da obra. Apenas alguns anos depois da descoberta de R. Wagner, A. Papadopoulos-Kerameus descobriu um manuscrito em Jerusalém que continha outro conjunto de trechos resumidos, todos do Livro II e da parte apenas conhecida pela epítome de Tzetzes. Este manuscrito ficou conhecido por Epítome Sabbaitica (proveniente do monastério de S. Sabas, onde o manuscrito foi descoberto). Portanto, embora a *Biblioteca* tenha sido impressa pela primeira vez nos tempos modernos em

---

<sup>37</sup> *Idem*, p. xxxviii

1555, foi somente com a edição de Wagner, em 1894 que tivemos o texto completo, ou pelo menos próximo do completo. Para se ter ideia do quanto é omitido neste processo de resumo, contrapomos o texto da *Biblioteca* (III 20, 6 - 20,7) com a parte referente da “Epítome do Vaticano”:

*Pandíon, enquanto estava em Mégara, gerou os seguintes filhos: Egeu, Palas, Niso e Lico. Mas alguns dizem que Egeu era filho de Escírio e que Pandíon o fazia passar por seu. Após a morte de Pandíon, seus filhos marcharam contra Atenas, expulsaram os filhos de Metíon e dividiram o reino em quatro partes, porém Egeu detinha todo o poder. Primeiramente desposou Meta, filha de Hoples, em seguida, Calcíope, filha de Rexénor. Como não tinha filhos e receava seus irmãos, acorreu à Pítia e consultou a respeito de como podia gerar filhos.*

E o resumo:

*Os filhos de Pandíon foram Egeu, Palas, Niso e Lico, que após a morte de Pandíon marcharam contra Atenas, baniram os filhos de Metíon e dividiram o reino em quatro partes. Como não tinha filhos, consultou o oráculo a esse respeito.*

A estrutura da história permanece, porém a maioria dos detalhes foi retirada. A versão resumida não é plenamente consistente. Algumas vezes há um detalhe deixado fora de lugar, porém essa espécie de deslize geralmente se degenera em outro; todavia, o efeito geral é de tornar ainda mais breve uma narrativa já breve e direta, e há trechos em que a eliminação do detalhe cria uma narrativa menos coerente que a original<sup>38</sup>.

As duas epítomes foram compostas em tempos diferentes por diferentes estudiosos e copistas e quando são contrapostas nem sempre revelam preservar o mesmo conteúdo ou detalhes. Como a maioria das modernas publicações da obra, também preferimos traduzi-las por uma versão combinada de ambas, feitas por J. G Frazer, que reúne as epítomes separadas para criar uma narrativa mais completa e interligada, mais próxima da versão original do que se as epítomes fossem mantidas separadas. Embora não possamos recuperar o final exato do Pseudo Apolodoro sem as novas descobertas, ambas as epítomes são exemplares notáveis de como as histórias eram recontadas e de como eram organizadas para essa finalidade. E onde as duas epítomes coincidem com exatidão, como elas o fazem com certa frequência – podemos estar certos de que temos ao menos alguns termos razoavelmente próximos do texto original<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> *Ibid.* p. xxxix.

<sup>39</sup> *Ibid.* adotei praticamente na íntegra a exposição esclarecedora de SMITH-TRZASKOMA, 2007, a quem devo, juntamente com a introdução de Javier Arce à edição da Gredos, minha compreensão da inexistência de uma autoria incontestável e das características essenciais obra, por suas brilhantes exposições didáticas.

## 5) FINALIDADE E PÚBLICO DA OBRA

Para quem a obra foi escrita? Essa é também outra questão que também não podemos responder com certeza. Se a *Biblioteca* foi escrita para pessoas que não poderiam ler literatura grega, porém desejavam, ou ao menos terem acesso a seu conteúdo cultural, então poderíamos pensar em estudantes ou em um público de educação formal de nível relativamente baixo. Ou ainda que fosse uma espécie de guia de bolso para pessoas educadas. Seu propósito nesse caso seria simplesmente o de ajudar essas pessoas a se lembrarem das versões padrões dos mitos e como todos eles se ajustam genealogicamente e cronologicamente entre si, sem pretender constituir-se na sua única fonte. Educadores profissionais podiam manter consigo uma cópia deste trabalho, como o fazem os modernos educadores, para responder rapidamente às perguntas e ajudá-los a preparar suas aulas<sup>40</sup>.

Já na antiga Roma, a *Biblioteca* podia ter sido um instrumento de trabalho indispensável para oradores, historiadores ou tratadistas. Nela se encontrava sempre a explicação culta adequada ou a variante de um mito. Nas escolas de filosofia, a *Biblioteca* pode ter sido um livro indispensável: oferecia o mito, enquanto os filósofos encarregar-se-iam de interpretá-lo. Nas escolas em geral, a *Biblioteca* pode ter sido um livro obrigatório que servia de ilustração tanto ao estudo de Homero como de manual de história<sup>41</sup>. É bem verdade que somos levados a ter essa impressão quando lemos suas descrições de temas muito específicos, que parecem ter como princípio estruturador a necessidade de um conhecimento mitológico mais aprofundado por parte de um público vivamente interessado por essas questões que deveriam ser a base do conhecimento de toda pessoa culta de seu tempo e que ainda hoje nos proporciona imenso deleite por sua abrangência de informações, como se evidencia nessa passagem de ressaibo erudito dos *Filhos das Musas*:

*De Calíope e Eagro, ou, nominalmente, de Apolo, nasceu Lino, que foi morto por Hércules, e Orfeu, que era versado na arte da cítara e com suas canções fazia as pedras e as árvores se moverem. Quando Eurídice, sua mulher, morreu devido a uma picada de serpente, ele desceu ao Hades com a intenção de trazê-la de volta e conseguiu persuadir Plutão a enviá-la para a terra. Porém o deus prometeu fazê-lo com a condição de que, durante o percurso, Orfeu não se voltasse para trás antes de estar em sua própria casa. Ele, no entanto, desconfiando, voltou-se para trás e contemplou sua mulher; e então ela regressou ao Hades. Orfeu inventou também os mistérios de Dioniso e foi enterrado na Piéria, após ter sido despedaçado pelas Mênades. Clio se apaixonou por Piero, filho de Magnetes, em consequência da cólera de Afrodite (pois Clio havia censurado a deusa, por ter se apaixonado por Adônis), e unindo-se a Piero gerou-lhe um filho, Hiacinto, por quem Tâmiris, filho de Fílamon e da Ninfa Argópe, se apaixonou, tornando-se, assim, o primeiro homem a enamorar-se por outro homem. No entanto, depois, com um disco, Apolo matou involuntariamente Hiacinto, que era seu amado. Tâmiris, que se distinguia por sua beleza e por suas canções ao som da cítara, competiu com as Musas em uma disputa musical, estabelecendo o trato de que, se fosse reconhecido como o melhor, unir-se-ia a cada uma delas, mas se fosse vencido, elas lho privariam do que quisessem. As Musas foram superiores e o privaram de seus olhos e da arte da cítara. De Euterpe e do rio Estrímon nasceu Reso, que Diomedes matou em Troia; mas conforme dizem alguns, sua mãe havia sido Calíope. De Tália e Apolo nasceram os Coribantes; de Melpômene e Aqueloo, as Sereias, sobre as quais falaremos quando tratarmos a respeito de Odisseu (PSEUDO APOLODORO i 3, 2)*

Na verdade, todas essas hipóteses não podem ser presentemente confirmadas e não sabemos se elas são sequer mutuamente exclusivas, pois há partidários tanto de que ele era destinado a um público mais erudito quanto os que defendem que ele era um autor que escrevia para o público letrado em geral, mas que não era utilizado nas escolas.

Também não é possível saber se o Pseudo Apolodoro leu todas as obras de todos os autores que menciona, assim como não é possível saber o quanto de trabalho pessoal despendeu na

<sup>40</sup> SMITH-TRZASKOMA, 2007, p xxxi.

<sup>41</sup> ARCE, 1995, p. 29.

confeção deste trabalho, nem o quanto se deveu a uma possível fonte que talvez já houvesse feito previamente esse trabalho. A nosso ver, pelo estado atual de nossas informações, não há como decidir definitivamente o quanto de pesquisa e elaboração pessoal deveu-se ao redator final do texto que temos em mãos. Mas percebe-se que é grande a tentação geral em supô-lo um pesquisador paciente, dedicado a ministrar o maior número de informações possíveis para leitores apressados, porém taquigráfico, econômico, como que diante de uma massa quase infinita de informações a serem selecionadas e separadas segundo sua posição na genealogia em questão ou a sua importância no enredo de uma história, e certamente essa poderia ser mais uma instigante hipótese, dentre as inúmeras que cercam esta obra. Não obstante, parece-nos que em sua narrativa predomina sua habilidade em resumir sucintamente mitos complexos numa sequência lógica simples e muito bem lograda, mostrando, inclusive, como o desdobramento do mito se articula no plano geral da obra, como se verifica na história de Minos, Pasífae e o Minotauro:

*Depois que Astérion morreu sem descendência, Minos pretendeu reinar em Creta, porém foi impedido. Ele alegava que o reino lhe fora dado pelos deuses, e para que se acreditasse nele, afirmava que o que ele pedisse, os deuses o realizariam. E no instante em que sacrificava a Posídon, Minos suplicou que um touro surgisse das profundezas do mar, prometendo-lhe sacrificá-lo quando ele aparecesse. Posídon fez surgir um touro magnífico, e Minos obteve o reino, porém enviou o touro para seus rebanhos e sacrificou outro. Ele foi o primeiro a assegurar o domínio sobre o mar e estendeu seu poder sobre quase todas as ilhas. Irritado com Minos, por não ter lhe sacrificado o touro, Posídon tornou-o selvagem e fez com que Pasífae fosse tomada de desejo por ele. Em sua paixão pelo touro, ela encontrou um cúmplice em Dédalo, que era arquiteto e havia sido banido de Atenas devido a um assassinato. Dédalo construiu uma vaca de madeira sobre rodas e, tornando oco o seu interior, recobriu-a com a pele de uma vaca que havia esfolado e, após colocá-la num prado em que o touro costumava pastar, introduziu Pasífae dentro dela. Logo que o touro chegou, uniu-se a ela, tomando-a por uma vaca de verdade. Pasífae gerou Astérion, o chamado Minotauro, que tinha o rosto de touro e o restante de homem. Minos, em atenção a certos oráculos, encerrou-o no labirinto e o mantinha sob custódia. O labirinto que Dédalo construiu era um edifício que induzia a errar a saída por meio de complicadas sinuosidades. Porém, quanto aos assuntos relacionados com Minotauro, Androgeu, Fedra e Ariadna, falaremos mais tarde nos relatos referentes a Teseu (PSEUDO APOLODORO, iii, 3).*

Frazer observa que os verdadeiros defeitos do escritor constituem, em certo sentido, vantagens que ele possui para a execução da tarefa que tem em mãos. Como ele não era nem filósofo, nem orador, mas apenas um hábil compilador, não caiu na tentação de refundir seu material sob a influência de uma teoria ou de embelezá-lo tendo em vista o efeito literário<sup>42</sup>.

Na atualidade, além de continuar nos deleitando ou nos divertindo, sua leitura nos permite sobretudo penetrar na esfera do pensamento mítico. É, além disso, de importância fundamental para os iconografistas ou historiadores da arte antiga, pois as explicações nela contidas constituem um apoio literário de primeira ordem para nos auxiliar no intrincado e ambíguo mundo da análise iconográfica.

Frazer dedicou-se com entusiasmo à sua tradução e edição precisamente por seu interesse na história comparada das religiões, da etnografia e da antropologia. Em suas notas e em seus numerosos apêndices, percebemos que os mitos gregos não são apenas uma invenção literária, mas pertencem à estrutura do pensamento religioso humano, sem distinção de localização geográfica ou cultural. Frazer demonstra também que a *Biblioteca* é um instrumento fundamental para aqueles que pretendem estudar a origem, a estrutura e o mecanismo dos contos ou da literatura popular<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> FRAZER, 1995, p. XVII-XVIII.

<sup>43</sup> ARCE, 1995, p. 31, que resume lapidarmente a extraordinária contribuição de Frazer.

## 6) TRADUÇÃO

O texto da *Biblioteca* é escrito em um grego bastante elementar, porém correto. Seu estilo é extremamente despojado e seu vocabulário e sintaxe não possui nada de excepcional além da típica prosa do século I a. C. ou dos primeiros dois séculos de nossa era. Por tudo isso, pode-se afirmar que o estilo do Pseudo Apolodoro é genuíno e sempre límpido, simples e sem afetações, com exceção de algumas raras passagens em que ele enfeita sua prosa com algum trecho extraído de suas fontes poéticas<sup>44</sup>. Porém, com toda a sua simplicidade e estrita objetividade, ele não possui um estilo elegante, principalmente pela acumulação de participios – um de seus recursos favoritos – que sobrecarrega e retarda o curso regular de suas frases. Aliás, é justamente o fato de os relatos dos mitos serem breves e desprovidos de adornos na *Biblioteca* que levou uma parte considerável dos comentadores a sugerir que até mesmos as seções que nos chegaram completas não passam de resumo de uma obra perdida. Talvez o melhor modo de classificar a linguagem do Pseudo Apolodoro seja dizer que sua obra é o resultado de uma hábil compilação, e que, portanto, suas qualidades não são, evidentemente, as literárias, pois ainda que o autor tenha flertado muito ocasionalmente com algum vocábulo peregrino ou esboçado um pálido arremedo, sugerido pelo brilho de alguma fonte ocasional, sua prosa é essencialmente não artística, desprovida de qualquer tipo de adorno. Contudo, há passagens que realmente nos chamam a atenção por seu impacto descritivo, possivelmente “contaminadas” pelo estilo da fonte que ele consultou, como no mito de Tífon:

*Assim que os deuses dominaram os Gigantes, Geia se encolerizou ainda mais; se uniu a Tártaro e na Cilícia gerou Tífon, que tinha uma natureza mista de homem e fera. Ele superava em tamanho e força a todos os seres que haviam nascido de Geia. Da cintura para cima tinha a forma de um homem de tamanho tão desmesurado que sobrepunha todas as montanhas, e muitas vezes sua cabeça roçava os astros; uma de suas mãos, quando estendida, alcançava o poente, e a outra, o nascente, e a partir delas projetavam-se cem cabeças de dragão. Da cintura para baixo, era dotado de estupendas espirais de serpentes, que, ao se desenrolarem, estendem-se até a sua cabeça, emitindo um silvo intenso. Todo o seu corpo era recoberto de asas, de sua cabeça e mento flutuavam ao vento os ríspidos cabelos, e lançava um olhar de fogo. Tal, portanto, era Tífon, e tal a sua grandeza, e lançando pedras incandescentes contra o próprio céu, avançava na sua direção, emitindo silvos e urros, e expelia pela boca um gigantesco turbilhão de fogo. Assim que os deuses o viram se arrojarem contra o céu, puseram-se em fuga para o Egito e, ao serem perseguidos, transmudaram suas formas nas de animais.* (PSEUDO APOLODORO I 6, 3)

Deste modo, na presente tradução, procuramos ser o mais fiel possível, buscando o máximo de clareza e concisão, sem embelezar o texto ou torná-lo mais sofisticado que o original. O texto traduzido foi o de J. G. Frazer, em sua edição pela Loeb Classical Library (2 vols. Harvard University Press Oxford/New York, 1995). Porém, o maior mérito do presente trabalho, será certamente o de possibilitar o acesso às preciosas informações sobre mitos gregos aos pesquisadores de diversas áreas, bem como aos aficionados pela cultura e pela mitologia helênica em geral.

Ao que saibamos, a obra do Pseudo Apolodoro ainda não foi traduzida pra o português, mas há duas excelentes edições em espanhol: Apolodoro, *Biblioteca* Introdução de Javier Arce, tradução de Margarita R. Sepúlveda. Madri, Editorial Gredos, 1995 (Biblioteca Clásica Gredos, 85) e Apolodoro, *Biblioteca Mitológica*. Tradução, introdução e notas de Julia Garcia Moreno, Alianza Editorial, Madrid 2010, (ambas serviram-me de base para confeccionar as notas provisórias apenas para esta tese, uma vez que a edição brasileira a ser publicada pela Odisseus Editora contará com a tradução completa das notas de J. G. Frazer). Absolutamente imprescindíveis para minha visão e compreensão da mitografia grega foram as leituras de Marcel Detienne, *A invenção da mitología* (sobretudo o capítulo intitulado “Os sorrisos da primeira interpretação”), bem como o livro de Bruno Snell, em *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu* (Capítulo 9: As origens da

---

<sup>44</sup> Veja-se, por exemplo, sua descrição do labirinto cretense (III, 1. 3; comparar com III, 15. 8) e de Tífon expelindo fogo (I, 6. 3). Cit. por FRAZER, op. cit. p. XVI.

consciência histórica, v. Bibliografia.) e o de Hermann Fränkel, *Poesia y Filosofia de La Grécia Arcaica*. Trad. de Ricardo S. O. Urbina. Madri, Visor, 1993 (Coleção La Balsa de Medusa 63).

Dentre os artigos que podem interessar aos leitores não especialistas, e que são fundamentais para compreensão dos problemas específicos do autor e do texto destacam-se o de A. Diller, *The Text History of the Bibliotheca of Apollodorus*, *Transactions of the American Philological Association* 66 (1935) 296-313 e o de M. van der Valk, *On Apollodori Bibliotheca*, *Revue des études grecques* 71 (1958) 100-168.

Outros livros de interesse são o de, M. van Rossum-Steenbeek, *Greek Readers' Digests? Studies on a Selection of Greek Sub-literary Papyri*. Brill: Leiden, 1997 e o de Alan Cameron, *Greek mythography in the Roman world*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2004.

Absolutamente inestimável é o web site de M. Huys dedicado ao Pseudo Apolodoro <http://abel.arts.kuleuven.be/> que nos traz praticamente todos os artigos já publicados sobre a *Biblioteca*, na mais completa bibliografia de atualização constante que se tem notícia!

Outro fator que sempre teve escasso interesse nos trabalhos de língua helênica, mas que nesta tese recebeu atenção privilegiada é a transliteração dos nomes próprios do grego para o português, sobretudo pelo fato de a *Biblioteca* conter a maioria dos nomes de praticamente todas as personagens mitológicas que se tornaram importantes na tradição ocidental! Por esse motivo, procuramos padronizar os nomes mais conhecidos segundo a grafia estabelecida no *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal, na tradução portuguesa de Victor Jabouille, da qual nos afastamos sempre quando a grafia já consolidada no Brasil divergir.

Este é, na verdade o início de um trabalho que só se completará com a publicação da obra pela Odysseus Editora, cujo projeto ambicioso contará ainda com a tradução completa das notas de J. G. Frazer, índice remissivo de todos os nomes próprios, quadros genealógicos das principais personagens míticas e mapas do principais ciclos míticos.

\*\*\*\*\*

# O ESTATUTO DA MITOGRAFIA GREGA

## 1) INTRODUÇÃO

Ao lado da *Bíblia*, a mitologia grega constitui um dos principais códigos de referência da cultura ocidental e é um dos temas mais atuais de pesquisa sobre a cultura da Antiguidade clássica. No entanto, devido ao imenso potencial para dirigir seu apelo tanto à inteligência como ao sentimento e à imaginação, os mitos acabaram por se transformar em veículos privilegiados de transmissão de conteúdos simbólicos, valorizados ainda mais pela tendência cultural de nossa época, em que grandes sistemas complexos de persuasão e ideologia recorrem amplamente à sua utilização no processo de comunicação através das mídias orais, auditivas e visuais, para transmitir a informação com uma intensidade sem precedentes na história da cultura humana<sup>1</sup>.

A cada dia, numerosos conteúdos inspirados na tradição mítica grega surgem no moderno cenário cultural globalizado. Em algum lugar do mundo, uma tragédia grega está sendo encenada ou transposta em ópera ou em versão cinematográfica; os textos clássicos, de Homero a Aristóteles, são continuamente editados, traduzidos e comentados em milhares de livros publicados anualmente; as Antiguidades gregas, como escultura e a cerâmica pintada com figuras míticas atraem multidões diariamente aos museus. É claro que se poderia objetar que essa realidade concerne apenas a uma pequena parcela da população mundial, de certa forma bastante elitizada, mas, por outro lado, é inegável que toda a tradição mítica grega, elaborada desde sua origem, no período micênico (séc. XVI-XIII a. C.) até o período bizantino (séc. IV-XV d. C.) já é parte indissociável de fenômenos que vão desde a ficção até o sistema publicitário modernos, nos quais os seus conteúdos, imagens, símbolos (ou até mesmo toda a sua estrutura narrativa expressiva e sugestiva) são continuamente apropriados pelos processos de comunicação atuais, cada vez mais fascinados com o poder de condensação do mito e com sua eficácia na transmissão simultânea de múltiplos conteúdos.

A dificuldade em definir a mitografia é da mesma natureza que abrange a delimitação terminológica de mitologia, ou seja, passa pela definição do que constitui um *mito*. No entanto, essa é uma questão que o presente trabalho, embora tratando precipuamente de mitos, não poderia responder senão de modo provisório, devido não só à complexidade da questão, como também à inexistência de um consenso entre os estudiosos da área. Podemos, porém, adiantar que a concepção de “história falsa”, dada pela maioria dos leigos, é uma das que menos gozam de credibilidade entre os eruditos que trabalham com mitos.

Outra grande dificuldade consiste em “delimitar” um mito específico, isto é, saber que versão do mito deve ser escolhida ou quais detalhes devem ser preservados ou excluídos em sua exposição, uma vez que o mesmo mito possuía diferentes versões segundo o local, o tempo e o autor que o abordava. Seria possível reconstituir seu núcleo original? Que particularidades na interpretação as variantes proporcionam? Obedecem a que propósito? Perguntas que se tornarão cada vez mais corriqueiras pela natureza investigativa da mitografia, que vai se especializando cada vez mais na tentativa de compreender e organizar todo o pensamento mítico. É nesse sentido, a saber, de constituir-se verdadeiramente numa “ciência que estuda os mitos”, que ela poderia ser suscetível de um confronto contínuo e vital com outras ciências humanas, como a Linguística, a Antropologia, a Psicologia das profundezas e a Semiótica<sup>2</sup>. Em todo caso, restringir-nos-emos a falar sobre mitografia enquanto trabalho de registro e transmissão escrita de material narrativo e descritivo ao qual fomos habituados a chamar historicamente de “mitos”.

O maior problema reside, por um lado, na natureza específica dos mitos gregos, que, ao menos para alguns estudiosos, são considerados como histórias tradicionais que dependem, em certa

---

<sup>1</sup> Ezio Pellizer, *La Mitografia*, p. 283.

<sup>2</sup> *Idem*.

medida, da *transmissão oral*. Ou seja, mitos são histórias que os membros de uma sociedade contam uns para os outros, transmitindo-as ao longo do tempo por meio da repetição do que ouviram, alterando aqui ou ali o tempo todo, e mesmo inventando novas histórias ou elementos de histórias. Por outro lado, o que herdamos da Grécia Antiga foi sua *tradição literária*, que envolve uma espécie inteiramente diferente de transmissão, pois nela as evidências dos mitos provêm de um complexo literário e de uma tradição artística que abarcam quase dois milênios<sup>3</sup>.

Essa tradição literária é uma fonte imprescindível para o conhecimento dos mitos gregos, uma vez que jamais teremos acesso à tradição oral. Ainda assim, mesmo no âmbito literário, as fontes da mitologia grega são muito variadas: vão desde os poemas homéricos até os comentários eruditos dos sábios bizantinos do século XII, e dividem-se em três categorias: a primeira corresponde às lendas populares, que foram frequentemente recolhidas por Pausânias e Estrabon; a segunda é constituída pelas chamadas fontes “eruditas”, fornecida especialmente pelos logógrafos Hecateu de Mileto, Acusilau de Argo, Ferécides de Atenas, Helânico etc.; e a terceira surge na época helenística e seu objetivo centra-se unicamente em fazer recopilações das sagas, lendas e relatos transmitidos por outros autores e pela tradição popular, evitando qualquer tipo de interpretação. É a partir de todas essas obras literárias que devemos extrair as informações sobre os mitos para, em seguida, avaliar as diferentes versões segundo sua confiabilidade e interesse, levando em consideração os dados contraditórios (ou atenuando-os para obter uma melhor apresentação), e decidindo sobre quais detalhes deveriam ser originais e quais seriam acréscimos de períodos posteriores. No entanto, como as evidências extraídas a partir dessas fontes transmitem-nos apenas uma parcela de informação, precisamos recorrer também a todas as outras evidências que dispomos e que nos são fornecidas sobretudo pela *arqueologia*: vasos com cenas míticas, pinturas murais, esculturas e representações míticas que adornam peças de uso cotidiano, que vão desde anéis a braçadeiras de escudo, fornecem-nos também uma imensa quantidade de informação acerca dos mitos, muitas vezes inteiramente diferente, na forma e no conteúdo, do que a tradição literária nos legou.

É também devido à própria natureza da obra literária que muito raramente encontramos a exposição de um mito completo no seu interior. Mesmo após ter lido *Édipo Rei*, de Sófocles, não ficamos sabendo sobre os acontecimentos de sua vida depois que ele se cega e abandona a cidade, assim como, ao ler a *Ilíada*, não somos informados sobre os antecedentes da Guerra de Troia nem sobre os eventos posteriores à morte de Heitor, como a morte de Aquiles e o ardil do cavalo de madeira. Os autores dessas obras não tinham necessidade de expor *todo* o conteúdo do mito porque este já era de domínio público, transmitido pela tradição oral. Isto lhes permitia, por outro lado, introduzir sutilezas de interpretação, deslocar perspectivas de valorização dos acontecimentos e das personagens, aprofundando-lhes e/ou alterando-lhes os caracteres, quer pela criação de novos episódios, quer pela revitalização de uma determinada filiação genealógica em detrimento de outra. Desse modo, nas obras literárias, o mito já possuía uma elaboração extremamente sofisticada, mesmo para os padrões modernos mais exigentes, como demonstram os brilhantes estudos de interpretação dessas obras, levados a cabo por notáveis filólogos.

Não obstante, foi somente quando surgiu uma demanda por obras que contivessem o resumo dos principais mitos – tanto por suas referências tornarem-se cada vez mais complexas e numerosas no âmbito cultural quanto pelo peso da tradição literária, que já sobrepujava, em muito, o da tradição oral (e numerosos mitos começavam a ser esquecidos!) – que começaram a aparecer escritores preocupados em recontar ou parafrasear os principais mitos em suas características essenciais, com o objetivo de fornecer uma versão confiável deles sem qualquer tentativa de embelezá-la. Surgia, então, a mitografia.

Com efeito, as obras de arte da Antiguidade, em seu tratamento literário, não tinham a menor preocupação pela exposição didática completa de cada um dos mitos abordados, uma vez que seu conhecimento era transmitido sobretudo oralmente através de contos populares e histórias

---

<sup>3</sup> SMITH-TRZASKOMA, 2007, p. XI e ss., de quem parafraseei todo o esquema para a compreensão da mitografia, por ser o mais didático na explicação da natureza da mitografia.

tradicionais. Por outro lado, como as sucessivas gerações de leitores, após o declínio do período clássico, já não eram mais criadas tendo como referencial o mundo mítico, embora o interesse pela leitura das obras deste período se tornasse crescente e a necessidade para entender os mitos – ao menos em suas características essenciais –, cada vez mais premente, foi se configurando um gênero literário para satisfazer especificamente essa necessidade: a mitografia nasce da atividade intensa de estudiosos e eruditos que escreviam obras destinadas a reunir e a resumir os mitos, em um primeiro momento, para analisá-los e explicar-lhes a criticamente a estrutura, em uma etapa ulterior. Nesta tarefa de recontar o mito, a mitografia adotou a linha básica de exposição do mito que já se encontrava definida pela poesia épica e que se baseava principalmente na linha de sucessão genealógica, cuja importância se pode divisar na *Teogonia* de Hesíodo, que estabelece as principais famílias de deuses, e na épica de Homero, que prossegue o seu desdobramento através das gerações de heróis, preparando o terreno para as obras históricas, que farão a ligação entre os personagens da Era mítica e as personalidades da realidade histórica, que tanta importância terá na manutenção do *status quo* da classe nobre e aristocrática para reivindicar as suas prerrogativas na ordem social do período arcaico.

“Já para entendermos o contexto socioeconômico que propiciou o surgimento desta nova forma de racionalidade, devemos remontar ao séc. VII a. C., época em que eclodiu uma verdadeira revolução econômica nas colônias gregas da Ásia Menor, devido à adoção do sistema monetário. A utilização da moeda facilitou as trocas e fortaleceu a vida econômica e social daqueles que dependiam do comércio, da navegação e do artesanato, assinalando definitivamente uma ruptura com a organização social baseada na aristocracia consanguínea. A partir de então, e principalmente ao longo do séc. VI a. C., o desenvolvimento das técnicas – já desvinculadas da primitiva concepção que lhes atribuía origem divina – passa a oferecer ao homem imagens explicativas cada vez mais racionalistas, conduzindo à progressiva rejeição e à substituição da visão mítica da realidade. A técnica que o homem consegue compreender e dominar a ponto de realizá-la com as próprias mãos, repeti-la e sobretudo ensiná-la, apresenta-se como um processo de transformação e de criação”.

“Era natural, portanto, que ocorressem nas colônias gregas da Ásia Menor as primeiras manifestações de um pensamento dotado de tamanha exigência de compreensão racional que, depois de produzir a epopeias homéricas (séc. IX-VIII a. C.), eclodiu, no século VI a. C., sob a forma de ciência teórica, filosofia e historiografia e mitografia. Já no séc. VIII a. C. Hesíodo havia exposto, sobretudo na *Teogonia*, uma síntese de relatos míticos tradicionais, vinculando-os pelo nexos causal das genealogias que ligavam deuses e mortais. Mas a partir do séc. VI a. C., esse tipo de construção cedeu lugar a uma nova e mais radical forma de pensamento racional que não partia da tradição mítica, mas de realidades apreendidas na experiência humana cotidiana. Fruto da progressiva valorização da “medida humana” e da laicização da cultura efetuada pelos gregos, despontou, nas colônias da Ásia Menor, uma nova mentalidade, que coordenou racionalmente os dados da experiência sensível, buscando integrá-los numa visão compreensiva e globalizadora. Dentro desse espírito surgiram, na Jônia, as primeiras concepções científicas, filosóficas e históricas (e mitográficas, como veremos) da cultura ocidental, propostas pela escola de Mileto”<sup>45</sup>.

Como bem observa Lesky, “do mesmo modo que a ciência, também a historiografia, no sentido que se lhe atribuiu posteriormente, desenvolveu-se a partir de origens muito diversas. Durante muito tempo, o mito foi, para os gregos, a sua história e foi necessário que se percorresse um longo caminho, que desemboca em Tucídides, para substituir a concepção mítica do passado por uma concepção racional e crítica. Pois, “não se tratava simplesmente de substituir algo que estava incorreto e falso, pelo que era correto e verdadeiro. Pelo contrário, os elementos do pensamento

---

<sup>45</sup> Os Pensadores, *Pré-socráticos*, p. 6. Texto extraordinário, que sintetiza páginas e mais páginas de explanações fastidiosas acerca das mudanças ocorridas nesse período. “Apropriei-me” dele para fundamentar minha compreensão acerca das causas das transformações econômicas e culturais que propiciaram o surgimento da atividade mitográfica grega, no século VI a. C.

histórico que já tinham existido no plano do mito foram da máxima importância para o desenvolvimento posterior”<sup>46</sup>.

“Deve-se ter em conta que a epopeia grega contém em si uma quantidade considerável de elementos históricos, se bem que bastante transformados. De qualquer modo, na epopeia, parecem coordenados num determinado tempo e espaço, afastado consideravelmente do presente do narrador. Mais ainda: dentro destes limites, começou-se a articular, mediante o vínculo genealógico, os diversos acontecimentos e personagens, formando uma continuidade temporal<sup>47</sup>” (característica extremamente importante que desempenhará um papel fundamental na filosofia, na história e na mitografia gregas emergentes). Mas o mais importante de tudo é que a poesia épica considerava o seu lugar e significado no mundo, interrogava-se acerca das relações entre os acontecimentos e suas causas e punha em realce um sentido último no seu decurso. Homero, precursor de todos os gêneros literários, foi o verdadeiro pai da história, como também da mitografia, levando-se em consideração que o *Catálogo das Naus* constitui o precursor do gênero.

Outra característica marcante dessa nova forma de pensamento, que terá importância decisiva para a filosofia, as ciências, a história e a mitografia, é o surgimento da prosa, “pois não se pode fazer a análise das mudanças nos modos de pensamento e na instauração da racionalidade se não levamos em conta o fato de que a expressão poética é diferente da expressão prosaica. A prosa é a forma apropriada para todas essas recopilações e avaliações críticas. Em primeiro lugar, por renunciar a todo ornamento e concentrar-se nos fatos. Sua maneira predominante de justapor as afirmações é a expressão correspondente aos processos intelectuais mediante os quais os acontecimentos são considerados e dispostos em toda sua riqueza”<sup>48</sup>.

Portanto, quando a cultura grega passa por estes complexos processos históricos e todo seu repertório de lendas e fábulas mitológicas do passado começa a ser copiado, comentado e preservado, surge uma nova classe de escritores empenhados em reunir o tesouro inestimável da tradição por meio de resumos, catálogos e compilações, com a intenção de nos transmitir precipuamente os mitos gregos em seus traços fundamentais. Neste sentido, podemos apreciar o quanto o Pseudo Apolodoro foi competente em sua finalidade e eficiente na transmissão fidedigna de seu conteúdo essencial, nesta admirável síntese que ele empreende do mito de *Hermes*:

*Maia, a primogênita, se uniu a Zeus em uma gruta de Cilene e gerou Hermes. Quando este se encontrava ainda em fraldas, escapou do berço e, ao chegar a Piéria, roubou as vacas que Apolo apascentava. Para que não fosse descoberto pelas pegadas, atou uns calçados nas patas das vacas e levou-as a Pilos; o restante ocultou em uma gruta, porém sacrificou duas e estirou suas peles por meio de pedras; quanto às carnes, uma parte ele comeu, após tê-la cozido, e a outra, a queimou. E rapidamente partiu para Cilene e aí encontrou, diante de sua gruta, uma tartaruga que estava se alimentando. Após tê-la limpado, estendeu umas cordas sobre seu casco, provenientes das tripas das vacas que havia sacrificado, e tendo confeccionado a lira, inventou também o plectro. Apolo chegou a Pilos à procura de suas vacas e interrogou os habitantes; eles lhe disseram que haviam visto um menino a tangê-las, mas não sabiam dizer para onde haviam sido conduzidas, por não terem podido encontrar o rastro. Após haver descoberto por meio da adivinhação quem as havia roubado, Apolo se apresentou em Cilene diante de Maia e acusou Hermes. Ela lho mostrou envolvido em fraldas, mas Apolo o conduziu à presença de Zeus e exigiu suas vacas de volta. Quando Zeus lhe ordenou que as devolvesse, Hermes lhe disse que não as possuía mais, mas como não conseguia persuadi-los, levou Apolo a Pilos e lhe devolveu as vacas. No entanto, quando Apolo ouviu a lira, decidiu trocá-la pelas vacas. Enquanto Hermes as apascentava, confeccionou também um aulo e tocava com ele. Desejando também obtê-lo, Apolo lhe ofereceu em troca o caduceu de ouro, que havia adquirido quando se dedicava ao pastoreio. Mas Hermes desejava em troca do aulo não apenas o caduceu, mas também aprender a arte da adivinhação. Assim, logo que lhe*

<sup>46</sup> LESKY, 1995, . 248-9. Esse é o ponto: o mito grego, elaborado em grande parte para explicar essa “legalidade do mundo exterior” (que só os gregos perceberam!), já revela uma racionalidade sofisticada, não poucas vezes convertida em pura sabedoria!

<sup>47</sup> *Idem.*

<sup>48</sup> VERNANT, 1994, p. 210

entregou o aulo, passou a ser instruído na arte de adivinhar por meio de seixos Zeus o designou como seu arauto e dos deuses subterrâneos (PSEUDO APOLODORO, iii 10, 2).

## 2) A NATUREZA DA MITOGRAFIA

Paralelamente a essa mitografia descritiva, preocupada apenas em *recontar* os mitos, devemos acrescentar outra vertente: a mitografia analítica ou interpretativa, que visa *analisar* os mitos para explicar, por exemplo, sua origem, função, lógica interna e significados ocultos. No entanto, como o Pseudo Apolodoro constitui o maior representante do primeiro tipo, concentraremos nossa análise nesta área, abordando a segunda sobretudo através da perspectiva histórica.

Tanto a mitografia descritiva quanto a analítica compartilham da característica de abordar o mito a partir de uma perspectiva externa e essencialmente não artística e têm como finalidade estabelecer uma ordem entre as caóticas tradições míticas gregas transmitidas pelas tradições orais, artísticas e literárias. Pois apesar de toda sua beleza e importância, essas obras artísticas e literárias da Grécia antiga eram, por sua natureza, veículos pouco apropriados para transmitir o conhecimento *básico* a respeito dos mitos. Nesse sentido, os mitógrafos foram os primeiros autores a produzir relatos claros e simples dos “contos tradicionais” – sem qualquer pretensão ou adorno – versando sobre os homens, deuses, heróis e eventualmente animais fabulosos, gigantes e monstros de toda espécie.

Não devemos esquecer, porém, que por trás da tarefa aparentemente simples de recontar há todo um trabalho prévio de reunir essas histórias tradicionais, que muitas vezes nos foram transmitidas em estado incompleto e contraditório, para compor um relato dos mitos gregos que seja simultaneamente compreensível e razoavelmente consistente e acessível<sup>4</sup>. Isso constitui, por si só, um filão extraordinário para o estudioso, que poderá seguir as “pistas” indicadas nas opções que o autor faz por determinadas fontes e variantes, quer para obter acesso ao universo cultural do autor e de sua época, quer para se obter informações preciosas de fontes que já desapareceram. Todavia, para que se possa compreender a natureza de uma obra como a *Biblioteca*, do Pseudo Apolodoro, produto de uma longa e rica tradição, é imprescindível ao menos delinear um resumo que abarque os primórdios da mitografia para posteriormente estudarmos seus desenvolvimentos e seus principais representantes.

As escavações de Schliemann, que confirmaram a existência de Troia e Micenas comprovam que, na base da lenda da guerra de Troia, há reminiscências históricas de tempos remotos. Portanto, relatos que antes se podiam considerar como simples fábulas ou lendas passaram a adquirir o status de realidade histórica. Não obstante, tudo que é narrado na *Iliada* continua, apesar disso, sendo poesia e mito, pois o cantor épico, o aedo, não possuía a consciência histórica de uma continuidade em que o mundo heroico e mítico se ligava ao seu mundo presente. Essa conexão dependia, além disso, da classe aristocrática dominante, que graças ao aedo, reatava sua tradição, através da qual nobres e reis viam nos heróis da Guerra de Troia seus próprios antepassados, e a sua memória se interligava com a glória de seus ancestrais.

Outro catálogo importante dos poemas homéricos é o das mulheres que foram mães de heróis e que tiveram destinos estranhos, as quais Odisseu divisa na sua *Nekyia* na *Odisséia* (XI, 225-332). Neste catálogo já se constata que os relatos míticos tradicionais estão interligados pelo nexos causal das genealogias, característica que se tornará fundamental a partir da *Teogonia* de Hesíodo, e em outra obra que é anunciada na última parte desta, onde o poeta promete cantar certas mulheres que os deuses tornaram progenitoras de grandes estirpes.

Outro catálogo que encontrou grande repercussão na Antiguidade e que quase sempre foi atribuída a Hesíodo é o *Catálogo das mulheres* ou *Eeias*. A última designação (*Eeia*) deve-se a o fato de a história de uma nova mãe de heróis ser introduzida com a as palavras *e hoie*, “ou como...”.

---

<sup>4</sup> *Idem*, p. XVII.

Este artifício denota um encadeamento de simples justaposição, uma forma de catálogo que é uma antiga herança épica. Dispomos de algumas informações a respeito do conteúdo dos cinco livros das *Eeias*, e foi possível reconstruir alguns fragmentos<sup>9</sup>. Da enumeração dos *Pretendentes de Helena*, um catálogo dentro dos catálogos, conservam-se fragmentos consideráveis nos papiros de Berlim (nº 519 f. P.), que nos permitem reconhecer como o estilo era pouco pretensioso. O papiro de Oxirrinco 23, 1956, nº 2354 recolheu o começo das *Eeias*. E. Lobel publicou em *Ox. Pap.* 28, 1962, um bom número de novos fragmentos de poemas genealógicos pseudo-hesíodicos. Segundo Lesky (de onde todas essas informações procedem), existem relações quanto à matéria, entre esta poesia de catálogo e a *Biblioteca* do Pseudo Apolodoro, dado de extrema importância para nosso objeto de pesquisa, uma vez que a *Biblioteca* também se baseia na construção de amplos quadros genealógicos. Outros fatores se acrescentam, de tal forma que R. Merkelbach e M. L. West, na sua excelente coleção de fragmentos, colocaram, com razão, os das *Eeias* de acordo com as seções da obra mitográfica<sup>11</sup>.

O problema da autoria da *Eeias* é de difícil solução. Sabe-se que muitas passagens não procedem de Hesíodo (p. ex. a *Eeia de Cirene* data de uma época posterior à colonização que partiu de Tera para Cirenaica por volta de 630 a. C. *id.*). Compreende-se que um poema sobre as progenitoras de estirpes nobres se prestasse a que se praticassem nele interpolações contínuas. E não seria despropositado perguntar se, como no *Catálogo das naus*, não teria existido um núcleo autêntico a partir do qual foram se agrupando acréscimos posteriores.

Todas essas passagens conhecidas como “catálogos”, presentes desde os poemas homéricos, deviam assegurar aos jovens aedos o domínio da difícil técnica poética<sup>12</sup>. O *Catálogo das naus*, por exemplo, ocupa metade do segundo canto da *Ilíada*, ou seja, quatrocentos versos, e devia representar para quem o recitava uma autêntica proeza.

Por conseguinte, o mito grego, sobretudo na epopeia, já surge relacionado, em certo grau, com um núcleo histórico, a partir do qual são feitas adaptações e desenvolvimentos posteriores, e, pela sua própria forma de elaboração, se interpenetra e se confunde de tal forma com o pensamento racional que mal se pode distingui-los. É o que constatamos também em Hesíodo, notadamente na *Teogonia*, na qual encontramos “uma perfeita coerência na ordem racional e na formulação de problemas, animadas por uma vontade resoluta de compor um sistema hierarquicamente estruturado e logicamente compreensível”<sup>15</sup>.

De fato, há elementos históricos na epopeia grega, porém bastante transformados, coordenados num determinado tempo e espaço e consideravelmente distantes do presente do narrador. No entanto dentro destes limites, começou-se a articular, mediante o vínculo genealógico, os diversos acontecimentos e personagens, formando uma continuidade temporal que desempenhará um papel fundamental na filosofia, na história e na mitografia gregas emergentes.

Como vimos anteriormente, em vários aspectos, as histórias “míticas” desenvolveram-se paralelamente às primeiras obras históricas, e às vezes coincidem com elas, como as primeiras obras históricas<sup>16</sup>, sobretudo porque concerniam à origem das dinastias regionais e os seus antepassados heroicos, à fundação da cidade e da colônia, frequentemente acompanhadas de prodígios e acontecimentos extraordinários. A colonização e o comércio altamente desenvolvido levaram os jônios da Ásia Menor a regiões muito remotas. Da grande importância que o estrangeiro foi adquirindo para a historiografia que se desenvolvia na Jônia, derivam duas das suas principais preocupações científicas. Em primeiro lugar por considerações práticas, a antiga navegação ao

---

<sup>9</sup> LESKY, 1995, p. 128

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> J. P. Vernant, *Aspects mythiques de la mémoire en Grèce*, *Journ. Psych.*, 1959, p. 5ss. (=M. P., p. 55ss). Cit. por Detienne in *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*, p. 16-17.

<sup>15</sup> É por esse motivo que muitos estudiosos consideram Hesíodo um pensador pré-socrático (v. Olof Gigon, *Los pre-socráticos*)

<sup>16</sup> Que poderíamos chamar de “núcleo histórico residual”, como demonstrou Page acerca da origem do *Catálogo das naus* V. *supra*.

longo das costas deu origem à anotação das experiências realizadas, relatos de viagens mais conhecidos como *périplos*, que constituía a anotação das experiências realizadas durante o percurso.

Era conveniente registrar a posição e a distância recíproca dos portos e desembocaduras dos rios, sítios perigosos, lugares onde se encontrava água potável. Mas os gregos que faziam os registros destas viagens tinham os olhos bem abertos e, assim, frequentemente o interesse ia para além dos aspectos práticos. O que mais cativava sua atenção era o *nómos*, os costumes tradicionais dos outros povos.<sup>17</sup> O conhecimento da terra, dos países e dos povos é um objeto claro de investigação empírica, pois está relacionado com fatos primários, verificáveis de modo imediato. Estas ciências floresceram no século V a. C.. Da etnografia, os gregos passaram a uma história dos povos construída sobre bases geográficas (Heródoto) e, finalmente, a uma história nacional científica (Tucídides). Porém já se manifestavam incredulidades e perplexidades sobre aspectos menos plausíveis, inconvenientes ou inverossímeis das narrativas sobre deuses, heróis e monstros primitivos, como atestam as críticas incisivas de Xenófanés de Cólofon<sup>18</sup> e de Heráclito de Éfeso às criações poéticas de Homero e de Hesíodo, que eram, então, os principais expoentes do saber tradicional transmitido pelas fontes literárias.

---

<sup>17</sup> LESKY, 1995 p. 249-250.

<sup>18</sup> Cf. FRÄNKEL, 1993, p. 321.

# PSEUDO APOLODORO

A BIBLIOTECA

Tradução Direta do Grego Antigo e Notas

Luiz Alberto Machado Cabral

# PSEUDO APOLODORO

## A BIBLIOTECA

### LIVRO I

#### *Descendência de Urano e Geia*

Urano foi o primeiro a exercer o poder sobre todo o mundo<sup>1</sup>. Tendo esposado Geia, ele gerou primeiro os chamados Centímanos: Briareu, Gies, Cotos, que eram insuperáveis em tamanho e força, tendo cada um deles cem mãos e cinquenta cabeças<sup>2</sup>. Depois desses, Geia lhe gerou os Ciclopes: Arges, Estéropes e Brontes, cada um dos quais possuía um olho sobre a fronte<sup>3</sup>. Esses, porém, Urano os acorrentou e os lançou ao Tártaro<sup>4</sup> (esse é um lugar tenebroso no Hades<sup>5</sup>, situado tão distante da terra quanto a terra do céu). E novamente engendrou filhos com Geia, os chamados Titãs<sup>6</sup>: Oceano, Ceo, Crio, Jápeto e o mais novo de todos, Crono; e também filhas, denominadas Titânides: Tétis, Reia, Têmis, Mnemósine, Febe, Dione e Teia<sup>7</sup>.

#### *Mutilação e destronamento de Urano*

Mas Geia, agastada com a perda dos filhos que haviam sido lançados ao Tártaro, persuadiu os Titãs a atacar o próprio pai e deu a Crono uma foice adamantina. Eles, com exceção de Oceano, o atacaram, e Crono decepou os órgãos genitais de seu pai e os lançou ao mar; das gotas do sangue que havia escorrido nasceram as Erínias: Alecto, Tisífone e Megera<sup>8</sup>. Após destituírem seu pai do poder, eles fizeram subir à terra os irmãos que haviam sido precipitados no Tártaro e outorgaram o poder a Crono.

---

<sup>1</sup> O Pseudo Apolodoro não parte da Cosmogonia e começa diretamente com a geração dos deuses. Cf. HESÍODO, *Teogonia* 116 ss; na realidade, prescinde de quase todas as divindades abstratas mencionadas por Hesíodo, como as Queres, ou dá outra genealogia, ou não dá nenhuma (Nêmesis). Cf. também *Teogonia* 211-233.

<sup>2</sup> Hecatônquiros (forma grega) ou Centímanos (forma latina) significa “cem mãos” ou “cem braços”. Mais comum que Gies é a forma Giges. Briareu é o nome que lhe dão os deuses, mas os homens o chamam Egéon (*Ilíada*, I, 403). Segundo o filólogo grego Kakridis, este padrão apresentado por Homero significa apenas que o nome dado pelos deuses é o nome mais antigo, e que o nome dado pelos homens é como se o denominava na sua época.

<sup>3</sup> *Kýklos*, “redondo” e *óps*, “olho”. Estes Ciclopes, cujos nomes sugerem, respectivamente, o raio, o relâmpago e o trovão que forjam para Zeus (cf. I 2, 1), são mortais (cf. PSEUDO APOLODORO III 10, 4), e se distinguem dos Ciclopes pastores (cf. *Epítome* 7, 1-8), e dos construtores de muros mencionados por ESTRABON, VIII 11, e pelo próprio PSEUDO APOLODORO (II 2, 1).

<sup>4</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 720-726.

<sup>5</sup> O Hades é o inferno, o mundo subterrâneo habitado pelas sombras dos mortos. O deus que ali reina, Hades, é também chamado de Plutão, nome que alude à riqueza, *plóutos*, pois o Hades é rico de almas!

<sup>6</sup> Em Hesíodo, Geia gera primeiramente os Titãs; depois, os Ciclopes e, em seguida, os Centímanos.

<sup>7</sup> Crono é também, para Hesíodo, *Teog.* 137, o Titã mais jovem. De igual maneira será Zeus, o mais jovem dos crônidas, aquele que derrotou seu pai (cf. I 2, 1). O Pseudo Apolodoro inclui entre as Titânides Dione, que em Hesíodo é uma Oceânide, e no escólio à *Ilíada* XVIII 486 aparece como filha de Atlas.

<sup>8</sup> As Erínias (*Ilíada* IX 571), denominadas eufemisticamente Eumênides, são talvez, por sua origem, as divindades que atormentam os parricidas (cf. *Epítome* 6, 24-5). O Pseudo Apolodoro segue nesta passagem a versão de HESÍODO, *Teog.* 156-190 com relação à sua origem. São representadas como divindades aladas, com serpentes em seus cabelos, portando látigos ou tochas. Sua principal missão é a vingança dos assassinatos, principalmente dos membros da própria família. Os romanos identificavam-nas com as Fúrias.

### *Filhos de Crono e Reia*

Crono, no entanto, acorrentou-os novamente, aprisionando-os no Tártaro, e desposou sua irmã, Reia; e uma vez que Geia e Urano haviam lhe profetizado que seria destituído do poder pelo próprio filho, Crono passou a engolir os filhos que gerava. Engoliu Héstitia, a primeira a nascer, e, em seguida, Deméter e Hera, e depois delas, Plutão e Posídon. Irritada com esses atos, Reia foi para Creta quando se encontrava grávida de Zeus e gerou-o numa caverna do Dicte. Ela o entregou aos Curetes e às Ninfas Adrasteia e Ida, filhas de Melisseu, para que o criassem<sup>9</sup>. E então as Ninfas nutriram a criança com o leite de Amalteia e os Curetes, armados, guardavam o bebê na caverna e entrechocavam seus escudos com as lanças para que Crono não ouvisse a voz do bebê<sup>10</sup>. Reia, no entanto, envolveu uma pedra em cueiros e a deu a Crono para que ele a engolissem como se fosse o seu filho recém-nascido.

### *Titanomaquia. Partilha do mundo*

Quando, porém, Zeus se tornou adulto, tomou Métis, filha de Oceano, como sua auxiliar, a qual deu a Crono uma droga para beber, pela ação da qual ele foi forçado a vomitar primeiro a pedra e depois os filhos que havia engolido<sup>11</sup>. Com eles, Zeus empreendeu uma guerra contra Crono e os Titãs<sup>12</sup>. E quando haviam combatido entre si durante dez anos, Geia profetizou a Zeus que obteria a vitória se tivesse como aliados aqueles que haviam sido precipitados no Tártaro<sup>13</sup>. Ele então matou Campe, a guardiã deles, e os libertou. E os Ciclopes deram a Zeus o trovão, o relâmpago e o raio; a Plutão, o elmo, e a Posídon, o tridente. Munidos com essas armas, os deuses derrotaram os Titãs e, encerrando-os no Tártaro, estabeleceram os Centímanos como seus guardiões. Em seguida, dividiram o poder entre si por meio de um sorteio, e a Zeus coube em partilha a soberania do céu; a Posídon, a do mar, e a Plutão, a do Hades<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> Segundo HESÍODO, *Teog.* 475-485, Zeus teria nascido em Licto, povoado de Creta, e posteriormente foi escondido em uma caverna no monte Egeu. Outras fontes como OVÍDIO, *Fastos* IV 207, e CALÍMACO, *Hinos* I, 51 mencionam o monte Ida, também de Creta, nome que o Pseudo Apolodoro atribui a uma das ninfas que criou Zeus. A escolha de Dicte também aparece em DIODORO, IV 70, que ainda menciona que Zeus fundou uma cidade neste local. Também diferem as versões sobre se Amalteia é nome de outra ninfa, sua ama de leite, ou da cabra. Para VIRGÍLIO, *Geórg.* 153, que também concorda com o Pseudo Apolodoro (Dicte), Amalteia designa as abelhas que fornecem o mel que serve de alimento a Zeus.

<sup>10</sup> Os Curetes são mencionados em lendas muito antigas como um povo que habitava a Etólia antes de terem sido expulsos por Etolo, mas são mais conhecidos como os gênios que acompanharam a infância de Zeus. Na maior parte das vezes, são considerados filhos de Combe e de Soco, e segundo essa versão, seriam provenientes da Eubeia, de onde foram expulsos pelo pai. Eles e a mãe andaram errantes pelo mundo grego. Daí a sua passagem por Creta, pela região de Cnossos, e pela Frígia, onde criaram Dioniso. Combe, a mãe deles, é também conhecida como Cálcis, porque passa por ter inventado as armas de bronze (de *khalkós*, “bronze”). Fora desta tradição, contava-se que os Curetes eram filhos da Terra; ou ainda filhos de Zeus e Hera, de Apolo e da ninfa Dânae. Quanto ao seu número, variavam de dois, nove ou de um número indeterminado, conforme os autores. Há lendas mais obscuras que contam que eles possuíam o dom da profecia, e que revelaram a Minos como poderia restituir a vida a seu filho Glauco. A pedido de Hera, eles fizeram desaparecer Épafo, filho de Io. Zeus, pai de Épafo, indignado, matou os Curetes com o raio, cf. PSEUDO APOLODORO II, 1, 3.

<sup>11</sup> PAUSÂNIAS, X 24, 6, afirma que a pedra se encontrava em Delfos.

<sup>12</sup> De acordo com HESÍODO, Zeus, depois de libertar os Ciclopes (*Teog.* 501-506) e os Centímanos (*Teog.* 624-626), com sua ajuda, empreende a guerra contra Crono e os Titãs. Os crônidas lutam desde o monte Olimpo, e os Titãs, desde o Ótris (*Teog.* 632-634). Segundo HOMERO (*Ilíada* XXI 195-199 e XX 7), Oceano não participa da luta, mas O Pseudo Apolodoro o exclui somente do ataque contra Urano (cf. I 1, 4).

<sup>13</sup> Sobre a atividade profética de Geia (Terra) ver nota 49 do Livro I.

<sup>14</sup> Cf. *Ilíada* XV 187-195; PLATÃO, *Górgias* 523a. Hesíodo não menciona o sorteio do mundo.

### *Descendência dos Titãs*

Os descendentes dos Titãs foram: de Oceano e Tétis, as Oceânides: Ásia, Estige, Electra, Dóris, Eurínome, Anfitrite e Métis<sup>15</sup>; de Ceo e Febe: Astéria e Leto<sup>16</sup>; de Hipérion e Teia: Éos, Hélio e Selene<sup>17</sup>; de Crio e Euríbia, filha de Ponto: Astreu, Palas e Perses<sup>18</sup>; de Jápeto e Ásia<sup>19</sup>: Atlas, que sustenta o céu nos seus ombros, Prometeu, Epimeteu e Menécio, o qual Zeus fulminou com o raio na batalha contra os Titãs e o encerrou no Tártaro. De Crono e Filira nasceu Quíron, centauro de dupla natureza<sup>20</sup>; e de Éos e Astreu: os ventos e os astros<sup>21</sup>; de Perses e Astéria: Hécate<sup>22</sup>; e de Palas e Estige: Nice, Crato, Zelo, e Bias<sup>23</sup>. A água da Estige, que flui de uma pedra no Hades, Zeus a tornou testemunha do juramento, concedendo-lhe essa honra em retribuição por ela e seus filhos haverem combatido ao seu lado contra os Titãs<sup>24</sup>.

### *Descendência de Ponto e Geia*

De Ponto e Geia nasceram Forco, Taumas, Nereu, Euríbia e Ceto<sup>25</sup>. De Taumas e Electra: Íris e as Harpias, a saber, Aelo e Ocípete; e de Fórcis e Ceto: as Fórcides e as Górgonas, sobre as quais falaremos quando tratarmos de Perseu<sup>26</sup>. De Nereu e Dóris, as Nereidas, cujos nomes são: Cimótoe, Espio, Glaucômene, Nausítioe, Hália, Érato, Sao, Anfitritite, Eunice, Tétis, Eulimene, Agave, Eudora, Doto, Ferusa, Galateia, Acteia, Pontomedusa, Hipótoe, Lisianassa, Cimo, Íone, Halimede, Plexaura, Êucrante, Proto, Calipso, Pânope, Cranto, Neómeris, Hipônoe, Ianira, Polínome, Autônoe, Mélita, Dione, Neseia, Dero, Evágora, Psâmata, Eumolpe, Ione, Dinamene, Ceto e Limnória<sup>27</sup>.

### *Filhos de Zeus*

Zeus esposou Hera<sup>28</sup> e engendrou Hebe, Ilitia e Ares, mas se uniu também a numerosas mulheres, mortais e imortais. Com Têmis, filha de Urano, ele gerou filhas, as Horas: Irene, Eunomia e Dice<sup>29</sup>; e também as Moiras: Cloto, Láquesis e Átropos; com Dione gerou Afrodite<sup>30</sup>;

<sup>15</sup> HESÍODO, *Teog.* 343-366, não menciona Anfitrite, dentre as Oceânides, mas sim dentre as Nereidas.

<sup>16</sup> Sobre a descendência de Ceo e Febe, cf. HESÍODO, *Teog.* 404 ss.

<sup>17</sup> Sobre a descendência de Hipérion e Teia, cf. HESÍODO, *Teog.* 371 ss.

<sup>18</sup> Sobre a descendência de Crio e Euríbia, cf. HESÍODO, *Teog.* 375 ss.

<sup>19</sup> Em HESÍODO, *Teog.* 507, a esposa de Jápeto é Clímene.

<sup>20</sup> Quíron é um misto de homem e cavalo, porque Crono, em sua união com Filira, havia tomado a forma de um cavalo para escapar da vigilância de sua esposa Reia (cf. comentário a APOLÔNIO DE RODES II 1231). SÉRVIO, *Comentários às "Geórgicas"* III 93, menciona que ele também transformou Filira em uma égua.

<sup>21</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 378 ss.

<sup>22</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 409 ss. Hécate, segundo outras versões, é filha da Noite, de Zeus ou de Aristeu.

<sup>23</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 404-452. Nice, "vitória"; Cratos, "domínio"; Zelo, "Emulação"; e Bia, "Violência".

<sup>24</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 384-403. Para os juramentos pela água de Estige, cf. *Ilíada* XV 37-8; *Odisseia* v 185-6; *Hino homérico a Apolo* III 85 ss. EPIMÊNIDES, Fragmento 10, afirma que Estige se uniu a Piras com quem teve uma filha, Equidna. Segundo PAUSÂNIAS, VIII 18,4, próximo de Nonácride, na Arcádia, se dava o nome de Estige a uma fonte que brotava de uma rocha; atribuía-se propriedades perniciosas à água.

<sup>25</sup> Sobre a descendência de Ponto (o Mar) e Geia, cf. HESÍODO, *Teog.* 233 ss.

<sup>26</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 2.

<sup>27</sup> A relação das Nereidas está na *Ilíada* VIII 38-49; HESÍODO, *Teog.* 240-264; *Hino homérico a Deméter* (II) 417-423 e VIRGÍLIO, *Geórgicas* IV 334-344, com algumas diferenças em relação aos números e nomes. O Pseudo Apolodoro cita quarenta e cinco; Hesíodo fala de cinquenta, mas enumera cinquenta e dois, o que demonstra a diversidade das tradições, muitas vezes dependentes do capricho individual dos mitógrafos e dos poetas.

<sup>28</sup> Segundo HESÍODO, a primeira esposa de Zeus foi Métis (*Teog.* 866) e a segunda Têmis (*Teog.* 901).

<sup>29</sup> As Horas, filhas de Zeus e Têmis, eram também em número de três: Eunomia ("Boa-ordem"), Dice ("Justiça") e Irene ("Paz"). Primitivamente, eram divindades das estações; mais tarde, com a denominação de "as doze irmãs" passaram a personificar as horas do dia. Os atenienses chamavam-nas de Talo, Auxo e Carpo, nomes que evocam a ideia de brotar, crescer e frutificar. As Horas possuem um duplo aspecto: como divindades da fertilidade, elas presidem o ciclo da natureza; como divindades da ordem (filhas de Têmis, a personificação da Lei), elas asseguram a manutenção da sociedade. Elas são representadas na arte com Pã e Apolo (Paus. VIII, 31, 3, em Megalópolis). As Horas são sempre

com Eurínome, filha de Oceano, gerou as Graças: Aglaia, Eufrosine e Tália; com Estige gerou Perséfone<sup>31</sup>; e com Mnemósine ele gerou as Musas, primeiro Calíope, e depois, Clio, Melpômene, Euterpe, Érato, Terpsícore, Urânia, Tália e Polímnia<sup>32</sup>.

### *Filhos das Musas*

De Calíope e Eagro, ou, nominalmente, de Apolo, nasceu Lino<sup>33</sup>, que foi morto por Héracles, e Orfeu, que era versado na arte da cítara e com suas canções fazia as pedras e as árvores<sup>34</sup> se moverem. Quando Eurídice, sua mulher, morreu devido a uma picada de serpente, ele desceu ao Hades com a intenção de trazê-la de volta e conseguiu persuadir Plutão a enviá-la para a terra<sup>35</sup>. Porém o deus prometeu fazê-lo com a condição de que, durante o percurso, Orfeu não se voltasse para trás antes de estar em sua própria casa. Ele, no entanto, desconfiando, voltou-se para trás e contemplou sua mulher; e então ela regressou ao Hades. Orfeu inventou também os mistérios de Dioniso<sup>36</sup> e foi enterrado na Piéria, após ter sido despedaçado pelas Mênades<sup>37</sup>. Clio se apaixonou por Piero, filho de Magnetes, em consequência da cólera de Afrodite (pois Clio havia censurado a deusa, por ter se apaixonado por Adônis), e unindo-se a Piero gerou-lhe um filho, Hiacinto, por quem Tâmiris, filho de Fílamon e da Ninfa Argíope, se apaixonou, tornando-se, assim, o primeiro homem a enamorar-se por outro homem. No entanto, depois, com um disco<sup>38</sup>, Apolo matou involuntariamente Hiacinto, que era seu amado. Tâmiris, que se distinguia por sua beleza e por suas canções ao som da cítara, competiu com as Musas em uma disputa musical, estabelecendo o trato de que, se fosse reconhecido como o melhor, unir-se-ia a cada uma delas, mas se fosse vencido, elas lho privariam do que quisessem<sup>39</sup>. As Musas foram superiores e o privaram de seus olhos e da arte da cítara. De Euterpe e do rio Estrímon nasceu Reso, que Diomedes matou

---

benévolas para a humanidade: *eúphrones* = I - “de espírito alegre”; II - “propícias, favoráveis”; *polygethées*: “causam grande alegria”; *Od.* XXI, 450; *aletheis*: “verdadeiras”; *Pínd. Fr.* 30, 6.

<sup>30</sup> A jocosa etimologia hesiódica do nome “Afrodite” a partir de *aphrogenés*, “nascida da espuma”, foi igualmente aceita por Anacreonte (54, 13), Platão (*Crátilo*, 406 D) e outros. Em Homero, porém, Afrodite é filha de Zeus e Dione (*Ilíada*, V, 312; e também em alguns poetas posteriores, como, por exemplo, Eurípides, *Helena*, 1098; *Faet. fr.* 781, 15; Teócrito, XVII, 36). Mais tarde, Platão (*Banquete* 181b) aceitou as duas origens, porém considerando-as como duas deusas diferentes: a nascida de Urano (o Céu), Afrodite Urânia ou Celeste, Deusa do amor puro, e a filha de Dione, Afrodite Pandêmia (isto é, a Afrodite Popular), Deusa do amor vulgar. Mas esta é uma interpretação filosófica tardia, estranha aos mitos mais antigos da Deusa, cf. Allen-Halliday-Sikes, p. 373; Grimal, p. 10. Cf. CABRAL, L. A. M., *Os Hinos Homéricos*, Odysseus Editora, São Paulo, 2011, p. 149.

<sup>31</sup> Na versão mais comum, Perséfone é a filha de Deméter; HESÍODO, *Teog.* 912. *Hino homérico a Deméter* (II) 1 ss.; PAUSÂNIAS, VIII 37, 9; HIGINO, *Fábulas* 30. Cf. PSEUDO APOLODORO I 5, 1.

<sup>32</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 75 ss.

<sup>33</sup> Existem diferentes versões do parentesco de Lino. De acordo com HIGINO, *Fáb.* 161 e HESÍODO, *Fr.* 305, ele era filho da Musa Urânia; segundo PAUSÂNIAS, II 18, 8 e I 43, 7, de Apolo e Psâmata, filha de Crotopo; havia sido abandonado e criado por uns pastores. Na *Competição de Homero e Hesíodo* 46 ss., diz-se que Lino nasceu de Apolo e Toosa, a ninfa que, unida a Posídon, gerou Polifemo.

<sup>34</sup> Cf. *Competição de Homero e Hesíodo* 49; APOLÔNIO DE RODES, I 23-4. PAUSÂNIAS, IX 30, 4, afirma que era filho de Calíope. Sobre o poder de Orfeu para mover as pedras e as árvores com seu canto, cf. EURÍPIDES, *Bacantes* 561 ss., *Ifigênia em Áulis* 1211 ss., *Alceste* 357.

<sup>35</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* X 8-85; PAUSÂNIAS, IX 30, 6; VIRGÍLIO, *Geórg.* IV 454 ss.

<sup>36</sup> Cf. EURÍPIDES, *Reso* 943 ss.; PAUSÂNIAS, II 30, 2; IX 30, 4 e X 7, 5. DIODORO, I 23, afirma que os mistérios instituídos na Grécia por Orfeu foram imitados dos mistérios egípcios.

<sup>37</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 30, 5; CONÓN, *Narr.* 45; ERATÓSTENES, *Catasterismos* 24; OVÍDIO, *Met.* XI 1 ss.; VIRGÍLIO, *Geórg.* IV 520 ss.

<sup>38</sup> De acordo com PAUSÂNIAS, III, 1, 3, Hiacinto era filho de Amiclas, não de Ébalo, como citam alguns poetas. Ao causar involuntariamente sua morte, Apolo, consternado, transformou o sangue que jorrava de sua ferida na flor do jacinto, em cujas pétalas um sinal lembraria o lamento do deus: AI AI. (Cf. OVÍDIO, *Met.* X 162-219). Segundo o Mitógrafo Vaticano Segundo, o que está representado na flor é a inicial do jovem (Y). A versão mais comum é a de que Apolo rivalizou com o vento Bóreas ou com o Zéfiro pelo amor de Jacinto. Cf. também LUCIANO, *Diálogo dos deuses* 14; FILÓSTRATO, *Imagens*, 1.

<sup>39</sup> Cf. *Ilíada* II 594-600; EURÍPIDES, *Reso* 915 ss.; HESÍODO, *Fr.* 65.

em Troia<sup>40</sup>; mas conforme dizem alguns, sua mãe havia sido Calíope. De Tália e Apolo nasceram os Coribantes<sup>41</sup>; de Melpômene e Aqueloo, as Sereias, sobre as quais falaremos quando tratarmos a respeito de Odisseu<sup>42</sup>.

### *Hefesto*

Hera, sem união amorosa, gerou Hefesto, mas segundo Homero, ele também foi gerado por Zeus<sup>43</sup>. Zeus o lançou do céu por ele haver socorrido Hera quando essa estava acorrentada, pois Zeus a pendurara no Olimpo por ela ter enviado uma tempestade a Hércules quando cruzava o mar, após a tomada de Troia. Hefesto caiu em Lemnos e ficou com os pés mutilados, Tétis, porém, o salvou<sup>44</sup>.

### *Nascimento de Atena*

Zeus se uniu a Métis, que havia assumido várias formas para tentar escapar do conúbio amoroso, e quando ela ficou grávida, Zeus se apressou a engoli-la, pois [Geia] dizia que, depois da donzela que Métis estava prestes a gerar, ela daria à luz um filho que se tornaria o soberano do céu. Receando isso, Zeus a engoliu<sup>45</sup>. E quando o tempo do nascimento estava iminente, Prometeu, ou como dizem outros, Hefesto, golpeou-lhe a cabeça com um machado, e Atena, completamente armada, saltou do topo de sua cabeça, às margens do rio Trítion<sup>46</sup>.

### *Filhos de Zeus e Leto: Ártemis e Apolo. Morte de Pítion e Tício.*

Dentre as filhas de Ceo, Astéria, metamorfoseada em codorniz, lançou-se ao mar para escapar do enlace amoroso com Zeus; e a cidade, que antes se chamava Astéria, devido ao seu nome, depois passou a se chamar Delos. Leto, por haver se unido a Zeus, foi perseguida por Hera por toda a terra até chegar a Delos, onde deu à luz primeiramente a Ártemis e depois, tendo essa última como sua parteira, a Apolo<sup>47</sup>.

<sup>40</sup> EURÍPIDES, *Reso*; *Iliada* X 474 ss. Segundo Eurípides, Reso é filho de Estrímon e de uma Musa, cujo nome não identifica.

<sup>41</sup> Os Coribantes são associados e, por vezes, identificados com os Curetes em ESTRABON, X 3, 12; serventes ou ministros míticos de Cíbele, a Grande Mãe (PÍNDARO, *Pít.*, III 77), identificada com a Titânide Reia. Sabázio é filho de Cíbele e é identificado tardiamente com Baco, já implicitamente em EURÍPIDES, *Fr.* 586, e no PSEUDO APOLODORO, III 5, 1. Em EURÍPIDES, *Bacantes* 123-134, os Coribantes inventam o tambor e entregaram-no a Reia com o aulo.

<sup>42</sup> Cf. *Epítome* 7, 18-19.

<sup>43</sup> *Iliada* I 571-8; 577-8; cf. HESÍODO, *Teog.* 927-8.

<sup>44</sup> Cf. *Hino homérico a Apolo* (III) 316 ss.; *Iliada* XVIII 395-6; PSEUDO APOLODORO, II 7, 1.

<sup>45</sup> De acordo com HESÍODO, *Teog.* 886 ss., Zeus engoliu Métis aconselhado por Geia e Urano.

<sup>46</sup> Para o nascimento de Atena, cf. HESÍODO, *Teog.* 924; EURÍPIDES, *Íon* 455-457. Segundo este último, foi Prometeu que abriu a cabeça de Zeus; por sua vez, segundo PÍNDARO, *Olimp.* VII 35, 66-70, o autor da machadada foi Hefesto. Cf. também HESÍODO, *Fr.* 343, 11-2. Do rio Trítion, que costumava ser localizado no norte da África (cf. PAUSÂNIAS, IX 33, 7; APOLÔNIO DE RODES, I 109), proviria o sobrenome de Tritogênia que se atribui Atena: a forma *Tritogênês* é pós-homérica (*Tritogêneia*). Segundo os antigos, o sentido seria: “nascida perto do lago Trítionis”, na Líbia (Eurípides, *Íon*, 872); ou “perto do lago Trítion”, da Beócia (Pausânias, IX, 33, 8); ou “perto da fonte Trítionis”, da Arcádia (Pausânias, VIII, 26, 6). O escoliasta da *Iliada*, VIII, 39, explica o epíteto pelo nascimento de Atena no terceiro dia (*trítos*) do mês *Hecatobaión* (julho-agosto). Viu-se ainda uma alusão ao seu nascimento da cabeça de Zeus (*tritú*, vocábulo eólico para *kephalé*, “cabeça”). Atualmente, a hipótese mais difundida é a de P. Kretschmer (“Glotta”, X, 1919-1920, pp. 38-45; v. também W. Pötscher, in “Gymnasium”, LXX, 1963, pp. 529-30), em que o numeral *trítos*, que aparece em alguns termos compostos tem um valor aumentativo ou intensificativo; desse modo, “Tritogênia” significa “a verdadeira filha” (de Zeus). Como ocorre com outros epítetos (cf. “Argifonte”, no *Hino a Hermes*, e “Enosígeo”, *Hino a Posídon*), optamos por mantê-lo na sua acepção original, deixando sua interpretação em aberto. Cf. Cf. CABRAL, L. A. M., *Os Hinos Homéricos*, Odysseus Editora, São Paulo, 2011, p. 210-1.

<sup>47</sup> Cf. *Hino homérico a Apolo* (III). CALÍMACO, *Hino a Delos* 14-130, conta que, quando Leto estava grávida, nenhum lugar do céu ou da terra a acolheu para o parto, e somente Delos, ilha errante até então, que aparentemente não temia

Ártemis, dedicando-se à caça, permaneceu virgem, enquanto Apolo, após aprender a arte divinatória com Pã, filho de Zeus e Tímbris<sup>48</sup>, foi para Delfos, onde Têmis pronunciava os oráculos naquele tempo. No entanto, como a serpente Píton guardava o oráculo e o impedia de se aproximar da fenda, Apolo a exterminou e se apossou do oráculo<sup>49</sup>. Não muito tempo depois, Apolo também matou Tício, que era filho de Zeus e Elare, filha de Orcômeno<sup>50</sup>; a qual Zeus, após tê-la seduzido, com receio de Hera, a ocultou sob a terra e trouxe à luz o filho que ela trazia no ventre, Tício, de estatura descomunal. Esse, tendo avistado Leto quando ela ia para Pito, foi tomado pelo desejo e agarrou-a. Porém ela clamou por seus filhos e eles o abateram a flechadas. Mas Tício continua sendo punido mesmo após sua morte; pois os abutres ainda lhe devoram o coração no Hades.

### *Apolo e Mársias*

Apolo também matou Mársias, filho de Olimpo. Pois que Mársias, tendo encontrado o aulo\* que Atena havia jogado fora por lhe desfigurar a face, desafiou Apolo para uma competição de música. Ambos combinaram entre si que aquele que vencesse faria o que quisesse com o vencido, e quando ocorreu a prova, Apolo competiu com a cítara invertida e ordenou a Mársias que fizesse o mesmo. Uma vez que Mársias não foi capaz de fazê-lo, Apolo foi julgado superior e, tendo pendurado Mársias num elevado pinheiro, arrancou-lhe a pele e assim o matou<sup>51</sup>.

---

tanto a Hera, a acolheu; em troca, Leto concedeu que a ilha permanecesse fixa. O *Hino homérico* distingue Delos, lugar de nascimento de Apolo, de Ortígia, que teria sido aquele de Ártemis. ESTRABON, X 5, 5, identifica Ortígia com uma pequena ilha próxima a Delos chamado Renía. A assistência de Ártemis à sua mãe no parto de Apolo fundamenta a ideia de que ela auxilia nos partos. Cf. CABRAL, L. A. M. *O Hino Homérico a Apolo*, Ateliê-UNICAMP, 2004, pg. 176-7.

<sup>48</sup> Este Pã parece ser um adivinho diferente de Pã, deus pastoril da Arcádia, de quem se dão outras genealogias, entre elas, filho de Penélope e Hermes (cf. *Epítome* 7, 38 e comentário a TEÓCRITO, VII 109); de Penélope e Odisseu (comentário a TEÓCRITO, I, 123); de Penélope e Apolo (comentário a EURÍPIDES, *Reso* 36); de Hermes e Dríope, filha do rei Dríope, no *Hino homérico a Pã* (XIX) 34. Cf. CABRAL, L. A. M., *Os Hinos Homéricos*, Odysseus Editora, São Paulo, 2011, p. 192.

<sup>49</sup> A serpente Píton exercia funções proféticas na base do Parnaso, talvez como sucessora da Titânide Têmis (OVÍDIO, *Met.* I 321, 379). Segundo ÊSQUILO, *Eumênides* 1-8, a linha sucessória do oráculo havia sido: Geia, Têmis, Febe e Apolo; segundo EURÍPIDES, *Ifigênia em Táuris* 1259-1282; Têmis e Apolo. A serpente era guardiã do oráculo de Têmis, como afirma o Pseudo Apolodoro, ou do oráculo de Geia (PAUSÂNIAS, X 6, 5). Supõe-se, comumente, que a serpente representa um antigo culto pítico substituído pelo culto apolíneo. A suposição, no entanto, não se baseia em nenhuma evidência. A sucessão dos cultos que precedem o de Apolo, em Delfos, surge primeiro no século V a. C. (Êsquilo, *Eum.* I; Eurípides, *op. cit.*, 1245). O oráculo pertencia originariamente a Geia, depois passou para Têmis e desta para Febe e somente depois para Apolo. Tudo isso, observam Allen-Halliday-Sikes, tem muito mais o aspecto de uma especulação teológica que o de uma tradição autêntica e o nosso *Hino* - a evidência mais antiga a respeito da fundação do oráculo - nada sabe a esse respeito. Que a serpente fosse de algum modo “oracular” ou uma “representante da deusa Terra” ou uma “guardiã do oráculo”, não passam de modernas especulações baseadas em analogia de relevância duvidosa. Em nosso relato\* (a mais simples e, provavelmente, a forma original da estória), a anônima serpente é a guardiã da fonte e a narrativa (tal como a da serpente que foi morta por Cadmo, cf. Eur. *Fen.* 657, 931; Ap. *Rod.* III, 1180; Plut. *De Fluv.* II, I) pertence a um gênero muito comum, na Grécia e em outros lugares. Cf. CABRAL, L. A. M., *O Hino Homérico a Apolo*, Ateliê-UNICAMP, São Paulo, 2004, p. 267.U

<sup>50</sup> Cf. *Odisseia* XV 576 ss.; APOLÔNIO DE RODES, I 761-2, OVÍDIO, *Met.* IV 457-8; VIRGÍLIO, *En.* VI 595-6; HORÁCIO, *Odes* II 14, 8; III 4, 77 ss.; HIGINO, *Fáb.* 55.

\* Aulo: Segundo, o Prof. Dr. Roosevelt Rocha, em *Uma introdução à teoria musical na Antiguidade* (Via Litterae, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 138-164, jul./dez. 2009), o aulo era um instrumento de sopro “composto de um tubo (bombyx), feito de junco, madeira, marfim, chifre, osso de cervo ou bronze, cortado em seções cilíndricas inseridas umas nas outras com quatro ou cinco furos (trypemata), sendo que o segundo estava na parte de baixo do tubo. O aulo tinha ainda uma ou duas palhetas (glossai ou glottides) no bocal e isso é que produzia seu som penetrante e estrondoso”. Ele também nos lembra de que essa história de Atena “sugere que o aulo pode ter tido uma origem grega, assim como Sotérico, no tratado *Sobre a Música*, de Plutarco (capítulo 14, 1135E- 1136B), diz que toda música vem de Apolo, inclusive a aulética. O mais provável é que o aulo já fosse um instrumento comum na Grécia desde tempos remotos e que a arte da aulética tenha evoluído muito por causa da influência de músicos de origem frígia. O aulo estava presente em diferentes situações do cotidiano dos antigos helenos”.

<sup>51</sup> PAUSÂNIAS, I 24, 1, menciona que na Acrópole de Atenas havia um grupo escultórico que representava Atena golpeando Mársias por este ter recolhido os aulos que ela havia jogado. Os aulos foram dedicados ao templo de Apolo em Corinto (PAUSÂNIAS, II 7, 9). Sobre a competição entre Atena e Mársias, cf. OVÍDIO, *Met.* VI 382 ss; HIGINO,

## Oríon

Ártemis matou Oríon em Delos<sup>52</sup>. Diziam que ele havia nascido da terra e que tinha uma estatura colossal. Ferécides, no entanto, afirma que ele era filho de Posídon e de Euríale. Posídon lhe deu o dom de caminhar sobre o mar<sup>53</sup>. Oríon teve Side como sua primeira mulher, a qual Hera arrojou ao Hades por ter se rivalizado com ela em beleza. Em seguida, ele foi para Quios e cortejou Mérope, a filha de Enópion. Mas Enópion, após embriagá-lo, o cegou enquanto dormia e o lançou à praia. Oríon, porém, foi à forja de Hefesto, pegou um escravo e, colocando-o sobre seus ombros, ordenou que conduzisse seus passos em direção ao Oriente. Lá chegando, ele recuperou a visão, curado pelos raios do sol, e partiu a toda pressa contra Enópion. Posídon, no entanto, preparou para Enópion uma casa embaixo da terra, construída por Hefesto; e Éos, tendo se apaixonado por Oríon, arrebatou-o e levou-o para Delos, pois Afrodite fizera com que Éos estivesse sempre apaixonada por alguém, por ela haver partilhado o leito com Ares. Oríon, no entanto, conforme dizem alguns, foi morto por ter desafiado Ártemis para uma competição de arremesso de disco; conforme outros, foi abatido a flechadas por Ártemis por haver tentado violentar Ópis, uma das virgens que tinham vindo do país dos Hiperbóreos<sup>54</sup>.

## Filhos de Posídon e Anfitrite

Posídon esposou Anfitrite, [filha de Oceano], e ela lhe gerou Trítón<sup>55</sup> e Rode<sup>56</sup>, a qual Hélio tomou como esposa.

## Plutão e Perséfone. Deméter em Elêusis: Triptólemo

Plutão se apaixonou por Perséfone e, tendo Zeus como cúmplice, arrebatou-a as ocultas. Deméter, a mãe de Perséfone, vagava noite e dia por toda a terra à sua procura; quando ficou sabendo por intermédio dos habitantes de Hermíone que Plutão a havia arrebatado, se encolerizou com os deuses e abandonou o céu, e tendo assumido as feições de uma mulher, foi para Elêusis<sup>57</sup>. Primeiro, ela se sentou sobre uma pedra que ela denominou *Agélaston*, junto a uma fonte chamada

---

*Fáb.* 165. HERÓDOTO, por sua vez, falando da cidade de Celenas, na Frigia interior, diz o seguinte: “naquela ágora está dependurada, na forma de odre, a pele de Mársias, de quem, segundo contam os frígios, Apolo arrancou e dependurou a pele”. (VII, 26).

<sup>52</sup> Cf. *Odisseia* V 121-124; HORÁCIO, *Odes* 4, 70 ss. A versão mais difundida sobre a morte de Oríon é que ele tentou violentar Ártemis. Ela, então, fez surgir um escorpião que o matou. Depois, os deuses metamorfosearam a ambos em constelações. Segundo ERATÓSTENES, *Catast.* 32, foi a Terra quem fez surgir o escorpião.

<sup>53</sup> Cf. ERATÓSTENES, *Catast.* 32; HIGINO, *Astr.* II 34; VIRGÍLIO, *En.* X 763-4.

<sup>54</sup> Os Hiperbóreos, que não são mencionados por Homero, aparecem pela primeira vez em Hesíodo, *fr.* 209 e nos *Epígonos*, *fr.* 3, depois em Alceu, *fr.* 2, Aristeias, *fr.* 5, 6, 7 e Píndaro, *Olímpicas*, III, onde eles são localizados na foz do rio Danúbio. Os historiadores também os levaram em consideração. A etimologia e o significado do nome ainda são obscuros. É possível que a derivação grega seja a partir de *Boréas* (*hoí hypèr tôn oikoûsi tôn Boréan*: “os que habitam além do vento Norte”, Pausânias, VII, 7). Trata-se de um povo mítico que os helenos julgavam desfrutar uma vida paradisíaca no longínquo e inatingível Norte, composto de adoradores de Apolo, o qual, segundo a tradição, passava junto deles os três meses de inverno. A cada dezenove anos, após os astros terem efetuado uma revolução completa retornando à mesma posição inicial, Apolo regressava ao país dos Hiperbóreos e todas as noites, entre o equinócio da Primavera e os nascer das Plêiades, aí o ouviam cantar os seus próprios hinos, acompanhando-se à lira. A lenda fazia derivar dos fundadores Hiperbóreos certo número de práticas do culto apolíneo, cf. CABRAL, L. A. M., 2011, p. 160-2.

<sup>55</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 930-933.

<sup>56</sup> A forma mais comum é Rodo; trata-se de uma personificação da ilha de Rodes.

<sup>57</sup> O rapto de Perséfone por Plutão está amplamente relatado no *Hino homérico a Deméter* (II); também em OVÍDIO, *Met.* V 343-671 e 642-661; id. *Fastos* IV 419-618. No *Hino homérico*, o rapto se dá na planície de Nísia; em outros relatos, na Sicília. Deméter é quem descobre o rapto no *Hino* e nos *Fastos*; a ninfa Cíane, nas *Metamorfoses*. PAUSÂNIAS, II 35, 4-8 e 10, narra que em Hermíone existia um templo dedicado a Deméter Ctônia (a Terrígena) e uma fenda que servia de acesso ao Inferno, por onde Hércules, juntamente com Cérbero, haviam subido.

*Calícoron*<sup>58</sup>; em seguida, foi à casa de Céleo, que, naquela época, era o rei dos eleusinos<sup>59</sup>; lá dentro havia mulheres que lhe disseram para se sentar junto delas, e uma anciã, Iambe, com seus gracejos, fez a deusa sorrir<sup>60</sup>. E é por esse motivo, dizem, que as mulheres fazem gracejos entre si nas Tesmofórias.

Uma vez que Céleo e sua mulher, Metanira, tinham um filho, Deméter assumiu o encargo de criá-lo e, desejando torná-lo imortal, à noite expunha o bebê ao fogo, suprimindo-lhe a carne mortal. Como Demofonte (pois esse era o nome do bebê), crescia extraordinariamente a cada dia, Metanira pôs-se a espreitá-la e, surpreendendo-a no momento em que ele era ocultado no fogo, gritou. Por causa disso, o bebê foi consumido pelo fogo e a deusa se revelou<sup>61</sup>. Mas para Triptólemo<sup>62</sup>, o filho mais velho de Metanira, Deméter construiu um carro atrelado a dragões alados e lhe deu o trigo, o qual ele semeava por toda terra habitada, percorrendo a abóbada celeste. Paníasis, no entanto, afirma que Triptólemo era filho de Eleusino, pois ele diz que Deméter foi até ele. Ferécides, porém, afirma que ele era filho de Oceano e Geia.

### *Ascálafo*

Quando Zeus ordenou a Plutão que enviasse a Moça<sup>63</sup> de volta, esse lhe deu uma semente de romã para comer, a fim de que ela não permanecesse muito tempo com a mãe. E ela, não prevendo o que lhe aconteceria, a comeu. E pelo fato de Ascálafo, filho de Aqueronte e Gorgira<sup>64</sup>, haver testemunhado contra Perséfone, Deméter colocou uma pesada pedra sobre ele, no Hades, ao passo que Perséfone foi forçada a permanecer um terço do ano com Plutão e o restante do tempo junto aos deuses.

### *Gigantomaquia*

Sobre Deméter, portanto, são contados esses relatos. Geia, no entanto, agastada a respeito dos Titãs, gerou com Urano os Gigantes<sup>65</sup>, insuperáveis na estatura dos corpos e invencíveis em força, os quais se mostravam pavorosos no aspecto, com longos cabelos pendendo de suas cabeças e barba, e pés recobertos por escamas de dragão. Eles haviam nascido, como dizem alguns, em Flegres<sup>66</sup>, segundo outros, em Palene. E arremessavam pedras e carvalhos incandescentes contra o céu. Distinguiam-se dentre todos Porfírio e Alcioneu, o qual era de fato imortal enquanto combatia na terra em que havia nascido. Ele também conduzira os bois de Hélio da Erítia. Havia um oráculo para os deuses de que nenhum dos Gigantes poderia ser morto pelos deuses, mas se esses se

<sup>58</sup> *Agélaston*, “sem sorriso”; *Calícoron*, “da bela dança”. Segundo PAUSÂNIAS, I 38, 6 e 39, 1, Deméter havia se sentado junto a outro poço chamado “poço florido”; no *Hino homérico a Deméter* (II), fala-se do “Partênio” ou “poço da moça”.

<sup>59</sup> Em OVÍDIO, *Fastos* IV 507-528, Céleo é um camponês.

<sup>60</sup> Cf. *Hino homérico a Deméter* (II) 194-206.

<sup>61</sup> OVÍDIO e o *Hino homérico a Deméter* II coincidem com o PSEUDO APOLODORO quanto ao fim do menino, mas não quanto à pessoa que interrompe Deméter em seu rito; ambos dizem que foi a mãe da criança que gritou; nenhum deles menciona Praxíteia.

<sup>62</sup> Sobre o parentesco de Triptólemo existem outras versões: cf. PAUSÂNIAS, I 14, 2; VIII 38, 7; HIGINO, *Fáb.* 145; VIRGÍLIO, *Geórg.* I 19.

<sup>63</sup> Core, “a Moça”, nome que também se dá a Perséfone. A romã, pela quantidade de sementes contidas em seu fruto, é símbolo de fecundidade, mas também do mundo após a morte (além-túmulo); diz-se que cresce sobre o túmulo dos heróis. Foi essa pesada pedra que a deusa Deméter colocou sobre Ascálafo que Héacles deslocou quando desceu ao Hades. E depois desse castigo, a deusa tê-lo-ia transformado em coruja.

<sup>64</sup> Cf. II 5, 12, OVÍDIO, *Met.* V 538 ss., afirma que Ascálafo era filho de Orfne, ninfa do Inferno. Cf., também, VIRGÍLIO, *Geórg.* I 39; *id.*, *Eneida*, IV 462.

<sup>65</sup> HESÍODO não menciona a Gigantomaquia. Afirma (*Teog.* 183 ss.) que os Gigantes haviam nascido das gotas do sangue derramado quando Crono mutilou seu pai; também em OVÍDIO, *Met.* I 150 ss.; HORÁCIO, *Odes* III 4, 49-50.

<sup>66</sup> Flegra, segundo ESTÊVÃO DE BIZÂNCIO, é o nome mítico de Palene e não de território distinto como parece pensar O Pseudo Apolodoro. Segundo PAUSÂNIAS, VIII 29, 1, para os arcádios a Gigantomaquia teve como cenário a bacia do Alfeu.

aliassem a um mortal, eles os exterminariam<sup>67</sup>. Ao saber disso, Geia se pôs à procura de uma planta medicinal para que os Gigantes não pudessem ser destruídos nem mesmo por um mortal. Contudo, Zeus proibiu que Éos, Hélios e Selene brilhassem, e então ele próprio foi o primeiro a cortar a planta, e, por intermédio de Atena, chamou Hércules como seu aliado. Hércules atingiu com uma flecha primeiro a Alcioneu, mas toda vez que o Gigante caía ao solo, revigorava-se ainda mais. Contudo, a conselho de Atena, Hércules o arrastou para fora de Palene e desse modo o matou. Porfírio, no entanto, lançou-se ao combate contra Hércules e Hera, pois Zeus havia lhe inculcido o desejo por Hera, a qual, no momento em que ele lhe rasgara o peplo, na intenção de violentá-la, clamou por socorro; e depois que Zeus o fulminou com o raio, Hércules o matou a flechadas. Dentre os que restaram, Apolo atingiu com uma flecha o olho esquerdo de Efialtes, e Hércules, o direito; Dioniso, com o tirso, matou Êurito; Clíto foi morto por Hécate, com tochas, ou antes, por Hefesto, que lhe lançou projéteis de ferro incandescente<sup>68</sup>.

No instante em que Encélado se punha a fugir, Atena lançou contra ele a ilha da Sicília<sup>69</sup>, e, tendo arrancado a pele de Palas, com ela recobriu seu próprio corpo durante o combate<sup>70</sup>. Polibotes foi perseguido pelo mar por Posídon e foi para ilha de Cós; e Posídon, após ter quebrado uma parte da ilha, que passou a ser denominada Nisiro, lançou-a contra ele. Hermes, portando o elmo de Hades durante o combate<sup>71</sup>, matou Hipólito. Ártemis matou Gratíon e as Moiras mataram Ágrio e Toas, que combatiam com clavas de bronze. Zeus matou os outros Gigantes, fulminando-os com raios, e em todos eles Hércules desferiu suas flechas no instante em que agonizavam.

### *Tífon*

Assim que os deuses dominaram os Gigantes, Geia ficou ainda mais irritada; uniu-se a Tártaro e na Cilícia gerou Tífon, que tinha uma natureza mista de homem e fera<sup>72</sup>. Ele superava em tamanho e força a todos os seres que haviam nascido de Geia. Da cintura para cima tinha a forma de um homem de tamanho tão desmesurado que sobrepujava todas as montanhas e muitas vezes sua cabeça roçava os astros; uma de suas mãos, quando estendida, alcançava o poente, e a outra, o nascente, e a partir delas projetavam-se cem cabeças de dragão. Da cintura para baixo era dotado de estupendas espirais de serpentes, que, ao se desenrolarem, estendiam-se até a sua cabeça, emitindo um silvo intenso. Todo o seu corpo era recoberto de asas, de sua cabeça e mento flutuavam ao vento os ríspidos cabelos, e lançava um olhar de fogo. Tal, portanto, era Tífon, e tal a sua grandeza, e lançando pedras incandescentes contra o próprio céu, avançava na sua direção, emitindo silvos e urros, e expelia pela boca um gigantesco turbilhão de fogo. Assim que os deuses o viram se arrojar contra o céu, puseram-se em fuga para o Egito e, ao serem perseguidos, transmudaram suas formas nas de animais<sup>73</sup>. Zeus, enquanto Tífon se mantinha à distância, fulminava-o com seus raios; quando, porém, ele se aproximava, golpeava-o com uma foice adamantina, e, no momento em que Tífon passou a fugir, perseguiu-o até o monte Cássio, que se encontra na parte superior da Síria. Aí, vendo que o havia ferido, Zeus agarrou-o com suas mãos. Mas Tífon enrodilhou-o nas suas espirais

<sup>67</sup> Em comentário a PÍNDARO, *Nem.* I 101, dois semideuses deveriam ajudar os deuses a obterem a vitória, condição que se cumpre com a presença de Hércules e Dioniso.

<sup>68</sup> Segundo PÍNDARO, *Pít.* VIII 12 e 17-18, Apolo flechou Porfírio, e não Hércules; e, segundo EURÍPIDES, *Íon* 216-7, Zeus, com seu raio, matou Mimas; mas, segundo APOLÔNIO DE RODES, III 1226-7, foi Ares quem o matou.

<sup>69</sup> Cf. VIRGÍLIO, *En.* III 578; EURÍPIDES, *Íon* 209-210.

<sup>70</sup> O gigante Palas é considerado por alguns (TZETZES, *Escólios a Licofron* 355; CICERO, *De nat. deor.* III 23, 59) pai de Atena. Ela o matou devido ao fato de ele ter tentado violentá-la; com sua pele fabricou a égide, e colocou as asas que Palas possuía em seus próprios pés.

<sup>71</sup> O casco de Hades tornava invisível aquele que o possuísse. Cf. HESÍODO, *Escudo* 226-7; *Ilíada* V 844-5.

<sup>72</sup> Tífon ou Tifoeu é o mais jovem dos filhos de Geia (cf. HESÍODO, *Teog.* 820-880); no entanto, no *Hino homérico a Apolo* (III), 306-355, sem pai, tem-se Hera como sua mãe. Um verso hesiódico, cuja autenticidade é discutida (cf. M. L. West, nota a *Teog.* 822), dá-lhe também um pai, Tártaro. Segundo Bailly, esse “demônio dos vulcões” é de origem oriental, cf. *Typhó* (“fazer fumaça”), *Typhôn, ônos* (“turbilhão de vento, furacão, tromba d’água, tufão”) CABRAL, L. A. M., *O Hino Homérico a Apolo*, São Paulo, Ateliê-UNICAMP, 2004, pg. 273.

<sup>73</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* V 321-331; ANTONINO LIBERAL, 28; HIGINO, *Fáb.* 152.

e o conteve, e tomando-lhe a foice, cortou-lhe os nervos das mãos e dos pés; em seguida, ergueu-o sobre seus ombros, transportou-o pelo mar para Cilícia e, dirigindo-se ao antro Corício, aí o colocou. Do mesmo modo, tendo também escondido os nervos de Zeus em uma pele de urso, ali os depositou e colocou a serpente Delfine como sua guardiã, que era, ela própria, uma donzela semifera. Hermes e Egipã, no entanto, roubaram os nervos e os recolocaram em Zeus, sem que Tífon percebesse. Tendo recuperado sua força, Zeus irrompeu subitamente no céu sobre um carro atrelado a cavalos alados, e fulminando Tífon com seus raios, perseguiu-o até o monte denominado Nisa, onde as Moiras enganaram o fugitivo, pois o persuadiram de que ficaria ainda mais forte se provasse dos frutos efêmeros. Por esse motivo, ao ser novamente perseguido, Tífon foi para a Trácia, e combatendo em torno do monte Hemo, arremessava montanhas inteiras. Mas visto que essas eram repelidas sobre ele pela força do raio de Zeus, seu sangue transbordou abundantemente sobre o monte, e eles afirmam que, por esse motivo, o monte foi denominado Hemo<sup>74</sup>. E quando Tífon pôs-se a fugir através do mar da Sicília, Zeus lançou sobre ele o monte Etna, da Sicília<sup>75</sup>. Esse é imenso, e dizem que até hoje as suas exalações de fogo são provenientes dos raios que lhe foram lançados por Zeus. Sobre esse assunto, portanto, basta o que dissemos até aqui.

#### DESCENDÊNCIA DE DEUCALION

##### *Prometeu*

Prometeu, tendo plasmado os homens a partir da água e da terra<sup>76</sup>, deu-lhes também o fogo, às ocultas de Zeus, depois de havê-lo escondido numa fêrula<sup>77</sup>. Quando Zeus percebeu, ordenou a Hefesto que lhe cravasse o corpo no monte Cáucaso; esse é um monte da Cítia. Aí, portanto, tendo sido encravado, Prometeu foi mantido agrilhado por grande número de anos, e a cada dia uma águia, sobrevoando-lhe, devorava os lóbulos do seu fígado, que voltava a crescer durante a noite. Prometeu recebeu essa punição por haver roubado o fogo, até que Hércules posteriormente o libertasse, como iremos mostrar nos relatos referentes a Hércules<sup>78</sup>.

##### *Deucalion e Pirra: o dilúvio*

O filho de Prometeu foi Deucalion. Ele reinou sobre a região da Ftia e desposou Pirra, filha de Epimeteu e Pandora, a qual foi a primeira mulher que os deuses plasmaram<sup>79</sup>. E quando Zeus desejou aniquilar a raça de bronze<sup>80</sup>, Deucalion, a conselho de Prometeu, construiu uma arca, e depois abastecê-la de provisões, embarcou nela com Pirra. Zeus, porém, tendo vertido do céu<sup>81</sup> uma chuva torrencial, inundou a maior parte da Hélade, a ponto de aniquilar todos os homens, com exceção de uns poucos que se refugiaram nas altas montanhas vizinhas<sup>82</sup>. E então as montanhas da Tessália se fenderam e todas as regiões fora do Istmo e do Peloponeso foram inundadas. Deucalion, no entanto, dentro da arca, após ter sido transportado pelo mar por nove dias e nove noites, aportou

<sup>74</sup> De *haîma*, “sangue”.

<sup>75</sup> Cf. ÉSQUILO, *Prometeu* 351 ss.; PÍNDARO, *Pít.* I 15 ss.; OVÍDIO, *Met.* V 352-3; id. *Fastos* 491-2.

<sup>76</sup> Sobre a criação dos homens por Prometeu, cf. PAUSÂNIAS, X4, 4; OVÍDIO, *Met.* I 82 ss. Como benfeitor dos homens em HESÍODO, *Teog.* 510 ss.; id. *Trabalhos e os dias* 48 ss.; ÉSQUILO, *Prometeu*. Cf. também o Apêndice III de FRAZER “Mitos da origem do fogo”, em sua edição do Pseudo Apolodoro (v. II, p. 326-350).

<sup>77</sup> A *ferula comunis* ou funcho é uma planta umbelífera, cujo largo talo possui uma polpa branca e seca. Nela, o fogo arde sem se apagar. Era usada para trasladar o fogo de um lugar a outro.

<sup>78</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 5, 4.

<sup>79</sup> A criação da primeira mulher está descrita em HESÍODO, *Teog.* 600-612; id. *Os trabalhos e os dias* 60 ss. Em ambas as obras, é Hefesto aquele que fabrica a Pandora a partir do barro, dotando-a de voz e de vigor humanos. Atena, Afrodite, as Graças, as Horas, Pito (Persuasão) e Hermes a enfeitam. Chamam-na Pandora, porque “todos os deuses lhe deram seus presentes”, ou, segundo outra interpretação, porque “todos os deuses deram-na de presente para o homem”.

<sup>80</sup> Para destruir os filhos de Licáon, segundo III 8, 2.

<sup>81</sup> Sobre o dilúvio como tema da mitologia universal, cf. FAZER, J. G. *El Folklore...*, cap. IV.

<sup>82</sup> Segundo OVÍDIO, *Met.* I 325-6, e HIGINO, *Fáb.* 153, só se salvaram Deucalion e Pirra.

no Parnaso<sup>83</sup> e aí, quando as chuvas cessaram, desembarcou e sacrificou a Zeus Fíxios<sup>84</sup>. Zeus lhe enviou Hermes e lhe concedeu escolher o que quisesse, e ele escolheu ter pessoas. Zeus então lhe disse para pegar pedras e lançá-las por cima de sua cabeça, e as pedras que Deucalion lançava tornavam-se homens, e as de Pirra, mulheres. Daí a denominação metafórica para “povo” (*laós*), proveniente de “pedra” (*lâas*).

#### *Descendência de Deucalion e Pirra. Filhos de Hélen. Filhos de Éolo*

Deucalion teve dois filhos com Pirra; o primeiro foi Heleno, que alguns dizem haver nascido de Zeus; o segundo foi Anfíction, que reinou sobre a Ática depois de Crânao, e uma filha, Protogênia, a qual, com Zeus, gerou Étlio. De Heleno e da Ninfa Órsis nasceram Doro, Xuto e Éolo<sup>85</sup>. O próprio Heleno atribuiu o nome<sup>86</sup> de helenos aos que são chamados de gregos e dividiu o território entre seus filhos. Xuto recebeu o Peloponeso e com Creúsa, filha de Erecteu, gerou Acaio e Íon, dos quais os aqueus e jônios derivaram seus nomes; Doro recebeu o território fora do Peloponeso e ele próprio denominou seus habitantes de dórios. Éolo, que reinava na região da Tessália, denominou seus habitantes de eólios, e tendo esposado Enarete, filha de Dímaco, gerou sete filhos: Creteu, Sísifo, Átamas, Salmoneu, Díon, Magnes, Perieres; e cinco filhas: Cânace, Alcíone, Pisídice, Cálice, Perimede. De Perimede e Aqueloo nasceram Hipodamas e Orestes; de Pisídice e Mirmídon, Antifo e Áctor. Alcíone foi desposada por Céix, filho de Eósforo. Esses foram destruídos por sua soberba; pois Céix dizia que sua mulher era Hera, e Alcíone, que seu marido era Zeus. Zeus, porém, transformou-os em pássaros: ela, em um alcíone, ele, em uma gaiivota<sup>87</sup>.

#### *Cânace. Os Alóadas*

Cânace gerou de Posídon Hoppleu, Nireu, Epopeu, Aloeu e Tríope. Aloeu esposou Ifimedia, filha de Tríope, a qual, tendo se apaixonado por Posídon, ia ao mar com frequência, recolhia a água das ondas com as mãos e a espargia em seu regaço. Tendo se unido a ela, Posídon lhe gerou dois filhos: Oto e Efialtes, os chamados Alóadas. Estes cresciam a cada ano um côvado de largura e uma braça de altura. Quando estavam com nove anos de idade e tinham nove côvados de largura e nove braças de altura, decidiram combater os deuses; colocaram então o Ossa sobre o Olimpo e o Pélion sobre o Ossa, e por meio dessas montanhas, ameaçavam subir ao céu e diziam que, terraplenando o mar com as montanhas, torná-lo-iam terra firme, e a terra, mar. Efialtes almejava esposar Hera, e

<sup>83</sup> No Etna, segundo HIGINO, *Fáb.* 153; no Ótris, segundo HELÂNICO, escólio a PÍNDARO, *Olímp.* IX 64.

<sup>84</sup> “Protetor da fuga”.

<sup>85</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VII 1, 2; ESTRABON, VIII 7, 1; segundo o comentário à *Ilíada* I 2, Xuto era filho de Éolo.

<sup>86</sup> Em HESÍODO, *Fr.* 5, diz-se que houve uma Pandora, filha de Deucalion, que teve de Zeus um filho chamado Grego. Em HESÍODO, *Fr.* 3 (FILÁSTRIO, *Diversarum Haereseon liber* 1 1 1) parece haver confusão entre Grego, neto de Deucalion, e o nome dos que Hélen denominou helenos. A mudança de nome efetuada por Hélen aparece documentada em outras fontes; PAUSÂNIAS, III 20, 6, afirma que a região da Tessália era primeiramente denominada Hélade e que posteriormente este nome se estendeu ao restante da Grécia. ARISTÓTELES, *Meteorológicos* I 14, 352b2, menciona que o dilúvio afetou sobretudo a região de Dodona e o Aqueloo e que seus habitantes se chamavam gregos, passando logo a denominar-se helenos. De acordo com o *Marmor Parium* 239<sup>a</sup> 6, a troca de nome de gregos para helenos ocorreu em 1521 a. C. Quanto ao nome “Grécia”, os gregos chamavam sua pátria e *Hellás* e chamavam-se a si mesmos de helenos, nome de uma tribo que na época das migrações se estabeleceu em parte da Tessália. Os latinos deram o nome de *Graii* aos colonos de Cumas (Graia era o nome de um distrito obscuro da Grécia ocidental, de onde talvez tivessem vindo alguns colonos). O geônimo latino se funda sobre o etnônimo, com sufixo (-ia), latim típico de nome de país ou região. O etnônimo latino é empréstimo ao grego *graikós* (“grego”), que sob a forma plural *graikoí*, principiou a ser episodicamente empregado em lugar do grego Ἑλληνες (helenos) somente depois de Aristóteles. Mesmo o latim *Græcia*, antes de designar a totalidade do país, foi usado com epítetos (*Græcia Ulterior*, *Magna Græcia*), ou no plural, *Græciæ* (“Grécias”), quando abarcava o todo. O todo em latim foi de início designado como *Hellás*, -*ados*, Hélade. Assim, por exemplo, em Plínio, o Velho. Em Cassiodoro já ocorre a forma latina *Helláda*. Esta, por sua vez, é empréstimo do gr. *Hellás* - *ados*, que desde Ésquilo designa a totalidade das regiões habitadas pelos helenos.

<sup>87</sup> O comentário à *Ilíada* IX 562 diz que Zeus os transformou em aves e viveram separados, mas, segundo OVÍDIO, *Met.* XI 410-748, depois que o marido morreu em um naufrágio, ambos foram metamorfoseados em alcíones não por sua soberba, mas por seu grande amor.

Oto, Ártemis; e, além disso, aprisionaram Ares. Este, porém, Hermes o libertou furtivamente<sup>88</sup>, e Ártemis matou os Alóadas em Naxos, por meio de um ardil; pois tendo se metamorfoseado num cervo, saltou para o meio dentre ambos, e eles, tentando alvejar o animal, lançaram seus dardos um no outro<sup>89</sup>.

### *Endímion*

De Cálice e Étlio nasceu um filho, Endímion, que conduziu os eólios da Tessália e estabeleceu-os na Élide. Dizem alguns, no entanto, que ele era filho de Zeus. Por ser extraordinariamente belo, Selene se apaixonou por ele, e Zeus lhe concedeu escolher o que quisesse, e ele escolheu dormir para sempre, permanecendo imortal<sup>90</sup> e isento da velhice.

### *Etolo*

De Endímion e da Ninfa Náíade ou, segundo alguns, de Ifianassa, nasceu Etolo, que após matar Ápis, filho de Foroneu, fugiu para o território dos Curetes, matou os filhos de Ftia e de Apolo, que o haviam acolhido, a saber, Doro, Laódoco e Polipetes, e denominou o território Etólia, a partir do próprio nome.

### *Plêuron e Cálidon*

De Etolo e Prônoe, filha de Forbas, nasceram Plêuron e Cálidon, cujos nomes foram atribuídos às cidades da Etólia. Plêuron se casou com Xantipa, filha de Doro, e gerou um filho, Agenor, e três filhas: Estérope, Estratonice e Laofonte; de Cálidon e Eólia, filha de Amitáon, nasceram Epicasta e Protogênia; desta e de Ares nasceu Óxilo. Agenor, filho de Plêuron, esposou Epicasta, filha de Cálidon, e gerou Portáon e Demonice; desta última e de Ares nasceram Eveno, Molo, Pilo e Téstio.

### *Marpessa*

Eveno gerou Marpessa, a qual Idas, filho de Afareu, após ter recebido um carro alado de Posídon, arrebatou-a de Apolo, que a cortejava. Então Eveno saiu sobre o seu carro ao encalço de Idas e chegou ao rio Licormas, mas visto que não podia alcançá-lo, degolou seus cavalos e lançou-se no rio; e o rio foi denominado Eveno por sua causa. Idas foi para Messene e aí Apolo se reencontrou com ele e tentou lhe tomar a donzela. Enquanto ambos combatiam entre si para ver quem desposaria a moça, Zeus pôs um fim à disputa e permitiu que a própria virgem escolhesse com qual dos dois queria coabitar; e ela, temendo que Apolo a abandonasse quando envelhecesse, escolheu Idas como seu marido<sup>91</sup>.

Téstio teve de Eurítemis, filha de Cleobeia, três filhas: Alteia, Leda e Hipermnestra, e quatro filhos Íficio, Evipo, Plexipo e Eurípilo.

De Portáon e Êurite, filha de Hipodamas, nasceram cinco filhos: Eneu, Ágrío, Alcátoo, Melas, Leucopeu, e uma filha, Estérope; dela e de Aqueloo, dizem, nasceram as Sereias.

---

<sup>88</sup> Os Alóadas mantiveram Ares encerrado em um tonel de bronze durante treze meses (*Ilíada* V 385 ss.). Em VIRGÍLIO, *Geórg.* I 285 ss., e OVÍDIO, *Met.* I 151 ss., ambas as gigantomaquias se confundem, de forma que se atribui aos filhos de Geia a aglomeração das montanhas de Tessália.

<sup>89</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 28. Na *Odisseia* XI 305 ss. Os Alóadas morrem flechados por Apolo.

<sup>90</sup> Endímion havia recebido o poder de decidir o momento de sua morte; levado ao céu, apaixonou-se por Hera e foi enganado pela imagem da deusa na forma de uma nuvem; em outras versões, diante da cólera de Zeus, obteve o sono eterno; em outras, por sua vez, foi lançado ao Hades. Cf. comentário a APOLÔNIO DE RODES, IV 58; HESÍODO, *Fr.* 245 e 260. Para outros autores, como APOLÔNIO DE RODES IV 57 ss. e CÍCERO, *Tusc.* I 38 (92), com o intuito de beijá-lo, a própria Lua (Selene) provoca o sono de Endímion.

<sup>91</sup> Cf. comentário à *Ilíada* IX 557; TZETZES, *Escólio a Licofron* 561; PAUSÂNIAS, V 18, 2.

### *Eneu, pai de Dejanira e Meleagro*

Eneu, quando reinava sobre Cálidon, foi o primeiro a receber de Dioniso<sup>92</sup> a planta da vinha; tendo esposado Alteia, filha de Téstio, gerou Toxeu, que ele próprio matou por haver transposto o fosso<sup>93</sup> num salto e, além dele, gerou também Tireu e Clímeno, e duas filhas, Gorge, que Andrémon esposou, e Dejanira, a qual dizem que Alteia havia gerado de Dioniso. Essa Dejanira era auriga e versada na arte da guerra e Héacles lutou contra Aqueloo para decidir quem a esposaria<sup>94</sup>. Alteia gerou um filho de Eneu, Meleagro, embora também afirmem que ele foi gerado por Ares.

### *Caça do javali de Cálidon. Morte de Meleagro*

Dizem que, sete dias após o seu nascimento, as Moiras se apresentaram e disseram que Meleagro morreria assim que o tição incandescente sobre a lareira fosse totalmente consumido pelo fogo<sup>95</sup>. Ao ouvir isso, Alteia apanhou o tição e o colocou dentro de uma caixa. Meleagro, tendo se tornado um varão invulnerável e valoroso, morreu da seguinte maneira: quando ocorreu a colheita anual do país, Eneu sacrificou as primícias a todos os deuses e se esqueceu apenas de Ártemis. Ela, porém, ficou furiosa e enviou um javali de tamanho e força descomunais, que impedia que a terra fosse semeada e destruía os rebanhos e os seres com que porventura encontrava. Contra esse javali, Eneu convocou os homens mais destemidos da Hélade e prometeu que daria a pele da fera como prêmio àquele que a matasse. Os que se reuniram para caçar o javali foram os seguintes<sup>96</sup>: Meleagro, filho de Eneu; Drias, filho de Ares, ambos de Cálidon; Idas e Linceu, filhos de Afareu, da Messênia; Cástor e Polideuces, filhos de Zeus e Leda, da Lacedemônia; Teseu, filho de Egeu, de Atenas; Admeto, filho de Feres, de Feras; Anceu e Cefeu, filhos de Licurgo, da Arcádia; Jasão, filho Éson, de Iolco; Íficles, filho de Anfítrion, de Tebas; Pirítoo, filho de Íxion, de Larissa; Peleu, filho de Éaco, da Ftia; Télamon, filho de Éaco, de Salamina; Eurítion, filho de Áctor, da Ftia; Atalanta, filha de Esqueneu, da Arcádia; Anfiarau, filho de Écles, de Argo. Com estes vieram também os filhos de Téstio. Quando eles se reuniram, Eneu os acolheu hospitaleiramente por nove dias. No décimo, porém, Cefeu, Anceu e alguns outros consideraram indigno partir para a caçada na companhia de uma mulher, mas Meleagro, embora já tivesse esposado Cleópatra, filha de Idas e Marpessa, desejava gerar filhos também com Atalanta, e forçou-os a partir para a caça junto com ela.

Quando eles cercaram o javali, Hileu e Anceu foram mortos pela fera e Peleu matou Eurítion involuntariamente com uma lança; Atalanta, porém, foi a primeira a atingir o javali com uma flechada no dorso; Anfiarau, o segundo, atingindo-o no olho, e Meleagro, golpeando-o no ventre, o matou, e tendo recebido a pele deu-a para Atalanta. Mas os filhos de Téstio, considerando indigno que uma mulher recebesse o prêmio na presença de varões, tomaram-lhe a pele, dizendo que ela lhes pertencia por parentesco, caso Meleagro preferisse não recebê-la. Meleagro, no entanto, ficou furioso, matou os filhos de Téstio e entregou a pele a Atalanta. Então Alteia, consternada pela perda de seus irmãos, acendeu o tição e Meleagro pereceu subitamente<sup>97</sup>.

Outros afirmam, no entanto, que Meleagro não morreu dessa maneira, porém quando os filhos de Téstio reivindicaram o prêmio da caçada, alegando que Íficlo fora o primeiro a atingir o javali, instaurou-se uma guerra entre os Curetes e os Calidônios; e quando Meleagro saiu para o

<sup>92</sup> HIGINO, *Fáb.* 129, diz que, tendo Dioniso se hospedado na casa de Eneu, apaixonou-se por Alteia; Eneu, ao perceber, ausentou-se, então Dioniso uniu-se a Alteia e gerou a Dejanira e, agradecido, concedeu-lhe o dom da vida, dando ao vinho (*oínos*) o nome a partir de Eneu (*Oineús*).

<sup>93</sup> Devia se tratar de uma espécie de infração como a de Remo, morto por seu irmão Rômulo por ter ultrapassado o limite que assinalava o perímetro da futura Roma (TITO LIVIO, I 7, 2).

<sup>94</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 7, 5.

<sup>95</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 171.

<sup>96</sup> A lista dos heróis que acorreram à convocação para dar caça ao javali está em OVÍDIO, *Met.* VII 270 ss. e em HIGINO, *Fáb.* 173.

<sup>97</sup> Sobre a morte de Meleagro, cf. ÉSQUILO, *Coéforas* 604 ss.; HESÍODO, *Fr.* 25; *Iliada* IX 529 ss.; PAUSÂNIAS, X 31; OVÍDIO, *Met.* VIII 445-525.

combate e matou alguns dos filhos de Téstio, Alteia o amaldiçoou, e ele, tendo se irritado, permaneceu em sua casa. Todavia, quando os inimigos se aproximaram das muralhas e os cidadãos lhe imploravam com ramos de suplicantes para que fosse socorrê-los, com muito custo sua mulher o convenceu a sair para guerrear e, tendo matado os filhos de Téstio que haviam restado, ele morreu em combate. Após a morte de Meleagro, Alteia e Cleópatra se enforcaram e as mulheres que pranteavam o morto foram transformadas em pássaros<sup>98</sup>.

#### *Tideu, filho de Eneu. Morte de Eneu*

Após a morte de Alteia, Eneu esposou Peribeia, filha de Hipônoo. O autor da *Tebaida* diz que, quando Óleno foi devastada pela guerra, Eneu recebeu Peribeia como prêmio de honra; mas Hesíodo (diz) que ela foi seduzida por Hipóstrato, filho de Amarinceu, e que seu pai, Hipônoo, a enviara de Óleno da Acaia para Eneu, por ele morar numa parte distante da Hélade, exortando-o que a matasse. Mas há também outros que dizem que quando Hipônoo descobrira que sua filha havia sido seduzida por Eneu, ele a enviou a Eneu quando estava grávida<sup>99</sup>. Dela e de Eneu nasceu Diomedes; Pisandro, porém, diz que Diomedes nascera de Gorge, uma vez que Eneu havia se apaixonado por sua própria filha pela vontade de Zeus.

Tideu, que se tornou um varão valoroso, foi condenado ao exílio por haver matado, conforme dizem alguns, o irmão de Eneu, Alcátio; segundo o autor da *Alcmeônida*, os filhos de Melas, que haviam conspirado contra Eneu, a saber, Feneu, Euríalo, Hipértaos, Antíoco, Eumedes, Estérnope, Xantipo, Estênelo; ou, como afirma Ferécides, o seu próprio irmão, Olênias. Tendo sido processado por Ágrio, Tideu fugiu para Argo e foi para a corte de Adrasto, e depois de esposar a filha deste, Deípila, gerou Diomedes.

Tideu, tendo participado com Adrasto da expedição militar contra Tebas<sup>100</sup>, foi ferido por Melanipo e morreu. Então os filhos de Ágrio, a saber, Tersites, Onquesto, Próto, Celéotor, Licopeu e Melanipo destituíram Eneu do reinado e o entregaram ao seu pai, e, além disso, aprisionaram Eneu vivo e o torturaram. Mais tarde, porém, Diomedes veio furtivamente com Alcmeon e matou todos os filhos de Ágrio, com exceção de Onquesto e Tersites – pois esses haviam conseguido fugir a tempo para o Peloponeso – e uma vez que Eneu envelhecera, Diomedes deu o reino a Andrémon, que havia se casado com a filha de Eneu, e levou Eneu para o Peloponeso. No entanto, os filhos de Ágrio, que haviam escapado, armaram uma emboscada na lareira de Télefo, na Arcádia, e mataram o ancião. Diomedes transportou o morto para Argo e o enterrou onde atualmente se encontra a cidade denominada Énoe, em homenagem a Eneu<sup>101</sup>, e tendo esposado Egialeia, filha de Adrasto, ou, como afirmam alguns, de Egialeu, participou da expedição militar contra Tebas e Troia.

#### *Descendência de Éolo. O velocino de ouro*

Dentre os filhos de Éolo, Átamas, que reinou sobre a Beócia, gerou um filho com Néfele, Frixo, e uma filha, Hélen. Casou-se novamente com Ino<sup>102</sup>, da qual lhe nasceram Learco e Melicertes. Ino, tendo tramado contra os filhos de Néfele, convenceu as mulheres a tostarem o trigo. E elas, pegando-o às ocultas dos homens, assim o fizeram. Mas a terra, tendo recebido trigo tostado não vingou suas colheitas anuais. Por esse motivo, Átamas enviou uma comitiva a Delfos para saber

<sup>98</sup> São as Meleágrides, as irmãs de Meleagro, que, com exceção de Gorge e Dejanira, foram transformadas em aves (galinhas da Angola). Cf. ANTONINO LIBERAL, 2; OVÍDIO, *Met.* VIII 540-545. Sobre a origem das Meleágrides, existia outra tradição da qual restaram apenas vestígios: segundo uma informação de Suda, parece que uma lenda de Leros considera as meleágrides como companheiras de Iocális, uma divindade local, semelhante a Ártemis. Desse modo, elas eram criadas como aves sagradas em volta do templo de Ártemis em Leros, cf. GRIMAL, p. 299.

<sup>99</sup> DIODORO, IV 35, 1-2, afirma que por obra de Ares.

<sup>100</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 6, 1.

<sup>101</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 25, 2.

<sup>102</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 1. Mas, segundo o escólio à *Ilíada* VII 86, a primeira esposa de Átamas foi Ino, aquela a quem ele abandonou a mando de Hera; depois de ter-se casado com Néfele, continuou mantendo relações secretas com Ino, que acabou retornando ao lar.

como poderiam escapar da esterilidade. Ino persuadiu os enviados a dizer que o oráculo havia lhes respondido que a esterilidade cessaria se Frixo fosse imolado em sacrifício a Zeus<sup>103</sup>. Assim que Átamas ouviu isso, foi constrangido pelos habitantes do país e levou Frixo ao altar. Néfele, porém, arrebatou-o pelo alto, juntamente com sua irmã Hélen, e deu-lhes o carneiro do velo de ouro, o qual ela havia recebido de Hermes, pelo qual eles foram transportados através do céu e atravessaram a terra e o mar. Mas quando estavam no mar situado entre o Sigeu e o Quersoneso, Hélen escorregou e caiu no abismo, e por ela haver perecido aí, o mar foi denominado Helesponto em sua homenagem<sup>104</sup>. Frixo foi para a Cólquida, cujo rei era Eetes, filho de Hélios e Perseida e irmão de Circe e de Pasífae, a qual Minos esposou. Eetes acolheu Frixo e lhe deu uma de suas filhas em casamento, Calcíope. Frixo, tendo sacrificado o carneiro do velo de ouro a Zeus Fíxios\*, deu o velo do carneiro a Eetes e esse o cravou em torno de um carvalho do bosque de Ares. De Calcíope e Frixo nasceram Argo, Melas, Frôntis e Citisoro.

### *Ino e Átamas*

Mais tarde, Átamas também foi privado, pela cólera de Hera<sup>105</sup>, dos filhos que havia tido com Ino, pois num acesso de loucura, ele matou Learco com uma flechada, e Ino se lançou ao mar com Melicertes. Tendo sido banido da Beócia, Átamas perguntou ao deus onde iria habitar, e depois que o oráculo lhe respondera que habitasse em qualquer lugar em que fosse recebido como hóspede por animais selvagens, ele percorreu uma grande extensão do território e se deparou com lobos que devoravam pedaços de um carneiro; mas assim que os lobos o viram, abandonaram a presa que dividiam entre si e fugiram. E então Átamas se estabeleceu naquela região e a partir do próprio nome denominou-a Atamânia, e após esposar Temisto, filha de Hipseu, gerou Leuco, Erítrio, Esqueneu e Ptoó.

### *Sísifo*

Sísifo, filho de Éolo, fundou Éfira, que é atualmente denominada Corinto<sup>106</sup>, e esposou Mérope, filha de Atlas. Deles nasceu Glauco, o qual com Eurimedé gerou Belerofonte, que matou a ignívoma Quimera<sup>107</sup>. Sísifo foi condenado no Hades a rolar uma pedra com as mãos e a cabeça, tentando impeli-la para cima; no entanto, toda vez que ele a empurrava, era repellido novamente para trás<sup>108</sup>. Recebeu essa punição por causa da filha de Asopo, Egina, pois se dizia que, quando Zeus a arrebatou as ocultas, Sísifo o delatou a Asopo, que a procurava.

---

<sup>103</sup> Segundo PAUSÂNIAS, X 34, 5 e OVÍDIO, *Fastos* III 857-8, Frixo e Hélen.

<sup>104</sup> Segundo o escólio à *Ilíada* VII 86, o próprio carneiro contou a Frixo o que estavam tramando e lhe ordenou que, juntamente com Hélen, montasse em seu lombo e os levou pelos ares; mas o comentário não afirma que o carneiro fosse de ouro. Segundo PAUSÂNIAS, IX 34, 5, foi Zeus quem enviou o carneiro para que fugissem. Em HIGINO, *Fáb.* 2, uma vez que Átamas negou-se a cumprir o que o oráculo lhe dizia, Frixo se ofereceu voluntariamente para o sacrifício, e na *Fáb.* 3 afirma-se que, ao terem Frixo e Hélen enlouquecido por obra de Dionísio, sua mãe se apresentou diante deles com um carneiro de ouro, filho de Posídon e Teófane, para que sobre ele se dirigissem a Cólquida, onde deveriam imolá-lo a Ares.

\* Zeus Fíxios, “protetor dos fugitivos”.

<sup>105</sup> Hera odiava Ino, irmã de Sêmele, porque ela havia se encarregado de cuidar de Dioniso; cf. PSEUDO APOLODORO, III 4, 3.

<sup>106</sup> Cf. *Ilíada* VI 152-3; PAUSÂNIAS, II 1, 1.

<sup>107</sup> Cf. II, 3, 1.

<sup>108</sup> Cf. *Odisseia* XI 593-600; PAUSÂNIAS, II 5, 1.

### *Díon*

Díon, tendo reinado sobre a Fócida, esposou Diomedes, filha de Xuto, e teve uma filha, Asteródia, e quatro filhos: Eneto, Áctor, Fílaco e Céfalo, o qual esposou Prócris, filha de Erecteu<sup>109</sup>; Éos, porém, se apaixonou por ele e o arrebatou<sup>110</sup>.

### *Perieres*

Perieres, após dominar a Messênia, esposou Gorgófona, filha de Perseu, com a qual teve os filhos Afareu, Leucipo, Tíndaro e também Icário. Muitos dizem que Perieres não era filho de Éolo, mas de Cinorta, filho de Amiclas<sup>111</sup>. Por isso exporemos os relatos acerca dos descendentes de Perieres quando tratarmos da estirpe de Atlas.

### *Magnes*

Magnes esposou a ninfa Náiaide e teve dois filhos: Polidectes e Díctis. Esses colonizaram Sérifo.

### *Salmoneu*

Salmoneu habitou na Tessália, mas depois foi para Élis e fundou uma cidade<sup>112</sup>. Sendo arrogante e desejando se igualar a Zeus, foi punido por sua impiedade, pois ele dizia que era Zeus e, tendo suprimido os sacrifícios do deus, ordenou que lhe oferecessem sacrifícios, e quando arrastava pelas secas com caldeirões de bronze de seu carro, dizia que trovejava, e quando lançava tochas acesas ao céu, dizia que relampejava. Zeus, porém, fulminou-o com o raio e fez desaparecer a cidade que ele havia fundado e todos os seus habitantes<sup>113</sup>.

### *Os filhos de Tiro e Posídon: Neleu e Pélias*

Tiro, filha de Salmoneu e Alcídice, foi criada por Creteu, irmão de Salmoneu, e se apaixonou pelo rio Enipeu; por esse motivo, ia com frequência junto às correntezas do rio e sobre elas se lamentava. Então Posídon, assumindo as feições de Enipeu, deitou-se com Tiro, e ela gerou, às ocultas, dois filhos gêmeos e deixou-os expostos<sup>114</sup>. Enquanto os bebês estavam abandonados, passaram alguns criadores de cavalos e uma égua tocou com seu casco em um dos bebês e fez com que parte do seu rosto escurecesse. O criador de cavalos pegou os dois bebês e cuidou deles, denominando o que havia ficado com o hematoma Pélias, e o outro, Neleu. Depois que eles cresceram, reconheceram sua mãe e mataram a madrastra Sidero; pois quando souberam que ela havia maltratado a mãe deles, eles a atacaram, mas Sidero conseguiu se refugiar a tempo no santuário de Hera. Pélias, porém, degolou-a sobre os próprios altares e passou praticamente a vida toda sem honrar Hera<sup>115</sup>. Mais tarde, Pélias e Neleu brigaram entre si e Neleu, após ter sido banido, foi para Messênia, fundou Pilos<sup>116</sup> e esposou Clórida, filha de Anfíon, que lhe gerou uma filha, Pero, e os filhos Tauro, Astérion, Piláone, Dímaco, Euríbio, Epilo, Frásio, Eurimenes, Evágoras, Alástor, Néstor e Periclímene, ao qual Posídon deu o dom de se metamorfosear, e o qual, enquanto

<sup>109</sup> Cf. II 4, 7 e III 15, 1.

<sup>110</sup> Segundo HESÍODO, *Teog.* 986 ss. e PAUSÂNIAS, I 3, 1, Fáeton foi fruto da união entre Éos e Céfalo. Cf. ANTONINO LIBERAL, 41; OVÍDIO, *Met.* VII 700-713; HIGINO, *Fáb.*, 189 e 270.

<sup>111</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 3.

<sup>112</sup> Cf. DIODORO, IV 68, 1; ESTRABON, VIII 3, 31-32.

<sup>113</sup> Cf. HESÍODO, *Fr.* 10 e 30; VIRGÍLIO, *Eneida*, VI 585-6; HIGINO, *Fáb.* 61.

<sup>114</sup> O amor de Tiro pelo rio Enipeu é narrado na *Odisseia* XI 235-259, sem mencionar a exposição dos bebês. Cf. LUCIANO, *Diálogos marinos* 13; DIODORO, IV 68, 3.

<sup>115</sup> Por essa razão Hera odiava Pélias e sugeriu a expedição dos Argonautas. Cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 16.

<sup>116</sup> Cf. *Odisseia* XI 281 ss.; HESÍODO, *Fr.* 33 a; PAUSÂNIAS, IV 2, 5.

combatia contra Hércules, que tentava devastar Pilos, tornava-se ora leão, ora serpente, ora abelha; foi, no entanto, morto por Hércules juntamente com os outros filhos de Neleu<sup>117</sup>. Nestor foi o único que se salvou, pois havia sido criado entre os Gerênios. Ele esposou Anaxíbia<sup>118</sup>, filha de Cratieu, e gerou duas filhas, Pisídice e Policasta, e oito filhos: Perseu, Estrático, Areto, Equéfron, Pisítrato, Antíloco e Trasímedes.

Pélias habitou na Tessália e tendo esposado Anaxíbia, filha de Bias, ou, de acordo com alguns, Filômaca, filha de Anfíon, gerou um filho, Acasto, e as filhas Pisídice, Pelópias, Hipótoe e Alceste.

#### *Descendência de Tiro e Creteu. Seus netos Bias e Melampo*

Creteu fundou Iolco e casou-se com Tiro, filha de Salmoneu, da qual ele gerou três filhos: Éson, Amitáon e Feres<sup>119</sup>. Amitáon habitou em Pilos e esposou Idomene, filha de Feres, e teve dois filhos: Bias e Melampo. Esse último vivia nos campos e diante de sua casa existia um carvalho no qual havia um ninho de serpentes. Quando seus servos mataram as serpentes, Melampo juntou lenha e queimou os répteis, porém criou os dois filhotes das serpentes. Depois que os filhotes cresceram, aproximaram-se dele enquanto dormia, por cada um de seus ombros, e com suas línguas limpavam-lhe os ouvidos<sup>120</sup>. Então ele despertou e ficou assombrado, mas passou a compreender a linguagem dos pássaros que voam no alto e, a partir do que aprendia com eles, predizia o futuro aos homens. Aprendeu também a mântica sagrada,\* e após ter-se encontrado com Apolo na região do Alfeu, tornou-se, desde então, um adivinho excelente.

#### *O rebanho de Fílaco*

Bias almejava esposar Pero, filha de Neleu. Como, porém, havia muitos pretendentes à mão de sua filha, Neleu disse que a daria àquele que lhe trouxesse as vacas de Fílaco. Essas estavam em Fílaco e eram guardadas por um cão do qual nenhum homem ou fera podia se aproximar. Incapaz de roubar essas vacas, Bias chamou seu irmão para ajudá-lo. Melampo prometeu fazê-lo e predisse que seria pego em flagrante delito de roubo e que, após ficar preso por um ano, assim obteria as vacas. Tendo feito essa promessa, partiu para Fílaco e, exatamente como havia previsto, foi surpreendido em flagrante no momento do roubo e mantido preso numa cela. Quando faltava pouco tempo para terminar o ano, ele ouviu os vermes que se encontravam na parte oculta do teto: um deles perguntou quanto da viga já havia sido devorada e os outros lhe responderam que restava apenas uma ínfima parte. No mesmo instante, Melampo pediu que o transferissem para outra cela, e logo que isso ocorreu, o teto desabou. Fílaco ficou maravilhado, e, quando soube que ele era um adivinho excelente, libertou-o e pediu-lhe que lhe dissesse como seu filho Íficlo poderia ter filhos. Melampo prometeu-lhe dizer com a condição de que recebesse as vacas em troca. E após sacrificar dois touros, retalhou-os em pedaços e chamou os pássaros mânticos. Logo que um abutre se apresentou, Melampo ficou sabendo por intermédio desse que, certa vez, quando Fílaco estava castrando carneiros, esse depôs a faca, ainda ensanguentada, ao lado de Íficlo, e visto que o menino se amedrontou e se pôs a correr, Fílaco cravou a faca num carvalho sagrado, cuja casca, crescendo ao seu redor, ocultou-a. Disse-lhe então o abutre que, se a faca fosse encontrada e ele raspasse a ferrugem e a desse para Íficlo bebê-la por dez dias, esse geraria um filho. Logo que soube desses

<sup>117</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II 7, 3; HESÍODO, *Fr.* 33 b, 34 e 35; *Iliada* XI 689 ss.; PAUSÂNIAS, VI 25, 2-3; OVÍDIO, *Met.* XII 542-3; HIGINO, *Fáb.* 10. Segundo OVÍDIO, Por ocasião da invasão de Hércules contra Pilos, Periclímeno se transformou em águia para atacar o herói, porém Hércules o abateu com uma flecha.

<sup>118</sup> Segundo HOMERO, *Odisseia* III 452, Eurídice, filha de Clímeno.

<sup>119</sup> Cf. *Odisseia* IX 258-9.

<sup>120</sup> É crença difundida, tanto na Antiguidade quanto nos tempos modernos, que se uma serpente lambe a orelha de um homem, este adquirirá o dom divinatório. A mesma origem é atribuída, segundo alguns, aos dotes divinatórios de Heleno e Cassandra (cf. nota 184 do livro III). Cf. comentário a APOLÔNIO DE RODES, I 118; escólio à *Iliada* VII 44.

\* Isto é, arte de adivinhar a partir das entranhas dos animais sacrificados.

fatos por meio do abutre, Melampo encontrou a faca e, tendo raspado a ferrugem, deu-a para que Íficlo bebesse-a por dez dias, e assim ele teve um filho, Podarces<sup>121</sup>. Em seguida, conduziu as vacas para Pilos e após receber a filha de Neleu, entregou-a ao seu irmão. Durante certo tempo, Melampo continuou a morar na Messênia, quando, porém, Dioniso enlouqueceu as mulheres de Argo, ele as curou com a condição de que recebesse uma parte do reino e ali se estabeleceu com Bias<sup>122</sup>.

De Bias e Pero nasceu um filho, Tálao, e deste e de Lisímaca, filha de Abas, filho de Melampo, nasceram Adrasto, Partenopeu, Prónax, Mecisteu, Aristômaco e Erifile, a qual Anfiarau esposou. De Partenopeu nasceu Prômaco, o qual, com os epígonos, participou da expedição militar contra Tebas<sup>123</sup>, e de Mecisteu, Euríalo, que foi para Troia<sup>124</sup>. De Prónax nasceu Licurgo, enquanto de Adrasto e Anfiteia, filha de Prónax, três filhas: Árgia, Deípila, Egialeia; e dois filhos: Egialeu e Cianipo.

#### *Admeto, filho de Feres e marido de Alceste*

Feres, filho de Creteu, fundou Feras, na Tessália, e gerou Admeto e Licurgo. Licurgo estabeleceu-se na Nemeia e tendo esposado Eurídice, ou, conforme alguns dizem, Anfiara, gerou Ofeltes, posteriormente denominado Arquêmore<sup>125</sup>. Quando Admeto reinava sobre Feras, Apolo pôs-se a seu serviço<sup>126</sup> como escravo, enquanto Admeto cortejava Alceste, filha de Pélias. Quando Pélias prometeu dar sua filha em casamento àquele que atrelasse um leão e um javali a um carro, Apolo os pôs sob o jugo e os deu para Admeto. Esse os levou para Pélias e assim obteve Alceste<sup>127</sup>. Todavia, no momento em que Admeto realizava um sacrifício na cerimônia de núpcias, ele se esqueceu de sacrificar a Ártemis. Por esse motivo, ao descerrar a câmara nupcial, encontrou-a repleta de serpentes enrodilhadas. Então Apolo lhe disse para aplacar a deusa e pediu às Moiras que, na ocasião em que Admeto estivesse prestes a morrer, ele escapasse da morte caso alguém decidisse morrer voluntariamente em seu lugar. Quando chegou o dia de morrer, nem seu pai, nem sua mãe quiseram morrer por ele, porém Alceste<sup>128</sup> morreu em seu lugar. Contudo, a Moça a reenviou para a terra, ou, como alguns dizem, Hércules a levou de volta, após haver lutado com Hades<sup>129</sup>.

#### *Jasão, filho de Éson, e o velocino de ouro. Os Argonautas*

De Éson, filho de Creteu, e de Polimede, filha de Autólico, nasceu Jasão. Esse morava em Iolco, onde Pélias<sup>130</sup> reinou depois de Creteu. Quando Pélias consultou o oráculo acerca de seu reino, o deus lhe anunciou que se acautelasse com o homem de uma única sandália<sup>131</sup>. A princípio, o rei não entendeu o oráculo, mais tarde, porém, ele o compreendeu. Numa ocasião em que realizava um sacrifício no mar em honra a Posídon, ele mandou chamar Jasão, entre muitos outros, para participar do sacrifício. Jasão, que por ser afeiçoado à agricultura vivia então nos campos, apressou-se a ir ao sacrifício, mas ao atravessar o rio Ánauron, saiu dele apenas com uma sandália, tendo perdido a outra na correnteza. Assim que o avistou, Pélias compreendeu o oráculo e,

<sup>121</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 3, 20.

<sup>122</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 2, 2. Segundo HESÍODO, *Fr.* 131, a filhas de Preto enlouqueceram por não aceitarem os ritos de Dioniso. Sua loucura consistia em acreditarem que eram vacas. (cf. VIRGÍLIO, *Bucólicas* IV 48 ss.).

<sup>123</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 7, 2.

<sup>124</sup> Cf. *Ilíada* II 565-6.

<sup>125</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 6, 4.

<sup>126</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 4.

<sup>127</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.*, 50 e 51.

<sup>128</sup> Este episódio é o argumento da tragédia de EURÍPIDES, *Alceste*.

<sup>129</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II, 6, 2.

<sup>130</sup> Pélias usurpou o trono a Éson (PÍNDARO, *Pít.* IV 118 ss.).

<sup>131</sup> Segundo PÍNDARO, *Pít.* IV 71-77, Pélias havia recebido uma advertência dos oráculos de que morreria às mãos de algum dos eóidas, e outra de que tivesse cuidado com o homem calçado com uma única sandália. Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 5-6.

aproximando-se de Jasão, perguntou-lhe o que faria se tivesse o poder e lhe fosse predito por um oráculo que seria assassinado por um dos cidadãos. E Jasão, quer por lhe ter assim ocorrido, quer devido à cólera de Hera – para que Medeia viesse como uma desgraça para Pélias – lhe respondeu: “eu ordenaria que ele me trouxesse o velo de ouro”. Assim que Pélias ouviu sua resposta, ordenou-lhe que partisse imediatamente à procura do velo. Esse estava na Cólquida, pendurado em um carvalho do bosque de Ares e era guardado por uma serpente que jamais dormia<sup>132</sup>.

Quando Jasão foi enviado para essa missão, chamou Argo, filho de Frixo; e Argo, sob a sugestão de Atena, construiu uma nau de cinquenta remos, denominada Argo, em homenagem ao seu construtor; e na proa da nau, Atena adaptou um tronco de um carvalho de Dodona, dotado de voz humana. Depois que a nau foi construída, Jasão consultou o oráculo e o deus permitiu que ele partisse assim que reunisse os mais intrépidos heróis da Hélade. E os que se reuniram foram os seguintes<sup>133</sup>: Tífis, filho de Hágnias, que pilotava a nau; Orfeu, filho de Eagro; Zetes e Cálais, filhos de Bóreas; Cástor e Polideuces, filhos de Zeus; Télamon e Peleu, filhos de Éaco; Hércules, filho de Zeus; Teseu, filho de Egeu; Idas e Linceu, filhos de Afareu; Anfiarau, filho de Écles; Ceneu, filho de Corono; Palémon, filho de Hefesto ou de Etolo; Cefeu, filho de Áleo; Laertes, filho de Arcísio; Autólico, filho de Hermes; Atalanta, filha de Esqueneu; Menécio, filho de Áctor; Áctor, filho de Hípaso; Admeto, filho de Feres; Acasto, filho de Pélias; Êurito, filho de Hermes; Meleagro, filho de Eneu; Anceu, filho de Licurgo; Eufemo, filho de Posídon; Peante, filho de Táumaco; Butes, filho de Téleon; Fanos e Estáfilo, filhos de Dioniso; Ergino, filho de Posídon; Periclímene, filho de Neleu; Augias, filho de Hélio; Íficio, filho de Téstio; Argo, filho de Frixo; Euríalo, filho de Mecisteu; Peneleu, filho de Hipalmo; Leitos, filho de Aléctor; Ífito, filho de Náubolo; Ascálafo e Iálmene, filhos de Ares; Astérion, filho de Cometes; Polifemo, filho de Élato.

Esses, com Jasão no comando da nau, ganharam o alto mar e aportaram em Lemnos. Naquela época Lemnos se encontrava desprovida de homens e era governada por Hipsípila, filha de Toas, pelo seguinte motivo: as mulheres de Lemnos não honravam Afrodite; então a deusa incutiu-lhes um odor desagradável e por isso seus maridos costumavam pegar as cativas da vizinha Trácia e unir-se a elas. Por haverem sido desonradas, as mulheres de Lemnos mataram seus pais e maridos; somente Hipsípila salvou seu pai, Toas, ocultando-o. Quando aportaram em Lemnos, que era então uma ginococracia, os Argonautas se uniram às mulheres. Hipsípila uniu-se a Jasão e gerou dois filhos, Euneu e Nebrófono<sup>134</sup>.

#### *Chegada à região dos dolíones e morte do rei Cízico*

De Lemnos eles atracaram no país dos dolíones, cujo rei era Cízico. Ele os acolheu amistosamente. No entanto, como haviam zarpado à noite e se deparado com ventos contrários, atracaram novamente, sem o saber, no país dos dolíones. Esses, julgando que se tratava do exército dos Pelasgos, pois ocorria que os dolíones eram constantemente atacados pelos Pelasgos, travaram-lhes combate à noite, cada qual ignorando contra quem guerreava. Os Argonautas mataram numerosos guerreiros e, entre eles, Cízico. Ao amanhecer, todavia, quando compreenderam o que havia ocorrido, aos prantos tosaram seus cabelos e realizaram um suntuoso funeral para Cízico<sup>135</sup>. Após o sepultamento, zarparam e aportaram na Mísia.

<sup>132</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 1268-1270; IV 123 ss.

<sup>133</sup> Para a lista dos Argonautas, cf. APOLÔNIO DE RODES, I 20-227; PÍNDARO, *Pít.* IV 171 ss.; HIGINO, *Fáb.* 14; com algumas variantes.

<sup>134</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 607 ss.; comentário à *Ilíada* VII 468; HIGINO, *Fáb.* 15; HERÓDOTO, VI 138.

<sup>135</sup> Sobre o episódio os dolíones, cf. APOLÔNIO DE RODES, I 935-1077; HIGINO, *Fáb.* 16.

### *Os Argonautas deixam Hércules e Polifemo na Mísia. Hilas*

Aí deixaram Hércules e Polifemo. Pois Hilas, filho de Tiódamas e amado por Hércules, havia sido enviado para buscar água e foi arrebatado pelas Ninfas por causa de sua beleza<sup>136</sup>. Polifemo, assim que o ouviu gritar, sacou da espada e se pôs a procurá-lo, julgando que ele era raptado por ladrões. Quando se encontrou com Hércules, esse lhe explicou o que havia ocorrido. E enquanto ambos procuravam Hilas, o navio zarpou. Desse modo, Polifemo fundou a cidade de Cios<sup>137</sup>, na Mísia, tornando-se o seu rei, e Hércules retornou a Argo. Herodoro afirma que Hércules não havia navegado desde o início, mas que servia como escravo na corte de Ônfale. Ferécides, por sua vez, diz que ele foi deixado em Afetes, na Tessália, quando a nau Argo anunciou, com voz humana, que não podia suportar o peso dele. Já Demarato recorda que Hércules havia navegado para a Cólquida, ao passo que Dionísio afirma que ele também havia sido o comandante dos Argonautas<sup>138</sup>.

### *Polideuces vence Âmico, rei dos bêbrices*

Da Mísia zarparam para o país dos bêbrices, no qual reinava Âmico, filho de Posídon e da Ninfa Bitúnia. Por ser um homem destemido, ele obrigava os estrangeiros que aportavam em seu país a lutar com ele no pugilismo e assim os matava. Tendo se aproximado, também nessa ocasião, da nau Argo, desafiou o mais valente dentre os Argonautas para uma competição de pugilismo. Polideuces se ofereceu para lutar contra ele e havendo lhe desferido um golpe no cotovelo, matou-o. Quando os bêbrices se lançaram sobre ele, os heróis pegaram as armas e mataram numerosos guerreiros dentre os que tentavam fugir<sup>139</sup>.

### *Fineu e as Harpias*

Dali singraram o pélagos e chegaram a Salmidesso, na Trácia, onde morava Fineu, um adivinho que havia sido privado da visão. Uns dizem que ele era filho de Agenor, outros, que ele era filho de Posídon, e afirmam que, por predizer o futuro aos homens, fora privado da visão pelos deuses; segundo outros, porém, por Bóreas e os Argonautas, porque Fineu cegara os próprios filhos sob instigação da madrasta deles, e segundo outros ainda, por Posídon, porque Fineu revelara aos filhos de Frixo a rota da Cólquida para a Hélade<sup>140</sup>. Os deuses também lhe enviaram as Harpias<sup>141</sup>. Essas eram aladas e toda vez que a mesa lhe era servida, elas se precipitavam voando do céu, arrebatavam para o alto a maior parte dos alimentos e sobre o pouco do que restava deixavam-no impregnado de um odor tão repulsivo que ninguém conseguia se aproximar. Quando os Argonautas manifestaram seu desejo de saber acerca da viagem, Fineu lhes disse que indicaria a rota se eles o livrassem das Harpias. Então eles lhe estenderam uma mesa com alimentos e, subitamente, as Harpias, aos gritos, se precipitaram voando e arrebataram os alimentos. Logo que os filhos de

---

<sup>136</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 1207 ss.; TEÓCRITO, XIII; PROPÉRCIO, I 20,17 ss.; ANTONINO LIBERAL, 26; VIRGÍLIO, *Bucólicas* VI 43; HIGINO, *Fáb.* 14.

<sup>137</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 1321 ss. e 1345 ss.

<sup>138</sup> APOLÔNIO DE RODES, I 1347, afirma que Hércules retornou para cumprir as provas impostas por Euristeu (cf. PSEUDO APOLODORO, II 5, 1-12), mas TEÓCRITO, XIII 73 ss., diz que, após ter sido abandonado na Mísia, ele se dirigiu a pé para Cólquida.

<sup>139</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 1 ss.; TEÓCRITO, XXII 27 ss.; HIGINO, *Fáb.* 17.

<sup>140</sup> Segundo HESÍODO, *Fr.* 254, foi cegado por ter mostrado o caminho a Frixo ou por ter preferido uma longa vida à faculdade de ver. APOLÔNIO DE RODES, II 179-184 e 312-316, e HIGINO, *Fáb.* 19, dizem que por ter revelado o futuro aos homens. No escólio à *Odisseia* XII 69 afirma-se que a causa da cegueira de Fineu foi o fato de que ele havia cegado seus próprios filhos, instigado pela madrasta, que os havia acusado de terem tentado violentá-la (cf. PSEUDO APOLODORO, III 15, 3). Zeus lhe deu a opção de escolher entre a morte ou a cegueira.

<sup>141</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 176 ss. A descrição das Harpias está em HESÍODO, *Teog.* 266-269; VIRGÍLIO, *En.* III 225 ss.; HIGINO, *Fáb.* 14.

Bóreas, Zetes e Cálais avistaram-nas, sacaram suas espadas e, uma vez que eram alados<sup>142</sup>, perseguiram-nas pelo ar. Estava predestinado que as Harpias pereceriam pelos filhos de Bóreas e que os filhos de Bóreas morreriam se, após tê-las perseguido, não as capturassem. Durante a perseguição, uma das Harpias caiu no rio Tigre, que é denominado atualmente Hárpis por sua causa. Essa, alguns a chamam de Nicótoe, outros, de Aélopo. Porém a outra, denominada Ocípete, ou, segundo outros, Ocítoe (Hesíodo denomina-a Ocípode)<sup>143</sup>, fugiu para a Propôntida e foi até as ilhas Equínades, que agora são denominadas Estrófades por sua causa, pois ao chegar ali, ela tomou o caminho de volta e, quando se encontrava na praia, prostrou-se de cansaço juntamente com o seu perseguidor. No entanto, Apolônio, na *Argonáutica*, afirma que elas foram perseguidas até as ilhas Estrófades<sup>144</sup> e nada sofreram, uma vez que haviam jurado que jamais causariam algum mal a Fineu.

#### *A passagem pelas Simplégades*

Assim que se livrou das Harpias, Fineu revelou a rota aos Argonautas e lhes deu conselhos sobre as rochas Simplégades<sup>145</sup> no mar. Essas eram imensas e, ao colidirem-se entre si pelo ímpeto dos ventos, fechavam a passagem pelo mar. Espesso era o nevoeiro que pairava sobre eles e violento o impacto, e era impossível, mesmo para um pássaro, passar entre elas. Então Fineu lhes disse para deixar uma pomba passar entre as rochas e, se vissem que ela se salvara, passassem entre as rochas despreocupados; porém, se a vissem perecer, não deveriam forçar a passagem. Após ter ouvido esses conselhos, ganharam o alto mar e quando estavam perto das rochas, soltaram uma pomba da proa.

Enquanto ela voava, o embate das rochas cortou-lhe a extremidade da cauda. Assim, aguardando atentamente que as rochas se afastassem, com remadas vigorosas e o auxílio de Hera, passaram entre elas e somente a extremidade da popa da nau foi cortada. Desde então, as Simplégades permaneceram fixas. Pois estava predestinado que, se uma nau passasse entre elas, permaneceriam fixas para sempre.

#### *Os Argonautas entre os mariandinos. Chegada à Cólquida. Jasão e Medeia*

Os Argonautas partiram para o país dos mariandinos e aí o rei Lico<sup>146</sup> os acolheu amistosamente. Aí morreu Ídmon, o adivinho, após ter sido ferido por um javali, e também Tífis, e Anceu assumiu o comando da nau<sup>147</sup>.

Após terem navegado ao longo de Termodonte e do Cáucaso, chegaram ao rio Fásis, que se encontra na Cólquida. Quando a nau aí aportou, Jasão foi à corte de Eetes e, tendo lhe dito as ordens dadas por Pélias, pediu que lhe entregasse o velo<sup>148</sup>. Eetes prometeu-lho dar se ele colocasse sozinho sob o jugo os touros dos cascos de bronze, pois ele possuía dois touros que se distinguiam por seu tamanho, presente de Hefesto, os quais tinham cascos de bronze e exalavam fogo pela boca. Eetes lhe ordenou então que depois que os tivesse colocado sob o jugo, semeasse os dentes do dragão, uma vez que Eetes recebera de Atena a metade dos dentes que Cadmo havia semeado em Tebas<sup>149</sup>. Enquanto Jasão tentava descobrir um meio de jungir os bois, Medeia se apaixonou por ele. Ela era uma maga, filha de Eetes e Idia, filha de Oceano; e com receio de que os touros o matassem, prometeu-lhe, às ocultas de seu pai, que o ajudaria a jungir os touros e a pegar o velo se ele lhe

<sup>142</sup> Com asas nas costas, segundo OVÍDIO, *Met.* VI 711-718; nos pés e na cabeça, segundo HIGINO, *Fáb.* 19.

<sup>143</sup> HESÍODO, *Teog.* 267, chama-a Ocípete.

<sup>144</sup> APOLÔNIO DE RODES, II 284 ss., afirma que essa ilha se chamavam, antes, *Plotai*, ou “ilhas Flutuantes”.

<sup>145</sup> Rochas “entrechocantes”, chamadas também *Planctas* ou “Errantes” e *Cianeias* ou “Azuis”. Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 317 ss.

<sup>146</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 720 ss.; HIGINO, *Fáb.* 18.

<sup>147</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, II 851 ss.; HIGINO, *Fáb.* 14 e 18.

<sup>148</sup> Sobre a chegada de Jasão à Cólquida, sua apresentação a Eetes e quanto às exigências deste, cf. APOLÔNIO DE RODES, II 1260 ss.; PÍNDARO, *Pit.* IV 220ss.; OVÍDIO, *Met.* VII 1-158; HIGINO, *Fáb.* 22.

<sup>149</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, III 401 ss., 1176 ss.

jurasse que a esposaria e a levaria consigo em sua viagem para a Hélade. Assim que Jasão lhe prestou o juramento, Medeia lhe deu um filtro mágico e o exortou a untar com ele o seu escudo, a sua lança e o seu corpo quando estivesse prestes a colocar os touros sob o jugo; pois, se untasse seu corpo com o filtro, disse-lhe, ficaria invulnerável por um dia ao fogo e ao ferro. Revelou-lhe também que, depois que os dentes fossem semeados, homens armados emergiriam da terra contra ele; os quais, dizia-lhe, quando os visse reunidos, deveria lançar, de longe, pedras no meio deles, e quando eles combatessem entre si por esse motivo, então os matasse<sup>150</sup>. Ao ouvir isso, Jasão untou-se com o filtro mágico, foi ao bosque do templo e procurou os touros, e, apesar de esses terem investido contra ele a exalar intenso fogo, ele os atrelou sob o jugo. Após haver semeado os dentes, homens armados irromperam da terra, e ele, onde os viu em maior número, lançou pedras sem ser visto, e no momento em que combatiam entre si, aproximou-se deles e os matou<sup>151</sup>. Mas apesar de os touros haverem sido jungidos, Eetes não lhe entregou o velo, uma vez que almejava queimar a nau Argo e matar a sua tripulação. Medeia, porém, se antecipou e levou Jasão, à noite, até o velo, e após ter induzido ao sono o dragão que o guardava, por meio de suas poções, apoderou-se do velo e foi para a nau Argo na companhia de Jasão. Acompanhava-a também o irmão dela, Apsirto; e com eles a bordo, os Argonautas zarparam durante a noite.

#### *Retorno dos Argonautas. Assassinato de Apsirto*

Quando Eetes ficou a par das façanhas que Medeia ousara realizar, pôs-se a perseguir a nau; contudo, assim que Medeia o viu se aproximar, matou seu irmão e, tendo lhe esquarterado os membros, lançou-os nas profundezas do mar<sup>152</sup>. Contudo, por haver reunido os membros dispersos do seu filho, Eetes se atrasou na perseguição. Por isso ele retornou e, após haver enterrado os membros que foram resgatados, denominou o lugar Tomos<sup>153</sup>. Enviou, no entanto, numerosos habitantes da Cólquida à procura da nau Argo, ameaçando-lhes que, se não trouxessem Medeia de volta, sofreriam a mesma punição que lhe estava reservada. Então eles se dispersaram e se puseram à sua procura por diversos lugares.

Quando os Argonautas já haviam navegado pelo rio Erídano, Zeus, enfurecido pelo assassinato de Apsirto, enviou-lhes uma violenta tempestade e lançou-os à deriva. E enquanto navegavam diante das ilhas Apsírtidas, a nau anunciou com voz humana que Zeus só cessaria sua cólera se viajassem até a Ausônia<sup>154</sup> e fossem purificados por Circe<sup>155</sup> do assassinato de Apsirto. Após haverem navegado pelo país dos lígures e dos celtas, atravessaram o mar da Sardenha e, costeando a Tírrênia, chegaram a Eea, onde se tornaram suplicantes de Circe e foram purificados<sup>156</sup>.

#### *As Sereias. Cila e Caríbdis. Chegada ao país dos feaces*

Quando velejavam perto das Sereias, Orfeu, entoando um contracanto, conteve os Argonautas<sup>157</sup>. Somente Butes partiu a nado até elas, mas Afrodite o arrebatou e o estabeleceu em Lilibeu. Depois das Sereias, a nau se deparou com Caríbdis, Cila e as Rochas Errantes<sup>158</sup>, sobre as quais se via elevar espesso fogo e fumaça. Porém Tétis, a pedido de Hera, transportou a nau por entre elas, juntamente com as Nereidas.

<sup>150</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, III 1026 ss.

<sup>151</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, III 1246-1398.

<sup>152</sup> Cf. EURÍPIDES, *Medeia* 166 e 1334. Mas, em APOLÔNIO DE RODES, IV 224 ss., Apsirto, já adulto, é quem conduz o carro que persegue os fugitivos. Mais tarde, chega a uma ilha na desembocadura do Istro (Danúbio), onde Jasão o mata por meio de um ardil de Medeia (IV 305-474). Cf. HIGINO, *Fáb.* 23.

<sup>153</sup> Tomos, “partes”.

<sup>154</sup> Antigo nome da Itália, derivado de Áuson, um filho de Odisseu e Circe ou Calipso.

<sup>155</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 576-591.

<sup>156</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 659-717.

<sup>157</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 891-921; HIGINO, *Fáb.* 14.

<sup>158</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 922 ss. Estas rochas são aparentemente as ilhas Lípari.

Após terem passado pela ilha da Trinácia, onde se encontravam os bois de Hélio<sup>159</sup>, chegaram a Corcira, a ilha dos feaces, cujo rei era Alcínoo<sup>160</sup>. Como os habitantes da Cólquida não podiam encontrar a nau, alguns deles se estabeleceram nos montes Ceráunios, enquanto outros, tendo sido transportados até a Ilíria, se instalaram nas ilhas Apsírtidas<sup>161</sup>. Outros, no entanto, chegaram ao país dos feaces, encontraram a Argo e exigiram que Alcínoo lhes entregasse Medeia. Ele disse que, se ela já tivesse se unido a Jasão, entregá-la-ia a esse. Caso, porém, ainda fosse virgem, enviá-la-ia de volta ao seu pai. Contudo, Arete se antecipou e uniu Jasão e Medeia em casamento. Por conseguinte, os habitantes da Cólquida permaneceram no país dos Feaces e os Argonautas ganharam o alto mar com Medeia<sup>162</sup>.

#### *Os Argonautas em Anafe e Creta: Talo. Retorno a Iolco. Morte de Pélias*

Enquanto navegavam à noite, foram surpreendidos por uma violenta procela. Mas Apolo, tendo se postado sobre os montes Melântios, desferiu uma flecha no mar, emitindo um intenso fulgor. Então eles avistaram uma ilha próxima e, após haverem ancorado nela, denominaram-na Anafe, por ela haver aparecido inesperadamente<sup>163</sup>. Em seguida, ergueram um altar a Apolo Egletes<sup>164</sup> e, tendo realizado os sacrifícios, puseram-se a banquetear; e as doze servas que foram dadas a Medeia por Arete divertiam os heróis com gracejos. E é por esse motivo que mulheres ainda hoje costumam fazer gracejos durante a realização desse sacrifício.

Dali, eles singraram o pélagos, mas foram impedidos de atracar em Creta por Talo. Uns dizem que ele era da raça de bronze; outros, que foi dado a Minos por Hefesto e que era um homem de bronze; outros, porém, dizem que ele era um touro. Ele tinha uma veia que se estendia do seu pescoço até o calcanhar e havia um cravo de bronze fincado no término dessa veia. Esse Talo vigiava a ilha, correndo ao seu redor três vezes por dia. Consequentemente, no instante em que ele avistou a nau Argo, que navegava em direção à ilha, começou a lhe lançar pedras. Morreu devido a um ardil de Medeia, que, conforme dizem uns, o enlouqueceu por meio de suas poções mágicas, segundo outros, tendo lhe prometido torná-lo imortal, Medeia retirou-lhe o cravo; então todo o seu icór foi vertido e ele morreu<sup>165</sup>. Outros porém, dizem que Talo morreu devido a uma flecha que Peante havia lhe desferido no calcanhar.

Após terem permanecido ali por uma noite, aportaram em Egina no intuito de se abastecerem de água, quando então ocorreu uma disputa entre eles sobre o modo de recolher a água<sup>166</sup>. Daí eles navegaram entre a Eubeia e a Lócrida e chegaram a Iolco, completando toda a viagem em quatro meses.

Pélias, certo de que os Argonautas não regressariam, quis matar Éson. Contudo, Éson lhe pediu que o deixasse se matar e tendo cumprido um sacrifício, sorveu intrépido o sangue de um touro e morreu<sup>167</sup>. Então a mãe de Jasão amaldiçoou Pélias e se enforcou, deixando um filhinho, Prômaco. Mas Pélias também matou essa criança que ela havia deixado. Assim que retornou, Jasão entregou-lhe o vela e quis se vingar de todos os males que lhe haviam sido perpetrados, porém aguardou pelo momento oportuno. Tendo navegado pelo Istmo com os heróis, Jasão consagrou a nau a Posídon, e em seguida pediu a Medeia que lhe encontrasse um meio para punir Pélias. Então

<sup>159</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 964-979.

<sup>160</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 982 ss.; HIGINO, *Fáb.* 23.

<sup>161</sup> PLÍNIO, *Nat. Hist.* II 151, situa as ilhas Apsírtides na Ilíria, onde Medeia matou seu irmão.

<sup>162</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 1106-1210.

<sup>163</sup> Ilha das Cíclades. Em Apolônio de Rodes, o episódio da aparição desta ilha está situado depois da estadia dos Argonautas em Creta.

<sup>164</sup> “Resplandecente”.

<sup>165</sup> Segundo APOLÔNIO DE RODES, IV 1639-1693, Talo morre porque se fere no calcanhar com a ponta de uma rocha, de cuja ferida escorre seu sangue.

<sup>166</sup> Segundo APOLÔNIO DE RODES, IV 1765-1772, esta disputa entre os Argonautas originou o costume de competir em uma corrida, celebrada em Egina, na qual se levava ânforas cheias sobre os ombros.

<sup>167</sup> Segundo OVÍDIO, *Met.* VII 176-7, e *Retornos Fr.* 6A e 6B, Éson ainda vivia quando a expedição chegou a Iolco, e Medeia o rejuvenesceu.

ela foi ao Palácio de Pélias e persuadiu suas filhas a cortar a carne de seu pai em pedaços e a cozinhá-la, com a promessa de rejuvenescê-lo por meio de suas poções mágicas. Para lhes ganhar a confiança, Medeia esquitejou um carneiro e, após tê-lo cozido, transformou-o em um cordeirinho. Desse modo, elas se convenceram: cortaram seu pai em pedaços e o cozinham<sup>168</sup>. Acasto, porém, juntamente com os habitantes de Iolco, enterrou o seu pai e expulsou Jasão e Medeia de Iolco.

*Jasão e Medeia em Corinto. Medeia ocasiona a morte de Glauce e mata os próprios filhos. Foge para Atenas e retorna à Cólquida*

Eles foram para Corinto e viveram felizes por dez anos. Todavia, quando Creonte, rei de Corinto, ofereceu a Jasão a mão de sua filha Glauce em casamento, ele abandonou Medeia e esposou Glauce. Então Medeia invocou os deuses pelos quais Jasão havia jurado e, após tê-lo recriminado inúmeras vezes por sua ingratidão, enviou à sua noiva um peplo que ela havia embebido em venenos, o qual, no instante em que Glauce o vestiu, foi consumida por um fogo violento, juntamente com seu pai, que viera socorrer-la<sup>169</sup>. Em seguida, matou os filhos que tivera com Jasão, Mérmero e Feres, e após haver recebido de Hélio um carro atrelado a dragões alados, fugiu sobre ele e foi para Atenas. No entanto, também se diz que, por ocasião de sua fuga, ela abandonara seus filhos, que ainda eram pequenos, tendo-os colocado como suplicantes sobre o altar de Hera Acraia<sup>170</sup>; os coríntios, porém, ergueram-nos e infligiram-lhes ferimentos mortais<sup>171</sup>.

Medeia chegou a Atenas e aí, tendo sido esposada por Egeu, gerou um filho<sup>172</sup>, Medo. Mais tarde, contudo, por haver tramado contra Teseu, foi banida de Atenas com seu filho. E Medo, tendo dominado numerosos bárbaros, denominou Média toda a região que havia subjogado e morreu durante a expedição militar que empreendera contra os Hindus. Então Medeia retornou como uma desconhecida para a Cólquida, e, ao encontrar Eetes, que havia sido destronado por seu irmão Perses, matou esse último e restituiu o reino a seu pai<sup>173</sup>.

\*\*\*\*\*

---

<sup>168</sup> Em OVÍDIO, *Met.* VII 297-349; em PAUSÂNIAS, VIII 11, 2, Medeia, fingindo inimizade com Jasão, refugia-se na casa de Pélias; em HIGINO, *Fáb.* 24, finge ser sacerdotisa de Ártemis e se apresenta a Pélias antes que os Argonautas desembarquem.

<sup>169</sup> É o argumento da tragédia de EURÍPIDES, *Medeia*. Cf. HIGINO, *Fáb.* 25; OVÍDIO, *Met.* VII 391 ss.

<sup>170</sup> “Das alturas”.

<sup>171</sup> Segundo PAUSÂNIAS, II 3, 6, os filhos de Medeia foram apedrejados pelos coríntios porque foram eles que levaram os presentes a Glauce.

<sup>172</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 1 5-6; PAUSÂNIAS, II 3, 8.

<sup>173</sup> Segundo outros autores, não foi Medeia, mas sim seu filho Medo quem matou Perses. Cf. DIODORO, IV 56, 1; HIGINO, *Fáb.* 27.

## LIVRO II

### DESCENDÊNCIA DE ÍNACO

#### *Filhos de Ínaco. Filhos de Foroneu. Argo e Pelasgo. Argo Panoptes*

Uma vez que expusemos os relatos referentes à estirpe de Deucalion, discorramos agora sobre a estirpe de Ínaco.

De Oceano e Tétis nasceu um filho, Ínaco, a partir do qual um rio de Argo é denominado Ínaco<sup>1</sup>. Dele e de Mélia, filha de Oceano, nasceram dois filhos: Foroneu e Egialeu. Quando Egialeu morreu sem filhos, toda a região foi denominada Egialeia<sup>2</sup>; e Foroneu<sup>3</sup>, tendo reinado sobre todo o território que foi posteriormente denominado Peloponeso, gerou, com a ninfa Telédice, Ápis e Níobe. Ápis converteu seu poder em uma tirania e denominou o Peloponeso Ápia, a partir do próprio nome. Contudo, por ser um tirano violento, foi vítima de uma conspiração de Telxíone e Télquis e morreu sem deixar descendentes, sendo posteriormente divinizado sob o nome de Serápis<sup>4</sup>. De Níobe e Zeus – e ela foi a primeira mulher mortal com a qual Zeus se uniu –, nasceu Argo, e também, como afirma Acusilau, Pelasgo, a partir do qual os habitantes do Peloponeso foram denominados pelasgos. Contudo, Hesíodo afirma que Pelasgo nascera do próprio solo. Sobre ele, porém, voltaremos a falar<sup>5</sup>. Argo, após haver recebido o reino, passou a chamar o Peloponeso de Argo, a partir do próprio nome, e tendo esposado Evadne, filha de Estrímon e Neera, gerou Écbaso, Piras, Epidauro e Críaso, o qual também o sucedeu no poder.

De Écbaso nasceu Agenor e de Agenor, Argo, o chamado *panoptes*<sup>6</sup>. Ele tinha olhos por todo o corpo e, por ser dotado de uma força descomunal, matou o touro que devastava a Arcádia e se recobriu com o couro dele, e após ter enfrentado Sático, que causava prejuízos aos árcades e lhes roubava os rebanhos, matou-o. Também se diz que Argo, ao constatar que Equidna<sup>7</sup>, que era filha de Tártaro e de Gaia e arrebatava simultaneamente os que passavam perto dela, estava dormindo, matou-a. Ele também vingou o assassinato de Ápis, matando os culpados.

<sup>1</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 5; escólio a EURÍPIDES, *Orestes* 932. Na realidade, Ínaco é o próprio rio, quer dizer, um dos tantos deuses-rio, filhos de Oceano e Tétis, e irmão, portanto de sua esposa Mélia (ou Árgia, em HIGINO), cujo nome evoca o dos freixos (v. Melíades).

<sup>2</sup> A Argólida ou o Peloponeso.

<sup>3</sup> Atribui-se a Foroneu a organização dos homens em comunidade (PAUSÂNIAS, II 15, 5), e o ter sido o primeiro a erguer um altar em honra de Hera (HIGINO, *Fáb.* 143). ACUSILAU o considera o primeiro homem, dado que concorda com o que é dito aqui sobre sua filha Níobe: “a primeira mulher mortal com a qual Zeus se uniu”.

<sup>4</sup> O Pseudo Apolodoro o identifica com o touro Ápis egípcio, que por sua vez se identificava com o deus egípcio Serápis ou Sarápis. Ápia, como nome do Peloponeso ou de Argo, é atestado em ÉSKUÍLO, *Supl.* 60 ss. e PAUSÂNIAS, II 5, 7.

<sup>5</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 8, 1. Pelasgo é o nome de vários heróis, epônimos do povo “mítico” dos pelasgos. O fato de se supor que os pelasgos ocuparam o Peloponeso e a Tessália levou à existência de diversos heróis com esse nome nas referidas regiões. O Pseudo Apolodoro segue a tradição arcádica, enquanto PAUSÂNIAS I 14, 2; II 24, 1, segue a tradição argiva, na qual ele é filho de Tríopas e de Sóis (ou Sóis) e irmão de Íaso e de Agenor; bisneto de Níobe e de Zeus e trineto de Foroneu. Recebeu em sua casa a deusa Deméter, na época em que ela procurava sua filha e erigiu o templo de Deméter Pelásguia em sua homenagem. Teve uma filha chamada Larissa, que deu o seu nome a uma cidade de Argos. O terceiro Pelasgo aparece na tradição tessálica, na qual aparece como filho (e não pai) de Larissa e de Posídon e irmão de Aqueu e Ftio. Deixou com eles o Peloponeso, sua terra natal, indo colonizar a Tessália, que tinha o nome de Hemônia. Expulsaram os selvagens que aí habitavam e dividiram o território em três partes, tomando cada uma delas o nome de um dos três irmãos. Cada um deles passou a administrar uma parte, formando-se assim a Acaia, a Ftíótida e a Pelasguiótida. Mais tarde, cinco gerações após estes acontecimentos, os descendentes dos conquistadores foram por sua vez expulsos pelos Curetes e pelos Léleges. Foi uma parte destes “Pelasgos” que emigrou para Itália (cf. Grimal p. 360).

<sup>6</sup> “Aquele que tudo vê”. Cf. ÉSKUÍLO, *Supl.* 303 ss.; OVÍDIO, *Met.*, I 625 ss.; VIRGÍLIO, *En.* VII 790; HIGINO, *Fáb.* 145.

<sup>7</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 295 ss.

De Argo e de Ismene, filha de Asopo, nasceu um filho, Íaso, do qual afirmam haver nascido Io. Mas Cástor, autor de crônicas, e vários poetas trágicos dizem que Io era filha de Píren<sup>8</sup>. Zeus costumava seduzi-la quando ela desempenhava a função de sacerdotisa de Hera. Todavia, ao ser surpreendido em flagrante por Hera, com um leve toque metamorfoseou a donzela numa novilha branca<sup>9</sup> e jurou que não havia se unido amorosamente a ela. Por esse motivo, Hesíodo afirma que as juras feitas pelos amantes não atraem a cólera dos deuses<sup>10</sup>. Hera, porém, pediu a Zeus a novilha para si e instituiu Argo, o que tudo vê, como o guardião dela. Ferécides diz que esse Argo era filho de Aréstor; Asclepiades, no entanto, que era filho de Ínaco; e Cércope, que era filho de Argo e Ismene, filha de Asopo; porém Acusilau diz que ele havia nascido da terra. Então Argo a amarrou em uma oliveira que havia em um bosque de Micenas. Zeus, porém, ordenou a Hermes que roubasse a novilha, e, uma vez que Hermes não podia fazê-lo às ocultas, porque Hiérax\* denunciara sua presença, ele atirou uma pedra e matou Argo. Por esse motivo, Hermes foi denominado Argifonte<sup>11</sup>. Em seguida, Hera enviou um moscardo para perseguir a novilha<sup>12</sup>, e ela se dirigiu primeiramente ao golfo, que foi denominado Jônio a partir de seu nome; em seguida, ela viajou pela Ilíria e, após atravessar o monte Hemo, transpôs o estreito da Trácia, o qual é atualmente denominado Bósforo<sup>13</sup>, em sua homenagem. Tendo partido dali para Cítia e para a terra dos Cimérios, perambulou por imensas extensões de terra, atravessou a nado muitos mares da Europa e da Ásia e chegou finalmente ao Egito, onde ela retomou a sua forma original e deu à luz, próximo ao rio Nilo<sup>14</sup>, a um filho, Épafo. Hera pediu então aos Curetes que desaparecessem com Épafo e eles assim o fizeram. Logo que Zeus se apercebeu, ele matou os Curetes; Io, no entanto, partiu à procura de seu filho. Após haver vagueado a esmo por toda a Síria – pois aí lhe fora revelado que a mulher do rei de Biblos havia criado o seu filho – ela encontrou Épafo e, ao chegar ao Egito, foi desposada por Telégono, que reinava então sobre os egípcios. Em seguida, ela ergueu uma estátua de Deméter, a qual os egípcios denominaram Ísis, e, do mesmo modo, passaram a chamar Io de Ísis<sup>15</sup>.

#### *Descendência de Io: Agenor e Belo. Os filhos deste: Dânao e Egito*

Depois que Épafo, rei dos egípcios, esposou Mênfis, filha do Nilo, ele fundou a cidade de Mênfis em homenagem a ela e lhe gerou uma filha, Líbia, a partir da qual o país passou a ser denominado Líbia<sup>16</sup>. De Líbia e Posídon nasceram dois filhos gêmeos: Agenor e Belo. Agenor partiu para a Fenícia, onde se tornou rei e o ancestral de uma grande linhagem, e, por esse motivo,

<sup>8</sup> Cf. HERÓDOTO, I 1; PAUSÂNIAS, III 18, 13; ÉSQUILO, *Prom.* 589 ss.; OVÍDIO, *Met.* I 583 ss.; HIGINO, *Fáb.* 145.

<sup>9</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* I 611 ss.; segundo ÉSQUILO, *Supl.* 291 ss., foi Hera quem, para evitar que Zeus se unisse a Io, transformou-a em uma novilha, mas Zeus, então, adotou a forma de um touro.

<sup>10</sup> HESÍODO, *Fr.* 124. Este é o famoso trecho que confirma que o nosso autor *não* pode ser Apolodoro de Atenas, uma vez que cita o cronista Cástor, que lhe é póstumum (*terminus ante quem*).

\* Hiérax é o falcão e dois heróis com esse nome desempenham um papel na lenda. Aqui, trata-se de um charlatão que impediu Hermes de roubar furtivamente Io em Argo, obrigando, assim, o deus a matá-lo. Ainda que o Pseudo Apolodoro não mencione, o castigo de Hermes foi, sem dúvida, transformá-lo no pássaro homônimo, cf. GRIMAL, p. 228.

<sup>11</sup> O significado que se atribui ao termo deriva da etimologia popular *Árgos, péphnein* que é tradicionalmente interpretado como “assassino de Argo”, baseado nesse episódio. Mas o termo tem também outros sentidos bem diferentes deste, como o de “matador de cães”, ou como o deus que “mata por seu esplendor”, por exemplo (cf. ORDEP, 2006, p. 179-81) cit. em CABRAL, L. A. M., 2011, p. 187-8. Hera retirou os múltiplos olhos de Argo e os colocou nas plumas do pavão real (OVÍDIO, *Met.* I 722-3).

<sup>12</sup> Cf. ÉSQUILO, *Prom.* 589, 681; id. *Supl.* 308, 541 e 572; VIRGÍLIO, *Geórg.* III 152-3. Em OVÍDIO, *Met.* I 725 ss., Hera envia a uma Erínia contra Io.

<sup>13</sup> *Boos-póron*, “passagem da novilha”.

<sup>14</sup> Cf. ÉSQUILO, *Prom.* 846 ss.; id. *Supl.* 313-315; OVÍDIO, *Met.* I 748 ss.; HIGINO, *Fáb.* 145.

<sup>15</sup> Cf. HERÓDOTO, II 59; LUCIANO, *Diálogos dos deuses* 3; DIODORO, I 13, 5; 96, 5.

<sup>16</sup> Os gregos denominaram o continente africano de Líbia.

exporemos posteriormente o relato a seu respeito<sup>17</sup>. Belo permaneceu no Egito e tornou-se o rei dos egípcios; tendo esposado Anquínoe, filha do Nilo, teve com ela dois filhos gêmeos: Egito e Dânao; todavia, segundo Eurípides, além desses, ele teve ainda Cefeu e Fineu. Belo estabeleceu Dânao na Líbia e Egito na Arábia; esse último, tendo conquistado o país dos melâmpodes, denominou-o Egito, a partir do próprio nome. Ambos tiveram filhos com várias mulheres: Egito teve cinquenta filhos, e Dânao, cinquenta filhas. Depois que brigaram entre si pela posse do reino, Dânao passou a temer os filhos de Egito e, a conselho de Atena, construiu uma nau, tendo sido o primeiro a construir uma, e, após haver embarcando nela com suas filhas, partiu.

Ao atracar em Rodes, Dânao erigiu uma estátua de Atena Lúndia<sup>18</sup> e dali foi para Argo, onde reinava, então, Gelanor, que lhe entregou o seu reino, e uma vez que havia subjugado o país, denominou seus habitantes dânaos, a partir do próprio nome. Quando, porém, o país ficou desprovido de água, uma vez que Posídon havia secado até mesmo as fontes na ocasião em que se encolerizou com Ínaco, por este haver testemunhado que a terra pertencia a Hera<sup>19</sup>, Dânao enviou suas filhas à procura de água. Uma delas, Amimone, enquanto procurava água, desferiu uma seta num cervo e atingiu um Sátiro que estava dormindo, e ele, ao despertar, desejou possuí-la. Mas no instante em que Posídon apareceu, o Sátiro fugiu; e então Amimone se uniu a Posídon e ele lhe revelou as fontes de Lerna<sup>20</sup>.

### *As Danaides*

Os filhos de Egito, no entanto, foram para Argo e exortaram Dânao a por um fim à inimizade e lhe pediram as filhas em casamento. E Dânao, em parte por desconfiar de suas declarações, em parte por haver guardado ressentimento do seu exílio, concordou com os casamentos e designou-lhes suas filhas por meio de um sorteio.

Não obstante, escolheu Hipermnestra, sua filha primogênita, para Linceu, e Gorgófona, para Proteu, pois esses jovens haviam nascido no Egito e eram filhos de uma rainha, Argífia. Dentre as restantes, para Busíris, Encélado, Lico e Dáifron, foram sorteadas as filhas que Dânao tivera com Europa, a saber, Autômata, Amimone, Agave e Esceia. Essas haviam nascido de Dânao e daquela rainha, enquanto Gorgófona e Hipermnestra haviam nascido de Dânao e de Elefântis. Pelo sorteio, Istro obteve Hipodâmia<sup>21</sup>; Calcodonte obteve Ródia; Agenor obteve Cleópatra; Queto obteve Astéria; Diocoriste obteve Hipodâmia; Alce obteve Glauce; Alcmenor obteve Hipomedusa; Hipótoo obteve Gorge; Euquénor obteve Ifimedusa e Hipólito obteve Rode. Esses dez jovens descendiam de uma mulher árabe, porém as donzelas descendiam das ninfas Hamadriades, umas de Atlântia, outras de Febe. Agaptólemo obteve Pirene; obteve Dorion; Euridamante obteve Fártis; Égio obteve Mnestra; Árgio obteve Evipe; Arquelau obteve Anaxíbia e Mnêmaco obteve Nelo. Esses sete rapazes descendiam de uma mulher fenícia, enquanto as donzelas, de uma etíope. Os filhos de Egito e Tíria obtiveram, sem sorteio, as filhas que Dânao havia tido com Mênfis, em virtude da semelhança de seus nomes; e assim Clito obteve Clite, Estênelo obteve Estênele e Crisipo obteve Crisipa. Os doze filhos de Egito e da ninfa náiaide Caliadne obtiveram, através do sorteio, as filhas que Dânao tivera com ninfa náiaide Polixo. Os rapazes eram Euríloco, Fantes, Peristenes, Hermo, Drias, Potámon, Cisseu, Lixo, Imbro, Brômio, Políctor, e Ctônio; e as moças eram Autônoe, Teano, Electra, Cleópatra, Eurídice, Glaucipe, Antélia, Cleodora, Evipe, Érato, Estigne e Brice. Os filhos de Egito e Górgona obtiveram, pelo sorteio, as filhas que Dânao havia tido com Piéria; e assim Perifante obteve Acteia; Eneu obteve Podarce; Egito obteve Dioxipa; Menalce obteve Adite; Lampo obteve Ocípete e Ídmon obteve Pilarge... oito eram os mais jovens de todos; Idas obteve Hipódice;

<sup>17</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III I, 1.

<sup>18</sup> De Lindos, cidade de Rodes; cf. HERÓDOTO, II 182.

<sup>19</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 5.

<sup>20</sup> Cf. EURÍPIDES, *Fen.* 187 ss.; PROPÉRCIO, III 18, 47-8; LUCIANO, *Diálogos marinhos* 6; HIGINO, *Fáb.* 169. PAUSÂNIAS (II 37, 1 e 5) e ESTRABON (VII 68) afirmam que em Lerna havia um riacho chamado Amimone.

<sup>21</sup> Como assinala FRAZER (I, p. 140), este nome, que aparece um pouco antes, deve ser um erro de Filodâmia ou Cleodâmia (conjectura de HEYNE), ou de Hipótoe (WAGNER).

Dáifron obteve Adiante (a mãe dessas duas era Herse); Pandíon obteve Calídice; Arbelo obteve Eme; Hipérbio obteve Celeno e Hipocoriste obteve Hipéripe; Esses jovens descendiam de Hefestina e as donzelas, de Crino.

Após haver sorteado os casamentos, Dânao realizou um banquete e entregou punhais para suas filhas; e elas mataram seus noivos enquanto eles dormiam, com exceção de Hipermnestra; com efeito, ela salvou Linceu porque ele havia respeitado sua virgindade<sup>22</sup>; por isso Dânao a prendeu e a manteve sob vigilância. As outras filhas de Dânao, no entanto, enterraram as cabeças de seus noivos em Lerna e prestaram honras fúnebres aos seus corpos diante da cidade<sup>23</sup>; e Atena e Hermes as purificaram, a mando de Zeus. Posteriormente, Dânao permitiu que Hipermnestra vivesse com Linceu e concedeu a mão de todas as outras filhas em casamento aos vencedores de uma competição atlética<sup>24</sup>.

### *Náuplio*

Amimone, tendo se unido a Posídon, gerou Náuplio. Esse Náuplio tivera uma longa existência e, quando navegava pelo mar, costumava acender tochas para matar os navegantes<sup>25</sup>. Sucedeu, então, que ele próprio morreu de maneira idêntica, pela qual, quando os outros morriam... afligia-se antes de morrer. Esposou, conforme dizem os poetas trágicos, Clímene, filha de Catreu; segundo, porém, o autor dos *Retornos*<sup>26</sup>, Filira; e, de acordo com Cércope, Hesíone, e gerou Palamedes, Éax e Nausimedonte.

### *Acrísio e Preto. As filhas de Preto curadas de sua loucura por Melampo.*

Linceu sucedeu a Dânao no reinado de Argo e com Hipermnestra teve um filho, Abas. De Abas e Aglaia, filha de Mantineu, nasceram dois filhos gêmeos: Acrísio e Preto. Esses, enquanto ainda estavam no ventre de sua mãe, já brigavam entre si, e depois que cresceram, passaram a guerrear pela posse do reino e, no decurso dessa guerra<sup>27</sup>, foram os primeiros a inventar os escudos. Tendo se sagrado vencedor, Acrísio baniu Preto de Argo; Preto foi para Lícia, para a corte de Iobates, ou, conforme alguns afirmam, para a corte de Anfíanax, e esposou a filha desse, a qual, segundo Homero, era Anteia; ou, de acordo com os poetas trágicos, Estenebeia<sup>28</sup>. E então o seu sogro, com o exército dos lícios, o reconduziu ao seu país e ocupou Tirinto, a qual os Ciclopes cercaram de muralhas<sup>29</sup>. E após terem dividido todo o território argivo entre si, estabeleceram-se nele: Acrísio passou a reinar sobre Argo e Preto, sobre Tirinto<sup>30</sup>. Com Eurídice, filha de Lacedemônio, Acrísio gerou Dânae, e Preto, com Estenebeia, gerou Lisipa, Ifínoe e Ifianassa.

<sup>22</sup> PAUSÂNIAS, II 19, 6 afirma que Hipermnestra foi julgada absolvida por ter desobedecido seu pai. Segundo SÉRVIO, *Escólios a Eneida*, X 497, Linceu assassinou Dânao depois, e o escólio a EURÍPIDES, *Hécabe* 886, e também às demais Danaides; por sua vez, no escólio a *Orestes* 872, diz-se que Linceu obteve a paz entre Egito e Dânao.

<sup>23</sup> Segundo PAUSÂNIAS, II 24, 2, as cabeças foram enterradas em Larissa e os corpos em Lerna. Não me parece inteiramente despropositado perguntar se a Hidra de Lerna, com suas cabeças eternamente renascentes, não seria uma representação derivada deste episódio. No entanto, não encontrei nenhum mitógrafo que levasse a sério essa hipótese.

<sup>24</sup> Cf. PÍNDARO, *Pít.* IX 112 e 196; PAUSÂNIAS, III 12, 2. Ao morrer, as Danaides foram condenadas a encher de água um recipiente furado no Hades. É provável que o casamento das Danaides e a história da sua morte às mãos de Linceu (não mencionada pelo Pseudo Apolodoro) representem dois estratos diferentes da lenda, sendo o segundo o mais antigo (cf. Grimal, p. 110).

<sup>25</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 6, 7-11.

<sup>26</sup> Os *Retornos*, poema épico sobre a volta dos heróis de Troia (cf. *Fragments de épica...*, ed. cit., p.192-214).

<sup>27</sup> PAUSÂNIAS, II 25, 7.

<sup>28</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 3, 1 e II 9, 1, *Iliada* VI 160.

<sup>29</sup> Segundo ESTRABON, VIII I 1, sete eram os ciclopes que construíram as muralhas das cidades argivas e provinham da Lícia.

<sup>30</sup> De acordo com BAQUÍLIDES, X 60-81, a divisão do território e a fundação de Tirinto foram as condições para a paz que encerrou a guerra entre os irmãos. Cf. também PAUSÂNIAS, II 16, 2; ESTRABON, VIII 10.

Quando essas donzelas cresceram, passaram a delirar, conforme afirma Hesíodo<sup>31</sup>, porque se recusaram a aceitar os rituais dionisíacos; ou, segundo Acusilau, porque haviam menosprezado a estátua de madeira (*xóanon*) de Hera. Durante o seu transe, elas erravam por todo o território argivo, e mais tarde, após haverem atravessado a Arcádia, passaram a correr desordenadamente pelos ermos. Então Melampo, filho de Amitáon e de Idomene, filha de Abas, que era um adivinho e o primeiro a ter descoberto o tratamento por meio de fármacos e purificações, prometeu curar as donzelas caso recebesse em troca um terço do reino. Quando, porém, Preto recusou o tratamento, ao preço de tão elevada remuneração, as donzelas passaram a delirar ainda mais, e, juntamente com elas, o restante das mulheres; pois elas abandonavam suas casas, matavam os próprios filhos e passavam a vagar pelos ermos. No momento em que a desgraça se aproximava de seu ponto extremo, Preto concedeu a remuneração que lhe havia sido exigida. No entanto, Melampo prometeu curá-las desde que seu irmão Bias recebesse a mesma porção de terra que lhe estava destinada. Preto, receoso de que, se o tratamento demorasse, lhe fosse exigido ainda mais, permitiu que ele as curasse sob essas condições. Então Melampo, tendo tomado consigo os jovens mais fortes, com gritos e uma espécie de dança extática, perseguiram-nas das montanhas até Sícion. Durante a perseguição, Ifínoe, a filha mais velha, morreu; as outras, no entanto, foram submetidas a rituais de purificação e recobram a sensatez<sup>32</sup>. E Preto as concedeu em casamento a Melampo e Bias, e mais tarde gerou um filho, Megapentes.

### *Belerofonte e a Quimera*

Belerofonte<sup>33</sup>, filho de Glauco, filho de Sísifo, após matar involuntariamente seu irmão Delíades ou, com afirmam uns, Píren, ou, segundo outros, Alcimenes, dirigiu-se à corte de Preto e foi purificado. Estenebeia se apaixonou por ele e lhe enviou uma proposta para um encontro amoroso. Uma vez que ele recusara, ela disse a Preto que Belerofonte havia lhe enviado uma proposta para seduzi-la. Preto acreditou nela e incumbiu Belerofonte de levar uma mensagem para Iobates, na qual estava escrito que ele devia matar Belerofonte<sup>34</sup>. Após haver lido a mensagem, Iobates ordenou a Belerofonte que matasse a Quimera, julgando que ele seria destruído pela fera, pois ela era difícil de ser capturada não apenas por um, mas por muitos; ela tinha o torso de leão, a cauda de dragão e a terceira cabeça, a do meio, de cabra, pela qual expelia fogo; e assolava o país e consumia os rebanhos, pois era uma criatura dotada da força de três feras. Diz-se que a Quimera havia sido criada por Amisodoro, conforme Homero<sup>35</sup> também já o havia dito, e que ela havia nascido de Tífon e Equidna, como relata Hesíodo<sup>36</sup>. Então Belerofonte montou sobre o Pégaso, seu cavalo alado, nascido de Medusa e Posídon, e, tendo sido por ele elevado às alturas, abateu a Quimera<sup>37</sup> a flechadas. Após essa prova, Iobates ordenou-lhe que combatesse os sólimos<sup>38</sup>, e assim

---

<sup>31</sup> HESÍODO, *Fr.* 131. Não obstante, a causa de tal maldição varia de acordo com os autores: alguns escoliastas afirmam que elas despertaram a cólera de Hera por terem ousado julgar-se mais belas que a deusa; segundo outros, porque troçavam do templo de Hera, dizendo que o palácio de seu pai encerrava maiores riquezas, e segundo outros ainda, porque as jovens teriam roubado o ouro das vestes da deusa para o utilizarem em próprio benefício. De sua conduta semelhante à das Bacantes, nasceu a lenda segundo a qual teria sido Dioniso que as teria acometido de loucura, em virtude de elas terem recusado prestar-lhe culto.

<sup>32</sup> Sobre a loucura e cura das Prétidas, cf. BAQUÍLIDES, X 40-112; HERÓDOTO, IX 34; ESTRABON, VIII 3, 19; DIODORO, IV 68; PAUSÂNIAS, II 7, 8; 18, 4; OVÍDIO, *Met.* XV 525 ss. Segundo Diodoro e Baquíledes, a loucura afetou todas as mulheres argivas. CALÍMACO, *Hino a Ártemis* 234 ss., afirma que a cura foi realizada pela deusa Ártemis.

<sup>33</sup> “Matador de Bélero”, pois, segundo o escólio à *Iliada* VI 155, recebeu este nome por ter matado Bélero, um tirano de Corinto.

<sup>34</sup> Cf. *Iliada* VI 155 ss.; HIGINO, *Fáb.* 57; id. *Astr.* II 18. Segundo TZETZES, *Escólios a Licofron* 17, Preto absteve-se de matar Belerofonte, porque um antigo costume proibia matar àqueles que, juntos, tivessem feito uma refeição.

<sup>35</sup> *Iliada* XVI 328-9.

<sup>36</sup> Segundo HESÍODO, *Teog.* 319-320, a Quimera era filha da Hidra de Lerna.

<sup>37</sup> Sobre o combate de Belerofonte com a Quimera, cf. *Iliada* VI 179 ss.; HESÍODO, *Teog.* 325; id. *Fr.* 42a e 87; PÍNDARO, *Olimp.* XIII 90; PAUSÂNIAS, II 4, 1; HIGINO, *Fáb.* 57.

<sup>38</sup> Povo das montanhas das fronteiras da Lícia.

que ele cumpriu também essa tarefa, ordenou-lhe que lutasse contra as Amazonas e depois que ele também as matou, Iobates escolheu dentre os Lícios aqueles eram considerados os mais notáveis por sua bravura. Mas depois que Belerofonte matou todos eles, Iobates, admirando-lhe a força, mostrou-lhe a mensagem de Preto e pediu que permanecesse em sua companhia; deu-lhe a mão de sua filha Filônoe<sup>39</sup> em casamento e, ao morrer, deixou seu reino para ele.

#### *Dânae e seu filho Perseu*

Quando Acrísio consultou o oráculo a respeito de como gerar filhos do sexo masculino, o deus disse que nasceria um filho de sua filha que o mataria. Temendo isso, Acrísio construiu uma câmara de bronze subterrânea e aí encerrou Dânae. Ela, porém, como dizem uns, havia sido seduzida por Preto e daí teve início a rivalidade entre ambos<sup>40</sup>. Outros, no entanto, afirmam que Zeus metamorfoseou-se em ouro e, insinuando-se através do teto para os seios de Dânae, a ela se uniu em amor. Quando mais tarde Preto percebeu que Dânae havia gerado Perseu, recusou-se a acreditar que ela fora seduzida por Zeus e, tendo colocado sua filha e o filho dela numa arca, lançou-a ao mar. Quando a arca aportou em Sérifo, Díctis recolheu e criou a criança.

#### *Perseu diante das Graias e das Ninfas. Medusa*

No entanto, Polidectes, que era então o rei de Sérifo e irmão de Díctis, se apaixonou por Dânae, e uma vez que não podia se unir a ela porque Perseu havia se tornado homem feito, chamou os amigos dele e inclusive o próprio Perseu, a pretexto de angariar presentes para as núpcias de Hipodâmia, filha de Enomau<sup>41</sup>. Quando Perseu lhe disse que não tinha objeção em lhe dar até mesmo a cabeça da Górgona, Polidectes pediu cavalos aos outros, porém não aceitou os cavalos de Perseu e pediu-lhe que trouxesse a cabeça da Górgona. Ele, guiado por Hermes e Atena, partiu em direção às filhas de Forco: Ênio, Pefredo e Dino; essas eram filhas de Ceto e Forco, irmãs das Górgonas e velhas desde o nascimento<sup>42</sup>. As três possuíam apenas um olho e um dente e os trocavam entre si alternadamente. Perseu apoderou-se deles e quando elas lhes pediram de volta, ele disse que lhes devolveria se elas lhe indicassem o caminho para as Ninfas. Essas Ninfas tinham sandálias aladas e a *kíbisis*, que elas diziam ser uma sacola [Píndaro e Hesíodo, no *Escudo*, afirmavam sobre Perseu<sup>43</sup>:

“Ocupava todo o seu dorso a tétrica frente da monstruosa Medusa  
E a tiracolo cingia-lhe a *kíbisis*”.

Assim denominada pelo fato de roupas e alimentos serem depositados dentro dela<sup>44</sup>. E tinham também o elmo de Hades. Logo que as filhas de Forco lhe indicaram o caminho, Perseu lhes restituiu o dente e o olho, e, ao chegar às Ninfas, obteve o que procurava: colocou a *kíbisis* a tiracolo, ajustou as sandálias aos seus calcanhares e colocou o elmo sobre a cabeça. Ao envergá-lo, ele via quem desejava, porém não era visto pelos outros<sup>45</sup>. E tendo também recebido de Hermes uma foice adamantina, chegou a voar sobre o oceano e surpreendeu as Górgonas a dormir. Essas eram Esteno, Euríale e Medusa. Mas somente Medusa era imortal. Por isso Perseu havia sido enviado: para trazer a cabeça dela. As Górgonas tinham cabeças cingidas por escamas de dragões, dentes grandes como os de javalis, mãos de bronze e asas de ouro, com as quais voavam; e transformavam em pedras aqueles que as olhavam. Então Perseu, pairando sobre as Górgonas

<sup>39</sup> Segundo o escólio a PÍNDARO, *Olimp.* XIII 84, Anticleia, e, segundo o escólio à *Ilíada* VI 155, Cassandra.

<sup>40</sup> Os irmãos são Acrísio e Preto, cf. PSEUDO APOLODORO, II 2, 1.

<sup>41</sup> Isto é, presentes para obter a mão de Hipodâmia, aquela a quem Polidectes também aspirava. Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 2, 4 ss.

<sup>42</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 270 ss., que omite Dino; ÉSKUÍLO, *Prom.* 794 ss.; ERATÓSTENES, *Catast.* 22; OVÍDIO, *Met.* IV 774 ss.; HIGINO, *Astr.* II 12.

<sup>43</sup> HESÍODO, *Escudo* 223-4.

<sup>44</sup> Sobre a palavra *kíbisis*, “alforje”, “sacola”, derivado de *keísthai*, “estar depositado” e *esthês*, “vestido”, cf. as notas de FRAZER, I. p. 156-7.

<sup>45</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 6, 2.

adormecidas, enquanto Atena dirigia sua mão e ele desviava seu olhar para o escudo de bronze, por meio do qual ele via a imagem da Górgona, decapitou-a<sup>46</sup>. Assim que a cabeça dela foi cortada, Pégaso, um cavalo alado, saltou para fora da Górgona, e também Crisaor, o pai de Gérion, os quais ela havia gerado com Posídon<sup>47</sup>. Perseu colocou então a cabeça de Medusa dentro da *kíbisis* e tomou o caminho de volta. Porém as Górgonas se sobressaltaram de seus leitos e começaram a persegui-lo, sem poder, no entanto, enxergá-lo, por causa do elmo; já que, por meio dele, Perseu não podia ser visto.

#### *Libertação de Andrômeda. Castigo de Polidectes*

Ao chegar à Etiópia, onde reinava Cefeu, encontrou a filha deste, Andrômeda, exposta como repasto para um monstro marinho. Pois Cassiepeia, a mulher de Cefeu, rivalizou em beleza com as Nereidas e vangloriou-se de ser mais bela que todas. Por esse motivo, as Nereidas se agastaram, e Posídon, compartilhando da cólera delas, enviou ao país uma inundação e um monstro marinho<sup>48</sup>. Quando Amon anunciou o oráculo de que se livrariam da calamidade se a filha de Cassiepeia, Andrômeda, fosse exposta como repasto para o monstro, Cefeu, tendo sido constrangido pelos etíopes, cumpriu o que fora anunciado e agrilhoou sua filha a uma rocha. Assim que Perseu a contemplou, apaixonou-se por ela e prometeu a Cefeu que mataria o monstro se, depois que a salvasse, ele lhe desse como esposa. Após os juramentos terem sido prestados nestes termos, Perseu enfrentou o monstro, matou-o e libertou Andrômeda. No entanto, Fineu, que era irmão de Cefeu e ao qual Andrômeda havia sido primeiramente prometida em casamento, armou um plano contra ele. Ao descobrir a trama, Perseu mostrou a cabeça da Górgona a Fineu e aos seus comparsas e no mesmo instante os transformou em pedra<sup>49</sup>. Ao chegar a Sérifo, deparou-se com sua mãe e Díctis buscando refúgio nos altares, devido à violência de Polidectes; então Perseu entrou no palácio, onde Polidectes havia chamado seus amigos, e, desviando o olhar, mostrou-lhes a cabeça da Górgona. Todos os que a olharam ficaram petrificados, cada qual na posição em que se encontrava. Após ter estabelecido Díctis como o rei de Sérifo, Perseu devolveu as sandálias, a *kíbisis* e o elmo a Hermes, porém deu a cabeça da Górgona a Atena. Então Hermes restituiu os objetos mencionados às Ninfas e Atena engastou a cabeça da Górgona no meio do seu escudo. Alguns dizem, porém, que Medusa foi decapitada por Atena; pois afirmam que a Górgona pretendeu rivalizar-se com deusa em beleza.

#### *Morte de Acrísio. Descendência de Perseu*

Perseu, juntamente com Dânae e Andrômeda, apressou-se a ir para Argo, a fim de ver Acrísio. Mas este, quando soube disso, e por temer o oráculo<sup>50</sup>, abandonou Argo e partiu para a terra dos pelasgos. Quando Teutâmida, rei de Larissa, instituiu jogos atléticos em honra de seu falecido pai, Perseu também se apresentou com a intenção de competir. E enquanto disputava a prova do pentatlo, lançou o disco no pé de Acrísio e o matou no mesmo instante<sup>51</sup>. Percebendo que o oráculo havia se cumprido, enterrou Acrísio fora da cidade e, envergonhando-se de retornar a

---

<sup>46</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* IV 782-3.

<sup>47</sup> Pégaso, do grego *pegé*, “fonte”, “manancial”, pois, segundo HESÍODO, *Teog.* 283, havia nascido junto aos mananciais do oceano; Crisaor, de *khrysós*, “ouro”, e *áor*, “espada”. Cf. HIGINO, *Fáb.* 151; OVÍDIO, *Met.* IV 784 ss.; VI 119-20.

<sup>48</sup> O Pseudo Apolodoro omite a viagem de Perseu ao país de Atlas relatado por Ovídio, *Met.* IV 627-662. Para o episódio de Perseu e Andrômeda, cf. o próprio OVÍDIO, *Met.* IV 669-789; HIGINO, *Fáb.* 64; id. *Astr.* II 11; ERATÓSTENES, *Catast.* 16, 17 e 36. De acordo com PAUSÂNIAS, IV 35, 9, e o escólio a LICOFRON 836, o lugar onde se encontrava Andrômeda, quando foi salva por Perseu, foi Ioppa ou Jaffa, na Palestina. PAUSÂNIAS menciona também uma fonte próxima ao mar, cujas águas têm a cor púrpura, porque com ela Perseu foi limpo do sangue do monstro.

<sup>49</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* V 1-249.

<sup>50</sup> Refere-se ao oráculo que o havia advertido de que morreria pelas mãos de um filho de Dânae. Cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 1.

<sup>51</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 16, 2.

Argo para reivindicar a herança daquele que havia morrido por sua causa, foi para Tirinto e efetuou uma troca com Megapentes, filho de Preto, cedendo-lhe Argo. Portanto Megapentes passou a reinar sobre Argo, e Perseu, sobre Tirinto, após haver cercado de muralhas Mideia e Micenas<sup>52</sup>. E ele teve filhos com Andrômeda: antes de ir para a Hélade gerou Perses, o qual ele deixou com Cefeu (e do qual se diz que descendem os reis da Pérsia), e em Micenas gerou Alceu, Estênelo, Heleio, Méstor e Eléctrion, e uma filha, Gorgófona, a qual Perieres<sup>53</sup> esposou.

De Alceu e Astidâmia, filha de Pélope, ou, como dizem alguns, de Laomene, filha de Guneu, ou ainda, segundo outros, de Hipômene, filha de Meneceu, nasceram Anfítrion e uma filha, Anaxo; e de Méstor e Lisídice, filha de Pélope, nasceu Hipótoe. Essa Hipótoe foi arrebatada por Posídon e levada para as ilhas Equínades, onde o deus se uniu a ela e gerou Táfio, que fundou Tafos e denominou seu povo teléboas, por ele ter ido para longe de sua pátria<sup>54</sup>. De Táfio nasceu um filho, Ptérelas; o qual Posídon tornou imortal, ao colocar em sua cabeça um fio de ouro<sup>55</sup>. E Ptérelas teve os seguintes filhos: Crômio, Tirano, Antíoco, Quersidamante, Méstor e Everes.

Eléctrion, tendo esposado a filha de Alceu, Anaxo, gerou uma filha, Alcmena<sup>56</sup>, e os filhos Estratóbates, Gorgófono, Filônomo, Celeneu, Anfímaco, Lisínomo, Quirímaco, Anáctor e Arquelau; e depois desses, também um filho bastardo, Licímnio, com uma mulher da Frígia, Mideia.

De Estênelo e Nisipe, filha de Pélope, nasceram Alcíone e Medusa e, mais tarde, Euristeu, que se tornou o rei de Micenas. Pois quando Hércules estava prestes a nascer, Zeus afirmou entre os deuses que nasceria um descendente de Perseu que se tornaria rei de Micenas, e Hera, por ciúme, persuadiu Ilítia a reter o parto de Alcmena e fez os preparativos para que nascesse Euristeu, filho de Estênelo, que tinha sete meses<sup>57</sup>.

#### *Luta de Eléctrion contra os teléboas. Morte de Eléctrion*

No tempo em que Eléctrion reinava sobre Micenas, os filhos de Ptérelas vieram com Táfio e exigiram o reino de Méstor, o pai de sua mãe<sup>58</sup>; e como Eléctrion não lhes deu atenção, eles roubaram suas vacas; e quando os filhos de Eléctrion acorreram em sua defesa, houve provocação de ambos os lados e eles mataram uns aos outros. Dos filhos de Eléctrion, salvou-se apenas Licímnio, que ainda era jovem; e dos filhos de Ptérelas, Everes, que vigiava as naus. Os táfios que conseguiram escapar, ao zarparem, levaram consigo as vacas que haviam roubado e confiaram-nas a Polixeno, o rei dos eleios. No entanto, Anfítrion pagou o resgate a Polixeno e conduziu-as para Micenas. Eléctrion, querendo vingar a morte de seus filhos, planejou uma expedição militar contra os teléboas; antes, porém, entregou seu reino a Anfítrion e à sua filha Alcmena, após tê-lo feito jurar que guardaria a virgindade dela até o seu regresso. Todavia, enquanto recebia suas vacas de volta, uma delas se desgarrou do rebanho e Anfítrion lançou-lhe uma clava que tinha nas mãos. Mas a clava rebateu nos chifres da vaca e, tendo atingido a cabeça de Eléctrion, o matou<sup>59</sup>. Em

<sup>52</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 4 e 16, 3.

<sup>53</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 3.

<sup>54</sup> Apolodoro deriva teléboas de *télou*, “longe”, e *ébe*, “andou”.

<sup>55</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 4, 7.

<sup>56</sup> EURÍPIDES, *Heraclidas* 210-11, afirma que a mãe de Alcmena era uma das filhas de Penélope, chamada por outras fontes de Lisídice ou Eurídice.

<sup>57</sup> Ilítia (também no plural, Ilítias), filha de Zeus e Hera, é a deusa dos partos. Zeus concordou, com prazer, em fazer o juramento, acreditando que aquele que haveria de nascer seria seu próprio filho Hércules. Segundo OVÍDIO, *Met.* IX 292-323, Lucina (Ilítia) retardou o parto de Alcmena, ao sentar-se no umbral do palácio com os braços cruzados à frente dos joelhos. Dias depois, uma criada apresentou-se a ela, dizendo que Alcmena havia dado à luz; Ilítia, surpresa, descruzou os braços e, nesse momento, deu-se o parto. Em PAUSÂNIAS, IX 11, 3, são as Farmácides que impedem o parto até serem enganadas por uma filha de Tirésias chamada Históride. Cf. ANTONINO LIBERAL, 29.

<sup>58</sup> Segundo a genealogia dada anteriormente (PSEUDO APOLODORO, II 4, 5), Méstor não era o avô materno dos filhos de Ptérelas. As palavras “seu avô materno” são, certamente, uma interpolação. Cf. nota crítica de FRAZER I, p. 166.

<sup>59</sup> De acordo com HESÍODO, *Escudo* 11-12 e 82, Anfítrion não matou Eléctrion involuntariamente, apenas ambos brigaram por causa de umas vacas.

consequência disso, Estênelo se serviu desse pretexto para banir Anfítrion de toda a Argo e ele próprio assumiu o poder em Micenas e Tirinto. E após haver mandado chamar os filhos de Pélope, Atreu e Tiestes, entregou Mideia a eles.

#### *Anfítrion e Alcmena em Tebas. A raposa da Cadmeia. Luta contra os táfios: Ptérelas*

Anfítrion partiu com Alcmena e Licímnio para Tebas, onde foi purificado por Creonte<sup>60</sup>, e deu sua irmã, Perimede, a Licímnio. Quando Alcmena disse que o desposaria se ele vingasse a morte de seus irmãos<sup>61</sup>, Anfítrion, tendo lhe prometido que assim o faria, empreendeu uma expedição militar contra os teléboas e pediu a Creonte que o ajudasse. Creonte disse que participaria da expedição militar se Anfítrion primeiramente livrasse a Cadmeia de uma raposa; pois um animal feroz, a raposa, estava devastando a Cadmeia<sup>62</sup>. No entanto, estava fixado pelo destino que quem a enfrentasse, jamais poderia pegá-la. Enquanto o país era arruinado, os tebanos lhe expunham todo mês um filho de um dos cidadãos, pois ela arrebataria a muitos, caso isso não ocorresse. Então Anfítrion partiu para Atenas e se dirigiu a Céfalos, filho de Deioneu e o persuadiu, prometendo-lhe dar uma parte dos despojos dos teléboas, a levar para a caçada o cão que Prócris havia trazido de Creta, o qual ela recebera de Minos<sup>63</sup>. Estava também determinado pelo destino que esse cão pegaria qualquer coisa que perseguisse. Então, quando a raposa foi perseguida pelo cão, Zeus transformou ambos em pedra. Anfítrion, tendo como aliados Céfalos, de Tórico, na Ática; Panopeu, da Fócida; Heleio, filho de Perses, de Helos, na Argólida, e Creonte, de Tebas, arrasou as ilhas dos táfios. Enquanto, porém, Ptérelas visse, ele não poderia se apoderar de Tafos. Mas quando a filha de Ptérelas, Cometo, apaixonou-se por Anfítrion, arrancou o fio de ouro da cabeça de seu pai<sup>64</sup>; Ptérelas morreu e Anfítrion subjuguou todas as ilhas. Em seguida, matou Cometo, navegou com os despojos para Tebas e deu as ilhas a Heleio e Céfalos; e eles, tendo fundado cidades e denominado-as a partir de seus próprios nomes, estabeleceram-se nelas.

#### *O nascimento de Hércules*

Antes, porém, que Anfítrion retornasse a Tebas, Zeus chegou à noite e fez com que essa noite durasse por três, e, tendo assumido as feições de Anfítrion, compartilhou o leito com Alcmena e narrou-lhe o que havia acontecido a respeito dos teléboas<sup>65</sup>. Mas quando Anfítrion chegou e viu que sua mulher não o recepcionara afetuosamente, procurou saber a causa; e quando ela disse que ele havia chegado à noite anterior e dormido com ela, ele soube, através de Tirésias, que Zeus havia se unido à sua mulher. E Alcmena gerou dois filhos: Hércules, que tivera com Zeus, e que era uma noite mais velho; e Íficles, que tivera com Anfítrion. Quando Hércules era um bebê de oito meses de idade, Hera enviou ao seu leito duas serpentes colossais com a intenção de matá-lo. Enquanto Alcmena gritava por socorro a Anfítrion, Hércules se levantou e, estrangulando uma serpente em cada uma das mãos, as matou. Ferécides, no entanto, afirma que Anfítrion, desejando saber qual das

<sup>60</sup> Cf. HESÍODO, *Escudo* 79 ss.; EURÍPIDES, *Hércules* 16-17.

<sup>61</sup> Cf. HESÍODO, *Escudo* 14 ss.

<sup>62</sup> Este animal era a raposa de Teumesso, que fica ao noroeste de Tebas. Cf. PAUSÂNIAS, IX 19, 1; ANTONINO LIBERAL, 41; OVÍDIO, *Met.* VII 762 ss.

<sup>63</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 15, 1.

<sup>64</sup> Esse fio de cabelo o tornava imortal. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 6, 5.

<sup>65</sup> Cf. HESÍODO, *Escudo* 27-56, sem mencionar a longa duração dessa noite. DIODORO, IV 9, 2, explica o prolongamento do tempo que Zeus utilizou para engendrar Hércules na proporção da grandeza e força que ele haveria de ter. Há outras versões sobre a duração dessa noite; segundo OVÍDIO, *Am.* I 13, 46 e *Trist.* II 402, a noite durou como duas; LUCIANO, *Diálogos dos deuses*, 10, 1-2, afirma que era equivalente a três dias completos. Pelo lado de seu pai “mortal”, Anfítrion, e de sua mãe, Alcmena, Hércules pertence à raça dos Perseidas. Os seus dois avós, paterno e materno, Alceu e Elétrion, eram ambos filhos de Perseu e Andrômeda. Portanto, Hércules é de raça argiva, e foi apenas acidentalmente que nasceu em Tebas. Considerará sempre o Peloponeso, e mais particularmente a Argólida como sua verdadeira pátria.

duas crianças havia gerado, colocou as serpentes no leito<sup>66</sup>, e quando Íficles fugiu e Hércules as enfrentou, compreendeu que Íficles era o seu filho.

#### *A educação de Hércules: Lino*

Hércules aprendeu a dirigir o carro com Anfítrion; a lutar, com Autólico<sup>67</sup>; a manejar o arco, com Êurito; a combater com armas, com Cástor, e a tocar a lira, com Lino. Esse Lino era irmão de Orfeu. Quando ele chegou a Tebas, tornou-se um cidadão tebano, e tendo sido golpeado por Hércules com a lira, morreu. Pois certa vez em que Lino o castigava, Hércules se enfureceu e o matou<sup>68</sup>. Quando alguns o processaram por assassinato, Hércules citou uma lei de Radamante que dizia que todo aquele que se defende de alguém que toma a iniciativa de uma agressão injusta é inocente, e assim foi absolvido. Anfítrion, temendo que seu filho voltasse a cometer um ato semelhante, enviou-o para cuidar do rebanho de bois. Lá, tendo sido nutrido, sobrepujou a todos em estatura e força, e a sua aparência também demonstrava que era filho de Zeus, pois seu corpo media quatro cúbitos, de seus olhos irradiava um resplendor de fogo e ele jamais errava o alvo quando desferia uma flecha ou arremessava o dardo.

#### *O leão do Citéron. As filhas de Téspio*

Enquanto estava com os rebanhos, aos dezoito anos de idade, ele matou o leão de Citéron, pois essa fera se precipitava do Citéron e dizimava as vacas de Anfítrion e as de Téspio<sup>69</sup>. Esse Téspio era rei dos téspios, ao qual Hércules se dirigiu com a intenção de capturar o leão. O rei o hospedou por cinquenta dias e, quando Hércules partia para a caçada, ele colocava, a cada noite, uma de suas filhas para dormir com ele (tinha cinquenta filhas, as quais ele havia gerado com Megamede, filha de Árneo); pois ansiava que todas elas gerassem filhos de Hércules. Hércules, julgando que compartilhava o leito sempre com a mesma mulher, se uniu a todas elas<sup>70</sup>. E tendo subjugado o leão, se recobriu com a pele dele e usou a abertura da boca à maneira de um elmo.

#### *Hércules e os mínios. Mégara*

Quando Hércules retornou da caçada, os arautos que haviam sido enviados por Ergino para receber o tributo dos tebanos se encontraram com ele. Os tebanos pagavam tributo a Ergino pelo seguinte motivo: o auriga de Meneceu, cujo nome era Perieres, tendo lançado uma pedra em Clímeno, rei dos mínios, no santuário de Posídon, em Onquesto, o feriu; e esse, ao ser levado semimorto para Orcômeno pediu a Ergino, pouco antes de falecer, que vingasse a sua morte. Então Ergino empreendeu uma expedição militar contra Tebas e, após matar não poucos tebanos, concluiu um tratado, firmado com juramentos, para que os tebanos lhe enviassem um tributo durante vinte anos, de cem bois a cada ano. Em vista desse tributo, portanto, os arautos haviam partido para Tebas, quando Hércules os encontrou e os mutilou; pois tendo cortado suas orelhas e narizes e atado com cordas suas mãos aos pescoços, disse-lhes para levar esse tributo a Ergino e aos mínios. Indignado com esses atos, Ergino empreendeu uma expedição militar contra Tebas. Hércules, porém, tendo recebido armas de Atena e assumido o comando da expedição, matou Ergino, pôs os

<sup>66</sup> PÍNDARO, *Nem.* I 35, afirma que Hércules acabara de nascer quando as serpentes foram enviadas; TEÓCRITO, XXIV 1, que tinha dez meses. Cf. PAUSÂNIAS, I 24, 2; HIGINO, *Fáb.* 30; VIRGÍLIO, *En.* VIII 288-9.

<sup>67</sup> Harpálico, filho de Hermes, segundo TEÓCRITO, XXIV 104.

<sup>68</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 29, 9; DIODORO, III 62, 2.

<sup>69</sup> Alguns autores situam esta primeira caça ao leão (prefiguração da do leão de Nemeia), não sobre as encostas do Citéron, mas sobre o Hélicon ou, ainda, perto de Teumesso. PAUSÂNIAS, I 41, 3-4, recolheu mesmo uma lenda segundo a qual o leão do Citéron não foi morto por Hércules, mas por Alcátoo (a quem, geralmente, se atribui a morte do leão de Mégara). Uma lenda local de Lesbos dizia que Hércules também aí tinha matado um leão. Cf. Grimal, p. 207.

<sup>70</sup> PAUSÂNIAS, em IX 27, 6, afirma que Hércules deitou-se com as cinquenta filhas de Téspio em uma só noite, mas em IX 27, 6, com quarenta e nove, pois uma delas negou-se a isso, e Hércules tornou-a sua sacerdotisa. Cf. DIODORO, IV 29, 3; HIGINO, *Fáb.* 162.

mínios em fuga e os obrigou a pagar o dobro do tributo aos tebanos<sup>71</sup>. Aconteceu, porém, que, durante a batalha, Anfítrion pereceu combatendo valorosamente. Héacles recebeu de Creonte a sua filha mais velha, Mégara, como prêmio por sua bravura, e com ela teve três filhos: Terímaco, Creontíades e Deicoonte<sup>72</sup>. Quanto à sua filha mais nova, Creonte a deu a Íficles, que já tinha um filho de Automedusa, a filha de Alcáto: Iolau. Após a morte de Anfítrion, Radamante, filho de Zeus, esposou Alcmena e habitou como exilado em Ocaleia, na Beócia<sup>73</sup>.

### *As armas de Héacles*

Além de ter aprendido a manejar o arco também com Radamante, Héacles recebeu uma espada de Hermes; um arco e flechas, de Apolo; uma couraça de ouro de Hefesto e uma túnica de Atena<sup>74</sup>; pois ele próprio havia talhado uma clava para si, a partir de uma árvore da Nemeia.

### *A loucura de Héacles*

Ocorreu, porém, que, logo após a batalha contra os mínios, Hera, por despeito, fez com que Héacles se enlouquecesse e lançasse ao fogo os próprios filhos que tivera com Mégara e os dois filhos de Íficles<sup>75</sup>; por causa disso, ele se condenou ao exílio, foi purificado por Téspio, e, tendo ido a Delfos, perguntou ao deus onde deveria habitar. Então a Pítia, pela primeira vez, o denominou Héacles, pois anteriormente ele era chamado de Alcides<sup>76</sup>; e disse-lhe que habitasse em Tirinto, servindo a Euristeu por doze anos, e executasse os dez trabalhos que lhe seriam impostos, e assim, disse-lhe, quando as tarefas fossem cumpridas, ele se tornaria imortal<sup>77</sup>.

### *Os trabalhos de Héacles: o leão de Nemeia*

Ao ouvir isso, Héacles foi para Tirinto e executou o que lhe foi ordenado por Euristeu. Primeiramente, ordenou-lhe que trouxesse a pele do leão de Nemeia. Esse era um animal

---

<sup>71</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 37, 2-3; DIODORO, IV 10, 3-5.

<sup>72</sup> Para PÍNDARO, *Ístmicas*. IV 104-107, são oito os filhos de Héacles e Mégara; para HIGINO, *Fáb.* 31 e 32, são dois; e três para EURÍPIDES, *Héacles* 995 ss.

<sup>73</sup> Ao morrer Alcmena, quando os Heraclidas se dispunham a enterrá-la, Hermes, a mando de Zeus, substituiu o corpo por uma pedra e o levou às ilhas dos Bem-aventurados para que ali ela se casasse com Radamante. Cf. ANTONINO LIBERAL, 33. PAUSÂNIAS, IX 16, 7, menciona que em Tebas não há um sepulcro para Alcmena, porque, segundo os tebanos, ela foi transformada em pedra ao morrer; mas, em I 41, 1, afirma que, segundo os megarenses, Alcmena morreu no caminho de Argo a Tebas e, em cumprimento a um oráculo, sepultaram-na em Mégara.

<sup>74</sup> Ora se admite que ele talhou sua clava mesmo em Nemeia, ora que a fez no cimo do Hélicon, ou ainda na margem do golfo Sarônico, do tronco de uma oliveira selvagem. As suas outras armas têm uma origem divina. Mas é digno de nota que, segundo outras tradições, é Palas Atena quem lhe fornece todas as armas, com exceção da clava. DIODORO, IV 14, 3, acrescenta, como presente dos deuses, cavalos de Posídon.

<sup>75</sup> Cf. DIODORO, IV 11, 1-3. EURÍPIDES, *Héacles* 987 ss.; este último situa a morte dos filhos depois dos trabalhos e inclui a Mégara entre as vítimas. Este assassinio é contado de forma diversa pelos autores e foi tema de uma tragédia de Eurípedes e outra de Sêneca.

<sup>76</sup> Várias fontes mitográficas afirmam que o nome “Héacles” foi-lhe imposto por Apolo, seja diretamente ou por intermédio da Pítia, a partir do momento em que ele se tornou o servidor de Hera, sujeito aos trabalhos que ela lhe impunha. Inicialmente, ele se chamava Alcides (nome derivado do nome de seu avô, Alceu), nome que, em grego, evoca a ideia de força física (*alké*). Porém, quando, após o assassinato dos filhos que tivera com Mégara, o herói foi pedir sua purificação à Pítia, ela lhe ordenou que a partir daquele instante passasse a usar exclusivamente o nome de Héacles, que significava “a glória de Hera”, certamente porque os trabalhos que ele iria realizar propiciariam a glorificação da deusa.

<sup>77</sup> Segundo GRIMAL, p. 208, essa prefiguração da imortalidade não é primitiva no mito: trata-se de uma variante que provém da reflexão do pensamento grego sobre o mito e corresponde à necessidade de justificar moralmente os sofrimentos de um herói que era representado como o justo por excelência. Cf. SÓFOCLES, *Traquínias* 1091-1102; EURÍPIDES, *Héacles* 359-435; DIODORO, IV 11, 3; IV 28, 4; HIGINO, *Fáb.* 30; OVÍDIO, *Met.* IX 182-199; VIRGÍLIO, *Eneida* VIII 287-300. Os autores apresentam algumas diferenças quanto à ordem em que Héacles concluiu seus trabalhos.

invulnerável, que havia nascido de Tífon<sup>78</sup>. Tendo partido à procura do leão, Hércules se dirigiu a Cléonas, onde foi hospedado por Molorco, um humilde trabalhador. Quando esse quis lhe oferecer uma vítima em sacrifício, Hércules disse-lhe que aguardasse trinta dias e, se ele retornasse a salvo da caçada, sacrificasse a Zeus Sóter<sup>79</sup>; caso, porém, percesse, que lhe oferecesse então um sacrifício como a um herói morto<sup>80</sup>. Tendo chegado a Nemeia e saído à procura do leão, Hércules o atingiu com uma flecha; no entanto, ao perceber que ele era invulnerável, brandiu sua clava e se pôs a persegui-lo. Quando o leão se refugiou numa caverna de duas aberturas, ele obstruiu a entrada de uma e avançou pela outra contra a fera; e tendo colocado seu braço em torno do pescoço do animal, continuou a apertá-lo fortemente até asfixiá-lo. Em seguida, após colocá-lo sobre os ombros, levou-o para Cléonas; e tendo encontrado Molorco no último dia, quando ele estava prestes a lhe oferecer um sacrifício como a um herói morto, Hércules ofereceu um sacrifício a Zeus Sóter e levou o leão para Micenas. Mas Euristeu, estarecido com a coragem de Hércules, proibiu-o, a partir de então, de entrar na cidade e ordenou que passasse a mostrar seus trabalhos diante das portas. Dizem também que, por temor, Euristeu mandou fazer um jarro de bronze sob a terra para se esconder<sup>81</sup> e passou a enviar suas ordens para os trabalhos por meio de um arauto, Copreu, filho do eleio Pélope. Pois esse Copreu havia matado Ífito e fugido para Micenas, e após ter sido purificado por Euristeu, passou a residir aí.

### *A Hidra de Lerna*

Como segundo trabalho, lhe ordenou que matasse a Hidra de Lerna<sup>82</sup>. Essa, tendo sido criada num pântano de Lerna, costumava sair para a planície e devastar os rebanhos e a terra. A Hidra tinha um corpo descomunal, com nove cabeças, oito mortais, e a do meio, imortal<sup>83</sup>. Então Hércules subiu ao carro, tendo Iolau como seu auriga, e foi para Lerna; deteve os cavalos quando se deparou com a Hidra numa colina, junto às fontes de Amimone, onde se encontrava o seu covil; e tendo-a atingido com dardos incandescentes, forçou-a a se retirar para fora; e quando ela saiu, ele a agarrou e a segurou fortemente. Mas a Hidra se enrodilhou em torno de um de seus pés, prendendo-se a ele. Cortando suas cabeças com a clava, Hércules nada podia conseguir, pois assim que cortava uma cabeça, nasciam duas. E um enorme caranguejo vinha socorrer a Hidra, mordendo-lhe o pé<sup>84</sup>. Por isso, Hércules, após matá-lo, chamou Iolau como seu ajudante, o qual, tendo ateadado fogo em uma parte de uma floresta vizinha, cauterizava com tochas os embriões das cabeças, impedindo-as de brotarem. Desse modo, tendo triunfado sobre as cabeças que nasciam, ele cortou a cabeça imortal, enterrou-a e colocou uma pesada pedra sobre ela, perto do caminho que passa por Lerna e conduz a Eleunte. Após despedaçar o corpo da Hidra, Hércules imergiu seus dardos na bÍlis da fera<sup>85</sup>. Euristeu disse-lhe que não devia computar esse trabalho entre os dez, pois ele não havia vencido a Hidra sozinho, mas com a ajuda de Iolau.

<sup>78</sup> Segundo HESÍODO, *Teog.* 326 ss. o leão de Nemeia nasceu de Ortro (filho de Tífon) e Equidna e foi criado por Hera (ou então a deusa Lua, Selene, que o teria emprestado a Hera), que o colocou na região de Nemeia, onde devastava a região, devorando os rebanhos. Cf. também SÓFLOCLES, *Traquínias* 1091 ss.; DIODORO, IV 11, 3-4. TEÓCRITO, XXV, 162 ss. narra que, após ter esfolado a pele do animal, Hércules ficou perplexo diante dessa pele que nem o ferro nem o fogo conseguiam cortar. Por fim teve a ideia de rasgá-la com as próprias garras do leão e conseguiu-o.

<sup>79</sup> “Salvador”.

<sup>80</sup> Em grego, há dois verbos distintos: um para expressar o sacrifício que se faz em honra de um deus (*thyein*), outro para aquele que se faz em honra de um herói (*enagídsein*).

<sup>81</sup> Cf. DIODORO, IV 12, 1. Quanto ao leão, diz-se que Zeus o incluiu entre as constelações, para perpetuar o feito de Hércules, cf. ERATÓSTENES, *Catast.* 12.

<sup>82</sup> Filha de Tífon e Equidna, segundo HESÍODO, *Teog.* 313 ss., também nutrida por Hera.

<sup>83</sup> Segundo OVÍDIO, *Met.* IX 71, a Hidra tem cem cabeças; por sua vez, PAUSÂNIAS II 37, 4, afirma que apenas uma.

<sup>84</sup> Em troca da ajuda que deu à Hidra, o caranguejo (Cárcino) foi metamorfoseado por Hera na constelação de Câncer. Cf. ERATÓSTENES, *Catast.* 11; HIGINO, *Astr.* II, 23.

<sup>85</sup> Em seguida, as flechas de Hércules, envenenadas pela bÍlis da Hidra, produzirão feridas mortais nos homens, incuráveis para os deuses. Os mitógrafos apresentaram uma interpretação evemerista do mito da Hidra de Lerna. Dizem eles que a hidra de cabeças renascentes é, na verdade, o pântano de Lerna secado por Hércules. As cabeças são as nascentes que conseguiam sempre irromper, tornando inúteis os esforços do herói. Outra interpretação pretende que

### *A corça de Cerineia*

Como terceiro trabalho, Euristeu lhe ordenou que trouxesse a corça de Cerineia<sup>86</sup> viva a Micenas. O animal estava em Énoe; tinha chifres de ouro e era consagrado a Ártemis. Por esse motivo, Hércules, visto que não queria matá-la, nem feri-la, perseguiu-a durante um ano inteiro. Quando a corça, fatigada pela perseguição, refugiou-se num monte, o denominado Artemísio, e daí estava a ponto de atravessar o rio Ládon, Hércules alvejou-a com uma flecha, agarrou-a, colocou-a sobre os ombros e partiu a toda pressa pela Arcádia. Mas Ártemis, juntamente com Apolo, o encontrou e quis lhe tomar a corça, recriminando-o por tentar matar seu animal sagrado<sup>87</sup>. Contudo, quando ele alegou que o fizera por necessidade, e disse que o culpado era Euristeu, aplacou a cólera da deusa e levou o animal vivo para Micenas.

### *O javali do Erimanto. Luta contra os Centauros e morte de Quíron*

Como quarto trabalho, Euristeu lhe ordenou que trouxesse o javali do Erimanto vivo. Essa fera devastava a Psófida, precipitando-se do monte denominado Erimanto<sup>88</sup>. Quando passava por Fóloe, Hércules foi hospedado pelo Centauro Folo, filho de Sileno e da Ninfa Mélia<sup>89</sup>. Folo lhe ofereceu carne assada, porém ele próprio a comeu crua. Quando Hércules lhe pediu vinho, ele disse que receava abrir o tonel que os Centauros tinham em comum. Mas visto que Hércules o exortava a tomar coragem, ele o abriu; pouco tempo depois, ao sentirem o aroma, os Centauros chegaram à caverna de Folo, armados de pedras e abetos. Os primeiros que ousaram entrar, Ânquio e Ágrio, Hércules os pôs em fuga, atirando-lhes tochas; quanto aos demais, ele os perseguiu a flechadas até Maleia. Daí eles se refugiaram com Quíron, o qual, após ter sido expulso do monte Pélion pelos lápitas, havia se estabelecido em Maleia. Quando os Centauros se precipitaram em torno de Quíron, Hércules atirou-lhes uma seta, que, tendo trespassado o braço de Élato, cravou-se no joelho de Quíron. Angustiado, Hércules correu até ele, arrancou a seta e aplicou sobre a ferida um remédio que o próprio Quíron havia lhe dado. Como o ferimento era incurável, Quíron retornou à caverna e aí desejou morrer. No entanto, uma vez que era imortal, Prometeu se ofereceu a Zeus para se tornar imortal no lugar dele e desse modo Quíron morreu. O restante dos Centauros fugiu por diferentes direções; alguns foram para o monte Maleia; Eurítion foi para Fóloe, e Nesso, para o rio Eveno. Os outros Posídon os acolheu em Elêusis e os ocultou numa montanha. Mas Folo, tendo extraído a seta do cadáver, admirou-se de que algo tão pequeno pudesse matar seres tão grandes; e então a seta escorregou de sua mão, caiu sobre seu pé e o matou no mesmo instante. Quando Hércules retornou a Fóloe, deparou-se com Folo morto, e, após tê-lo enterrado, partiu à caça do javali; por meio de gritos, obrigou-o a sair de uma mata fechada, impeliu o animal exausto para a neve espessa, e, depois de laçá-lo, levou-o para Micenas.

---

Lerno era, na realidade, um rei do país, cuja cidade chamava-se Hidra. Lerno estava rodeado de cinquenta arqueiros. Quando um deste tombava, imediatamente outro o substituíra. E teria sido isto que deu origem à lenda das cabeças renascentes (cf. Grimal, p. 209).

<sup>86</sup> Cf. PÍNDARO, *Olímp.* III 28 ss.; EURÍPIDES, *Hércules* 375 ss.; DIODORO, IV 13, 1; HIGINO, *Fáb.* 30. Sir W. Ridgeway, citado por Frazer (I, p. 190), sugere que deviria ser uma rena, pelo fato de possuir cornos. Seu nome deriva do rio Cerinites, na Acaia. Píndaro (*op. cit.*) apresenta uma versão mística da perseguição, em que Hércules persegue a corça rumo ao norte, através da Ístria, para o país dos Hiperbóreos e até o país dos Bem Aventurados, onde Ártemis o acolhe favoravelmente.

<sup>87</sup> Esta corça havia sido consagrada a Ártemis por Taígete, filha de Atlante; cf. PÍNDARO, *Olímp.* III 29-30.

<sup>88</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traquínias*, 1097; HIGINO, *Fáb.* 30; DIODORO, IV 12. PAUSÂNIAS, VIII 24, 5, menciona que os habitantes de Cumas possuíam as presas do javali guardadas em um templo de Apolo como ex-votos. Diz-se também que ao ver Hércules conduzindo o javali nos ombros, Euristeu ficou tomado de terror e escondeu-se dentro de uma ânfora que havia arranjado para se esconder em caso de perigo.

<sup>89</sup> Ninfa dos freixos. As ninfas mélias nasceram das gotas de sangue de Urano, quando este foi mutilado por Crono. Cf. HESÍODO, *Teog.* 187.

### *O estábulo de Augias*

Como quinto trabalho, Euristeu lhe ordenou que removesse o esterco dos bois de Augias<sup>90</sup> em um único dia. Augias era rei de Élis, e conforme disseram uns, era filho de Hélio; segundo outros, de Posídon, de acordo com outros ainda, de Forbas; e possuía muitos rebanhos de gado. Hércules foi até ele e, sem lhe revelar a ordem de Euristeu, disse-lhe que removeria os excrementos em um único dia, se ele lhe desse a décima parte de seu rebanho. Augias não acreditou, porém lho prometeu. Após tomar o filho de Augias, Fileu, como sua testemunha, Hércules abriu uma fenda nas fundações do estábulo e, tendo desviado por meio de um canal o Alfeu e o Peneu, que fluíam próximos um do outro, conduziu-os para lá e efetuou o escoamento das águas através de outra saída. Mas quando Augias soube que ele havia executado essa tarefa a mando de Euristeu, não lhe concedeu a recompensa e, além disso, negou que havia lhe prometido dar-lhe uma recompensa e disse-lhe que também estava pronto a ser submetido a julgamento a respeito dessa questão. Quando os juizes tomaram seus assentos, Fileu foi chamado por Hércules e testemunhou contra seu pai, dizendo que ele havia concordado em conceder uma recompensa a Hércules. Augias ficou furioso e, antes que a sentença fosse pronunciada, ordenou a Hércules e a Fileu que fossem embora de Élis. Então Fileu foi para Dulíquio e passou a residir aí<sup>91</sup>, e Hércules foi para Óleno, para a corte de Dexâmeno, e o encontrou prestes a dar em casamento, contra sua vontade, a sua filha Mnesímaque ao centauro Eurítion. Tendo sido chamado a lhe socorrer, Hércules matou Eurítion quando esse foi buscar a noiva<sup>92</sup>. Euristeu, no entanto, não admitiu esse trabalho entre os dez, alegando que ele havia sido executado em troca de uma recompensa.

### *Os pássaros do Estínfalo*

Como sexto trabalho, Euristeu lhe ordenou que expulsasse os pássaros do Estínfalo<sup>93</sup>. Na cidade de Estínfalo, na Arcádia, havia um lago denominado Estínfalo, recoberto por uma densa floresta. Nela incontáveis pássaros haviam se refugiado por temerem a rapacidade dos lobos. Então, uma vez que Hércules não sabia como repelir os pássaros da floresta, Atena lhe deu as castanholas de bronze que havia recebido de Hefesto. Ao entrechocá-las sobre uma montanha que se situava perto do lago, ele assustou os pássaros, e eles, não suportando o clangor, alçaram vôo amedrontados e, desse modo, Hércules os abateu a flechadas.

### *O touro de Creta*

Como sétimo trabalho, ordenou-lhe trazer o touro de Creta<sup>94</sup>; Acusilau afirma que este touro havia transportado Europa através do estreito até Zeus; outros, porém, que Posídon o fizera irromper do mar quando Minos disse que sacrificaria a Posídon o que quer que surgisse do mar; e eles dizem que após ter contemplado a beleza do touro, Minos o enviou aos seus rebanhos e sacrificou outro a Posídon. Em vista disso, o deus se irritou e enfureceu o touro. Em busca desse

---

<sup>90</sup> PAUSÂNIAS, V 1, 9-10.

<sup>91</sup> Cf. *Iliada*, II 625 ss.

<sup>92</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VII 18, 1; HIGINO, *Fáb.* 33; DIODORO, IV 33, 1.

<sup>93</sup> Cf. APOLONIO DE RODES, II 1052 ss.; DIODORO, IV 13, 2; PAUSÂNIAS VIII 22, 4. Outras tradições apresentam estes pássaros como aves de rapina que devoravam até mesmo os homens. Ou então se dizia que suas plumas eram de aço, muito pontiagudas e que eles lançavam sobre seus inimigos como se fossem flechas. Uma interpretação evemerista do mito considera que estes pássaros são as filhas de um herói Estínfalo, que Hércules matou por terem se recusado a acolhê-lo, enquanto acolhiam hospitaleiramente os inimigos dele, os Moliônidas. Cf. Grimal, p. 210.

<sup>94</sup> Cf. PAUSÂNIAS, I 27, 9-10; V 10, 9; DIODORO, IV 13,4; HIGINO, *Fáb.* 30. Algumas versões, como a de Acusilau, não admitem a metamorfose de Zeus em touro, e julgam que o animal fora simplesmente enviado por Zeus para raptar Europa. Outras versões consideram que este touro fora o amante de Pasífae. Apolodoro segue a versão de que se trata do touro que Posídon enviou a Minos, do qual alguns autores afirmam que lançava fogo pelas narinas, que Euristeu pediu a Hércules, encarregando-o de lho apresentar vivo.

touro, Hércules foi para Creta, e uma vez que manifestou sua intenção de capturá-lo, Minos disse-lhe para pegá-lo por meio de luta; após capturá-lo, Hércules levou-o a Euristeu, mostrou-o e em seguida soltou-o. Mas o touro vagueou por Esparta e por toda a Arcádia, e tendo atravessado o Istmo, chegou a Maratona, na Ática, e causou graves prejuízos aos habitantes<sup>95</sup>.

#### *As éguas de Diomedes*

Como oitavo trabalho, ordenou-lhe que trouxesse a Micenas as éguas de Diomedes, o trácio. Esse Diomedes era filho de Ares e de Cirene, rei dos bistonos, um povo da Trácia extremamente belicoso, e possuía éguas antropofágicas. Tendo então navegado com os que lhe acompanharam voluntariamente e submetido pela força as éguas que se encontravam junto às manjedouras, Hércules as conduziu pelo mar. Quando os bistonos, armados, vieram em socorro dos seus, ele confiou as éguas à guarda de Abdero. Esse era filho de Hermes, lócrio de Opunte e amante de Hércules, o qual as éguas o mataram e o arrastaram. E tendo lutado contra os bistonos e matado Diomedes, Hércules obrigou o restante a fugir<sup>96</sup>; e após fundar a cidade de Abdera junto ao túmulo do falecido Abdero, levou as éguas e entregou-as a Euristeu. Mas Euristeu as soltou e elas se dirigiram para o monte denominado Olimpo, onde foram aniquiladas pelas feras.

#### *O cinturão de Hipólita. Os filhos de Androgeu. Resgate de Hesíone. Sarpédon. Filhos de Proteu*

Como nono trabalho, Euristeu ordenou a Hércules que trouxesse o cinturão de Hipólita<sup>97</sup>. Essa era a rainha das Amazonas, que habitavam nas proximidades do rio Termodonte; um povo possante na guerra, pois cultivavam as qualidades viris; e se alguma vez, unindo-se a homens, procriassem, criavam apenas as meninas, e suprimiam o seio esquerdo para que não fossem impedidas de lançar flechas, porém deixavam o seio direito, a fim de amamentarem. Hipólita possuía o cinturão de Ares, símbolo de que era a primeira entre todas. Hércules havia sido enviado em busca do cinturão porque Admete, filha de Euristeu, desejava possuí-lo. Levando consigo aliados voluntários em uma nau, zarpou e atracou na ilha de Paros, onde habitavam os filhos de Minos, a saber, Eurimedonte, Crises, Nefálion e Filolau. Quando dois dos que estavam na sua nau desembarcaram, sucedeu que foram mortos pelos filhos de Minos. Indignado com esse ato, Hércules matou os filhos de Minos no mesmo instante e, obrigando os restantes a se encerrarem dentro das muralhas, passou a sitiá-los, até que eles lhe enviaram uma embaixada e lhe pediram que, no lugar dos dois que haviam sido mortos, ele escolhesse dois outros que desejasse. Então Hércules dissolveu o cerco e, tendo levado consigo os filhos de Androgeu, filho de Minos, a saber, Alceu e Estênelo, partiu para Mísia, para a corte de Lico, filho de Dásquilo, que o recebeu como seu hóspede. Quando eclodiu uma batalha entre Lico e o rei dos bébrices, Hércules acorreu em socorro de Lico e matou muitos, entre os quais o rei Mígdon, irmão de Âmico. E tendo conquistado muitas terras dos bébrices, deu-as a Lico, que denominou toda aquela região Heracleia.

Ao atracar no porto de Temiscira, Hipólita foi à sua presença, e tendo lhe perguntado qual era o motivo de sua vinda, prometeu que lhe daria o cinturão. Contudo, Hera, após ter assumido as

---

<sup>95</sup> Alguns relatos mencionam que Hércules dirigiu-se a Creta e solicitou a ajuda de Minos, que se recusou a ajudá-lo, embora tivesse lhe permitido que apanhasse o touro sozinho, se fosse capaz. Hércules o capturou e regressou com ele à Hélade (talvez mesmo a nado, montado no dorso do animal, tal como na ocasião do rapto de Europa). Apresentou-o a Euristeu, que o quis consagrar a Hera. Mas a deusa não consentiu aceitar um presente da parte de Hércules e o pôs em liberdade, o qual percorreu a Argólida, atravessou o istmo de Corinto e alcançou a Ática, onde, posteriormente seria morto por Teseu (v. Touro de Maratona); cf. APOLODORO, *Epítome* I, 5-6.

<sup>96</sup> DIODORO, IV 15, 3-4, apresenta a versão mais antiga da lenda, segundo a qual Hércules parte sozinho à pé para a Trácia, por terra, e dá Diomedes para que as suas próprias éguas o devorassem. Após isto, os animais, acalmados, deixaram-se conduzir docilmente. Apolodoro segue a versão mais recente, que se relaciona com a fundação da cidade de Abdera. HIGINO, *Fáb.* 30, menciona cavalos, não de éguas.

<sup>97</sup> Cf. APOLONIO DE RODES, II 777 ss.; e 966 ss.; DIODORO, IV 16; PAUSÂNIAS, V 10, 9; HIGINO, *Fáb.* 30; EURÍPIDES, *Hércules* 408 ss.

feições de uma das Amazonas, percorria a multidão dizendo que os estrangeiros recém-chegados estavam raptando a rainha. Então as Amazonas, armadas, montadas em seus cavalos, investiram contra a nau. Porém, quando Hércules viu que estavam armadas, julgando que havia caído numa cilada, matou Hipólita e tomou-lhe o cinturão<sup>98</sup>. E após ter lutado contra as restantes, zarpou e aportou em Troia.

Ocorria, porém, que a cidade se encontrava em estado de calamidade devido à cólera de Apolo e Posídon. Pois Apolo e Posídon, desejando pôr à prova a insolência de Laomedonte, assumiram feições humanas e lhe prometeram construir uma muralha em torno de Pérgamo em troca de uma recompensa. Mas depois que construíram a muralha, Laomedonte não lhes deu a recompensa<sup>99</sup>. Por isso, Apolo enviou uma peste, e Posídon, um monstro do mar, o qual, trazido à tona pela inundação, arrebatava as pessoas na planície. Uma vez que os oráculos predisseram que eles se livrariam dos infortúnios caso Laomedonte expusesse sua filha Hesíone como repasto para o monstro, ele a expôs, amarrando-a nas pedras próximas ao mar<sup>100</sup>. Ao vê-la exposta, Hércules prometeu salvá-la com a condição de que recebesse de Laomedonte as éguas que Zeus havia lhe dado em compensação pelo rapto de Ganimedes<sup>101</sup>. Quando Laomedonte disse que lhas daria, Hércules matou o monstro e salvou Hesíone, mas como depois Laomedonte se recusara a entregá-lhe a recompensa, Hércules ameaçou guerrear contra Troia e ganhou o alto-mar<sup>102</sup>.

E atracou em Eno, onde foi hospedado por Póltis. Porém, ao zarpar da praia de Ênia, disparou uma flecha de seu arco e matou Sarpédon, filho de Posídon e irmão de Póltis, que era arrogante; e tendo ido para Tasos e subjugado os trácios que habitavam a ilha, deu-a aos filhos de Androgeu para que aí residissem. De Tasos, Hércules se apressou a ir a Torone e tendo sido desafiado a lutar contra Polígono e Telégono, filhos de Proteu, filho de Posídon, ele os matou durante a luta.

Como décimo trabalho, Euristeu ordenou que lhe trouxesse as vacas de Gérion<sup>103</sup>, da Erítia. A Erítia era uma ilha situada perto do Oceano, a qual é atualmente denominada Gadira. Nela habitava Gérion, filho de Crísaor e Calíroo, filha de Oceano, que tinha três corpos de homens que se uniam em um na cintura e fendiam-se em três pelos flancos e pelas coxas. Possuía vacas vermelhas das quais Eurítion era o pastor e cujo guardião era Ortro, o cão de duas cabeças, nascido de Equidna e Tífon<sup>104</sup>.

---

<sup>98</sup> Segundo APOLONIO DE RODES, II 968, as hostilidades se iniciaram logo com o desembarque de Hércules e seus companheiros. Uma das amigas (ou a irmã) de Hipólita, Melanipe, foi feita prisioneira durante o combate e, para libertá-la, Hipólita concluiu um pacto mediante o qual ela cedia o cinto em troca da liberdade de Melanipe. É no retorno deste trabalho que os mitógrafos situam as aventuras de Hércules na costa troiana, cf. Grimal, p. 213.

<sup>99</sup> O serviço desses deuses a Laomedonte, que durou um ano, está relatado na *Iliada* VII 452-3 e XXI 441-457, ainda que não se explique o motivo pelo qual, segundo os escólios à *Iliada* XXI 444 e a LICOFRON 34, houve a conspiração contra Zeus. Posídon construiu as muralhas da cidade, enquanto Apolo se ocupou dos rebanhos. Laomedonte, além de negar-se a pagar o estipulado, ameaçou vender Apolo como escravo e cortar as orelhas de ambos. Esta defraudação de Laomedonte aos deuses também está narrada em VIRGÍLIO, *Geórg.* I 502; HORÁCIO, *Odes* III 21-2; OVÍDIO, *Met.* XI 205 ss. PÍNDARO, *Olimp.* VIII 30-47, afirma que Éaco ajudou os deuses para que o destino de Troia se cumprisse, uma vez que, segundo um oráculo ela seria conquistada se os deuses recebessem a ajuda de um mortal na construção das muralhas.

<sup>100</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* XI 211-215; HIGINO, *Fáb.* 89; DIODORO, IV 42, 1-6.

<sup>101</sup> Cf. *Iliada* V 265-267. Segundo o *Hino homérico a Afrodite* (V) 210-212, Zeus entregou as éguas a Trós, pai de Laomedonte.

<sup>102</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II 6, 4. O escólio de Tzetzes a LICOFRON 34, e o da *Il.* XX 146, baseado em Helânico, contam que Hércules se lançou armado às faces do cetáceo e, após permanecer três dias em seu ventre destroçando-o, dele saiu completamente calvo.

<sup>103</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 287-294 e 980-983; PAUSÂNIAS, III 18, 13 e IV 36, 3; DIODORO, IV 17-18; ÉSQUILO, *Agamêmnon*, 870; EURÍPIDES, *Hércules* 423; VIRGÍLIO, *En.* VI 289; HIGINO, *Fáb.* 30 e 51. Gadira é Cádiz; cf. ESTRABON, III, 2, 2 e 5, 4.

<sup>104</sup> HESÍODO, *Teog.* 312, afirma que o cão Ortro tinha cinquenta cabeças.

Após viajar através da Europa em busca das vacas de Gérion e exterminar numerosos animais selvagens, Hércules chegou à Líbia<sup>105</sup>, e ao passar por Tartesso, erigiu, como sinal de sua passagem, duas colunas, uma diante da outra, nos confins da Europa e da Líbia. Mas visto que o Sol lhe queimava enquanto viajava, entesou seu arco contra o deus, e este, admirando a sua coragem, deu-lhe uma taça de ouro na qual ele atravessou o Oceano<sup>106</sup>. Ao chegar a Eritia, alojou-se no Monte Abas. Porém, assim que o cão o percebeu, lançou-se contra ele; então Hércules o golpeou com a clava, e quando o pastor Eurition veio socorrer o cão, Hércules também o matou. Mas Menetes, que estava por ali apascentando o rebanho de Hades, contou a Gérion o que havia ocorrido, e este, ao surpreender Hércules roubando seu gado perto do rio Antemunte, travou-lhe combate, foi atingido por uma flecha e morreu. Hércules colocou as vacas na taça, navegou para Tartesso e devolveu a taça ao Sol. Após passar pela Abdéria<sup>107</sup>, chegou a Ligúria, onde Ialébion e Dércino, filhos de Posídon, tentaram lhe roubar as vacas, porém ele os matou<sup>108</sup> e prosseguiu seu caminho através da Tirrênia<sup>109</sup>. Em Régio, um touro se desgarrou do rebanho, caiu rapidamente no mar e, tendo nadado até a Sicília e atravessado o país vizinho, chamado de Itália por sua causa, pois os tirrênios denominam o touro *italus*, chegou à planície de Érix, que reinava sobre os élimos. Érix era filho de Posídon e imiscuiu o touro à sua própria manada. Após confiar suas vacas a Hefesto, Hércules partiu apressadamente à procura do touro. Encontrou-o então entre as vacas de Érix; e quando este se recusou a devolvê-lo, a menos que ele o vencesse na luta, Hércules, após derrotá-lo três vezes, matou-o durante a luta, e após pegar o touro e o restante da manada, tangeu-os para o Mar Jônio<sup>110</sup>. Mas quando chegou às partes mais rasas do mar, Hera enviou um moscardo contra os bois e eles se dispersaram pelas encostas das montanhas da Trácia. Hércules saiu então ao seu encalço e os que conseguiu recapturar, conduziu-os pelo Helesponto; os que restaram, porém, a partir de então se tornaram selvagens. Reunindo os bois com dificuldade, Hércules repreendeu o rio Estrímon, por não ser, como outrora, navegável, e, enchendo-o de pedras, tornou-o impraticável; e tendo conduzido os bois, entregou-os a Euristeu, que os sacrificou a Hera.

### *As maçãs das Hespérides*

Quando os trabalhos foram executados em oito anos e um mês, Euristeu, uma vez que não aceitava o trabalho dos rebanhos de Augias nem o da Hidra, ordenou-lhe, como décimo primeiro

---

<sup>105</sup> DIODORO, IV 18, 5 e PLINIO, *Hist. Nat.* III 4, atribuem-lhe a formação do Estreito de Gibraltar. As colunas são consideradas as rochas de Calpe (Gibraltar) e Abila (Ceuta), ou dois pilares de bronze conservados no templo de Hércules em Cádiz.

<sup>106</sup> PANÍASIS, em sua obra *Hércules*, afirma que a taça em que Hércules atravessou o Oceano era a do Sol, mas que a recebeu de Oceano; nela navegou até Eritia. Cf. ATENEU 469d; MACRÓBIO, *Saturnais* V 21, 16 e 19.

<sup>107</sup> Cidade do sul da Espanha; cf. ESTRABON, III 4, 3.

<sup>108</sup> Na Ligúria, Hércules também foi atacado por um grande número de nativos com os quais manteve um combate tão encarniçado que suas flechas acabaram. Como não encontrou pedras à mão, suplicou a Zeus, o qual fez cair uma chuva de pedras do céu. Com elas, Hércules fez fugir seus inimigos. Cf. ESTRABON, IV 1, 7; HIGINO, *Astro.* II 6.

<sup>109</sup> Apolodoro omite o célebre episódio de Caco, ocorrido no monte Aventino, em Roma. Caco, um ser monstruoso que respirava fumaça e chamas, roubou as vacas de Hércules, fazendo com que caminhassem para trás para confundir seus rastros, e as escondeu em uma caverna. Quando Hércules descobriu o furto, atacou Caco com as rochas que formavam a caverna e recuperou o gado. Cf. PROPÉRCIO, IV 9, 1-20; VIRGÍLIO, *En.* VIII 190-267; OVÍDIO, *Fastos* I 543-578; DIODORO, IV 21.

<sup>110</sup> Cf. PAUSÂNIAS, III 16, 4-5; DIODORO, IV 23, 2-3; VIRGÍLIO, *En.* V 410-414; HIGINO, *Fáb.* 260. Em Diodoro e Pausânias, a luta ocorreu em razão das vacas, e as condições foram que, se Érix ganhasse, ficaria com elas; enquanto que, se Hércules ganhasse, ficaria com o reino de Érix. Acrescenta Diodoro que Érix não estava de acordo com os termos do pacto, mas Hércules o convenceu, dizendo-lhe que, se ele perdesse as vacas, também perderia a imortalidade. Érix foi vencido e depois exilado. Alguns episódios aberrantes desta lenda do regresso de Hércules foram mencionados pelos autores: Hércules teria seguido um caminho ais setentrional, e teria atravessado os países celtas, isto é, a Grã-Bretanha (v. Pirene, Celto, que ele gerou com Celtine, Gálatas, Equidna, o monstro da Cítia). Essas lendas desenvolveram-se à medida que, em um mundo cada vez mais conhecido, os viajantes e mercadores helenos encontravam heróis e deuses locais que eles assimilavam mais ou menos a Hércules. Cf. Grimal, p. 212

trabalho, trazer as maçãs de ouro das Hespérides<sup>111</sup>. Essas maçãs não estavam, como dizem alguns, na Líbia, mas junto de Atlas, entre os Hiperbóreos, as quais a Terra dera de presente a Zeus quando ele havia esposado Hera. Guardava-as um dragão imortal, de cem cabeças, filho de Tífon e Equidna, e empregava as mais variadas vozes, de todos os tipos. As maçãs eram guardadas por ele e as Hespérides, a saber, Egle, Erítia, Hespéria e Aretusa. Então, prosseguindo sua viagem, Hércules chegou ao rio Equeodoro. E Cicno, filho de Ares, o desafiou para um combate singular. Mas visto que Ares tomou o partido do filho e se imiscuiu ao combate, um raio foi lançado entre ambos e pôs fim ao combate<sup>112</sup>. Caminhando através da Ilíria, Hércules dirigiu-se apressadamente ao rio Erídano, e chegou às Ninfas, filhas de Zeus e de Têmis<sup>113</sup>. Elas o encaminharam a Nereu, e Hércules, tendo-o agarrado enquanto dormia e assumia todos os tipos de formas, prendeu-o e não o soltou antes de saber onde se encontravam as maçãs e as Hespérides. Após ter obtido a informação, atravessou a Líbia, cujo rei era um filho de Posídon, Anteu, que obrigava os estrangeiros a lutar e os matava. Sendo forçado a lutar contra ele, Hércules o ergueu com cordas acima do solo, quebrou-lhe os ossos e o matou, pois toda vez que tocava a terra, Anteu tornava-se mais forte; por esse motivo, alguns também diziam que ele era filho da Terra<sup>114</sup>.

Depois da Líbia, Hércules atravessou o Egito. Nesse país reinava Busíris, filho de Posídon e Lisianassa, filha de Épafo. Esse rei sacrificava estrangeiros sobre o altar de Zeus pelo seguinte motivo: com efeito, quando uma seca de nove anos se apoderou do Egito, veio de Chipre um conhecedor da arte divinatória, Frásio, e disse que a seca terminaria se imolassem um estrangeiro a Zeus. Busíris, tendo imolado primeiramente o adivinho, passou a imolar os estrangeiros que chegavam ao seu reino. Então Hércules também foi agarrado e levado aos altares, mas ele rompeu as cadeias e matou Busíris e o filho deste, Anfídamas<sup>115</sup>.

Depois de atravessar a Ásia, ele aportou em Termídras, o porto dos líndios. E tendo soltado um dos touros do carro de um boieiro, Hércules o sacrificou e o comeu. Mas o boieiro, incapaz de reagir, postou-se sobre uma montanha e começou a amaldiçoá-lo. Por esse motivo, até hoje, quando fazem um sacrifício em honra a Hércules, fazem-no com imprecações.

Ao passar pela Arábia, matou Emátion, filho de Titono<sup>116</sup>, e tendo viajado através da Líbia para o mar exterior, pegou a taça do Sol. Após atravessar para o continente à sua frente, abateu a flechadas, sobre o Cáucaso, a águia que devorava o fígado de Prometeu, filha de Tífon e Equidna, e o libertou<sup>117</sup>, escolhendo para ele um liame de oliveira, e apresentou Quíron a Zeus, que apesar de ser imortal, consentiu morrer no lugar de Prometeu<sup>118</sup>.

---

<sup>111</sup> Para o episódio das maçãs das Hespérides, cf. APOLONIO DE RODES, IV 1396 ss.; DIODORO, IV 26; EURÍPIDES, *Hércules* 394 ss.; ERATÓSTENES, *Catást.* 3; OVÍDIO, *Met.* IV 637 ss. e IX 190; HIGINO, *Astr.* II 3; id. *Fáb.* 30. Quanto ao número de Hespérides, há discrepância: Hespéria e Aretusa podem ser uma só, também chamada de Héstia Eretusa ou Hesperaretusa, nos códices. Os nomes Egle, Erítia e Hesperaretusa, isto é, a “Brilhante”, a “Vermelha” e a “Aretusa do poente”, lembram as cores do céu quando o Sol desaparece no Ocidente. São estas as maçãs de ouro que Euristeu incumbiu Hércules de lhe levar.

<sup>112</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 31. Geralmente, este combate é situado em Págasa, na Tessália. O Pseudo Apolodoro, pelo contrário, situa-o na Macedônia, nas margens do rio Equeodoro. Segundo ele, Cicno era filho de Ares e de Pirene, e tal como na versão tradicional, Cicno é morto, mas quando Ares intervém, Zeus separa os combatentes com um raio. O Pseudo Apolodoro conhece igualmente outro Cicno, filho de Ares e Pelóia, a quem Hércules matará depois em Itono (cf. PSEUDO APOLODORO II, 7, 7), porém ele não menciona a intervenção divina no duelo.

<sup>113</sup> Filhas da Noite, segundo HESÍODO, *Teog.* 215-6; de Atlas e de uma filha de Héspero (irmão de Atlas), em DIODORO, IV 27.

<sup>114</sup> Cf. PINDARO, *Ist.* IV 87-97; PAUSÂNIAS, IX 11, 6; DIODORO, IV 17, 4; HIGINO, *Fáb.* 31.

<sup>115</sup> C. DIODORO, IV 18, 1; IV 27, 2-3; OVÍDIO, *Met.* IX 182-3; id. *Arte de amar* I 647-653; HIGINO, *Fáb.* 31 e 56. ISÓCRATES, *Busíris* 15, nega que Hércules e Busíris foram contemporâneos. FRAZER (I, p. 224-5 menciona vários testemunhos que provam, ao contrário da opinião de Heródoto, a prática de sacrifícios humanos no Egito.

<sup>116</sup> Cf. DIODORO, IV 27, 3.

<sup>117</sup> Cf. DIODORO, IV 15, 2; HIGINO, *Fáb.* 35, 54 e 144, id. *Astr.* II 15. Em uma passagem, Higinio faz o castigo de Prometeu durar trinta anos e, em outra, trinta mil.

<sup>118</sup> Provavelmente se refere à coroa de oliveira que Hércules trouxe do país dos Hiperbóreos e consagrou como símbolo da vitória nos Jogos Olímpicos; cf. PÍNDARO, *Olímp.* III 11, 20 ss., e PAUSÂNIAS, V 7, 7, talvez consignada a Hércules como uma espécie de penhor simbólico pela liberação de Prometeu, já que este, por sua vez, passou a portar

Prometeu havia lhe dito que não partisse pessoalmente à procura das maçãs, mas que enviasse Atlas no seu lugar, livrando-o, primeiro, da esfera celeste; portanto, quando foi até Atlas, na terra dos Hiperbóreos, Hércules acatou seu conselho e o livrou da esfera. Após ter colhido três maçãs das Hespérides, Atlas dirigiu-se a Hércules, e uma vez que não queria receber de volta a esfera celeste, (disse-lhe que ele mesmo enviaria as maçãs a Euristeu e pediu a Hércules que sustentasse a esfera em seu lugar. Hércules lho prometeu, porém lhe devolveu a esfera por meio de um ardil, pois, a conselho de Prometeu, pediu-lhe que a sustentasse até que colocasse uma almofada sobre a cabeça)<sup>119</sup>. Ao ouvir isso, Atlas depôs as maçãs no chão e recebeu a esfera. E então Hércules pegou as maçãs e partiu. No entanto, alguns dizem que ele não recebeu as maçãs de Atlas, mas que ele próprio as colheu, após ter matado a serpente que as guardava. Tendo levado consigo as maçãs, deu-as a Euristeu, que as recebeu e as devolveu de presente a Hércules; Atena recebeu-as de Hércules, porém as levou de volta, pois não era permitido que elas ficassem em qualquer lugar.

### *Hércules traz Cérbero do Hades*

Como décimo segundo trabalho, Euristeu ordenou a Hércules que trouxesse o cão Cérbero<sup>120</sup> do Hades. Este tinha três cabeças de cão, cauda de dragão e, na extensão do dorso, todos os tipos de cabeça de serpente. Quando então estava prestes a partir, foi até Eumolpo, em Elêusis, desejando iniciar-se nos mistérios e como os estrangeiros estavam interditos de se iniciar nos mistérios, tornou-se filho adotivo de Pílio e iniciou-se. Impossibilitado de ver os mistérios, porque não havia sido purificado da morte do Centauro, Hércules foi purificado por Eumolpo e então foi iniciado<sup>121</sup>. Em seguida, tendo chegado a Tênaros, na Lacônia, onde se encontra a entrada da descida para o Hades, ele a atravessou. Assim que o avistavam, as almas fugiam, com exceção de Meleagro e Medusa<sup>122</sup>. Então, ele sacou da espada contra Medusa, como se tivesse viva, mas ficou sabendo, por intermédio de Hermes, que era uma imagem vazia. No entanto, quando estava perto das portas do Hades, encontrou Teseu e Pirítoos, que pretendia esposar Perséfone e, por esse motivo, foi aprisionado<sup>123</sup>. Assim que viram Hércules, ambos lhe estenderam as mãos para que ele os erguesse por meio de sua força. Hércules agarrou Teseu pela mão e o ergueu. Mas quando quis erguer Pirítoos, a terra tremeu, e Hércules o deixou. Ele rolou, também, a pedra de Ascálafo<sup>124</sup>. Ao querer oferecer sangue para as almas, imolou uma das vacas de Hades. O pastor delas, no entanto, Menécio, filho de Ceutônimo, desafiou Hércules para uma luta, e tendo sido agarrado pelo meio, teve suas costelas quebradas, porém Perséfone intercedeu a seu favor. Quando Hércules pediu o cão

---

um anel em seu dedo, com um fragmento da montanha em que estivera aprisionado engastado nele, para não invalidar a promessa de Zeus de não soltá-lo nunca do local em que estava preso.

<sup>119</sup> O texto entre parênteses aparece nos manuscritos de Apolodoro como restaurado a partir do *Escólio a Argonáutica de Apolônio de Rodas*, IV 1396, baseado em Ferécides, a quem provavelmente Apolodoro seguiu. Este episódio também é atestado em PAUSÂNIAS, V 10, 9. Conta-se também que, desesperadas por terem perdido os frutos que estavam sob sua guarda, as Hespérides foram transformadas em árvores: um ulmeiro, um choupo e um salgueiro, a cuja sombra, mais tarde, os Argonautas descansaram. O dragão foi transferido para o céu, onde se tornou a constelação da Serpente.

<sup>120</sup> Na *Ilíada*, VIII 366-369, diz-se que Atena ajudou Hércules a tirar Cérbero do Hades; na *Odisseia* XI 623-626, que foi Hades. O número de cabeças que se atribuía a Cérbero varia entre três, cinquenta ou cem, dependendo da fonte consultada.

<sup>121</sup> Em DIODORO, IV 25, 1, aparece Museu, filho de Orfeu, dirigindo os rituais de iniciação. Em outra passagem (cf. IV, 14, 3), menciona que Deméter instituiu estes mistérios para purificar Hércules da morte dos Centauros. A adoção de Hércules por Pílio também está atestada em PLUTARCO, *Teseu* 33.

<sup>122</sup> Cf. BAQUÍLIDES, V 56-175. Hércules estendia o arco contra Meleagro, quando este se aproximou e lhe contou o seu fim em termos tão emocionantes que Hércules se comoveu até às lágrimas. E perguntou-lhe então se lhe restava uma irmã. Meleagro respondeu que Dejanira ainda vivia. Hércules prometeu então desposá-la.

<sup>123</sup> O Pseudo Apolodoro nos proporciona a versão mais conhecida da lenda, na qual apenas Teseu é resgatado. Contudo, HIGINO, *Fáb.* 79, afirma que Hércules conseguiu resgatar os dois, enquanto DIODORO, IV 26, 1, nega que ambos tenham se salvado. Cf. *Epítome* 1, 23-24; *Odisseia* XI 631, APOLONIO DE RODES, I 101 ss.; IV 63, 4-5; EURÍPIDES, *Hércules* 619; PAUSÂNIAS, I 17, 4; IX 31, 5; X 29, 9; VIRGÍLIO, *Eneida* VI 392 ss. e 617 ss.; HORÁCIO, *Odes* II 4, 79 ss. e IV 392 ss.

<sup>124</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 5, 3.

Cérbero a Plutão, Plutão ordenou que ele o levasse, dominando-o sem recorrer às armas que tinha. Hércules o encontrou junto às portas do Aqueronte, e protegido pela armadura e revestido com a pele de leão, lançou as mãos em torno da cabeça e não o soltou, e embora fosse mordido pelo dragão que estava na cauda, Hércules o dominou e o sufocou, até que Cérbero fosse persuadido. Então ele o pegou e tendo empreendido a subida através de Trezena<sup>125</sup>, retornou. Mas Deméter transformou Ascálafo em coruja<sup>126</sup>, e Hércules, após mostrar Cérbero para Euristeu, levou-o de volta para o Hades.

### Íole

Depois dos trabalhos, Hércules foi para Tebas e entregou Mégara a Iolau; quanto a ele próprio, querendo se casar, ficou sabendo que Êurito, soberano da Ecália, havia proposto a mão de sua filha Íole como prêmio àquele que o vencesse, a ele e a seus filhos, na competição de arco e flecha. Então, ele foi à Ecália e apesar de tê-los superado na arte do arco e flecha, não obteve o casamento<sup>127</sup>; pois enquanto Ífito, o filho mais velho de Êurito, dizia que Íole devia ser dada a Hércules, Êurito e os demais se recusavam, afirmando que temiam que, se engendrasses filhos, ele também os mataria<sup>128</sup>.

### Morte de Ífito. Luta de Hércules contra Apolo pela trípode de Delfos

Não muito tempo depois, umas vacas foram roubadas na Eubeia por Autólico, e Êurito presumiu que Hércules havia perpetrado o roubo; mas Ífito não acreditava e saiu à procura de Hércules, e o encontrou quando ele voltava de Feras, após ter salvado Alceste da morte para Admeto<sup>129</sup>, e o convidou a procurar as vacas com ele. Então Hércules lho prometeu e o hospedou em sua casa, porém, tendo sido tomado por outro acesso de loucura, lançou-o das muralhas de Tirinto<sup>130</sup>. Desejando se purificar do assassinato, dirigiu-se a Neleu, o soberano dos pílios. Este, porém, rejeitou seu pedido devido à sua amizade com Êurito, então Hércules partiu para Amiclas e foi purificado por Deífobo, o filho de Hipólito<sup>131</sup>. Porém, tendo sido vítima de uma doença terrível devido ao assassinato de Ífito, foi para Delfos e perguntou de que modo poderia se livrar da doença. Como a Pítia não lhe pronunciava oráculo, desejou pilhar o templo e, carregando consigo uma trípode, instituir seu próprio oráculo. No entanto, Apolo lutou contra Hércules<sup>132</sup> e Zeus lançou um raio entre ambos. Após terem sido separados dessa maneira, Hércules recebeu o oráculo, que afirmava que ele se livraria da doença se fosse vendido e servisse como escravo por três anos e pagasse a Êurito uma compensação pelo assassinato.

<sup>125</sup> PAUSÂNIAS, em II 31, 2, coincide com o Pseudo Apolodoro em que a subida do Hades foi através de Trezena, mas em II 35, 10, afirma que foi por Hermíone, e em IX 34, 5, que foi pelo monte Lafístio, na Beócia.

<sup>126</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* V 538 ss.

<sup>127</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 260 ss.

<sup>128</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 12.

<sup>129</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 15. Eurípides, na sua tragédia *Alceste* vincula esta lenda à passagem de Hércules pela Tessália por ocasião do seu trabalho de buscar as éguas de Diomedes, da Trácia. Porém o Pseudo Apolodoro faz deste episódio um dos que marcaram as aventuras de Hércules e Ífito. Por outro lado, como observou Grimal (p. 216), é provável que a intervenção de Hércules nesse mito seja um desenvolvimento tardio. No tema primitivo é a própria Perséfone quem, sensibilizada pela dedicação da jovem esposa, fá-la regressar à vida, e não o herói que obriga Tânato (a Morte) a entregar sua presa.

<sup>130</sup> HOMERO, *Odisseia* XXI 22-30, afirma que Ífito foi procurar doze éguas que haviam desaparecido, e Hércules, depois de tê-lo alojado, matou-o e ficou com as éguas para si; mas, segundo o escólio à *Odisseia* XXI 22, as éguas haviam sido roubadas por Autólico e vendidas a Hércules. A versão de SÓFOCLES, *Traq.* 262-279, é um pouco diferente: Hércules se vinga dos insultos de Êurito, lançando Ífito do alto de uma rocha de Tirinto. Cf. também DIODORO, IV 31, 2-3. Êurito, porém, recusou-se a aceitar o preço que Hércules estava disposto a pagar-lhe pela morte do filho, ou seja, o dinheiro da sua venda como escravo, comprado por Ônfale por três talentos, que constituiria o “preço de sangue” para ressarcir-lo do assassinato de seu filho.

<sup>131</sup> Cf. DIODORO, IV 31, 4-5.

<sup>132</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 32; SÉRVIO, a *En.* VIII 300.

## *Héracles e Ônfale*

Depois que o oráculo foi pronunciado, Hermes pôs Héracles à venda, e Ônfale, filha de Járdano e rainha dos lídios, à qual seu marido Tmolos deixou a soberania do reino ao morrer<sup>133</sup>, o comprou. Então, quando o pagamento foi trazido, Êurito o recusou, mas Héracles se sujeitou como escravo de Ônfale e capturou e encadeou os Cércopes que estavam nas cercanias de Éfeso<sup>134</sup>; e matou Sileu, que em Áulis forçava os estrangeiros de passagem a escavar, e também a filha de Sileu, Xenódoce, após ter queimado as videiras dele, juntamente com as raízes<sup>135</sup>. Ao atracar na ilha de Dólíque, viu o corpo de Ícaro, levou-o para praia e o sepultou, e denominou a ilha Icária em vez de Dólíque. Em retribuição, Dédalo fez uma estátua de Héracles em Pisa<sup>136</sup>, que Héracles, por engano, à noite, atingiu-a com uma pedra, como se estivesse viva. E durante o tempo em que serviu a Ônfale, diz-se que ocorreu a viagem para Cólquida<sup>137</sup>, a caçada ao javali de Cálidon<sup>138</sup>, e que Teseu veio de Trezena e limpou o Istmo<sup>139</sup>.

### *A conquista de Troia por Héracles. Hesíone e Príamo*

Após ter cumprido o período de servidão e se livrado da doença, reuniu um exército dos mais valorosos guerreiros que queriam participar, de bom grado, da expedição militar, e navegou contra Troia com dezoito naus, de cinquenta remeiros cada<sup>140</sup>. Ao desembarcar em Troia, confiou a Ecles a guarda das naus, enquanto ele próprio e os outros heróis se lançaram contra a cidade. No entanto, Laomedonte investiu com a multidão contra as naus, e matou Ecles em combate, mas tendo sido repellido pelos guerreiros de Héracles, encerrou-se nas muralhas sitiadas. Uma vez estabelecido o assédio a Troia, Télamon foi o primeiro a romper a muralha e a entrar na cidade, e, depois dele, Héracles. Ao ver que Télamon fora o primeiro a entrar, Héracles sacou da espada e brandiu-a contra ele, pois não admitia que qualquer outro guerreiro fosse reputado superior a si próprio. Compreendendo isso, Télamon começou a reunir pedras que estavam por perto, e quando Héracles lhe perguntou o que fazia, disse que estava erigindo o altar de Héracles Calínico<sup>141</sup>. Héracles o

<sup>133</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 247 ss.; DIODORO; IV 31, 5-8; LUCIANO, *Diálogo dos deuses* 13, 2. Os autores são pródigos em pormenores a respeito de Héracles e Ônfale. Compraziam-se em representarem Héracles vestido à maneira da Lídia, com longos vestidos femininos, enquanto a rainha ostentava os seus atributos: a clava e a pele de leão. Héracles, sentado a seus pés, aprendia a fiar. Essa “troca do vestuário” é característica de um tema folclórico e foi amplamente explorada como “exemplo” pelos moralistas e filósofos. Foi durante essa servidão a Ônfale que os mitógrafos colocaram a caça do javali de Cálidon (v. Meleagro) e os feitos de Teseu contra os bandidos que infestavam o istmo de Corinto, explicando assim a ausência de Héracles durante estes acontecimentos.

<sup>134</sup> Os Cércopes (de *kérkos*, “cauda”) eram dois estranhos personagens, dotados de caudas, ladrões e malfeitores que passavam o tempo espoliando e enganando os viajantes com todo tipo de embuste. Este episódio, colocado primeiramente na Tessália, foi definitivamente situado Ásia Menor, ao ligar-se ao “ciclo de Ônfale”. A aventura dos Cércopes forneceu os temas das comédias burlescas, tal como grande número de outras façanhas “populares” de Héracles, cf. DIODORO IV 31, 7. Segundo OVÍDIO, *Met.* XIV 90-100, Zeus os transformou em macacos, mas, segundo FERÉCIDES, 3 F 77, foram transformados em pedras.

<sup>135</sup> Cf. CÓNON, *Narrativas* 17; DIODORO, IV 31, 7. Sileu é o vinhateiro que forçava os transeuntes a trabalhar na sua vinha. Trata-se de um conto folclórico utilizado por Eurípides como tema de um drama satírico perdido em que Héracles intervém com sua glotonaria habitual. Em outra tradição, Héracles apaixonou-se pela filha de Sileu e a torna sua esposa, porém, como se ausentou por certo tempo, a jovem não pôde suportar sua ausência e morreu. Quando voltou, como prometera, Héracles, desesperado, quis lançar-se na pira fúnebre da esposa e foi com grande dificuldade que o impediram de fazer. Existia também outra tradição segundo a qual Héracles foi vendido como escravo a Sileu, e não a Ônfale. Quanto à região em que Sileu habitava uns situam-no na Lídia, outros, na região de Áulis ou na região das Termópilas ou ainda na do Pélion, na Tessália.

<sup>136</sup> PAUSÂNIAS, IX 11, 4-5, menciona uma estátua de Héracles, obra de Dédalo, que ainda existia em sua época. Grimal (p. 218) comenta a respeito, dizendo que, deste modo, achavam-se unidos os dois ciclos, o de Dédalo e o de Héracles.

<sup>137</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 16 ss.

<sup>138</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 8, 2 ss.

<sup>139</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 16 e *Epítome* 1 ss.

<sup>140</sup> Cf. *Iliada* V 640-643; DIODORO, IV 32; OVÍDIO, *Met.* XI 213-217; HIGINO, *Fáb.* 89.

<sup>141</sup> Isto é, “Vencedor glorioso”

elogiou, e quando tomou a cidade, matou Laomedonte e seus filhos a flechadas, com a exceção de Podarces, e deu a Télamon a filha de Laomedonte, Hesíone<sup>142</sup>, como prêmio por sua bravura, e concedeu a ela que levasse consigo, dentre os escravos, aquele que desejasse. Quando ela escolheu seu irmão Podarces, Hércules disse que, primeiro, ele deveria tornar-se escravo e, em seguida, ser resgatado por ela. Então, quando ele foi posto à venda, Hesíone retirou o véu da cabeça e o entregou como resgate. A partir deste dia, Podarces foi chamado de Príamo<sup>143</sup>.

### *Hércules na ilha de Cós*

Quando Hércules estava zarpando de Troia, Hera enviou terríveis tempestades, e isso irritou Zeus de tal maneira, que ele a manteve pendurada no Olimpo<sup>144</sup>. Hércules navegava em direção a Cós, e os habitantes de Cós, julgando que ele estava conduzindo uma frota de piratas, tentavam lhe impedir que atracasse, atirando-lhe pedras. Mas Hércules, com o uso da força, tomou a cidade à noite e matou o rei Eurípilo, filho de Astipaleia e Posídon. E foi ferido durante o combate por Calcodonte, mas nada sofreu, pois Zeus o arrebatou do combate. Após ter saqueado Cós, chegou a Flegra graças a Atena, e ao lutar ao lado dos deuses, venceu a guerra contra os Gigantes<sup>145</sup>.

### *Hércules contra Augias*

Não muito tempo depois, após ter reunido um exército de árcades e tomado como voluntários os homens mais destemidos da Hélade, empreendeu uma expedição militar contra Augias<sup>146</sup>. Mas Augias, ao ouvir que Hércules trazia a guerra, estabeleceu Êurito e Ctéato como generais dos eleios. Estes eram dois homens unidos em um, que superavam em força todos os homens de seu tempo, filhos de Molíone e de Áctor ou, segundo outros, de Posídon. Áctor era irmão de Augias. Ocorreu que, durante a expedição, Hércules adoeceu; e por esse motivo, concluiu um armistício com os Moliônidas<sup>147</sup>. Mas depois, quando ficaram sabendo que ele havia adoecido, atacaram o exército e mataram muitos. Nessa ocasião, portanto, Hércules bateu em retirada. Mas, de novo, quando era celebrado o terceiro festival do Istmo, e os eleios enviaram os Moliônidas para tomar parte nos sacrifícios, Hércules lhes armou uma emboscada e os matou em Cléona, em seguida, fez uma expedição militar contra Élis e tomou a cidade. E tendo matado Augias e seus filhos, reconduziu Fileu ao trono e restituiu-lhe o reino<sup>148</sup>. Hércules também instituiu os Jogos Olímpicos, fundou o altar de Pélope, e construiu seis altares dos doze deuses<sup>149</sup>.

### *Conquista de Pilos*

Após a tomada de Élis, Hércules marchou contra Pilos, e tendo tomado a cidade, matou Periclímeneo, o mais valoroso dos filhos de Neleu, que combatia mudando de forma, e matou Neleu

---

<sup>142</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* XI 215-217; EURÍPIDES, *Andrômeda*, 796 ss.; SÓFOCLES, *Ájax*, 1299-1303.

<sup>143</sup> O Pseudo Apolodoro deriva o nome de Príamo, de *príamai*, “comprar”.

<sup>144</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 3, 5. Por instigação de Hera, Hipno, o deus do sono, fez com que Zeus adormecesse profundamente, para suscitar uma tempestade que lançou o navio de Hércules de encontro às costas de Cós.

<sup>145</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 6, 1-2.

<sup>146</sup> Cf. DIODORO, IV 33, 1; PAUSÂNIAS, V 1, 10-11; V 2, 1; VI 20, 16.

<sup>147</sup> Êurito e Ctéato, chamados Moliônidas por sua mãe, ou Actóridas por seu pai, são descritos, algumas vezes, simplesmente como siameses (escólio à *Ilíada* XXIII 638); outras, com dois corpos diferentes, mas cada um com duas cabeças, quatro mãos e quatro pés (FERÉCIDES, 3 F 79, em escólio à *Ilíada* XI 709). Cf. *Ilíada* II 621; XI 709-10 e 750 ss.; XXII 638. Segundo outras versões, tinham um só corpo com duas cabeças e haviam nascido de um ovo de prata, cf. Íbico em ATENEU II 57f-58a. Assim os mitógrafos explicavam essa derrota de Hércules: dizendo que os Moliônidas se aproveitaram covardemente do fato de que estava doente.

<sup>148</sup> Cf. DIODORO, IV 33, 3-4; PAUSÂNIAS, V 3, 1-3.

<sup>149</sup> Cf. PÍNDARO, *Olímp.* VI 67 ss.; X 24 ss.; DIODORO, IV 14, I; V 64, 6; PAUSÂNIAS, V 7, 9; 8, 1 e 3-4; HIGINO, *Fáb.* 273.

e seus filhos, com exceção de Nestor, pois esse, por ser ainda jovem, era criado pelos gerênios. Durante o combate, ele também feriu Hades, que acorrera para ajudar os pílios<sup>150</sup>.

Tendo tomado Pilos, Hércules empreendeu uma expedição militar contra Lacedêmôn, com a intenção de punir os filhos de Hipocoonte<sup>151</sup>, já que estava furioso com eles porque ambos haviam se aliado a Neleu, e ficou mais furioso ainda porque eles haviam matado o filho de Licímnio. Pois quando o filho de Licímnio estava olhando o palácio de Hipocoonte, um cão da raça dos molossos correu para fora e o atacou, ele atirou uma pedra e atingiu o cão, porém os filhos de Hipocoonte saíram subitamente e o mataram a golpes de clava. Para vingar sua morte, Hércules começou a reunir um exército contra os lacedemônios. Ao chegar a Arcádia, pediu a Cefeu que se tornasse seu aliado, juntamente com seus vinte filhos. No entanto, temendo que se Hércules abandonasse Tégea, os argivos marchariam contra ela, Cefeu se recusou a participar da expedição militar. Mas Hércules havia recebido de Atena um cacho de cabelo da Górgona em uma hídria de bronze e o deu a Estérope, filha de Cefeu, dizendo que se o exército atacasse e ela erguesse o cacho três vezes de cima das muralhas, sem olhar para ele, o inimigo bateria em retirada<sup>152</sup>. Tendo acontecido isso, Cefeu e seus filhos se engajaram na expedição e, durante o combate, ele próprio e seus filhos pereceram, e, além deles, Íficles, o irmão de Hércules. E após matar Hipocoonte e seus filhos, e devastar a cidade, Hércules reconduziu Tíndaro ao trono e restituiu-lhe o reino.

### *Auge*

Ao passar por Tégea, Hércules seduziu Auge, sem saber que ela era filha de Áleo<sup>153</sup>. E ela, tendo gerado o bebê às ocultas, colocou-o no santuário de Atena. Mas Áleo, visto que naquela época a cidade era consumida por uma peste, entrou no precinto sagrado e, investigando os gritos da filha, que estava em trabalho de parto, descobriu o que ocorrera. Então, ele expôs o bebê sobre o monte Partênio e este foi salvo pela providência dos Deuses, pois, por um lado, foi amamentado por uma cerva que havia parido recentemente e, por outro, foi recolhido por pastores que lhe nomearam Télefo<sup>154</sup>. Quanto a Auge, Áleo a entregou a Náuplio, filho de Posídon, para que a vendesse bem longe, num país estrangeiro; e Náuplio a entregou a Teutras, soberano da Teutrânia, que a tomou como sua esposa.

---

<sup>150</sup> Também feriu Ares na coxa com uma lança e Hera no seio, com uma flecha, que lutaram a favor dos pílios. Cf. HESÍODO, *Escudo* 359; *Ilíada* V 392-400; XI 690-693; PAUSÂNIAS, II 18, 7; VI 25, 2-3; OVÍDIO, *Met.* XII 549-572. Posídon e Apolo também participam da luta, na versão apresentada por Píndaro.

<sup>151</sup> Cf. DIODORO, IV 33, 5-6; PAUSÂNIAS, II 18, 7; III 10, 7; VIII 53, 9. Os Hipocoôntidas tinham afastado do trono os seus legítimos herdeiros, Icário e Tíndaro, e a sua restituição era um dos motivos alegados pelo qual Hércules teria empreendido essa expedição militar; o motivo, porém, é outro, a saber, a vingança da morte de Eono, o filho de Licímnio e sobrinho de Hércules, que Apolodoro menciona como causa da expedição.

<sup>152</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VIII 47, 5.

<sup>153</sup> A versão mais corrente do mito é fornecida pela *Auge* de Eurípides, bem como pelos *Mísios* e pelos *Aleadas* de Sófocles: um oráculo advertira Áleo que a sua filha geraria um filho que mataria seus tios (os Aleadas) e reinaria em seu lugar. O rei devotou então sua filha à deusa Atena e a proibiu de casar, sob pena de morte. Mas Hércules, passando por Tégea a caminho de Élis, onde ia lutar contra Augias, foi recebido como hóspede por Áleo e após um banquete, já ébrio, violentou Auge, sem saber que ela era a filha do rei. A violação teria ocorrido no santuário de Atena ou perto de uma fonte. Ao saber que a filha estava grávida, o rei quis matá-la (e aí as fontes se dividem: ou Áleo pôs Auge e seu filho em um cofre e o lançou ao mar ou, então, entregou-os ao navegador Náuplio para que ele próprio o lançasse, ou ainda, para que os vendesse num país distante). Náuplio vendeu-os a uns mercadores de escravos que os levaram para Mísia. O rei dessa região, Teutras, que não tinha filhos, desposou Auge e adotou-lhe o filho, Télefo. HIGINO, *Fáb.* 99 e 100, dá outra versão: Teutras acolhe Auge como a uma filha, e Télefo, que chegou depois a Mísia, ajudou-o a defender o reino que se encontrava ameaçado por Idas, o filho de Afareu. Teutras o recompensou com a mão de Auge, que não queria, porém, casar-se com ele e estava disposta a matá-lo; os deuses enviaram um enorme dragão e, então, Auge revelou seus propósitos a Télefo. Este se dispunha a matá-la, mas ela invocou a Hércules, e mãe e filho se reconheceram e regressaram à sua pátria. Segundo DIODORO, IV 33, 11-12, Télefo casou-se com uma filha de Teutras.

<sup>154</sup> De *thelé*, “ubre” e *elaphos*, cerva.

## *Dejanira*

Ao chegar a Cálidon, Hércules cortejou Dejanira, filha de Cefeu, e tendo lutado para obter sua mão em casamento contra Aqueloo, que havia assumido a forma de um touro<sup>155</sup>, quebrou um dos seus chifres e então desposou Dejanira; Aqueloo recebeu seu chifre de volta, ao dar a Hércules o chifre de Amalteia, em vez do seu. Amalteia era filha de Hemônio e tinha um chifre de touro. Este, como disse Ferécides, tinha a faculdade de proporcionar em abundância qualquer alimento ou bebida que se desejasse<sup>156</sup>.

## *Expedição contra os tesprotos. Morte do Centauro Nesso*

Juntamente com os calidônios, Hércules marchou contra os tesprotos, e após tomar a cidade de Éfira, na qual reinava Filas, uniu-se à filha deste, Astíoque, e tornou-se pai de Tlepólemo. Enquanto permanecia com eles, ordenou a Téspio que retivesse sete de seus filhos, enviasse três outros para Tebas, e os quarenta restantes à ilha de Sardenha<sup>157</sup>, para colonizá-la. Após estes acontecimentos, enquanto participava de um banquete com Eneu, matou, golpeando com o punho, Eunomo, filho de Arquiteles, quando vertia água em suas mãos<sup>158</sup>; ele era parente de Eneu. Porém o pai do rapaz, uma vez que havia sido um ato involuntário, o perdoou. Não obstante, Hércules quis sofrer a pena de exílio estabelecida pela lei e decidiu partir para Tráquis, junto a Céix. Levando consigo Dejanira, chegou ao rio Eveno, no qual o Centauro Nesso havia se estabelecido e atravessava os transeuntes mediante um pagamento<sup>159</sup>, afirmando que havia recebido tal privilégio dos deuses por sua retidão. Então Hércules atravessou o rio por si mesmo, mas quando Nesso lhe exigiu o pagamento, ele lhe confiou Dejanira para que a levasse à outra margem. Porém este, enquanto a levava para a outra margem, tentou violentá-la. Quando Dejanira se pôs a gritar, Hércules a ouviu e desferiu uma flecha no coração de Nesso, no instante em que ele saía do rio. Uma vez que estava prestes a morrer, Nesso chamou Dejanira e disse-lhe que, se desejava obter um filtro amoroso para Hércules, devia mesclar o sêmen vertido por terra com o sangue que lhe manava da ferida causada pela farpa. Ela assim o fez e o guardou.

## *Luta contra os dríopes e os lápitas. Cicno*

Quando atravessava o território dos dríopes desprovido de alimento, Hércules se encontrou com Tiódamas, que conduzia uma junta de bois, e soltando um deles, degolou-o e se banqueteu com ele<sup>160</sup>. Quando chegou junto de Céix, em Tráquis, foi recebido por ele e derrotou os dríopes.

Partindo dali mais tarde, aliou-se a Egímio, rei dos dórios; pois os lápitas, comandados por Corono, estavam em guerra contra ele pelos limites do território, e ele, estando sitiado, chamou Hércules para ajudá-lo em troca de uma parte da terra. Hércules correu em seu auxílio, matou

<sup>155</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 9-21; DIODORO, IV 35, 3-4; OVÍDIO, *Met.* IX 1-88; HIGINO, *Fáb.* 31. Segundo Ovídio, o rio se transformou primeiro em serpente e depois em touro.

<sup>156</sup> Há diferentes versões sobre o chifre de Amalteia, chamado pelos latinos de Cornucópia (ou Chifre da Abundância). Para alguns, é um dos chifres da cabra Amalteia, ou da cabra com que a ninfa Amalteia havia criado Zeus (que o teria arrancado da cabra, fazendo com que dele manasse néctar e ambrosia, segundo o *Hino a Zeus* 48 ss., de CALÍMACO, e, posteriormente, segundo ZENÓBIO II 48, dado a Amalteia prometendo-lhe de que o corno se encheria prodigiosamente de todos os frutos que desejasse,); para outros, é o chifre de Aqueloo, que Hércules havia arrancado e dado às ninfas, que o rechearam de frutas. Cf. OVÍDIO, *Met.* IX 85-88; id. *Fastos* V 115-128. HIGINO, *Astr.* II 13, e ERATÓSTENES, *Catast.* 13, mencionam a metamorfose da cabra em constelação.

<sup>157</sup> Trata-se dos filhos que teve com as cinquenta tespiades, cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 10. DIODORO, IV 29, 3-6, menciona que foram apenas dois os enviados a Tebas.

<sup>158</sup> Cf. DIODORO, IV 36, 2; PAUSÂNIAS, II 13, 8. Este último o denomina Cíato.

<sup>159</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 555 ss.; DIODORO, IV 36, 3-5; OVÍDIO, *Met.* IX 101-133; HIGINO, *Fáb.* 34; ESTRABON, X 2, 5.

<sup>160</sup> Cf. CALÍMACO, *Hino a Ártemis* 160-1. Juntamente com Dejanira e Hilo. No entanto, Tiódamas fugiu em direção à cidade e regressou com um bando armado. Após ocorrer o combate, a princípio desfavorável a Hércules, a ponto de Dejanira ter de se armar, chegando a ser atingida no peito. Não obstante, Hércules venceu e matou Tiódamas.

Corono e outros e entregou todo o território livre a Egímio. Matou também Laógoras, rei dos dríopes, e seus filhos, enquanto este celebrava um banquete no santuário de Apolo, por ser violento e aliado dos lápitas. Ao passar por Itono, Cicno, filho de Ares e Pelópia, o desafiou para um combate singular, e tendo o enfrentado, também o matou<sup>161</sup>. Quando chegou a Ormênio, o rei Amíntor, armado, não lhe permitiu seguir adiante, e ao tentar impedir sua passagem, Héacles o matou<sup>162</sup>.

Ao chegar a Tráquis, sequioso de se vingar de Êurito<sup>163</sup>, reuniu um exército para atacar a Ecália. Aliaram-se a ele os arcádios, os mélios de Tráquis e os lócrios epicmenídeos, e, tendo matado Êurito e seus filhos, apoderou-se da cidade<sup>164</sup>. Após ter sepultado os mortos que participaram com ele nesta expedição militar, Hípaso, filho de Céix, Árgio e Melas, filhos de Licímnio, saqueou a cidade e levou Íole cativa. Ao chegar a Ceneu, promontório da Eubeia, erigiu um altar a Zeus Ceneu. Uma vez que tinha a intenção de atuar como sacerdote, enviou o arauto Licas para que lhe trouxesse uma veste deslumbrante. Por meio deste, Dejanira ficou sabendo de Íole e, temerosa de que Héacles amasse mais esta última, julgou que o sangue vertido de Nesso era, na verdade, um filtro amoroso, e ungiu a túnica com ele<sup>165</sup>. Após vesti-la, Héacles começou a fazer o sacrifício; mas quando a túnica ficou aquecida, o veneno da Hidra começou a corroer sua pele. Erguendo Licas pelos pés, Héacles o arrojou para fora da Beócia, e ao tentar arrancar a túnica que se aderira ao seu corpo, arrancava, juntamente com ela, também as suas carnes. Afligido por tal infortúnio, foi conduzido em uma nau a Tráquis; e Dejanira, assim que soube do acontecido, se enforcou<sup>166</sup>. Héacles, após ter recomendado a Hílas, seu filho mais velho com Dejanira, que tomasse Íole como esposa quando se tornasse adulto, dirigiu-se ao monte Eta, no território de Tráquis, e depois de erguer uma pira e subir sobre ela, ordenou que atexassem fogo. Como ninguém queria fazer isso, Peante, que passava por ali em busca de seus rebanhos<sup>167</sup>, acendeu-a; por isso, Héacles lhe deu seu arco de presente. Dizem que enquanto a pira estava queimando, uma nuvem situou-se debaixo de Héacles, e com o estrondo de um trovão, elevou-o ao céu<sup>168</sup>. Desde então, ele obteve a imortalidade e, reconciliando-se com Hera, desposou sua filha, Hebe, com quem teve os filhos Alexíares e Aniceto<sup>169</sup>.

Das filhas de Téspio teve os seguintes filhos: de Prócris, Antiléon e Hipeu (pois a mais velha gerou gêmeos); de Pânope, Trepsipes; de Lise, Eumedes; ... Creonte; de Epilaíde, Astíanax; de Certe, Iobes; de Euríbia, Polilau; de Patro, Arquêmarco; de Meline, Laomedonte; de Clitipe, Eurícapis; de Eubote, Eurípilo; de Aglaia, Antíades; de Criseida, Onesipo; de Oria, Laómenes; de Lisídice, Teles; de Menípide, Entélides; de Antipe, Hipódromo; de Euri..., Teleutágoras; de Hipo,

<sup>161</sup> Cicno tinha o hábito de cortar as cabeças dos viajantes para construir um templo com elas em homenagem a seu pai, Ares; cf. *Escólio a Píndaro, Olímp.* II 147 e X 19. Quanto ao local do combate PAUSÂNIAS, I 27, 6, o situa nas proximidades do rio Peneu, enquanto HESÍODO, *Escudo* 57-423, afirma que ele ocorreu em Págasas; Cf. *supra*, nota 113.

<sup>162</sup> DIODORO, IV 37, 4 afirma que Amíntor lhe negou a mão de sua filha Astidâmia em casamento, a qual, logo depois de ser violentada por Héacles gerou Ctesipo.

<sup>163</sup> Pelo fato de ter negado a mão de sua filha Íole, cf. II 6, 1.

<sup>164</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 351-362; 476-478; HIGINO, *Fáb.* 35; DIODORO, IV 37, 5.

<sup>165</sup> Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 756-806; DIODORO, IV 38, 1-2; OVÍDIO, *Met.* IX 136-272; HIGINO, *Fáb.* 36.

<sup>166</sup> Esta era a forma de suicídio "heroico" preferida pelas mulheres e a ela recorreram muitas heroínas como Jocasta, Erígone, Fedra, Enone, etc. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 3; I 9, 27; III 12, 6; III 13, 3, e *Epítome* I 19.

<sup>167</sup> Segundo a versão mais extensa do mito, foi Filoctetes quem ateou fogo à pira; cf. DIODORO, IV 38, 3-8; OVÍDIO, *Met.* IX 229 ss. Filoctetes herdará de seu pai, Peante, o arco e as flechas de Héacles, os quais desempenharão um papel importante na guerra de Troia. Cf. SÓFOCLES, *Traq.* 1191 ss. e PSEUDO APOLODORO *Epítome* 5, 8.

<sup>168</sup> Cf. *Odisseia* XI 602-604; HESÍODO, *Teog.* 950-955; id. *Fr.* 229; EURÍPIDES, *Heraclidas* 915-6; OVÍDIO, *Met.* IX 400-1.

<sup>169</sup> Segundo outra variante sobre os derradeiros momentos de Héacles, ele não teria morrido voluntariamente sobre uma pira acesa. Torturado pela túnica embebida no sangue do Centauro Nesso, ter-se-ia inflamado ao sol e depois se lançado a um rio próximo a Tráquis, tentando apagar o fogo que o devorava. O rio no qual se lançara teria ficado quente por este motivo, e estaria aqui a origem das Termópilas, entre a Tessália e a Fócida, onde há sempre uma fonte quente. Tanto nesta quanto na versão de sua apoteose, os comentaristas e estudiosos ressaltam a presença do fogo: é por ele que o herói se despoja dos elementos mortais oriundos de sua mãe mortal, Alcmena. Do mesmo modo como Tétis tentou purificar Aquiles, expondo-o às chamas da lareira, para torná-lo imortal.

Cápilo; de Eubeia, Olimpo; de Nice, Nicódromo; de Árgele, Cleolau; de Êxole, Eritras; de Xantide, Homolipo; de Estratonice, Átromo; de Ífis, Celeostánor; de Laótoe, Ântifo; de Antíope, Alópio; de Calamétis, Astibiádes; de Filide, Tígasis; de Escride, Leucones; de Anteia, ..., de Eurípilo, Arquédico; de Érato, Dinastes; de Asópide, Méntor; de Eone, Amétrio; de Tífise, Linceu; de Olímpusa, Halócrates; de Helicônide, Fálias; de Hesíquia, Estrobles; de Terpsícrates, Euríope; de Elaquia, Buleu; de Nicipe, Antímaco; de Piripe, Pátroclo; de Praxiteia, Nefo; de Lisipe, Erasipo; de Toxícrate, Licurgo; de Marse, Búcolo; de Eurítele, Leucipo; de Hipócrata, Hipócigo. Estes eram os nascidos das filhas de Téspio. Quanto aos demais, de Dejanira, filha de Eneu, teve Hilo, Ctesipo, Gleno e Onites; de Mégara, filha de Creonte, teve Terímaco, Deicoonte e Creontíades; de Ônfale teve Agelau, de quem descende a estirpe de Cresos; de Calcíope, filha de Eurípilo, teve Tétalo; de Epicasta, filha de Augias, teve Téstalo; de Partênope, filha de Estínfalo, teve Everes; de Auge, filha de Áleo, teve Télefo; de Astíoque, filha de Filante, teve Tlepólemo; de Astidâmia, filha de Amíntor, teve Ctesipo, de Autônoe, filha de Pireu, teve Palémon.

### *Os Heraclidas contra Euristeu*

Depois que Hércules passou a viver com os deuses, seus filhos fugiram de Euristeu e foram para junto de Céix. Mas quando Euristeu exigiu que eles se entregassem, ameaçando-lhes com a guerra, atemorizaram-se, e deixando Tráquis, fugiram pela Hélade. Ao serem perseguidos, chegaram a Atenas, e tomando assento junto ao altar da Piedade, pediram amparo. Os atenienses, recusando-se a entregá-los, sustentaram uma guerra contra Euristeu e mataram seus filhos, Alexandre, Ifimedonte, Euríbio, Mentor e Perimedes<sup>169</sup>. O próprio Euristeu fugiu em seu carro, e quando já estava passando pelas rochas Cirônias, Hilo, que estava em seu encalço, o matou e, cortando-lhe a cabeça, deu-a a Alcmena, que lhe arrancou os olhos com uma lança<sup>170</sup>.

### *O retorno dos Heraclidas*

Após a morte de Euristeu, os Heraclidas invadiram o Peloponeso e conquistaram todas as cidades<sup>171</sup>. Transcorrido um ano após o seu retorno, uma praga apoderou-se de todo o Peloponeso, e um oráculo revelou que isso havia sido causado pelos Heraclidas, por terem regressado antes do tempo devido. Por isso, eles abandonaram o Peloponeso e partiram para Maratona, onde passaram a habitar. Antes de saírem do Peloponeso, Tlepólemo matou Licímnio involuntariamente, pois enquanto ele golpeava um servo com um bastão, Licímnio se interpôs entre ambos, e, fugindo com não poucos, chegou a Rodes e aí passou a habitar<sup>172</sup>. Hilo, cumprindo a recomendação de seu pai, esposou Íole, e tentava conseguir o retorno dos Heraclidas. Por esse motivo, foi a Delfos e perguntou como poderiam retornar; o deus respondeu que retornassem depois de aguardar pela terceira colheita. Mas Hilo supôs que a terceira colheita significasse três anos, e após esperar esse tempo, ele retornou com seu exército...<sup>173</sup> de Hércules ao Peloponeso, quando Tisâmeno, filho de

---

<sup>169</sup> O Pseudo Apolodoro não menciona um famoso episódio ocorrido durante a guerra entre os atenienses e Euristeu por causa dos filhos de Hércules. Um oráculo havia declarado que os atenienses venceriam, se um dos filhos de Hércules se oferecesse voluntariamente para morrer. Assim o fez Macária, filha de Hércules e Dejanira, e os atenienses foram vitoriosos. Cf. PAUSÂNIAS, I 32, 6; EURÍPIDES, *Heraclidas* 406 ss., 474-601, 819-922. Segundo Pausânias (*op. cit.*), em Atenas reinava Teseu, pai de Demofonte.

<sup>170</sup> Segundo EURÍPIDES, *Heraclidas* 843-866, 928-980 e 1030-1055, Iolau fez Euristeu prisioneiro junto às rochas Cironianas e o levou ante Alcmena para ser executado. De acordo com PÍNDARO, *Pít.* IX 79 ss., quem o matou foi Iolau e não Hilo.

<sup>171</sup> Cf. DIODORO, IV 58, 1-4.

<sup>172</sup> HOMERO (*Iliada* II 653-670) afirma que Tlepólemo fugiu para Rodes devido às ameaças dos demais Heraclidas. Cf. também PÍNDARO, *Olímp.* VII 27; DIODORO, IV 58, 7-8.

<sup>173</sup> A lacuna poderia se referir aos sucessos relatados por DIODORO, IV 58, 1-2 e PAUSÂNIAS, VIII 5, 1: Hilo adentra o Peloponeso através do Istmo e morre em um combate singular às mãos de Équemo, rei de Tégea. O seu neto, Aristômaco, foi quem interrogou novamente o oráculo, que lhe respondeu: “Os deuses conceder-te-ão a vitória se atacares pelos estreitos”; ou ainda, “pela via estreita”, uma vez que a expressão do oráculo era ambígua. Aristômaco

Orestes reinava sobre os peloponésios. E ocorrendo outro combate, os peloponésios os derrotaram e Aristômaco morreu<sup>174</sup>. Quando os filhos de Cleodeu atingiram a idade adulta, consultaram o oráculo a respeito de seu retorno. Como o deus dera a mesma resposta de antes, Têmeno o repreendeu, dizendo que, por ter obedecido ao oráculo, eles haviam fracassado. Mas o deus lhes respondeu que eles próprios eram culpados pelo seu fracasso, pois não haviam compreendido o oráculo, já que não havia se referido à terceira colheita da terra, mas à terceira geração, e que “estreito” significava amplo ventre, isto é, o mar que está à direita do Istmo<sup>175</sup>. Ao ouvir isso, Têmeno pôs o exército em prontidão e construiu naus num lugar da Lócrida, que agora se chama Náupacto<sup>176</sup> por esse motivo. Enquanto o exército estava ali, Aristodemo foi fulminado por um raio, deixando os gêmeos Eurístenes e Procles, que tivera com Árgia, filha de Autésio. Sucedeu que em Náupacto também o exército caiu em desgraça. Com efeito, apareceu-lhes um adivinho inspirado por um deus a recitar oráculos, que eles o tomaram por um mago enviado pelos peloponésios para causar a ruína do exército. Então Hipotes, filho de Filas, filho de Antíoco, filho de Hércules, arremessou sua lança contra ele e o matou<sup>177</sup>. Deste modo, com a destruição das naus, a frota arruinou-se por completo, a infantaria sofreu com a fome e o exército se dispersou. Quando Têmeno consultou o oráculo sobre o motivo da desgraça, o deus lhe respondeu que isto havia ocorrido por causa do adivinho, e ordenou que o assassino fosse banido por dez anos e que ele tomasse por guia um ser de três olhos. Assim eles baniram Hipotes e começaram a procurar alguém com três olhos. Então se depararam com Óxilo, filho de Andrémon, que estava montado em um cavalo de um só olho, uma vez que o outro havia sido cortado por uma flecha; Óxilo havia fugido para a Élide por causa de um assassinato<sup>178</sup>, e, tendo transcorrido um ano, estava regressando dali para a Etólia. Interpretando o oráculo neste sentido, eles o tornaram seu guia, e tendo travado combate com os inimigos, superaram-nos tanto por terra quanto por mar, e mataram Tisâmene, filho de Orestes. No entanto, seus aliados Pânfilo e Dimas, filhos de Egímio, também pereceram.

#### *A partilha do Peloponeso. Morte de Têmeno e Cresfonte.*

Logo que passaram a dominar o Peloponeso, erigiram três altares a Zeus Pátrio, oferecendo-lhe sacrifícios sobre eles, e dividiram as cidades através de um sorteio. O primeiro lote foi Argo, o segundo, Lacedemônia, e o terceiro, Messênia. Então eles trouxeram um vaso com água e decidiram que cada um lançasse uma marca característica. Têmeno e os filhos de Aristodemo, Procles e Eurístenes, lançaram pedras, mas Cresfonte, que queria obter a Messênia, lançou dentro um torrão de terra. Uma vez que este se dissolveu na água, era forçoso que aparecessem os outros dois lotes. O lote de Têmeno foi o primeiro a sair, e em segundo, o dos filhos de Aristodemo, e assim Cresfonte obteve a Messênia. Sobre os altares em que haviam oferecido os sacrifícios, eles encontraram uns sinais: os que haviam obtido Argo, um sapo, os que haviam obtido a Lacedemônia, uma serpente, e os que haviam obtido a Messênia, uma raposa<sup>179</sup>. Sobre estes sinais, os adivinhos disseram que, aos que haviam encontrado o sapo, ser-lhes-ia preferível que permanecessem na cidade, pois este animal não tem força para caminhar; aos que encontraram a serpente, que seriam terríveis no ataque, e aos que encontraram a raposa, que seriam ardilosos.

---

pensou que se tratava de atacar pelo istmo (“a via estreita”), e foi morto. Tendo sido vencidos mais uma vez, os Heraclidas retiraram-se da Ática e por cinquenta anos não voltarão a entrar no Peloponeso.

<sup>174</sup> Aristômaco era filho de Cleodeu, que por sua vez era filho de Hilo, cujo pai era Hércules. Foi pai de Têmeno, Cresfonte e Aristodemo; estes dois primeiros lideraram os Heraclidas e os dórios durante a conquista do Peloponeso, cf. PAUSÂNIAS, II 18, 7; V 4, 1; VIII 5, 6; X 28, 10.

<sup>175</sup> Aparentemente, havia uma segunda parte do oráculo que os aconselhava a passarem pelo estreito para chegar ao Peloponeso, mas o “estreito” não se referia ao Istmo, mas à entrada do golfo de Corinto (v. nota anterior).

<sup>176</sup> Náupacto significa literalmente “local em que se constrói a nau”, daí a ideia de “estaleiro”.

<sup>177</sup> Segundo PAUSÂNIAS, III 13, 4, esse adivinho era um acarnense chamado Carno.

<sup>178</sup> Provavelmente se trata de um homicídio acidental, pois parece que sua vítima era seu próprio irmão, cf. PAUSÂNIAS, V 3, 7.

<sup>179</sup> Cf. PAUSÂNIAS; IV 18, 6.

Têmeno, relegando seus filhos Agelau, Eurípilo e Cálias, favoreceu sua filha Hirneto e seu marido, Deifonte<sup>180</sup>. Por isso, os filhos persuadiram uns indivíduos, mediante certo pagamento, a matar o pai deles. Mas depois que o crime havia ocorrido, o exército decidiu que o reino pertencia a Hirneto e Deifonte. Cresfonte, após reinar pouco tempo sobre a Messênia, morreu assassinado com dois de seus filhos; e Polifonte, que era um dos autênticos heraclidas, passou a reinar, e obrigou Mérope, a esposa do morto, a se casar com ele. Mas ele também foi assassinado, pois Mérope tinha um terceiro filho, chamado Épito, o qual ela havia confiado ao pai dela para que o criasse<sup>181</sup>. Quando ele chegou à idade adulta, retornando em segredo, matou Polifonte e recuperou o reino paterno.

\*\*\*\*\*

---

<sup>180</sup> PAUSÂNIAS; II 19, 1 e II 28, 2, difere quantos aos nomes dos filhos de Têmeno, aos quais denomina Ciso, Cerines, Falces e Agreu.

<sup>181</sup> HIGINO, *Fáb.* 184, menciona Telefonte como sendo o filho sobrevivente. Cf. Também PAUSÂNIAS, IV 3, 7 ss.

### LIVRO III

#### DESCENDÊNCIA DE AGENOR (EUROPA)

##### *Filhos de Agenor. Rapto de Europa.*

Após termos descrito a estirpe de Ínaco e mostrado as gerações desde Belo até os heraclidas, falemos, na sequência, também sobre a estirpe de Agenor. Como havíamos dito<sup>1</sup>, Líbia gerou de Posídon dois filhos, Belo e Agenor. Belo foi rei dos egípcios e gerou os filhos que já mencionamos. Quanto a Agenor, dirigiu-se a Fenícia, casou-se com Teléfassa e gerou uma filha, Europa, e os filhos Cadmo, Fênix e Cílix. Embora alguns digam que Europa não era filha de Agenor, mas de Fênix<sup>2</sup>. Zeus, tendo se apaixonando por ela, transformou-se num touro manso, e carregando-a sobre seu dorso, levou-a pelo mar para Creta<sup>3</sup>. Aí, após se unir a Zeus, ela gerou Minos, Sarpédon e Radamante; mas, segundo Homero, Sarpédon era filho de Zeus e Laodâmia, a filha de Belerofonte. Quando Europa desapareceu, seu pai Agenor enviou seus filhos à sua procura, dizendo-lhes que não retornassem antes de encontrá-la. Com eles, também partiram à sua procura sua mãe, Teléfassa, e Tasos, o filho de Posídon ou, como afirma Ferécides, de Cílix<sup>4</sup>. Mas quando, após terem feito uma busca completa, foram incapazes de encontrar Europa, desistiram de retornar às suas casas e cada qual se estabeleceu em lugar: Fênix, na Fenícia<sup>5</sup>, Cílix, perto da Fenícia, e denominou Cilícia toda a região sob seu poderio, próxima ao rio Píramo, e do mesmo modo, Tasos se estabeleceu na Trácia, fundando aí a cidade de Tasos.

##### *Filhos de Europa.*

Astérion, soberano dos cretenses, esposou Europa e criou os filhos que teve com ela<sup>6</sup>. Quando, porém, eles se tornaram adultos, desentenderam-se entre si, pois se apaixonaram por um rapaz que se chamava Mileto, filho de Apolo e de Aria, filha de Cléoco. Como o rapaz sentia maior afinidade por Sarpédon, Minos armou uma guerra e sagrou-se vencedor; os outros fugiram. Mileto chegou à Cária e fundou a cidade de Mileto, a partir do próprio nome<sup>7</sup>. Sarpédon aliou-se a Cílix, que estava em guerra contra os lícios, em troca de uma porção do território, e tornou-se rei da Cilícia<sup>8</sup>. Zeus lhe concedeu viver por três gerações. Contudo, alguns dizem que eles se apaixonaram por Atímnio, filho de Zeus e Cassiepeia, e que foi por isso que eles se desentenderam. Radamante atuou como legislador dos habitantes das ilhas e, depois de se exilar novamente na Beócia, esposou Alcmena<sup>9</sup>; desde sua passagem para o outro mundo, ele ministra justiça no Hades, juntamente com

<sup>1</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II, 1, 4.

<sup>2</sup> Não há um consenso sobre a identidade da mãe; segundo Higino, *Fáb.* 6 e 178, sua mãe chamava-se Argíope e não Teléfassa. Em algumas fontes aparece Tasos, em vez de Cadmo, como filho de Agenor, cf. *Escol. a Eur. Fenícias* 6 e PAUSÂNIAS V, 25, 12. Acerca de Europa, cf. HOMERO, *Ilíada* XIV 321 ss, BAQUÍLIDES, XVI, 29 ss., mencionam-na como filha de Fênix.

<sup>3</sup> Cf. LUCIANO, *Diálogos Marinhos* XV; DIODORO, V, 78, 1; OVÍDIO, *Met.* II, 836-875 e *Fastos* 603-618; HIGINO, *Fáb.* 178. Europa também passava por ser mãe do adivinho Carno (por quem Apolo se apaixonou) e mesmo de Dodoneu. Zeus ofereceu-lhe em troca três presentes: deu-lhe Talo, o homem de bronze que guardava as costas de Creta, impedindo o desembarque de estranhos; um cão que nunca deixava escapar presa alguma, e ainda uma lança de caça que jamais falhava o alvo. O touro em que Zeus se metamorfoseara tornou-se uma constelação e foi colocado entre os signos do zodíaco (cf. Grimal, p. 161).

<sup>4</sup> Segundo PAUSÂNIAS, V, 25, 12. Tasos também é filho de Agenor.

<sup>5</sup> HIGINO, *Fáb.* 178, afirma que Fênix estabeleceu-se na África.

<sup>6</sup> Cf. *Escol. Ilíada* XII 292; DIODORO, IV 60, 3.

<sup>7</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VII 2, 5; ANTONINO LIBERAL, *Transform.* 30.

<sup>8</sup> Sarpédon era cultuado como herói na Lícia; cf. HERÓDOTO, I 173; DIODORO, V 79, 3; ESTRABON, XII 8, 5; PAUSÂNIAS, VII 3, 7.

<sup>9</sup> Cf. *supra* PSEUDO APOLODORO II 4, 11.

Minos. Minos se estabeleceu em Creta, redigiu leis e esposou Pasífae<sup>10</sup>, filha de Hélio e Perseide; não obstante, Asclepiades afirma que sua esposa era Creta, filha de Astérion; e gerou filhos: Catreu, Deucalion, Glauco e Androgeu, e filhas: Acale, Xenódice, Ariadna e Fedra, e de uma Ninfa pária teve Eurimedonte, Nefálion, Crises e Filolau; e de Dexíteia, teve Euxântio.

*Minos e Pasífae. O Minotauro.*

Depois que Astérion morreu sem descendência, Minos pretendeu reinar em Creta, porém foi impedido. Ele alegava que o reino lhe fora dado pelos deuses, e para que se acreditasse nele, afirmava que o quer que ele pedisse, os deuses o realizariam. E no instante em que sacrificava a Posídon, Minos suplicou que um touro surgisse das profundezas do mar, prometendo-lhe sacrificá-lo quando ele aparecesse. Posídon fez surgir um touro magnífico, e Minos obteve o reino, porém enviou o touro para seus rebanhos e sacrificou outro<sup>11</sup>. Ele foi o primeiro a assegurar o domínio sobre o mar e estendeu seu poder sobre quase todas as ilhas<sup>12</sup>. Irritado com Minos, por não ter lhe sacrificado o touro, Posídon tornou-o selvagem e fez com que Pasífae fosse tomada de desejo por ele. Em sua paixão pelo touro, ela encontrou um cúmplice em Dédalo, que era arquiteto e havia sido banido de Atenas devido a um assassinato<sup>13</sup>. Dédalo construiu uma vaca de madeira sobre rodas e, tornando oco o seu interior, recobriu-a com a pele de uma vaca que havia esfolado e, após colocá-la num prado em que o touro costumava pastar, introduziu Pasífae dentro dela. Logo que o touro chegou, uniu-se a ela, tomando-a por uma vaca de verdade. Pasífae gerou Astérion, o chamado Minotauro, que tinha o rosto de touro e o restante de homem. Minos, em atenção a certos oráculos, encerrou-o no labirinto e o mantinha sob custódia.<sup>14</sup> O labirinto que Dédalo construiu era um edifício que induzia a errar a saída por meio de complicadas sinuosidades. Porém, quanto aos assuntos relacionados com Minotauro, Androgeu, Fedra e Ariadna, falaremos mais tarde nos relatos referentes a Teseu<sup>15</sup>.

*Catreu e seus filhos: Altêmenes e Apemósine.*

De Catreu, filho de Minos, nasceram Aérope, Clímene e Apemósine, e um filho, Altêmenes<sup>16</sup>. Quando Catreu consultou o oráculo a respeito do término de sua vida, o deus lhe respondeu que morreria pelas mãos de um de seus filhos<sup>17</sup>. Catreu ocultou o oráculo, mas Altêmenes o ouviu e, receoso de se tornar o assassino de seu pai, partiu de Creta em companhia de sua irmã Apemósine e aportou em um lugar de Rodes, e após tomar posse desse lugar, denominou-o Cretênia. Tendo subido o monte chamado Atabírio<sup>18</sup>, contemplou as ilhas circundantes e, ao distinguir Creta e lembrar-se dos deuses pátrios<sup>19</sup>, ergueu um altar em honra de Zeus Atabírio. Não muito tempo depois, tornou-se o assassino de sua irmã. Pois Hermes se apaixonou por ela, e uma vez que não conseguia alcançá-la em sua fuga, porque ela o superava na rapidez dos pés, estendeu-lhe peles recém-esfoladas no caminho, e ao escorregar nelas quando retornava da fonte, Apemósine foi seduzida. Ela revelou ao seu irmão o que havia ocorrido, mas este, julgando que o deus era um

<sup>10</sup> PAUSÂNIAS, III 26, 1, identifica Pasífae com a Lua. Cf. APOLÔNIO, *Argon.* 999; OVÍDIO, *Met.* IX 736, e ANTONINO LIBERAL, 41.

<sup>11</sup> Cf. DIODORO, IV 77, 2.

<sup>12</sup> Sobre a talassocracia de Minos no Mar Egeu, cf. HERÓDOTO, I 171; TUCÍDIDES, I 4, 1.

<sup>13</sup> Cf. *infra*, III 15, 8.

<sup>14</sup> A respeito do Minotauro e do labirinto, cf. DIODORO, IV 77 1-5; PLUTARCO, *Teseu*, 15 ss.; HIGINO, *Fáb.* 40. Sobre os amores de Pasífae e touro, v. VIRGÍLIO, *Éclogas*, VI 45, ss. e OVÍDIO, *A Arte de amar*, I 289 ss.

<sup>15</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 15, 7-9; *Epítome* I, 7-11.

<sup>16</sup> Cf. DIODORO, V 59, 1-4.

<sup>17</sup> A passagem de DIODORO, V 59 1-4, coincide com a versão dada por Apolodoro de uma trágica história e menciona que Altêmenes foi posteriormente venerado como herói em Rodes.

<sup>18</sup> Este monte, que continua a ter o mesmo nome, é o mais alto de Rodes e encontra-se no centro da cadeia montanhosa que atravessa a ilha.

<sup>19</sup> Cf. PÍNDARO, *Olímp.* VII 87; DIODORO, V 59, 2.

pretexto, desferiu-lhe pontapés até a morte. E Catreu entregou Aérope e Clímene a Náuplio para que as vendesse em terras estrangeiras; destas duas, Aérope tornou-se esposa de Plístenes e gerou Agamêmnon e Menelau; e Clímene tornou-se esposa de Náuplio, que veio a ser o pai de Éax e Palamedes. Mas quando, mais tarde, a velhice se apoderou de Catreu, ele teve o desejo de transmitir o reino ao seu filho Altêmenes, e por esse motivo se dirigiu para Rodes. Quando desembarcou do navio, em companhia de seus heróis, num lugar deserto da ilha, ele foi perseguido por uns boieiros que imaginavam que estavam sendo atacados por piratas, e devido aos latidos dos cães, não podiam ouvir Catreu, que lhes dizia a verdade. Enquanto eles o atacavam, Altêmenes chegou, e sem ter reconhecido seu pai, o matou, atingindo-o com a lança. Quando mais tarde inteirou-se do que havia acontecido, Altêmenes fez uma prece e foi engolido pela terra.

*Morte e ressurreição de Glauco, filho de Minos. Políido.*

Deucalion gerou Idomeneu, Creta e um bastardo, Molo. Mas Glauco, que ainda era uma criança, ao perseguir um rato, caiu num tonel de mel e morreu<sup>20</sup>. Diante de seu desaparecimento, Minos efetuou uma busca intensa e consultou os adivinhos sobre o modo de o encontrar. Os Curetes lhe disseram que possuíam em seus rebanhos uma vaca de três cores e que aquele que fosse capaz de melhor descrever o colorido da vaca, também conseguiria lhe restituir o filho vivo. Dentre todos os adivinhos convocados, Políido, filho de Céranos, comparou a cor da vaca com a do fruto da amoreira<sup>21</sup>. Forçado a procurar o menino, ele o encontrou por meio de adivinhação. Porém Minos havia dito que ele devia recuperá-lo vivo, e ele foi trancafiado juntamente com o cadáver. Quando se encontrava em grande perplexidade, Políido viu uma serpente se aproximar do cadáver, e atirando-lhe uma pedra, a matou, temendo que ele próprio viesse a perecer, se algo acontecesse ao cadáver. Veio então outra serpente, e ao ver o cadáver da anterior, se afastou e, em seguida, retornou trazendo erva e a colocou sobre todo o corpo da outra; e quando a erva foi depositada, a serpente morta ressuscitou. Admirado com o que vira, Políido colocou a mesma erva sobre o corpo de Glauco e o ressuscitou<sup>22</sup>. Porém, mesmo depois que Minos teve seu filho de volta, não permitiu que Políido partisse de Argo, sem que antes ensinasse a arte da adivinhação a Glauco, e Políido, constringido a isso, lhe ensinou. Contudo, quando estava a ponto de zarpar, ordenou a Glauco que cuspiasse em sua boca, e ao fazê-lo, Glauco esqueceu a arte da adivinhação. Até esse ponto são as coisas que tenho a dizer com referência à descendência de Europa.

DESCENDÊNCIA DE AGENOR (CADMO)

*Cadmo funda Tebas. Os espartos.*

Quando Teléfassas morreu, Cadmo a enterrou, e tendo sido acolhido hospitaleiramente pelos trácios, partiu para Delfos para obter informações sobre Europa. O deus disse-lhe que não se preocupasse com Europa, mas que se deixasse guiar por uma vaca e fundasse uma cidade no local em que ela caísse esgotada. Após receber este oráculo, viajou pela Fócida e, encontrando a vaca entre os rebanhos de Pelagonte, pôs-se a segui-la. Esta, após ter atravessado a Beócia, baixou ao

---

<sup>20</sup> Glauco era filho de Minos e Pasífae, cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 2; a respeito de sua morte e ressurreição, v. HIGINO, *Fáb.* 136 e *Astr.* II 14.

<sup>21</sup> Segundo HIGINO, *Fáb.* 136 tratava-se de uma bezerra e não de uma vaca, que mudava de cor três vezes ao dia, cada quatro horas, sendo primeira branca, depois vermelha e por último negro, igual à amora, que apresenta estas três cores sucessivamente.

<sup>22</sup> Em outras versões, a ressurreição de Glauco é atribuída a Asclépio. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 3; HIGINO *Fáb.* 49 e *Astr.* II, 14.

solo no local em que agora se encontra Tebas<sup>23</sup>. Desejando sacrificar a vaca a Atena, enviou alguns de seus companheiros para pegar água da fonte de Ares. No entanto, um dragão, que guardava a fonte, o qual alguns afirmam que era filho de Ares, exterminava a maior parte dos enviados. Tomado de indignação, Cadmo matou o dragão e, por conselho de Atena, semeou seus dentes<sup>24</sup>. Após eles terem sido semeados, emergiram da terra homens armados, denominados *espartos*<sup>25</sup>. Eles se mataram uns aos outros, uns, por entrarem na disputa involuntariamente, outros, por ignorância. No entanto, Ferécides afirma que ao ver homens armados surgindo da terra, Cadmo lançou pedras contra eles, e eles, supondo que uns haviam-nas lançado contra outros, travaram combate entre si. Cinco deles sobreviveram: Equíon, Udeu, Ctônio, Hiperénor e Peloro<sup>26</sup>. Cadmo, para compensar seu crime, serviu a Ares durante um ano perpétuo, pois naquela época, um ano equivalia a oito dos nossos.

*Progenie de Cadmo. Sêmele. Nascimento de Dioniso. Ino e Átamas.*

Após sua servidão, Atena lhe ofereceu o reino e Zeus lhe concedeu como esposa Harmonia, filha de Afrodite e Ares. Todos os deuses abandonaram o céu e celebraram as núpcias na Cadmeia, com banquetes e hinos<sup>27</sup>. Cadmo deu-lhe um peplu de presente e um colar lavrado por Hefesto, que alguns dizem que fora dado a Cadmo por Hefesto, porém Ferécides afirma que o colar lhe foi dado por Europa, e que ela o havia recebido de Zeus<sup>28</sup>. Cadmo teve filhas, Autônoe, Ino, Sêmele e Agave, e um filho, Polidoro<sup>29</sup>. Ino se casou com Átamas, Autônoe com Aristeu, e Agave com Equíon. Zeus se apaixonou por Sêmele e se uniu a ela, às ocultas de Hera<sup>30</sup>. Zeus prometeu a Sêmele conceder-lhe o que ela lhe pedisse, e ela, enganada por Hera, pediu que ele se lhe apresentasse tal como quando havia cortejado Hera<sup>31</sup>. Sem poder recusar, Zeus se apresentou na câmara nupcial em um carro, entre relâmpagos e trovões, e lançou um raio. Como Sêmele havia perecido de pavor, Zeus arrebatou do fogo o feto de seis meses e costurou-o em sua coxa. Após a morte de Sêmele, as outras filhas de Cadmo divulgaram a notícia de que Sêmele tivera uma relação amorosa com um mortal e acusara Zeus em falso, e que, por esse motivo, havia sido fulminada. Chegando o tempo apropriado, Zeus desfez a costura, deu à luz a Dioniso e o confiou a Hermes, que o levou para junto de Ino e Átamas e os persuadiu a criarem-no como uma menina<sup>32</sup>. Mas Hera, indignada, enlouqueceu-os, Átamas caçou Learco, seu filho mais velho, como se fosse um cervo<sup>33</sup> e o matou, e Ino jogou Melicertes num caldeirão fervente e, em seguida, carregou-o com o cadáver de seu filho, e lançou-se às profundezas do mar. Ela também é chamada Leucótea, e o menino,

<sup>23</sup> PAUSÂNIAS, IX 12, 1 ss. menciona que a vaca tinha uma mancha branca de cada lado, semelhante a uma lua cheia; HIGINO, *Fáb.* 178, diz que se tratava de um boi. Segundo VARRON, *Rerum rusticarum* III 1, Tebas era a cidade mais antiga do mundo e havia sido construída pelo rei Ogiges antes do dilúvio. Cf. também OVÍDIO, *Met.* III 6 ss.

<sup>24</sup> Sobre o episódio do dragão e a semeadura dos dentes, cf. EURÍPIDES, *Fenícias* 930 ss. Onde também se fala sobre o ressentimento de Ares contra a descendência de Cadmo devido à morte do dragão; PAUSÂNIAS, IX 10; OVÍDIO, *Met.* III 26-130. Os dentes que restaram, Atena guardou-os e posteriormente foram semeados por Jasão, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 23.

<sup>25</sup> *Spartoi*, isto é, “semeados”.

<sup>26</sup> Com relação aos nomes destes cinco sobreviventes, PAUSÂNIAS, IX 5, 3, e HIGINO, *Fáb.* 179, concordam com Apolodoro. Segundo o escoliasta de APOLÔNIO, *Argon.* III 1179 é em Ferécides que os seus nomes aparecem pela primeira vez. OVÍDIO, *Met.* III 126, afirma que sobreviveram cinco, mas cita apenas o nome de Equíon.

<sup>27</sup> Com referência às núpcias de Cadmo e Harmonia, v. PÍNDARO, *Pít.* III 88 ss.; EURÍPIDES, *Fenícias* 822 ss.; DIODORO, IV 2, 1; V 48, 5; 49, 1; PAUSÂNIAS, III 18, 12; IX 12, 3.

<sup>28</sup> Não há um consenso a respeito de qual divindade ter-lhe-ia dado o colar de presente. Segundo DIODORO, IV 65,5, Afrodite deu-o de presente a Cadmo e Harmonia, mas em seguida, em V 49, 1, afirma que foi Atena quem deu de presente o colar e o peplu. Já o *Escólio a Eur. Fenic.* 71, afirma que Afrodite deu o colar de presente, e Atena, o peplu.

<sup>29</sup> Cf. HESÍODO, *Teog.* 975-978; DIODORO, IV 2, 1; PÍNDARO, *Olímp.* II 22 ss.

<sup>30</sup> Sobre o amor de Zeus e Sêmele e o nascimento de Dioniso, cf. IX 5, 2; OVÍDIO, *Met.* III 259 ss.; HIGINO, *Fáb.* 167; 179.

<sup>31</sup> Hera, sob a aparência de Béroe, a velha ama de Sêmele, convence-a a fazer o pedido a Zeus (v. nota anterior).

<sup>32</sup> A respeito de Ino e Átamas, cf. PAUSÂNIAS, I 42, 6; 44, 7 ss.; II, 1, 3; IV 34, 4; HIGINO, *Fáb.* 2 e 3; OVÍDIO, *Met.* IV, 512-542; *Fastos* VI 489 ss.

<sup>33</sup> Como um filhote de leão, em OVÍDIO, *Met.* IV 531-538

Palémon; assim lhes chamam os navegantes, pois que lhes prestam auxílio nas tormentas<sup>34</sup>. Em honra de Melicertes foram instituídos por Sísifo os jogos ístmicos. Zeus conseguiu desviar a cólera de Hera, ao transformar Dioniso num cabrito<sup>35</sup>, e Hermes o pegou e o levou para junto das Ninfas que viviam no Nisa, na Ásia, às quais Zeus, após sua transformação em estrelas, denominou Híades.

### *Actéon*

Autônoe e Aristeu tiveram um filho, Actéon, que foi criado por Quíron e adestrado na caça, e acabou devorado pelos próprios cães no Citéron<sup>36</sup>. Morreu deste modo, conforme diz Acusilau, porque Zeus estava encolerizado contra ele por ter cortejado Sêmele, mas segundo a maioria, por ter visto Ártemis se banhar. Afirmam que a deusa o transformou subitamente num cervo e enfureceu os cinquenta cães que o seguiam, pelos quais foi devorado sem que o reconhecessem. Após a morte de Actéon, seus cães emitiam intensos latidos à procura de seu dono, e em sua busca chegaram à gruta de Quíron, que elaborou uma imagem de Actéon e fez cessar a tristeza deles.

*Os nomes dos cães de Actéon, dos quais...*

*Assim*

*Agora, em torno de seu formoso corpo, como o de um animal,  
vigorosos cães o despedaçaram. Perto, Árcena, a primeira.*

*... depois dela, suas crias robustas,*

*Linceu e Bálío, famoso por suas patas, e Amarinto.*

*E citou estes claramente por seus nomes.*

*E então Actéon pereceu por desígnio de Zeus.*

*Os primeiros a beber o sangue negro de seu dono*

*foram Esparto, Omargo e Bores, veloz nas trilhas.*

*Estes foram os primeiros a devorar Actéon e a lamber o seu sangue.*

*Depois deles todos os demais se precipitaram ávidos...*

*Que sirva de consolo para os homens nas dores atrozes<sup>37</sup>.*

### *Viagens de Dioniso. Licurgo*

Dioniso foi o descobridor da vinha<sup>38</sup> e, enlouquecido por Hera, perambulou pelo Egito e Síria<sup>39</sup>. A princípio, Proteu, rei do Egito, o acolheu, e mais tarde chegou a Cibela, na Frígia. Aí, após ter sido purificado por Reia e ter aprendido os ritos de iniciação<sup>40</sup>, recebeu dela uma túnica e, dirigiu-se a toda pressa contras os hindus, através da Trácia. Licurgo, filho de Drias, era o rei dos edones, que habitavam as margens do rio Estrímon, e foi o primeiro a insultá-lo e a expulsá-lo.

<sup>34</sup> São convertidos em divindades marinhas com os nomes de Leucótea (a *Deusa Branca*, a deusa da bruma) e Palémon em OVÍDIO, *Met.* IV 531-538, *Fastos* VI 501-550.

<sup>35</sup> Também se converteu em bode, quando, juntamente com os demais deuses, partiu para o Egito ao fugir de Tífon, cf. ANTONINO LIBERAL, *Transform.* 28, e OVÍDIO, *Met.* V 39.

<sup>36</sup> Apolodoro nos proporciona duas versões sobre o castigo de Actéon. A que desfrutou de maior aceitação, segundo a qual foi castigado por contemplar Ártemis nua, aparece também em HIGINO, *Fáb.* 181, e OVÍDIO, *Met.* III 138-252. DIODORO, IV 81, 3-5, coincide com as anteriores, mas introduz duas variantes: ou Actéon teria tentado unir-se a deusa, ou teria se vangloriado de ser melhor caçador que ela (com esta última também concorda EURÍPIDES, *Bac.* 339 ss.). Estesícoro (em PAUSÂNIAS, IX 2, 3) segue a versão de Acusilau e menciona que Ártemis envolveu-o numa pele de cervo para que os cães o matassem e ele não pudesse se casar com Sêmele. O “catálogo dos cães” aparece em OVÍDIO E HIGINO.

<sup>37</sup> Tudo indica que estes versos sejam uma interpolação de outra fonte; além do mais, os nomes dos cães de Actéon não coincidem com os catálogos dados por Ovídio e Hígino.

<sup>38</sup> Cf. DIODORO, III 62-63; IV 1, 6 ss.; ESTRABON, XV 1, 7-9.

<sup>39</sup> É provável que esta visita de Dioniso ao Egito tenha sido inventada para explicar suas semelhanças com Osíris. Cf. HERÓDOTO, II 42 E 144; DIODORO, I 11, 3; 13, 5; 96, 5; IV 1,6; PLUTARCO, *Ísis e Osíris* 28; 34; 35.

<sup>40</sup> Reia é identificada frequentemente com a deusa frígia Cibele (cf. nota 14 ao Livro I). Em EURÍPIDES, *Bac.* 58 ss., 78-82, um coro de mulheres acompanham Dioniso desde as montanhas da Frígia.

Dioniso refugiou-se no mar, junto a Tétis, a filha de Nereu, mas as Bacantes e a multidão de Sátiros que o seguiam foram feitos prisioneiros. No entanto, logo depois, as Bacantes subitamente tornaram-se livres e Dioniso enlouqueceu Licurgo. Este, em sua loucura, julgando cortar um ramo de videira, matou seu filho Drias com um golpe de machado, e após lhe cortar as extremidades, recuperou a razão. Como a terra permanecia estéril, o deus vaticinou que ela voltaria a dar frutos se Licurgo morresse. Ao ouvir isto, os edones o levaram ao monte Pangeu e o amarraram, e aí ele veio a perecer, por desígnio de Dioniso, destroçado por cavalos<sup>41</sup>.

### *Penteu. Dioniso e os piratas*

Tendo atravessado a Trácia e toda a Índia, onde erigiu estelas, Dioniso chegou a Tebas e obrigou as mulheres a se entregarem ao delírio báquico no Citéron, abandonando seus lares. Penteu, que era filho de Agave e Equíon e havia recebido o reino de Cadmo, tentou impedir que isso acontecesse e, dirigindo-se ao Citéron para espionar as Bacantes, foi destroçado por sua mãe Agave, em um acesso de loucura, pois ela presumiu que seu filho fosse um animal selvagem<sup>42</sup>. Após ter demonstrado aos tebanos que era um deus, Dioniso chegou a Argo e aí novamente enlouqueceu as mulheres por não terem lhe prestado culto; elas, nos montes, devoravam as carnes das crianças que traziam ao peito. Desejando atravessar de Icária para Naxos, ele alugou uma trirreme de piratas tirrenos. Mas estes, logo que o embarcaram, passaram ao largo de Naxos e se dirigiram a toda pressa para Ásia com a intenção de vendê-lo. Então Dioniso converteu o mastro e os remos em serpentes e encheu a nau de hera e de sons de aulo; os piratas, enlouquecidos, fugiram pelo mar e se transformaram em golfinhos<sup>43</sup>. Deste modo, os homens compreenderam que ele era um deus e o honraram; e ele fez sua mãe retornar do Hades e, depois de lhe atribuir o nome de Tione, ascendeu ao céu em sua companhia<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> Há algumas divergências com relação ao castigo imposto a Licurgo. Segundo HOMERO, *Ilíada* VI 129 ss., ele foi privado da visão. SÓFOCLES, *Antígona* 955-965, diz que ele foi encerrado dentro de uma cova por Dioniso, na qual ele foi, aos poucos, recuperando sua sensatez. HIGINO, *Fáb.* 132, narra que, enlouquecido por Dioniso, ao podar uma videira, cortou um de seus pés ou ambas as pernas.

<sup>42</sup> O Pseudo Apolodoro resume nestas breves linhas o argumento das *Bacantes*, de EURÍPIDES. Dioniso, ao provocar a morte de Penteu, castiga não apenas a impiedade deste, mas também a sua mãe Agave e suas tias, Ino e Autônoe, que haviam propagado a notícia falsa de que Sêmele havia sido fulminada por vangloriar-se de ter Zeus como seu amante, quando, na verdade, seu amante era um mortal, cf. EURÍPIDES, *Bac.* 23-42 e 242-247. PSEUDO APOLODORO, III, 4, 3. Com referência à morte de Penteu, v. EURÍPIDES, *Bac.* 1043-1051. OVÍDIO, *Met.* III 701-731, apresenta algumas diferenças: a mãe de Penteu o toma por um javali, enquanto em Eurípides é tomado por um leão; cf. também, *Fastos* 721; HIGINO, *Fáb.* 179 e 184; PAUSÂNIAS, II 2, 7.

<sup>43</sup> A história de Dioniso e os piratas é o tema do *Hino Homérico a Dioniso* (VII). Cf. CABRAL, L.A.M., *Os Hinos Homéricos*, Odysseus Editora, São Paulo, 2011. Cf. também OVÍDIO, *Met.* III 581-686; HIGINO, *Fáb.* 134.

<sup>44</sup> Dioniso desce ao Hades em busca de sua mãe ou por Trezena (PAUSÂNIAS, II 31, 2), ou pela lagoa Alciônia, em Lerna (PAUSÂNIAS, I 37, 5). Cf. também DIODORO, IV 25, 4. Várias fontes mitográficas contam a anedota de que certo Prosimno (Hipolipno ou Polimno) mostrou o caminho ao Hades a Dioniso, em troca de sua entrega erótica. Quando retornou, o deus encontrou Prosimno morto, mas cumpriu o prometido utilizando um ramo de figueira. Quanto a Sêmele, o escoliasta de ARISTÓFANES, *Rãs* 330, menciona que Hades permitiu seu resgate em troca do que era mais querido por Dioniso, o qual entregou o mirto, com o qual logo se enfeitaram os iniciados em seus ritos. O nome de Tione (cf. *tyás*, *tyádos*) equivale ao de “mênade”. Dioniso também era denominado Tioneu. Os antigos explicavam essa diferença do nome da mãe de Dioniso quer pretendendo que, nos dois casos, não se tratava do mesmo Dioniso, quer considerando Sêmele o nome “mortal” da mãe do deus e Tione o seu nome “divino”, que lhe teria sido dado após sua apoteose, quando o deus retirou sua mãe do Hades para colocá-la entre as divindades.

<sup>45</sup> Após a morte de Penteu, Agave parte para a Ilíria e aí se casa com o rei Licoterses e o mata, entregando, posteriormente, o reino para seu pai Cadmo (HIGINO, *Fáb.* 184, 240, 254).

### *Cadmo e Harmonia entre os ilírios*

Cadmo e Harmonia partiram de Tebas e chegaram ao enqueleus, aos quais, quando estavam sendo atacados pelos ilírios, o deus havia vaticinado que venceriam se tivessem como chefes Cadmo e Harmonia; eles, persuadidos, tornaram-nos seus chefes contra os ilírios e os venceram.

Cadmo reinou sobre os ilírios e teve um filho, Ilírio<sup>45</sup>. Mais tarde, ele e Harmonia se transformaram em serpentes, e ambos foram enviados por Zeus para os Campos Elíseos<sup>46</sup>.

### *Os descendentes de Polidoro: Lábdaco, Laio, Anfíon e Zeto*

Polidoro, que se tornou rei de Tebas<sup>47</sup>, casou-se com Nictéide, filha de Nictéu, filho de Ctônio e gerou Lábdaco<sup>48</sup>; este morreu pouco depois de Pentéu por pensar de forma semelhante a ele<sup>49</sup>. Como Lábdaco havia deixado um filho de um ano, Laio, o poder foi usurpado por Lico, irmão de Nictéu, enquanto Laio era criança. Ambos os irmãos haviam fugido da Eubeia por terem matado Flégias, o filho de Ares e da beócia Dótis, e habitavam na Hiría e [daí, dirigindo-se para Tebas]<sup>50</sup>, tornaram-se cidadãos devido à sua amizade com Pentéu. Eleito chefe do exército pelos tebanos, Lico assumiu a soberania e reinou por vinte anos. Morreu assassinado por Zeto e Anfíon pelo seguinte motivo: Antíope era filha de Nictéu e Zeus havia tido relações sexuais com ela<sup>51</sup>. Quando ela ficou grávida e seu pai passou a ameaçá-la, fugiu para junto de Epopeu e se casou com ele. Nictéu, abatido, se suicidou, após encarregar Lico de punir Epopeu e Antíope. Então Lico empreendeu uma expedição militar contra Sícion, e tendo-a conquistada, matou Epopeu e levou Antíope como cativa<sup>52</sup>. Enquanto era conduzida, Antíope deu à luz dois filhos, em Eleuteras, na Beócia, que foram abandonados; um boieiro os encontrou e os criou, chamando um de Zeto e o outro, de Anfíon. Zeto se dedicava a apascentar os rebanhos, enquanto Anfíon se exercitava no canto ao som da cítara, uma vez que Hermes havia lhe dado uma cítara de presente<sup>53</sup>. Lico e sua esposa, Dirce, aprisionaram Antíope e a maltrataram; no entanto, certo dia, seus liames desataram-se por si próprios e, sem ser vista, chegou à estância de seus filhos, desejosa de que a acolhessem. Eles reconheceram sua mãe e mataram Lico; quanto a Dirce, eles a amarraram a um touro e, depois

---

<sup>46</sup> Sobre a chegada de Cadmo e Harmonia a Ilíria e sua transformação em serpentes, cf. OVÍDIO, *Met.* IV 563-603; HIGINO, *Fáb.* 6; PAUSÂNIAS, IX, 5, 3; EURÍPIDES, *Bac.* 1330-1339. Higinio afirma que foi Ares quem os transformou em serpentes, como castigo por Cadmo ter matado a serpente que guardava a fonte de Tebas, filha do próprio Ares; Em Ovídio, são Cadmo e Harmonia que pedem que se lhes transformem em serpentes; Em Eurípides, por sua vez, Dioniso profetiza a Cadmo que Ares salvará a ambos e os levará à terra dos Bem Aventureiros. V. também APOLÔNIO, *Argon.* IV 516 ss.; ESTRABON, I 2, 39; VII 7, 8.

<sup>47</sup> Porque Cadmo havia partido para a Ilíria (PAUSÂNIAS, IX, 5, 3).

<sup>48</sup> Em III 10, 1, Nictéu e Lico aparecem como filhos de Hirieu. Em HIGINO, *Fáb.* 157, Nictéu e Lico são filhos de Posídon. O problema é que geralmente Nictéu é considerado como irmão de Lico e filho de Hirieu e Clônia, portanto, descendente direto de Posídon e das Plêiades. Contudo, os mitógrafos, confundindo os dois Licos – um, filho de Posídon e Celeno, o outro, filho de Hirieu e neto de Posídon e Alcíone – fizeram, por vezes, de Nictéu filho de Celeno e Posídon. A versão do Pseudo Apolodoro é aparentemente irreconciliável com esta.

<sup>49</sup> Cf. EURÍPIDES, *Fen.* 8; PAUSÂNIAS, II 6, 2; IX 5, 4-5. Segundo o Pseudo Apolodoro, Lábdaco, como Pentéu, pereceu violentamente pelas mãos das Bacantes, por opor-se à celebração dos ritos orgiásticos. As fontes restantes não mencionam, porém, que havia tido uma morte violenta.

<sup>50</sup> Suspeita de uma lacuna no texto. Heine propôs completá-la com as palavras *ekeîthen élthontes eis Thébas*, solução que é adota por Frazer e por Margarita Rodríguez de Sepúlveda, por exemplo. Adotei a tradução entre colchetes.

<sup>51</sup> A respeito da história de Antíope, v. PAUSÂNIAS, II 6, 2; IX 25, 3; HIGINO, *Fáb.* 7 e 8. EURÍPIDES compôs uma tragédia sobre este tema intitulada *Antíope*, da qual Higinio oferece um resumo na *Fábula* 8. 39. Sobre Anfíon e Zeto, v. PAUSÂNIAS, IX 5, 6-8; HOMERO, *Odisseia* IX 260-265; APOLÔNIO, *Argon.* I 735-741; HORÁCIO, *Epístolas* I 18, 41-44; *Odes* III 11, 2; HIGINO, *Fáb.* 7 e 8.

<sup>52</sup> Segundo PAUSÂNIAS, II 6, 1-4, é Epopeu quem rapta Antíope e Nictéu socorre-a com seu exército; Nictéu é ferido na batalha e levado para Tebas. Morre após recomendar a Lico a soberania e a punição de Epopeu e Antíope. Mas Lico não precisa punir Epopeu, já que este morre antes, uma vez que havia sido ferido; o sucessor de Epopeu, Laomedonte, filho de Corono, entrega-lhe Antíope.

<sup>53</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 6-8; HOMERO, *Odisseia* IX 260-265; HORÁCIO, *Epístolas* I 18, 41-44; *Odes* III 11, 2; HIGINO, *Fáb.* 7 e 8.

de morta, atiraram-na a uma fonte chamada Dirce, por sua causa. E tendo assumido a soberania, fortificaram a cidade com pedras que acompanhavam o som da lira de Anfíon e expulsaram Laio<sup>54</sup>. Este vivia no Peloponeso e foi recebido hospitaleiramente por Pélope, e quando ensinava Crisipo, o filho de Pélope, a conduzir o carro, apaixonou-se por ele e o raptou<sup>55</sup>.

### *Níobe e seus filhos*

Zeto casou-se com Tebe, da qual a cidade de Tebas recebeu o nome, e Anfíon com Níobe, a filha de Tântalo, que deu à luz sete filhos: Sípilo, Eupínito, Ismeno, Damasícton, Agenor, Fédimo e Tântalo, e o mesmo número de filhas: Etódia (ou, segundo alguns, Neera), Cleodoxa, Astíoque, Ftia, Pelópia, Asticrácia e Ogígia. Hesíodo diz que eram dez filhos e dez filhas; Herodoro, que eram dois homens e três mulheres, e Homero, que eram seis filhos e seis filhas. Por ter uma prole numerosa, Níobe disse que superava Leto em fecundidade; tomada de indignação, Leto incitou Apolo e Ártemis contra eles. Ártemis abateu a flechadas as mulheres dentro de casa, e Apolo matou todos os varões juntos, quando estavam caçando no Citéron<sup>56</sup>. Dos homens salvou-se Anfíon e, das mulheres, Clóris, a mais velha, com a qual Neleu se casou. Porém, segundo Telesila, salvaram-se Amiclas e Melibeia<sup>57</sup>, pois Anfíon também havia sido asseado por eles. A própria Níobe abandonou Tebas e foi para junto de seu pai, Tântalo, em Sípilo, e aí, após ter suplicado a Zeus, foi transformada em uma rocha que verte lágrimas noite e dia<sup>58</sup>.

### *Os labdácidas: Édipo*

Após a morte de Anfíon, Laio obteve o reino e se casou com a filha de Meneceu, que alguns chamam de Jocasta e outros, de Epicasta<sup>59</sup>; apesar de o deus ter-lhe advertido por um oráculo para que não tivesse filhos, pois o ser que gerasse haveria de ser o assassino de seu pai, Laio se embriagou de vinho e teve relações sexuais com sua mulher. E após perfurar os tornozelos do recém-nascido com fíbulas, entregou-o ao pastor para que o abandonasse. Este deixou o bebê no Citéron, mas uns pastores de Pólipo, rei de Corinto, o encontraram e o levaram para junto de sua esposa, Peribeia<sup>60</sup>. Ela o adotou e o fez passar por seu filho, e após ter curado seus tornozelos,

<sup>54</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 6, 9; HIGINO, *Fáb.* 9.

<sup>55</sup> Laio levou Crisipo para Tebas, mas os tebanos não o puniram e por isso Hera enviou-lhes a Esfinge, apesar de que o motivo é diferente em PSEUDO APOLODORO, III 5, 8. Sobre a morte de Crisipo há duas versões: ou se suicida de vergonha ou é assassinado por seus meio-irmãos Atreu e Tiestes, ou por Hipodâmia. Pélope amaldiçoa seus filhos e os expulsa. Cf. HIGINO, *Fáb.* 85; escólio a EURÍPIDES, *Fen.* 1760; PAUSÂNIAS, VI 20 7.

<sup>56</sup> O mito de Níobe e seus filhos já é atestado em HOMERO, *Ilíada* XXIV 602-617, que difere da versão do Pseudo Apolodoro quanto ao número de filhos, doze no total, seis homens e seis mulheres. Seu número oscila entre seis e dez, segundo as fontes. Com o Pseudo Apolodoro coincidem DIODORO, IV 74; OVÍDIO, VI 147-312, e HIGINO, *Fáb.* 9 e 11. Em Ovídio, a metamorfose de Níobe em rocha ocorre na própria Tebas, pouco depois da morte de seus filhos, e logo a rocha é levada pelos ares até sua pátria. Higinio e Homero coincidem com o Pseudo Apolodoro em que Apolo matou os homens e Ártemis, as mulheres.

<sup>57</sup> Segundo PAUSÂNIAS, II 21 9; V 16 4, seu nome havia sido Melibeia, mas após a morte de seus irmãos empalideceu-se tanto que passou a ser chamada de Clóris (“pálida”). Sobre seu casamento com Neleu, v. HOMERO, *Ilíada* XI 281 ss.

<sup>58</sup> Outras variantes sobre a morte de Anfíon aparecem em HIGINO, *Fáb.* 9, onde ele perece pelas mãos de Apolo ao atacar o templo do deus em retaliação pela morte de seus filhos; ou em OVÍDIO, *Met.* VI 271 ss. segundo o qual ele se suicida.

<sup>59</sup> Para a história de Laio e sua família, cf. *Odisseia*, 271-280; EURÍPIDES, *Fen.* 1-62; escólio a EURÍPIDES, *Fen.* 1760; HIGINO, *Fáb.* 66 e 67; DIODORO, IV 64; PAUSÂNIAS, IX, 2, 4; 5, 10-11; X 5, 3-4. Em Homero, a mãe de Édipo é chamada de Epicasta. A história de Édipo é o tema de duas tragédias de SÓFOCLES: *Édipo rei* e *Édipo em Colono*, e da tragédia de SÊNECA, *Édipo*. O Pseudo Apolodoro segue aqui a versão de Sófocles.

<sup>60</sup> SÓFOCLES, *Édipo Rei* 775, e SÊNECA, *Édipo* 272, 661, 801, chamam-na de Mérope, mas segundo FERÉCIDES, *Esc. a Sófocles, loc. Cit.*, a esposa de Pólipo era Medusa, filha de Orsíloco. Em HIGINO, *Fáb.* 66, é a própria rainha que encontra o bebê e o recolhe.

chamou-o de Édipo, dando-lhe este nome por ele ter os pés inchados<sup>61</sup>. Quando o menino se tornou adulto, uma vez que superava os da sua idade em vigor, passaram, por inveja, a acoimá-lo de ilegítimo. Mesmo após ter interrogado Peribeia, Édipo não conseguiu ficar sabendo de nada; por isso, foi a Delfos para se informar acerca de seus verdadeiros pais. O deus lhe disse que não retornasse à pátria, pois assassinaria seu pai e unir-se-ia à sua mãe. Ao ouvir isso, julgando ser filho de quem diziam ser, abandonou Corinto, mas quando viajava em um carro através da Fócida, deparou-se com Laio em um caminho estreito, que também ia num carro<sup>62</sup>. Quando Polifonte, o arauto de Laio, ordenou a Édipo que desse passagem e matou um de seus cavalos, por causa de sua desobediência e demora, Édipo se indignou, matou Polifonte e Laio, e retornou a Tebas. Damasítrato, o rei de Plateias, sepultou Laio, e Creonte, o filho de Meneceu, passou a ocupar o trono. Durante seu reinado, uma grande calamidade se abateu sobre Tebas, pois Hera enviou a Esfinge, filha de Equidna e Tífon, que tinha rosto de mulher, peito, patas e cauda de leão, e asas de pássaro<sup>63</sup>. Ela havia aprendido com as Musas um enigma, e assentada sobre o monte Fício, propunha-o aos tebanos. O enigma era este: “o que é que é dotado de voz e vem a ter quatro patas, duas patas e três patas?”. Como os tebanos possuíam um oráculo, segundo o qual se livrariam da Esfinge quando solucionassem o enigma, reuniam-se frequentemente e tratavam de averiguar o que era o que ela dizia, e quando não conseguiam descobri-lo, a Esfinge arrebatava um deles e o devorava. Por haver perecido muitos, e por último, Hémon, filho de Creonte<sup>64</sup>, este proclamou que concederia o reino e a esposa de Laio a quem solucionasse o enigma. Após ouvi-lo, Édipo solucionou-o, dizendo que o enigma proposto pela Esfinge era o homem; pois quando é um bebê é quadrúpede, já que se movimenta com os quatro membros, em sua maturidade é um bípede, e, quando velho, vale-se de um terceiro apoio, o bastão. Então a Esfinge se precipitou do alto da acrópole, e Édipo, por sua vez, obteve o reino, casou-se com sua mãe sem reconhecê-la, e com ela teve filhos, Etéocles e Polinice, e filhas, Ismene e Antígona<sup>65</sup>. Mas alguns afirmam que ele tivera os filhos com Eurigânia, filha de Hiperfante<sup>66</sup>. Mais tarde, tendo sido revelado o que estava oculto, Jocasta se enforcou<sup>67</sup>. Após ter arrancado seus olhos, Édipo se exilou de Tebas e amaldiçoou seus filhos, que assistiram à sua expulsão da cidade sem lhe prestar auxílio<sup>68</sup>. Tendo ido com Antígona para Colono, na Ática, onde se encontra o santuário das Eumênides, sentou-se aí como suplicante, e após ter sido acolhido por Teseu, morreu pouco tempo depois<sup>69</sup>.

<sup>61</sup> Cf. SÓFOCLES, *Édipo Rei* 718; EURÍPIDES, *Fen.* 26 ss. DIODORO IV 64, 1; PAUSÂNIAS, X 5, 3; HIGINO, *Fáb.* 66; SÊNECA, *Édipo* 812 ss.

<sup>62</sup> Nesta encruzilhada convergem os caminhos que procedem de Tebas, Delfos e Dáulia. Sobre o parricídio há duas versões, segundo a versão atribuída a EURÍPIDES, *Fen.* 32-44 e *Escol. Euríp. Fen.* 44, Édipo mata seu pai quando ambos se dirigiam para Delfos e leva prontamente os cavalos de Laio para Corinto, entregando-os para Pólibo. Esta é a versão seguida também por DIODORO, IV 64 2-65, e HIGINO, *Fáb.* 67. O Pseudo Apolodoro segue a versão de SÓFOCLES, *Édipo Rei* 787-813, segundo o qual a morte de Laio ocorre quando Édipo volta de Delfos, após ter consultado o oráculo, e ele não se dirige a Corinto, mas vai diretamente para Tebas.

<sup>63</sup> A Esfinge era filha de Equidna e Tífon, ou de Quimera e Ortro e, segundo diferentes versões, havia sido enviada a Tebas por Ares ou por Hera. Cf. HESÍODO, *Teog.* 326 ss.; SÓFOCLES, *Édipo Rei*, 391 ss. EURÍPIDES, *Fen.* 45 ss.; DIODORO, IV 64, 3 ss.; HIGINO, *Fáb.* 67; PAUSÂNIAS, IX 26-2-4; SÊNECA, *Édipo* 92 ss.

<sup>64</sup> Cf. escólio a EURÍPIDES, *Fen.* 1760 e PISANDRO, *Fr.* 10 Jacoby. Segundo outras versões, Hémon não morre e torna-se o noivo de Antígona; assim ocorre na *Antígona* de SÓFOCLES e nas *Fenícias* de EURÍPIDES. Em HIGINO, *Fáb.* 72, Hémon salva Antígona da morte, que havia sido decretada por Creonte.

<sup>65</sup> EURÍPIDES, *Fen.* 55 ss.; DIODORO, IV 64, 4; HIGINO, *Fáb.* 67.

<sup>66</sup> Segundo outra versão, após a morte de Jocasta, Édipo se casa com Astimedusa, que acusa os filhos da primeira união de tentar seduzi-la. Cf. *Escol. a Euríp. Fen.* 53 e *Escol. Homero Ilíada* IV 376. Apolodoro coincide com PAUSÂNIAS, IX 5, 10 ss. a esse respeito.

<sup>67</sup> Em EURÍPIDES, *Fen.* 1455-1459, Jocasta se apunhala após a morte de Etéocles e Polinice no ataque dos Sete contra Tebas. Cf. também HOMERO, *Odisseia* XI 277 ss., e SÓFOCLES, *Édipo Rei* 1235 ss.

<sup>68</sup> Há divergências entre os autores com referência ao destino de Édipo depois que ele descobre a verdade. HOMERO, *Odisseia* XI 275 ss., afirma simplesmente que ele continua reinando em Tebas por algum tempo. EURÍPIDES, *Fen.* 63-68, narra que seus filhos varões o aprisionaram para que se esquecesse do acontecido, e que é então quando Édipo os amaldiçoa. HIGINO, *Fáb.* 242, afirma que ele se suicidou.

<sup>69</sup> A chegada de Édipo em Colono é o tema da tragédia de SÓFOCLES, *Édipo em Colono*. Seu túmulo era mostrado no santuário das Eumênides, entre a Acrópole e o Areópago. Cf. PAUSÂNIAS, I 28, 7).

### *Polinice em Argo. Tideu*

Com relação ao trono, Etéocles e Polinice chegaram a um acordo mútuo e decidiram governar alternativamente um ano cada um. Alguns dizem que Polinice governou em primeiro lugar e que, depois de um ano, entregou o poder a Etéocles, mas outros afirmam que Etéocles governou primeiro e que depois se recusou a lhe transmitir o reino<sup>70</sup>. Então, banido de Tebas, Polinice chegou a Argo levando consigo o colar e o peplu<sup>71</sup>. O rei de Argo era Adrasto, o filho de Tálao. Polinice se aproximou do palácio à noite e travou combate com Tideu, o filho de Eneu, que havia fugido de Cálidon<sup>72</sup>. Ao ocorrer um tumulto repentino, apareceu Adrasto e os separou, e lembrando-se de que um adivinho havia lhe dito que unisse suas filhas a um javali e a um leão, escolheu ambos como seus genros, uma vez que ostentavam em seus escudos, um, a cabeça de um javali, outro, a cabeça de um leão<sup>73</sup>. Tideu esposou Déipile, e Polinice, Árgia, e Adrasto prometeu a ambos restabelecê-los em suas respectivas pátrias. Antes, porém, apressou-se em organizar a expedição contra Tebas e convocou os chefes.

### *Anfiarau e Erifile*

Mas Anfiarau, filho de Ecles, que era adivinho e previu que todos os que participassem da expedição morreriam, com exceção de Adrasto, recusava-se a ir e desestimulava os outros. Então Polinice dirigiu-se a Ífis, o filho de Aléctor, com a intenção de saber como poderia obrigar Anfiarau a participar da expedição, e Ífis respondeu-lhe que com a condição de que Erifile recebesse o colar<sup>74</sup>. Anfiarau havia proibido Erifile de receber presentes de Polinice, mas Polinice deu-lhe o colar e pediu-lhe que persuadisse Anfiarau a participar da expedição. Pois dependia dela, já que uma vez em que tivera uma disputa com Adrasto, Anfiarau, após resolvê-la, jurou que Erifile seria árbitra das divergências que tivesse com Adrasto no futuro<sup>75</sup>. Quando surgiu, portanto, a necessidade de marchar contra Tebas, e Adrasto exortava a isso, enquanto Anfiarau se opunha, Erifile, após receber o colar, conseguiu persuadi-lo a marchar com Adrasto. Tendo sido constrangido a participar da expedição, recomendou a seus filhos que, quando crescessem, matassem sua mãe e marchassem contra Tebas.

### *Os sete contra Tebas*

Adrasto, tendo formado um exército com sete chefes, apressou-se a declarar guerra contra Tebas. Os chefes eram estes<sup>76</sup>: Adrasto, filho de Tálao; Anfiarau, filho de Ecles; Capaneu, filho de Hipônoo; Hipomedonte, filho de Aristômaco, apesar de que outros dizem de Tálao; estes eram de Argo; Polinice, filho de Édipo, de Tebas; Tideu, filho de Eneu, da Etólia; Partenopeu, filho de

---

<sup>70</sup> Cf. EURÍPIDES, *Fen.* 70 ss.; DIODORO, IV 65, 1; HIGINO, *Fáb.* 67. Segundo Eurípides, cada um, durante o ano em que não reine, se ausentará de Tebas para tentar fugir à maldição de seu pai. Em SÓFOCLES, *Édipo em Colono*, 375, 1249, 1422-23, Polinice, que é o mais velho, é destronado por seu irmão e expulso de sua pátria. PAUSÂNIAS, IX 5, 12, afirma que Polinice havia ido a Argo, ainda quando seu pai estava vivo, para se casar com Árgia, e retornou a Tebas a pedido de seu irmão, mas, tendo se desentendido com ele, partiu novamente.

<sup>71</sup> O colar e o peplu que Cadmo havia dado de presente a Harmonia, cf. PSEUDO APOLODORO, III 4, 2.

<sup>72</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 5.

<sup>73</sup> Adrasto havia recebido o oráculo de Apolo. Há duas interpretações a esse respeito: ou ambos já traziam de suas respectivas pátrias – Tideu a imagem do javali de Cálidon, e Polinice, a da Esfinge tebana – ou então, tendo ambos se refugiado no templo de Apolo, encontraram aí uma pele de javali e outra de leão, e apropriaram-se delas. Cf. EURÍPIDES, *Supl.* 133-150, *Fen.* 408-429 e escólio a 409; HIGINO, *Fáb.* 69.

<sup>74</sup> Cf. PAUSÂNIAS, V 17, 7-8; IX 41, 2; HIGINO, *Fáb.* 73; SÓFOCLES, *Elec.* 836 ss. Sófocles escreveu sua tragédia *Erifile* (perdida) com este tema.

<sup>75</sup> Cf. DIODORO, IV 65, 6; *Escólio a Odisseia* XI 326 (atribuído a Asclepiades).

<sup>76</sup> Cf. ÉSQUILO, *Sete contra Tebas* 375 ss., SÓFOCLES, *Édipo em Colono* 1309 ss. EURÍPIDES, *Fenícias* 1090 ss. e *Suplicantes* 857 ss.; DIODORO, IV 65, 7; HIGINO, *Fábulas* 70.

Melaníon, da Arcádia. Alguns, porém, não enumeram Tideu e Polinice, mas incluem Etéoclo, filho de Ífis, e Mecisteu<sup>77</sup> entre os sete.

#### *Morte de Ofeltes. Estabelecimento dos jogos nemeanos*

Tendo chegado a Nemeia, onde reinava Licurgo, foram buscar água e serviu-lhes de guia no caminho para a fonte Hipsípila, que abandonou Ofeltes, uma criança de colo da qual cuidava, filho de Eurídice e Licurgo. Pois as mulheres lêmnicas, quando ficaram sabendo que Toas havia se salvado, mataram-no e venderam Hipsípila como escrava, por isso ela servia na casa de Licurgo<sup>78</sup>, que a havia comprado. Enquanto ela lhes mostrava a fonte, a criança, que havia sido abandonada, foi morta por uma serpente. Quando os companheiros de Adrasto retornaram, mataram a serpente e enterraram o menino. Anfiarau lhes disse então que este sinal prefigurava o futuro e eles chamaram o menino de Arquêmoros<sup>79</sup>. Em sua honra, instituíram os jogos nemeanos: Adrasto venceu a corrida de cavalos; Etéoclo, a corrida do estádio; Tideu, no pugilismo; Anfiarau, no salto e no disco; Laódoco, no arremesso de lança; Polinice, na luta; Partenopeu, no arco<sup>80</sup>.

Ao chegar ao Citéron, enviaram Tideu para que dissesse a Etéocles que devia ceder o trono a Polinice.

#### *Ataque a Tebas. Tirésias*

Tendo se armado, os argivos se aproximaram das muralhas; como havia sete portas, Adrasto postou-se na Homoloida, Capaneu, na Ogígia; Anfiarau, na Prétida; Hipomedonte, na Oncaida, Polinice, na Hipsista; Partenopeu, na Electra, e Tideu, na Crênida<sup>81</sup>. Por sua vez, Etéocles também armou os tebanos e, após designar o mesmo número de chefes que seus adversários, posicionou-os em ordem de batalha e consultou o oráculo sobre o modo como poderiam vencer seus inimigos. Havia entre os tebanos um adivinho, Tirésias, filho de Everes e da Ninfa Cariclo, da linhagem do esparto Udeu, que havia sido privado da visão. Sobre sua cegueira e sua arte divinatória são contadas diferentes histórias<sup>82</sup>. Uns dizem que foi cegado pelos deuses por revelar aos homens as coisas que eles queriam lhes ocultar; mas segundo Ferécides, Tirésias foi cegado por Atena, pois Cariclo contava com a afeição de Atena...<sup>83</sup> e (ele) viu a deusa toda nua, mas ela, tapando-lhe os olhos com suas mãos, o tornou cego. Cariclo pediu a Atena que restabelecesse a visão de seu filho,

<sup>77</sup> Filho de Tálao e irmão de Aristômaco e Adrasto; cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 13.

<sup>78</sup> Hipsípila, após a estadia dos Argonautas em Lemnos, havia fugido da ilha para escapar ao castigo que queriam infligir-lhe por ter salvado seu pai, Toas; e havia sido vendida como escrava para os reis de Nemeia, cf. HIGINO, *Fáb.* 15.

<sup>79</sup> BAQUÍLIDES, *Epinícios* VIII 14, interpreta seu nome como “o que inicia a matança”, com referência à primeira vítima da expedição, mas o nome também é interpretado como “o começo do destino”.

<sup>80</sup> Com referência à estadia dos Sete em Nemeia, cf. BAQUÍLIDES, *Epinícios* VIII 10-24; HIGINO, *Fáb.* 74 e 273; PAUSÂNIAS, II 15, 2-3. Os jogos nemeanos tinha caráter pan-helênico e eram realizados a cada dois anos.

<sup>81</sup> O local de Tebas para os argivos constitui o tema de duas tragédias: *As Fenícias*, de EURÍPIDES, e *Os Sete contra Tebas*, de ÉSQUILO. Nas duas é descrito o ataque às sete portas por outros tantos chefes. O número sete parece provir do poema épico *Tebaida*. É discutível que houvesse realmente essa cifra. Segundo Wilamowitz, eram apenas três: a Prétida, a Electra e a Neista. Há algumas variantes nos nomes das portas e dos chefes que as atacam. Cf. ÉSQUILO, *Os Sete* 375 ss.; EURÍPIDES, *Fen.* 1140 ss.; HIGINO, *Fáb.* 69 e 70; PAUSÂNIAS, IX 8, 4.

<sup>82</sup> A versão de Ferécides sobre a causa da cegueira de Tirésias é dada com maior detalhe por CALÍMACO em *O Banho de Palas*, 57-133, onde se menciona que Cariclo, a mãe de Tirésias, era uma Ninfa e companheira inseparável de Atena. Um dia, ambas se banhavam na fonte Hipocrene quando Tirésias, que havia se aproximado com sede, involuntariamente as viu. Atena, muito irritada, disse-lhe que ele sairia dali com as órbitas vazias. A mãe de Tirésias ficou tão triste que a deusa apiedou-se dela e o converteu em adivinho e, além disso, deu-lhe vida longa, um bastão e o dom de ser o único a poder conservar seus dotes divinatórios depois de morto; a segunda causa, citada pelo Pseudo Apolodoro e atribuída a Hesíodo, é a que citam OVÍDIO, *Met.* III 316-338; HIGINO, *Fáb.* 75, e ANTONINO LIBERAL, *Transf.* 17. Segundo Eustácio, certo Sóstrato, autor de um poema elegíaco intitulado *Tirésias*, afirmava que este havia mudado de sexo por sete vezes.

<sup>83</sup> Há uma lacuna aqui que Heyne propôs restaurar com outra estrutura: “... ele veio junto a ela e a viu nua”, etc. Cf. nota de Frazer, I, p. 362.

mas como a deusa não podia fazer isso, purificou-lhe os ouvidos, fê-lo compreender a linguagem de todos os pássaros, e deu-lhe um bastão de cereja silvestre, com o qual ele caminhava como os que podem ver. Hesíodo afirma que Tirésias, por ter visto e ferido duas serpentes que copulavam perto de Cilene, transformou-se em mulher, e que ao ver novamente as mesmas serpentes copulando, voltou a ser homem. Precisamente por isso, como Zeus e Hera disputavam sobre quem desfrutava de maior prazer no ato amoroso, os homens ou as mulheres, eles o elegeram como árbitro. Tirésias disse que se os prazeres do ato amoroso tivessem dez partes, os homens desfrutariam de apenas uma, enquanto as mulheres, de nove. E por isso Hera o tornou cego, porém Zeus lhe concedeu a arte divinatória.

*Isto é o que Tirésias disse a Zeus e Hera:  
Se com uma só parte dentre dez o homem se deleita,  
a mulher com dez sacia-se e de todas se aproveita*<sup>84</sup>

Tirésias também teve uma vida longa.

Quando os tebanos o consultaram, ele disse que venceriam se Meneceu, o filho de Creonte, se imolasse voluntariamente a Ares. Após ouvir isso, Meneceu, o filho de Creonte, se degolou diante das portas<sup>85</sup>. Tendo sido travado o combate, os cadmeios foram perseguidos até as muralhas e, quando Capaneu as escalava por meio de uma escada que havia arrebatado, Zeus o fulminou<sup>86</sup>. Este acontecimento deu origem à fuga dos argivos. Como muitos haviam morrido, por resolução de ambos os exércitos, Etéocles e Polinice tiveram de se enfrentar em um combate singular pelo reino e se mataram um ao outro<sup>87</sup>. Em outro árduo combate, destacaram-se os filhos de Ástaco, pois Ísmaro matou Hipomedonte; Leades, Etéoclo; e Anfídico, Partenopeu; no entanto, segundo a versão de Eurípidés, foi um filho de Posídon, Periclímene, quem matou Partenopeu. Melanipo, o filho de Ástaco que ainda restava, feriu Tideu no ventre. Quando este jazia desfalecido, Atena lhe trouxe uma poção que ela havia pedido a Zeus, com a qual tinha a intenção de torná-lo imortal. Mas, ao perceber isto, Anfiarau, que odiava Tideu por ter persuadido, contra seu desejo, os argivos a marchar contra Tebas, cortou a cabeça de Melanipo e a entregou a Tideu, que apesar de estar ferido, já o havia matado. Este abriu a cabeça e sorveu-lhe o cérebro. Ao ver isto, Atena, tomada de asco, desistiu de sua boa ação e ficou ressentida com ele<sup>88</sup>. Anfiarau fugiu pelo rio Ismeno, mas antes que fosse ferido nas costas por Periclímene, Zeus lançou um raio e fendeu a terra, e Anfiarau desapareceu com seu carro e o auriga Báton, ou segundo alguns, Élato, e Zeus o tornou imortal<sup>89</sup>. Somente Adrasto se salvou, graças ao seu cavalo Aríon; este Deméter o gerou a partir de Posídon, tendo assumido a forma de uma Erínia ao se unir ao deus<sup>90</sup>.

---

<sup>84</sup> Segundo FRAZER, I p. 336, estes versos foram provavelmente interpolados. Eles são citados pelo escoliasta de Homero na *Odisseia*, X 494, e por Tzetzes, *Escólio a Licofron*, 683. Além do mais, a repartição dos prazeres aqui não coincide com a do parágrafo anterior.

<sup>85</sup> Cf. EURÍPIDES, *Fen.* 911 ss.; ESTÁCIO, *Tebaida* X 580 ss.; PAUSÂNIAS, IX 25, 1; HIGINO, *Fáb.* 68.

<sup>86</sup> Cf. ÉSQUILO, *Sete* 423 ss.; EURÍPIDES, *Fen.* 1172 ss. e *Supl.* 496 ss.; DIODORO, IV 65, 8; ESTÁCIO, *Tebaida* X 827 ss.; HIGINO, *Fáb.* 68;

<sup>87</sup> Cf. ÉSQUILO, *Sete* 804 ss.; EURÍPIDES, *Fen.* 1356 ss.; DIODORO, IV 65, 8; PAUSÂNIAS, IX 5, 12; HIGINO, *Fáb.* 71; ESTÁCIO, *Tebaida* XI 447-579.

<sup>88</sup> Cf. Escólio a LICOFRON, 1066; escólio a *Ilíada* V 126; escólio a PÍNDARO, *Nem.* X 7, 12; PAUSÂNIAS IX, 18, 1. Todas essas fontes coincidem que foi Anfiarau e não Tideu quem matou Melanipo. No entanto, ESTÁCIO, *Tebaida* VII 789-823, afirma que foi Capaneu quem matou Melanipo.

<sup>89</sup> Cf. PÍNDARO, *Nem.* IX 24 ss. e X 8 ss.; DIODORO, IV 65, 8; PAUSÂNIAS, I 34, 2; IX 8, 3; 19, 4; ESTÁCIO, *Tebaida* VII 789-823; EURÍPIDES, *Supl.* 925 ss.

<sup>90</sup> Segundo PAUSÂNIAS, VIII 25, 4-10, Deméter havia se transformado em égua e Posídon em cavalo; este último também é mencionado por OVÍDIO, *Met.* VI 118. A Erínia era Tilfusa, mãe do dragão de Tebas. Segundo DIODORO, IV 65, 9, Adrasto retornou a Argo; PAUSÂNIAS, I 43, 1, porém, afirma que ele morreu em Mégara.

<sup>91</sup> Nestas breves linhas resume-se o argumento da tragédia de SÓFOCLES, *Antígona*. Cf. ÉSQUILO *Os sete* 1005 ss. e HIGINO, *Fáb.* 72, dão uma versão diferente: Antígona é salva pelo seu protegido, Hémon, filho de Creonte, apesar de seu pai tê-lo encarregado de matá-la. Ambos têm um filho que é posteriormente descoberto por Creonte porque tinha

### *Antígona. Conquista de Tebas pelos atenienses*

Ao assumir o reinado de Tebas, Creonte deixou os cadáveres dos argivos insepultos e, tendo proclamado que ninguém os enterrasse, estabeleceu vigilantes. Antígona, uma das filhas de Édipo, roubou às ocultas o corpo de Polinice e o sepultou, mas, tendo sido descoberta pelo próprio Creonte, foi encerrada viva dentro de uma tumba<sup>91</sup>. Chegando a Atenas, Adrasto se refugiou no altar da Piedade e, após depositar nele o ramo de oliveira dos suplicantes, implorou para que se enterrassem os cadáveres<sup>92</sup>. Os atenienses, juntamente com Teseu, marcharam contra Tebas, e após conquistá-la, entregaram os cadáveres aos seus familiares para que os enterrassem. Quando estava ardendo a pira de Capaneu, Evadne, a mulher de Capaneu e filha de Ífis, se lançou na pira e foi consumida pelas chamas com seu esposo<sup>93</sup>.

### *Os Epígonos. Conquista de Tebas. Morte de Tirésias*

Dez anos mais tarde, os filhos dos falecidos, denominados Epígonos, decidiram empreender uma expedição contra Tebas, sequiosos para vingar a morte de seus pais<sup>94</sup>. E quando eles consultaram o oráculo, o deus lhes predisse a vitória se tivessem como líder Alcmeón. Portanto, ainda que Alcmeón não quisesse participar da expedição sem antes castigar sua mãe, no entanto ele participou dela, pois Erifile, que havia recebido o peplo de Tersandro, filho de Polinice, convenceu também seus filhos a tomarem parte na expedição<sup>95</sup>. Após terem escolhido Alcmeón como seu líder, empreenderam guerra contra Tebas. Os participantes da expedição eram os seguintes: Alcmeón e Anfíloco, filhos de Anfiarau; Egialeu, filho de Adrasto; Diomedes, filho de Tideu; Prômaco, filho de Partenopeu; Estênelo, filho de Capaneu; Tersandro, filho de Polinice; e Euríalo, filho de Mecisteu<sup>96</sup>. Estes primeiro devastaram as aldeias circunvizinhas, e depois, quando os tebanos avançaram contra eles liderados por Laodamas, filho de Etéocles, eles combateram valorosamente; Laodamas matou Egialeu, porém Alcmeón matou Laodamas<sup>97</sup>. Após a morte deste, os tebanos refugiaram-se dentro das muralhas. Como Tirésias lhes havia dito que enviassem um arauto aos argivos para tratar do fim das hostilidades e que eles próprios fugissem, eles enviaram um arauto aos inimigos, e embarcando seus filhos e mulheres nos carros, fugiram da cidade. Mas quando eles chegaram à noite a uma fonte chamada Tilfusa, Tirésias bebeu dela e morreu<sup>98</sup>. Os tebanos, após terem percorrido um longo caminho, fundaram a cidade de Hestieia e aí passaram a residir. Os argivos, por sua vez, ao ficarem sabendo mais tarde da fuga dos tebanos, entraram na cidade,

---

em seu corpo a marca dos descendentes dos *espartos* (“semeados”). Hércules intervém junto a Creonte em favor de Hémon, mas como não consegue nada, Hémon mata Antígona e depois se mata.

<sup>92</sup> Os suplicantes punham um ramo de oliveira no altar de um deus para serem acolhidos sob sua proteção. Este episódio é o tema da tragédia de EURÍPIDES, *As suplicantes*. PAUSÂNIAS, I 39, 2 menciona que os tebanos concederam o recolhimento dos cadáveres em luta. Cf. ESTÁCIO, *Teb.* XII 464-796.

<sup>93</sup> Tudo que fosse atingido pelo raio de Zeus era considerado sagrado. Por esse motivo, Capaneu é incinerado à parte. Cf. EURÍPIDES, *Supl.* 934-983, 1034 ss.; PROPÉRCIO, I 15, 21-22; ESTÁCIO, *Teb.* XII 800 ss.

<sup>94</sup> Cf. DIODORO, IV 66, 1-3; HIGINO, *Fáb.* 70; PAUSÂNIAS, IX 5, 13; 8, 6, 9, 4; 19, 2. Havia um poema épico chamado *Epígonos*, que alguns atribuíam a Homero. Ésquilo e Sófocles também compuseram duas tragédias homônimas.

<sup>95</sup> Como antes havia persuadido seu marido, cf. PSEUDO APOLODORO, III 6, 2.

<sup>96</sup> HIGINO, *Fáb.* 71, traz algumas variantes: o filho de Partenopeu é Tlesímenes ou Biante; não aparece Anfíloco nem Euríalo, mas sim Polidoro, filho de Hipomedonte.

<sup>97</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 13; 8, 6; 9, 4; 19, 2.

<sup>98</sup> Segundo PAUSÂNIAS, IX 33, 1, o túmulo de Tirésias estava junto à fonte. DIODORO, IV 67 1, localiza seu túmulo no monte Tilfúcio, próximo da fonte.

<sup>99</sup> Cf. DIODORO, IV 66, 6; PAUSÂNIAS, VII 3, 3; IX 33, 2; escólio a APOLÔNIO DE RODES, I 308. Diodoro menciona Dafne como filha de Apolo.

<sup>100</sup> Cf. TUCÍDIDES, II 102, 7 ss.; DIODORO, IV 65, 7; PAUSÂNIAS VIII 24, 7; OVÍDIO, *Met.* IX 407 ss.; HIGINO, *Fáb.* 73. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias intituladas *Alcmeón*.

reuniram o butim e demoliram as muralhas. Parte do butim enviaram a Delfos para Apolo, juntamente com Manto, a filha de Tirésias, pois haviam prometido ao deus que se tomassem Tebas consagrar-lhe-iam o mais belo dos espólios<sup>99</sup>.

### *Alcméon. Calírore. Anfíloco*

Após a tomada de Tebas, ao ficar sabendo que sua mãe, Erifile, havia recebido subornos para causar também sua ruína, Alcméon se irritou ainda mais e, conforme Apolo havia lhe profetizado, matou sua mãe<sup>100</sup>. Uns dizem que ele a matou tendo como cúmplice seu irmão Anfíloco, outros dizem que sozinho. A Erínia do matricídio perseguiu Alcméon e, ao ficar ensandecido, primeiramente se dirigiu a Arcádia, junto de Ecles<sup>101</sup>, e daí a Psófide, junto de Fegeu. Purificado por Fegeu, desposou sua filha Arsínoe e lhe deu de presente o colar e o peplo<sup>102</sup>. Mais tarde, quando a terra se tornou estéril por sua causa, o deus indicou que fosse até Aqueloo para que obtivesse dele a revisão de seu processo. Primeiramente se dirigiu a Eneu, em Cálidon, que o recebeu hospitaleiramente, em seguida, chegou à região dos tesprotos, de onde foi expulso. Por fim, chegou às fontes do Aqueloo, foi purificado por ele e desposou sua filha, Calírore, e após colonizar o terreno aluvial de Aqueloo, passou a habitá-lo<sup>103</sup>. Porém, mais tarde, ansiosa para possuir o colar e o peplo, Calírore disse-lhe que não conviveria com ele se não lhes entregasse. Alcméon chegou à Psófide e disse a Fegeu que, segundo um vaticínio, este se livraria de sua loucura se ele levasse a Delfos o colar e o peplo e os consagrasse. Fegeu acreditou nele e lhes entregou. Mas quando um servo denunciou que Alcméon os havia tomado para levar a Calírore, por mandato de Fegeu, os filhos deste lhe armaram uma emboscada e o mataram. Por Arsínoe ter-lhes censurado, os filhos de Fegeu encerraram-na em uma arca, levaram-na para Tégea e deram-na como escrava a Agenor, culpando-a falsamente pelo assassinato de Alcméon. Logo que Calírore ficou sabendo da morte de Alcméon, pediu a Zeus, com quem mantinha relações amorosas, que tornasse adultos os filhos que tivera de Alcméon para que vingassem o assassinato de seu pai. E estes, tendo sido transformados repentinamente em adultos, partiram para vingar seu pai<sup>104</sup>. Nessa mesma época, os filhos de Fegeu, Prônoo e Agenor<sup>105</sup> levaram a Delfos o colar e o peplo para consagrá-los e alojaram-se na casa de Agapénor ao mesmo tempo em que Anfótero e Acárnan, os filhos de Alcméon. Estes mataram os assassinos de seu pai e, tendo se dirigido a Psófide, entraram no palácio e mataram Fegeu e sua esposa. Perseguidos até Tégea, conseguiram se salvar graças à ajuda dos tegeanos e de alguns argivos, e os psófídios puseram-se em fuga. Após informar sua mãe sobre esses acontecimentos, retornaram a Delfos e consagraram o colar e a túnica em cumprimento à recomendação de Aqueloo<sup>106</sup>. E tendo viajado ao Epiro, reuniram colonos e colonizaram a Acarnânia<sup>107</sup>.

Eurípides afirma que Alcméon, por ocasião de seu acesso de loucura, teve dois filhos com Manto, a filha de Tirésias, Anfíloco, e uma filha, Tisífone, e que, tendo levado as crianças para Corinto, entregou-as ao rei dos coríntios, Creonte, para que as criasse; Tisífone, que se destacava por sua beleza, foi vendida como escrava pela mulher de Creonte, que temia que este a esposasse.

---

<sup>100</sup> Cf. TUCÍDIDES, II 102, 7 ss.; DIODORO, IV 65, 7; PAUSÂNIAS VIII 24, 7; OVÍDIO, *Met.* IX 407 ss.; HIGINO, *Fáb.* 73. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias intituladas *Alcméon*.

<sup>101</sup> Avô de Alcméon.

<sup>102</sup> PAUSÂNIAS, VIII 24, 8; HIGINO, *Fáb.* 244 e PROPÉRCIO, I 15, 15 denominam-na Alfesibeia.

<sup>103</sup> Apolo havia dito a Alcméon que ele só se livraria de seus males se ele habitasse em uma terra que ainda não existia por ocasião de seu matricídio, pois o restante havia sido contaminado. Por isso, quando se deu conta de que havia criado um território suficiente para viver na embocadura do Aqueloo, ele se estabeleceu aí. Cf. TUCÍDIDES, II 102, 5-6; PAUSÂNIAS, VIII 24, 8-9.

<sup>104</sup> OVÍDIO, *Met.* IX 413 ss.

<sup>105</sup> PAUSÂNIAS, VIII 24, 10, chama-os de Têmeno e Áxion

<sup>106</sup> Segundo PAUSÂNIAS, VIII 24, 10 E IX 41, 2, não teriam sido os filhos de Alcméon que dedicaram o colar e o peplo, mas sim os de Fegeu.

<sup>107</sup> TUCÍDIDES, II 102, 6 e PAUSÂNIAS, VIII 24, 9, derivam o nome de Acarnânia de Acárnan, o filho de Alcméon.

Mas Alcmeón a comprou e a mantinha como sua serva, sem saber que era sua própria filha, e quando chegou a Corinto para reclamar seus filhos, levou também Anfíloco. Este, em obediência a um oráculo de Apolo, fundou Argo Anfíloquico<sup>108</sup>.

#### DESCENDÊNCIA DE PELASGO

##### *Licáon e seus filhos*

Voltemos agora a Pelasgo, que segundo Acusilau era filho de Zeus e Níobe, como havíamos suposto<sup>109</sup>, enquanto Hesíodo diz que era autóctone. Deste e de Melibeia, filha de Oceano, ou da Ninfa Cilene, segundo dizem outros, nasceu um filho, Licáon, que foi rei dos arcádios e teve cinquenta filhos de numerosas mulheres<sup>110</sup>: Meleneu, Tesproto, Hélice, Níctimo, Peucétio, Cáucon, Mecisteu, Hopleu, Macareu, Macedno, Horo, Pólico, Acontes, Evémon, Ancíor, Arquébatos, Cartéron, Egéon, Palante, Êumon, Caneto, Prótoo, Lino, Coretonte, Mênalo, Teléboas, Fisio, Faso, Ftio, Lício, Halífero, Genétor, Bucolión, Socleu, Fineu, Eumetes, Harpaleu, Porteu, Platão, Hémon, Cineto, Leonte, Harpálico, Hereeu, Titanas, Mantineu, Clítor, Estínfalo, Orcômeno... Estes superavam todos os homens em arrogância e impiedade. Zeus, desejando comprovar sua impiedade, apresentou-se-lhes como um trabalhador diarista. Eles lhe ofereceram sua hospitalidade e, tendo degolado uma criança dos nativos, misturaram suas entranhas com as das vítimas dos sacrifícios e lhas ofereceram, seguindo o conselho do irmão mais velho, Mênalo. Zeus, enojado, derrubou a mesa no lugar que é atualmente chamado Trapezunte<sup>111</sup>, e fulminou Licáon e seus filhos, com exceção de Níctimo, o mais jovem, pois Terra, tendo se antecipado, agarrou a mão de Zeus e fez cessar sua cólera<sup>112</sup>. Quando Níctimo subiu ao trono, ocorreu o dilúvio de Deucalion<sup>113</sup>. Alguns disseram que o dilúvio foi ocasionado pela impiedade dos filhos de Licáon.

##### *Calisto*

Eumelo e alguns outros dizem que Licáon teve também uma filha, Calisto; com efeito, Hesíodo diz que ela era uma das Ninfas; Ásio, que era filha de Nictéu; e Ferécides, de Ceteu. Era companheira de caça de Ártemis, portava o mesmo tipo de roupa que ela e havia lhe jurado que permaneceria virgem. Mas Zeus, que estava apaixonado por Calisto, fez amor com ela à força, assumindo, segundo uns, a aparência de Ártemis, segundo outros, de Apolo, e, desejando ocultá-la de Hera, metamorfoseou-a em urso, mas Hera persuadiu Ártemis a abatê-la a flechadas, como a um animal selvagem. No entanto, há alguns que dizem que Ártemis disparou contra ela por não haver conservado sua virgindade. Quando Calisto morreu, Zeus pegou o bebê e, dando-lhe o nome de Árcade, confiou-o a Maia, na Arcádia, para que o criasse; quanto a Calisto, ele a transformou numa constelação e chamou-a de urso<sup>114</sup>.

<sup>108</sup> TUCÍDIDES, II 68, 3, atribui a fundação a Anfíloco, o irmão de Alcmeón (cf. III 7, 2), não ao filho.

<sup>109</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 1, 1.

<sup>110</sup> Para outras variantes dos filhos de Licáon, cf. PAUSÂNIAS, VIII, 3, 1 ss.

<sup>111</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VIII 3, 3; 5, 4; 27, 4-6; 29, 1; 31, 5. “Mesa” em grego é *trápeza*. V. etimologia de Náupacto.

<sup>112</sup> Segundo HIGINO, *Fáb.* 176, OVÍDIO, *Met.* I 218 ss., e PAUSÂNIAS, VIII 2, 3, Licáon não foi fulminado, mas sim convertido em lobo (seu nome está relacionado com *lykos*, “lobo”). Cf. a extensa nota de FRAZER sobre a licantropia em I. p. 390-393). Em outra passagem, PAUSÂNIAS, VIII 1, 4-6, apresenta-nos Licáon como um rei virtuoso que não conseguiu impedir os atos ímpios de seus filhos, que provocaram o dilúvio. Quanto à criança sacrificada, segundo algumas versões, seria seu próprio filho Níctimo ou seu neto Árcade, filho de Zeus e Calisto. HIGINO, *loc. cit.* diz que foram os filhos de Licáon que ofereceram carne humana a Zeus.

<sup>113</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 7, 2.

<sup>114</sup> O amor de Zeus por Calisto, sua transformação em urso e, em seguida, em constelação são mencionados por OVÍDIO, *Met.* II 409-507; HIGINO, *Fáb.* 155, 176 e 177; PAUSÂNIAS, I 25, 1; VIII 3, 6-7 e ERATÓSTENES, *Catást.* 1.

### *Os descendentes de Árcade. Auge, mãe de Télefo*

Árcade teve dois filhos, Élato e Afidas, de Leanira, filha de Amiclas, ou de Meganira, filha de Crócon, ou ainda, segundo Eumelo, da Ninfa Crisopélia<sup>115</sup>. Estes repartiram a terra, mas todo o poder ficou nas mãos Élato, que de Laódice, filha de Cíniras, gerou Estínfalo e Pereu; Afidas gerou Áleo e Estenebeia, que se casou com Preto. De Áleo e Neera, filha de Nereu, nasceram uma filha, Auge, e dois filhos, Cefeu e Licurgo. Auge, que havia sido seduzida por Hércules<sup>116</sup>, ocultou o bebê no recinto sagrado de Atena, de quem era sacerdotisa. Mas como a terra permanecia estéril e os oráculos revelaram que havia uma impiedade no recinto de Atena, Auge foi descoberta por seu pai e entregue a Náuplio, para que lhe desse morte. Mas este a entregou a Teutras, príncipe dos mísios, que a esposou. O bebê que havia sido abandonado no monte Partênio foi amamentado por uma cerva e por isso foi chamado de Télefo. Criado por uns pastores de Corinto, Télefo chegou a Delfos à procura de seus pais e, tendo sido informado pelo deus, partiu para Mísia e tornou-se filho adotivo de Teutras; após a morte deste, tornou-se seu sucessor ao trono.

### *Atalanta e Melanión*

De Licurgo e Cleofile ou Eurínome, nasceram Anceu, Époco, Anfidamas e Íaso<sup>117</sup>. De Anfidamas nasceram Melanión e uma filha, Antímaca, que Euristeu desposou. De Íaso e Climene, filha de Míniás, nasceu Atalanta<sup>118</sup>. Seu pai, que desejava filhos varões, a abandonou, mas uma urso costumava se aproximar dela e amamentá-la, até que uns caçadores a encontraram e a criaram entre eles. Tendo se tornado adulta, Atalanta preservava sua virgindade e passava os dias sempre armada, caçando em lugares desertos. Os Centauros Reco e Hileu tentaram violentá-la, porém, foram mortos por ela, trespassados por suas flechas<sup>119</sup>. Atalanta esteve presente com os nobres na caçada do javali de Cálidon, e nos jogos instituídos em honra de Pélias, lutou com Peleu e o derrotou<sup>120</sup>. Mais tarde, ela reencontrou seus pais, mas quando seu pai tentou persuadi-la a se casar, ela se dirigiu a um lugar propício para servir de estádio e, tendo cravado no meio uma estaca de três côvados de altura, obrigava seus pretendentes a correr a partir daí e os perseguia armada: se o pretendente era alcançado devia morrer, e se não era alcançado, devia se casar. Quando muitos já haviam morrido, Melanión, que estava apaixonado por Atalanta, chegou para participar da prova trazendo as maçãs de ouro que recebera de Afrodite<sup>121</sup> e, enquanto Atalanta o perseguia, Melanión as lançava; e ela, por pegar as que haviam sido lançadas, foi vencida na corrida. Conta-se que, certa vez em que caçavam, penetraram no santuário de Zeus, e que por terem feito amor aí, foram transformados em leões. No entanto, Hesíodo e alguns outros disseram que Atalanta não era filha de Íaso, mas de Esqueneu<sup>122</sup>, enquanto Eurípides disse que era filha de Mênalo e que seu marido não era Melanión, mas Hipômenes. Atalanta teve de Melanión, ou de Ares, Partenopeu, que participou da expedição contra Tebas.

<sup>115</sup> PAUSÂNIAS, VIII 4, 1 ss. conta que Árcade teve três filhos, Azan, Afidas e Élato e que repartiu seu reino entre os três.

<sup>116</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 7, 4.

<sup>117</sup> PAUSÂNIAS, VIII 4, 10, menciona apenas os dois primeiros.

<sup>118</sup> Tal como ressalta Apolodoro, há divergências quanto ao nome de seu pai e de seu marido. Segundo TEÓCRITO, II 1, 40-42, HIGINO, *Fáb.* 185, e OVÍDIO, *Met.* X 560-680, foi Hipômenes quem obteve sua mão. PROPÉRCIO, I 1, 9, OVÍDIO, *A arte de amar* II 188 e PAUSÂNIAS, III 12, 9, coincidem com Apolodoro ao denominar Melanión como esposo de Atalanta. Quanto ao seu pai, CALÍMACO, *Hino a Ártemis* 216, e HIGINO, *Fáb.* 99, chamam-no de Iásio, enquanto DIODORO, IV 34, 4; IV 65, 4, e PAUSÂNIAS, VIII 35, 10 chamam-no de Esqueneu.

<sup>119</sup> Cf. ELIANO, *Histórias várias* XIII 1; CALÍMACO, *Hino a Ártemis* 221-224.

<sup>120</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 13, 3.

<sup>121</sup> As maçãs eram provenientes do jardim das Hespérides, cf. *escólio a TEÓCRITO*, III 40; SÉRVIO, *escólio a Eneida* III 113; ou do jardim de Afrodite em Tâmaso, Chipre, cf. OVÍDIO, *Met.* X 644-651. Estas maçãs infundem um amor repentino em Atalanta, inclusive antes da corrida.

<sup>122</sup> Há diferentes versões sobre o nome do pai de Atalanta: Iásio, em CALÍMACO, *Hino a Ártemis* 216, e HIGINO, *Fáb.* 99. Esqueneu, em Hesíodo, *Fr.* 72 e 76. O patronímico Iáside é encontrado em PROPÉRCIO, I 10.

*As Plêiades*

De Atlas e Pleione, filha de Oceano, nasceram em Cilene, na Arcádia, sete filhas, chamadas Plêiades: Alcíone, Mérope, Celeno, Electra, Estéroepe, Taígete e Maia<sup>123</sup>. Destas, Enomau desposou Estéroepe, e Sísifo, Mérope. Posídon se uniu com duas, primeiro, com Celeno, da qual nasceu Lico, que Posídon instalou nas Ilhas dos Bem-aventurados; em segundo lugar, com Alcíone, que gerou uma filha, Etusa, a qual gerou um filho com Apolo, Eleuter, e dois filhos, Hirieu e Hiperénor. De Hirieu e da Ninfa Clônia nasceram Nicteu e Lico; de Nicteu e Polixo, Antíope, e de Antíope e Zeus, Zeto e Anfíon. Zeus se uniu amorosamente com as restantes filhas de Atlas.

*Hermes*

Maia, a primogênita, se uniu a Zeus em uma gruta de Cilene e gerou Hermes. Quando este se encontrava ainda em fraldas, escapou do berço e, ao chegar a Piéria, roubou as vacas que Apolo apascentava<sup>124</sup>. Para que não fosse descoberto pelas pegadas, atou uns calçados nas patas das vacas<sup>125</sup> e levou-as a Pilos; o restante ocultou em uma gruta, porém sacrificou duas e estirou suas peles por meio de pedras; quanto às carnes, uma parte ele comeu, após tê-la cozido, e a outra, a queimou<sup>126</sup>. E rapidamente partiu para Cilene e aí encontrou, diante de sua gruta, uma tartaruga que estava se alimentando. Após tê-la limpado, estendeu umas cordas sobre seu casco, provenientes das tripas das vacas que havia sacrificado, e tendo confeccionado a lira, inventou também o plectro<sup>127</sup>. Apolo chegou a Pilos à procura de suas vacas e interrogou os habitantes<sup>128</sup>; eles lhe disseram que haviam visto um menino a tangê-las, mas não sabiam dizer para onde haviam sido conduzidas, por não terem podido encontrar o rastro. Após haver descoberto por meio da adivinhação quem as havia roubado, Apolo se apresentou em Cilene diante de Maia e acusou Hermes. Ela lho mostrou envolvido em fraldas, mas Apolo o conduziu à presença de Zeus e exigiu suas vacas de volta. Quando Zeus lhe ordenou que as devolvesse, Hermes lhe disse que não as possuía mais, mas como não conseguia persuadi-los, levou Apolo a Pilos<sup>129</sup> e lhe devolveu as vacas. No entanto, quando Apolo ouviu a lira, decidiu trocá-la pelas vacas. Enquanto Hermes as apascentava, confeccionou também um aulo e tocava com ele. Desejando também obtê-lo, Apolo lhe ofereceu em troca o caduceu de ouro, que havia adquirido quando se dedicava ao pastoreio. Mas Hermes desejava em troca do aulo não apenas o caduceu, mas também aprender a arte da adivinhação<sup>130</sup>. Assim, logo

<sup>123</sup> Cf. ARATO, *Fenômenos* 254-268; ERATÓSTENES, *Catast.* 23; HIGINO, *Astr.* II 21 e *Fáb.* 192; OVÍDIO, *Fastos* III 105 e IV 169-178; *escólio a PÍNDARO, Nem.* II 17. As Plêiades ou Atlântides eram sete, mas uma delas era quase imperceptível; esta era, segundo as versões, Electra, mãe de Dárdano, que, entristecida pela sorte de Troia, cobria o rosto com as mãos, ou Mérope, que, casada com um simples mortal, havia perdido o esplendor de suas irmãs. Sua transformação em estrelas é atribuída a Zeus, que se compadeceu delas quando lhe pediram ajuda para não ser violentadas por Oríon. O deus transformou todos em estrelas e, desse modo, Oríon persegue eternamente as Plêiades.

<sup>124</sup> Apolodoro segue com bastante fidelidade a narrativa do *Hino Homérico a Hermes* (IV) 68-102. O roubo do gado por Hermes é o tema do drama satírico de SÓFOCLES, *Os rastreadores*. Cf. também ANTONINO LIBERAL, *Transf.* 23; OVÍDIO, *Met.* II 685-707; III 680, ss.; PAUSÂNIAS, VII 20, 4

<sup>125</sup> No *Hino Homérico a Hermes* (IV), o aedo diz que ele inverte as pegadas do rebanho fazendo com que as vacas caminhassem para trás. Em Antonino Liberal, Hermes ata galhos nos rabos das vacas para que as pegadas fossem apagadas.

<sup>126</sup> Segundo a versão do *Hino Homérico a Hermes* (IV) 115 ss., Hermes dividiu a carne em doze porções, mas, como estava muito faminto, comeu nove, sozinho.

<sup>127</sup> Também nos *Rastreadores*, de SÓFOCLES, a confecção da lira é posterior ao roubo do rebanho, diferentemente do *Hino Homérico*.

<sup>128</sup> Segundo o *Hino Homérico a Hermes* (IV), Apolo consegue desmascarar o bebê Hermes ao observar o voo de uma ave de grandes asas.

<sup>129</sup> No *Hino Homérico a Hermes* (IV), 185, chega a Onquesto.

<sup>130</sup> O *Hino Homérico a Hermes* (IV) não menciona nenhuma destas trocas entre Hermes e Apolo; contudo, há uma lacuna após o verso 526, na qual esse episódio poderia ter sido mencionado.

que lhe entregou o aulo, passou a ser instruído na arte de adivinhar por meio de seixos<sup>131</sup>. Zeus o designou como seu arauto e dos deuses subterrâneos.

*Os descendentes de Taígete: Lacedêmon, Hiacinto, Linceu e Idas. Asclépio*

Taígete gerou de Zeus Lacedêmon, por quem a região se chama Lacedemônia<sup>132</sup>. De Lacedêmon e de Esparta, filha de Eurotas, que por sua vez era filho do autóctone Lélege e da ninfa Náiaide Cleocária, nasceram Amiclas e Eurídice, que foi desposada por Acrísio. De Amiclas e Diomede, filha de Lápites, nasceram Cinorta e Hiacinto. Dizem que este era amado por Apolo, que o matou involuntariamente ao lançar o disco<sup>133</sup>. Cinorta teve um filho, Perieres<sup>134</sup>, que esposou Gorgófona, filha de Perseu, como afirma Estesícoro, e deu à luz a Tíndaro, Icário, Afareu e Leucipo. De Afareu e Arene, filha de Ébalo, nasceram Linceu, Idas e Piso; contudo, muitos dizem que Idas era filho de Posídon. Linceu se distinguia por sua acuidade visual, pois podia ver inclusive o que havia embaixo da terra<sup>135</sup>. Leucipo teve duas filhas, Hilera e Febe; estas, tendo sido raptadas pelos Dióscuros, tornaram-se suas esposas<sup>136</sup>. Além destas, gerou Arsínoe, que se uniu a Apolo e deu à luz a Asclépio<sup>137</sup>; no entanto, alguns dizem que Asclépio não era filho de Arsínoe, a filha de Leucipo, mas de Corônís, a filha de Flégias, da Tessália. Também afirmam que Apolo se apaixonou por ela e prontamente consumou a união amorosa, mas ela, contrária à vontade de seu pai, preferiu Ísquis, o irmão de Cefeu, e foi morar junto com ele. Então Apolo amaldiçoou o corvo que havia lhe dado a notícia, e de branco que era, o tornou negro, e matou Corônís. Quando ela estava sendo incinerada, Apolo arrebatou o bebê da pira e o entregou ao Centauro Quíron, por quem ele foi criado e instruído na arte da medicina e da caça. Tendo se tornado cirurgião e atingido um elevado nível no exercício de sua arte, Asclépio não apenas impedia que alguns morressem, mas também ressuscitava os mortos, pois tendo recebido de Atena o sangue que fluía das veias da Górgona, utilizava o sangue que fluía das veias do lado esquerdo para causar destruição aos homens, e da parte direita, para sua salvação, e deste modo ressuscitava os mortos<sup>138</sup>. Eu encontrei alguns que são mencionados como tendo sido ressuscitados por ele: Capaneu e Licurgo, conforme afirma Estesícoro na *Erifile*; Hipólito<sup>139</sup>, segundo narra o autor das *Naupácticas*; Tíndaro, segundo afirma Paníasis; Himeneu, conforme relatam os órficos; e Glauco, filho de Minos<sup>140</sup>, como diz Meleságoras. Mas Zeus, receando que os homens recebessem dele a arte de curar e auxiliassem uns

<sup>131</sup> A cleromancia, que consiste em retirar seixos de uma vasilha. Os seixos também são denominados *thriai* e esse nome também era aplicado às Ninfas que personificavam essa maneira de adivinhação, cf. *Hino Homérico a Hermes* (IV) 252 ss.; CALÍMACO, *Hino a Apolo* 45. Uma tradição atribuía esse método de adivinhação a Atena. Apolo ficou tão desgostoso com isso que conseguiu que Zeus impedisse que este método gozasse de algum prestígio no porvir.

<sup>132</sup> PAUSÂNIAS, III 1, 2.

<sup>133</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 3, 3; PAUSÂNIAS, III 1, 3; 19, 5; PLÍNIO, *História natural* XXI 66; OVÍDIO, *Met.* X 161-219. O túmulo de Hiacinto estava em Amiclas, sob uma grande estátua de Apolo, segundo Pausânias.

<sup>134</sup> Em outras ocasiões aparece como filho de Éolo, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 5.

<sup>135</sup> Cf. PAUSÂNIAS, IV 2, 7; PÍNDARO, *Nem.* X 62 e 116; HIGINO, *Fáb.* 14.

<sup>136</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 11, 2.

<sup>137</sup> Cf. PAUSÂNIAS, II 26, 3-7; DIODORO, IV 71, 1; V 74, 6; HIGINO, *Fáb.* 202; *Astr.* II 40; APOLÔNIO DE RODES, IV 616-7 PÍNDARO, *Pít.* III 8 ss.; *Hino Homérico a Asclépio* (XVI) 1 ss. (. Os autores oscilam entre Corônís e Arsínoe como a mãe de Asclépio e relatam como o bebê foi resgatado e entregue a Quíron. ANTONINO LIBERAL, 20 e OVÍDIO, *Met.* II 534-5, narram a história de Corônís sem mencionar Asclépio. Há discrepâncias também com relação ao nome do amante de Corônís: para uns, Alcioneu, para outros, Lico.

<sup>138</sup> Segundo EURÍPIDES, *Íon* 999 ss., Atena deu-lhe duas gotas de sangue da Górgona, uma para ocasionar a morte e outra capaz de curar qualquer enfermidade. É interessante, como, a seguir, o Pseudo Apolodoro anuncia, em uma rara utilização do verbo na primeira pessoa, alguns personagens com os quais ele se deparou (*heûron*), evidenciando, assim, o caráter livresco e erudito de sua pesquisa, cf. Introdução.

<sup>139</sup> Cf. PÍNDARO, *Pít.* 54 e 96; ERATÓSTENES, *Catast.* 6; HIGINO, *Fáb.* 49 e *Astr.* II 14. De acordo com uma lenda romana, após ter sido ressuscitado, Hipólito dirigiu-s a Arícia, perto de Roma, aonde chegou a tornar-se rei e consagrou um recinto sagrado a Diana; cf. PAUSÂNIAS, II 27, 4; OVÍDIO, *Fastos* III 263 ss., VI 735 ss. e *Met.* XV 297 ss.; VIRGÍLIO, *Eneida* VII 761 ss.

<sup>140</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 3, 1.

aos outros, fulminou-o com raio<sup>141</sup>; furioso com isso, Apolo matou os Ciclopes que fabricaram o raio para Zeus. Zeus esteve a ponto de lançá-lo ao Tártaro, mas, diante das súplicas de Leto, ordenou-lhe pôr-se a serviço de um homem por um ano<sup>142</sup>. Então Apolo foi para Feras, para junto de Admeto, filho de Feres, e servindo-lhe como pastor, fez com que todas as vacas parissem gêmeos.

Mas há quem diga que Afareu e Leucipo eram filhos de Perieres, o filho de Éolo, e que de Cinorta nasceu Perieres, e que deste nasceu Ébalo, e que de Ébalo e a Ninfa Náíade Batia nasceram Tíndaro, Hipocoonte e Icário<sup>143</sup>.

#### *Filhos de Hipocoonte*

De Hipocoonte nasceram os seguintes filhos: Doricleu, Esceu, Enáforo, Eutiques, Búcolo, Liceto, Tebro, Hipótoo, Êurito, Hipocoristes, Alcino, Álcón. Hipocoonte, juntamente com seus filhos, expulsou Icário e Tíndaro da Lacedemônia<sup>144</sup>; estes se refugiaram junto a Téstio e aliaram-se a ele na guerra que mantinha contra seus vizinhos; e Tíndaro desposou Leda, a filha de Téstio. Posteriormente, quando Hércules matou Hipocoonte e seus filhos, eles retornaram, e Tíndaro assumiu o reino.

De Icário e Peribeia<sup>145</sup>, uma ninfa náíade, nasceram Toas, Damasipo, Imeusimo, Aletes e Perileu, e uma filha, Penélope, que se tornou esposa de Odisseu<sup>146</sup>. De Tíndaro e Leda nasceram Timandra, que foi esposada por Equemo; Clitemnestra, que se casou com Agamêmnon, e ainda Filônoe, que Ártemis tornou imortal. Zeus, tendo assumido a forma de um cisne, uniu-se em amor com Leda na mesma noite que Tíndaro, e assim, Polideuces e Helena foram gerados por Zeus, e Cástor e Clitemnestra por Tíndaro<sup>147</sup>. No entanto, alguns dizem que Helena era filha de Zeus e Nêmesis, pois esta, para escapar ao assédio de Zeus, havia se metamorfoseado em ganso, mas Zeus se transformou em cisne e se uniu a Nêmesis; como fruto desta união amorosa, Nêmesis pôs um ovo; um pastor o encontrou no bosque e o levou para entregá-lo a Leda; e ela o pôs numa arca para guardá-lo. No tempo conveniente, nasceu Helena, que Leda criou como sua própria filha<sup>148</sup>. E quando ela se tornou uma mulher de extraordinária beleza, Teseu a raptou e a levou para Afidnas. Enquanto Teseu estava no Hades, Polideuces e Cástor fizeram uma expedição militar contra Afidnas, tomaram a cidade, recuperaram Helena e levaram como cativa a mãe de Teseu, Etra<sup>149</sup>. Então os reis da Hélade se apresentaram em Esparta para obter a mão de Helena em casamento. Os

<sup>141</sup> Conforme DIODORO, IV 71, 1-3, Asclépio era um médico tão competente que fez com que Hades, alarmado com o esvaziamento de seu reino, pedisse socorro a Zeus, que o fulminou. Cf. também PÍNDARO, III 54 e 96; EURÍPIDES, *Alceste* 1 ss.; HIGINO, *Fáb.* 49.

<sup>142</sup> CALÍMACO, *Hino a Apolo* 45 ss., afirma que Apolo esteve a serviço de Admeto, não por um castigo, mas pelo amor que o deus sentia por ele. Os autores divergem com relação ao tempo em que Apolo esteve a serviço de Admeto; o tempo indicado por Apolodoro seria um “ano eterno” como vimos em III 4, 2, que duraria oito anos dos nossos. O escólio a EURÍPIDES, *Alceste* 1, menciona que Apolo não matou os Ciclopes, mas os seus filhos.

<sup>143</sup> Há algumas divergências na tradição mitográfica com relação a estas genealogias; cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 5, onde se afirma que Periere é filho de Cinorta e pai de Afareu, Leucipo, Tíndaro e Icário. Cf. PAUSÂNIAS, II 21, 7; III 1, 3-4; IV 2; 2, 4. Quanto a Tíndaro, às vezes aparece como filho de Ébalo, outras de Periere ou de Cinorta.

<sup>144</sup> Conforme o escólio a *Ilíada* II, 581 e escólio a EURÍPIDES, *Orestes* 457, Icário colaborou com Hipocoonte na expulsão de seu irmão Tíndaro de Esparta. Cf. também DIODORO, IV 33, 5; PAUSÂNIAS, II 18, 7; III 1, 4-5; 21, 4.

<sup>145</sup> O escólio a *Odisseia* XV 16 afirma que a esposa de Icário chamava-se Dóroque, filha de Ortíloco, mas menciona que, segundo a versão de Ferécides, seu nome era Asteródia, filha de Eurípilo.

<sup>146</sup> Segundo PAUSÂNIAS, III 12, 1, Odisseu obteve sua mão em casamento ao vencer uma corrida. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 9, 2; *Epít.* 2, 5.

<sup>147</sup> Cf. EURÍPIDES, *Helena* 16 ss.; LUCIANO, *Diálogo dos deuses* XX 14; HIGINO, *Fáb.* 77; *Astr.* II 8; PAUSÂNIAS, III 16, 1. Segundo o PRIMEIRO MITÓGRAFO VATICANO, 78, Cástor, Polideuces e Helena procediam de um único ovo; contudo, a mesma fonte, 204, afirma que Leda pôs dois ovos e que de um nasceram Cástor e Polideuces e de outro, Helena e Clitemnestra.

<sup>148</sup> ERATÓSTENES, *Catast.* 25; PAUSÂNIAS, I 17, 5; 41, 3; II 22, 3; HIGINO, *Fáb.* 79.

<sup>149</sup> Cf. *Epítome* 1, 23; DIODORO, IV 63, 2-5; PAUSÂNIAS, I 17, 5; 41, 3; II 22, 3; HIGINO, *Fáb.* 79; PLUTARCO, *Teseu* 31 ss.

pretendentes eram os seguintes<sup>150</sup>: Odisseu, filho de Laertes; Diomedes, filho de Tideu; Antíloco, filho de Nestor; Agapénor, filho de Anceu; Estênelo, filho de Capaneu; Anfímaco, filho de Ctéato; Tálpio, filho de Êurito; Meges, filho de Fileu; Anfíloco, filho de Anfiarau; Menesteu, filho de Peteu; Esquédio e Epístrofo, filhos de Ífito; Políxeno, filho de Agástenes; Peneleu, filho de Hipálcimo; Lito, filho de Aléctor; Ájax, filho de Oileu; Ascálafo e Iálmeno, filhos de Ares; Elefénor, filho de Calcodonte; Eumelo, filho de Admeto; Polipetes, filho de Pirítoo; Leonteu, filho de Corono; Podalírio e Macáon, filhos de Asclépio; Filoctetes, filho de Peante; Eurípilo, filho de Evémon; Protesilau, filho de Íficles; Menelau, filho de Atreu; Ájax e Teucro, filhos de Télamon; e Pátroclo, filho de Menécio. Ao ver a multidão destes, Tíndaro receou que, se escolhesse um, o restante se revoltaria; mas Odisseu prometeu que, se ele lhe ajudasse a obter a mão de Penélope em casamento, ele sugeriria um modo pelo qual não ocorreria uma sublevação. E quando Tíndaro prometeu-lhe ajudar, Odisseu disse-lhe que fizesse todos os pretendentes jurar que prestariam seu auxílio, se o escolhido como noivo fosse ultrajado por algum outro, com referência ao seu casamento. Após ouvir isto, Tíndaro fez com que os pretendentes jurassem<sup>151</sup> e ele mesmo escolheu Menelau como noivo, ao mesmo tempo em que pedia a Icário a mão de Penélope para Odisseu.

### *Filhos de Menelau*

Menelau teve, com Helena, uma filha, Hermíone<sup>152</sup> e, segundo alguns, um filho, Nicóstrato<sup>153</sup>; da escrava Piéríde, de origem etólia, ou, conforme afirma Acusilau, de Tereide<sup>154</sup>, teve Megapentes, e da ninfa Cnósia, segundo Eumelo, teve Xenódamo.

### *Cástor e Polideuces*

Dos filhos nascidos de Leda, Cástor se dedicava à arte da guerra e Polideuces ao pugilismo<sup>155</sup>, e por sua coragem viril, ambos foram chamados de Dióscuros<sup>156</sup>. Desejando se casar com as filhas de Leucipo, raptaram-nas e tornaram-nas suas esposas<sup>157</sup>. De Polideuces e Febe nasceu Mnesilau, e de Cástor e Hilera, Anógon. Juntamente com os filhos de Afareu, Idas e Linceu, levaram um butim de vacas da Arcádia e permitiram que Idas as repartisse. Este cortou a vaca em quatro partes e disse que a metade do butim seria do primeiro que conseguisse devorar sua parte, e o restante, do segundo. Idas foi o primeiro a devorar sua porção, e também a de seu irmão, e juntamente com ele levou o butim para Messênia. Mas os Dióscuros marcharam contra a Messênia e arrebataram-lhes aquele butim e muito mais, e armaram uma emboscada para Idas e Linceu. Este, porém, viu Cástor e avisou Idas, que o matou. Polideuces os perseguiu e matou Linceu, atirando-lhe a lança, mas enquanto perseguia Idas foi atingido na cabeça por uma pedra lançada por este e caiu desfalecido. Então Zeus fulminou Idas e conduziu Polideuces ao céu. No entanto, como Polideuces

<sup>150</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 81; HESÍODO, *Fragm.* 196, 197, 198, 199, 200, 202 e 204.

<sup>151</sup> Cf. PAUSÂNIAS, III 20, 9; EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulide* 57 ss.; HIGINO, *Fáb.* 78; TUCÍDIDES. I 9. Segundo Pausânias, Tíndaro fez os pretendentes jurarem sobre as partes de um cavalo. De acordo com Eurípides e Hígino, Tíndaro deixou que sua filha escolhesse.

<sup>152</sup> HOMERO, *Odisseia* IV 12-14 e *Ilíada* III 174-175, afirma que Helena teve apenas uma filha, Hermíone; no entanto, DICTIS, *Guerra de Troia* V 5, relata que ela teve mais três filhos de Páris: Búnomo, Corinto (ou Córito) e Ideu; por último PAUSÂNIAS II 22 6-7, afirma que Ifigênia era filha de Helena e Teseu, mas que a fizeram passar por filha de Clitemnestra.

<sup>153</sup> Cf. HESÍODO, *Fragmento* 175.

<sup>154</sup> Cf. *Odisseia* IV 10-12. O escoliasta da *Odisseia* IV 11, menciona que Helena teve de Páris um filho, Córito.

<sup>155</sup> Cf. *Ilíada* III 237; *Odisseia* IX 300.

<sup>156</sup> Isto é, “filhos de Zeus”. Para etimologia do nome e estudo das divindades, cf. Cf. CABRAL, L. A. M., *Os Hinos Homéricos*, Odysseus Editora, São Paulo, 2011.

<sup>157</sup> Segundo TEÓCRITO (XXII 137-211), HIGINO, *Fáb.* 80; OVÍDIO, *Fastos* V 699-714, escólio a PÍNDARO, *Nem.* X 112, escólio a *Ilíada* III 243 e escólio a LICOFRON, 547, as Leucípides (as filhas de Leucipo) iam se casar com Idas e Linceu, filhos de Afareu, casamento ao qual os Dióscuros haviam sido convidados; mas estes as raptaram, e ao serem perseguidos por Idas e Linceu, lutaram contra eles e Cástor foi morto por Linceu, que por sua vez foi morto por Polideuces. Zeus fulminou Idas com um raio.

recusava-se a aceitar a imortalidade enquanto Cástor permanecesse morto, Zeus concedeu a ambos viver um dia entre os deuses e outro entre os mortais<sup>158</sup>. E quando os Dióscuros foram trasladados para os deuses, Tíndaro mandou chamar Menelau a Esparta e entregou-lhe o reino.

### *Descendentes de Electra*

De Electra, filha de Atlas, e de Zeus nasceram Iásion e Dárdano. Iásion se apaixonou por Deméter e foi fulminado por um raio por ter pretendido violentar a deusa<sup>159</sup>. Dárdano, afligido pela morte de seu irmão, abandonou a Samotrácia e dirigiu-se ao continente em frente. Ali reinava Teucro, filho do rio Escamandro e da Ninfa Ideia, por quem os habitantes do país foram denominados teucros. Tendo sido acolhido pelo rei e obtido uma parte do território e a filha deste, Batia, fundou a cidade de Dárdano, e após a morte de Teucro, denominou toda a região de Dardânia<sup>160</sup>. Teve dois filhos, Ilo e Erictônio. Ilo morreu sem filhos, e Erictônio herdou o reino e desposou Astíoque, filha de Simoente, que lhe gerou Trós. Quando este ocupou o trono, chamou a região de Troia, a partir do próprio nome, e desposou Calírooe, filha de Escamandro, que lhe gerou uma filha, Cleópatra, e filhos, Ilo, Assáraco e Ganimedes. A este último, por causa de sua beleza, Zeus o raptou por meio de uma águia e o estabeleceu no céu como escansão dos deuses<sup>161</sup>. De Assáraco e de Hieromneme, filha de Simoente, nasceu um filho, Cápis, e deste e de Temiste, filha de Ilo, nasceu Anquises<sup>162</sup>, com quem Afrodite, tendo se unido por desejo amoroso, gerou Eneias e Liro, que morreu sem filhos.

### *Ilo funda Troia e recebe o Paládio*

Ilo foi à Frígia e aí se deparando com uma competição instituída pelo rei, sagrou-se vencedor na luta, recebendo, como prêmio, cinquenta rapazes e igual número de moças, e o rei, de acordo com um oráculo, deu-lhe também uma vaca malhada, e tendo lhe dito que fundasse uma cidade no local em que vaca baixasse ao solo, Ilo se pôs a segui-la. E quando chegou à colina chamada Ate, na Frígia, a vaca baixou ao solo. Aí Ilo fundou uma cidade e a chamou de Ílion<sup>163</sup>; como havia suplicado a Zeus que lhe mostrasse algum sinal, já de dia contemplou o Paládio, que, caído do céu, estava diante de sua tenda; tinha três côvados de comprimento, com os pés juntos, em sua mão direita mantinha uma lança erguida e na outra uma roca e um fuso<sup>164</sup>.

<sup>158</sup> Cf. *Odisseia* XI 298-304; PÍNDARO, *Nem.* X 55 ss. e 75 ss., id. *Pft.* XI 93-96; LUCIANO, *Diálogo dos deuses* XXVI; VIRGÍLIO, *Eneida* VI 121 ss.; HIGINO, *Fáb.* 80; *Astr.* II 22.

<sup>159</sup> HOMERO, *Odisseia* V 125-128, menciona que Deméter, enamorada por Iásion, uniu-se a ele num terreno semeado e por isso Zeus o fulminou. HESÍODO, *Teogonia* 969-974, afirma que desse amor nasceu Pluto (“a Riqueza”). Em HIGINO, *Fáb.* 270 (v. também *Astr.* II 4), são dois os filhos nascidos dessa união: Pluto e Filomelo, rico o primeiro e pobre o segundo, além de ser o inventor do arado. Cf. também DIODORO, V 77, 1.

<sup>160</sup> Em VIRGÍLIO, *Eneida* III 163-168, Dárdano é de origem latina, e na *Ilíada* XX 214-241 sua descendência é mencionada até Eneias. Sobre sua viagem, CÓNON, *Narrativas* 21, afirma que cruzou o mar numa balsa porque ainda não se conheciam as naus, e DIODORO V 48, 3, diz que foi o primeiro homem que chegou à Ásia por mar. Segundo Estevão de Bizâncio, Batia, esposa de Dárdano, era filha de Teucro, não de Trós.

<sup>161</sup> Os primeiros testemunhos como a *Ilíada* XX 232-235 e o *Hino Homérico a Afrodite* (V) 202-206 não mencionam a águia. Esta aparece em versões mais tardias do mito VIRGÍLIO, *Eneida* V 252-257; OVÍDIO, *Met.* X 157-161; LUCIANO, *Diálogo dos deuses* IV 1; TEÓCRITO XV 124. A *Ilíada* V 265 ss. menciona que Zeus recompensou Trós com cavalos magníficos, mas na *Pequena Ilíada*, fragmentos 6<sup>a</sup> e 6B, Ganimedes aparece como filho de Laomedonte, que recebe como recompensa uma vinha de ouro, obra de Hefesto. Cf. II 5, 9.

<sup>162</sup> Cf. HOMERO, *Ilíada* II 819-821; V 311-313; XX 239 ss.; DIODORO, IV 75, 5; HESÍODO, *Teog.* 1008-1010.

<sup>163</sup> A fundação de Tebas (cf. PSEUDO APOLODORO III 4, 1) também ocorreu por meio de um oráculo semelhante.

<sup>164</sup> A tradição mais difundida do Paládio afirmava que se tratava de uma pequena estátua de madeira, caída do céu, e que, enquanto permanecesse em Troia, a cidade não seria tomada. Segundo os helenos, cf. PSEUDO APOLODORO, *Epít.* 5, 10 e 13, Odisseu e Diomedes se apoderaram do Paládio e o levaram ao acampamento grego. Na versão romana, por sua vez, a imagem havia permanecido em Troia, após sua conquista, e Eneias conseguiu salvá-la, levando-a com ele para a Itália, onde finalmente foi depositada no templo de Vesta, em Roma. Cf. PAUSÂNIAS, I 28, 9; II 23, 5; CÓNON, *Narr.* 34; VIRGÍLIO, *Eneida* II 162 ss.; OVÍDIO, *Met.* XIII 337-349; DIONISO DE HALICARNASO, I 68 ss. Ainda que Ilo descubra o Paládio agora, ele já havia caído muito antes, como é narrado mais adiante.

## Origem do Paládio

A história acerca do Paládio é a seguinte: dizem que quando Atena nasceu, foi criada por Trítón, que tinha uma filha, Palas. Ambas se exercitavam nas artes da guerra e certa vez se envolveram em uma disputa. Quando Palas estava a ponto de golpear Atena, Zeus, temeroso, interpôs a égide, e Palas, assustada, olhou para cima e, deste modo, caiu ferida por Atena. Então, Atena, que sentia uma imensa mágoa por sua causa, confeccionou uma estátua de madeira semelhante a Palas, colocou em torno de seu peito a égide que ela havia temido, e erigindo-a junto de Zeus, venerou-a. Mais tarde, Electra<sup>165</sup>, no momento de sua violação, buscou refúgio junto à estátua, e Zeus arrojou o Paládio juntamente com Ate à região de Ílion<sup>166</sup>; e Ilo construiu um templo para ele e o venerou. Isto é o que se conta a respeito do Paládio.

### *Laomedonte e seus filhos. Titono raptado por Éos (Aurora)*

Ilo desposou Eurídice, filha de Adrasto, e gerou Laomedonte, que se casou com Estrimo, filha de Escamandro; no entanto, segundo uns, casou-se com Plácia, filha de Otreu, segundo outros, com Leucipe, e procriou filhos<sup>167</sup>, Titono, Lampo, Clítio, Hicetáon e Podarces, e filhas, Hesíone, Cila e Astíoque; e da Ninfa Cálibe teve um filho, Bucolión.

Éos, tendo raptado Titono por amor, levou-o para Etiópia e aí se uniu a ele e gerou dois filhos, Emátion e Mêmnon<sup>168</sup>.

### *Filhos de Príamo*

Depois que Ílion foi conquistada por Hércules, como havíamos dito um pouco antes<sup>169</sup>, Podarces, denominado Príamo, passou a reinar. Este desposou primeiro Arisbe, filha de Mérope, com a qual ele teve um filho, Ésaco, que desposou Astérope, filha de Cébren, e quando ela morreu, Ésaco a pranteou e depois foi transformado em pássaro<sup>170</sup>. Porém Príamo cedeu Arisbe a Hírtaco e tomou, como sua segunda esposa, Hécabe, a filha de Dimante, ou como afirmam alguns, de Cisseu, ou como dizem outros, do rio Sangário e de Métope<sup>171</sup>. Com ela teve primeiro Heitor; e quando o segundo filho estava prestes a nascer, Hécabe pensou em sonhos que estava dando à luz a uma tocha incandescente e que esta se alastrava por toda a cidade e a queimava. Ao ficar sabendo deste sonho por Hécabe, Príamo mandou chamar Ésaco, pois ele era um intérprete de sonhos, tendo sido instruído por seu avô materno, Mérope. Ele disse que a criança seria a ruína de sua pátria e o exortou a expor o bebê<sup>172</sup>. Quando nasceu o bebê, Príamo entregou-o a um servo para que o levasse

<sup>165</sup> Trata-se de uma das Pléiades, cf. PSEUDO APOLODORO, III 12, 1.

<sup>166</sup> Ate é a personificação do erro, que por ter enganado Zeus, foi expulsa do Olimpo; cf. *Ilíada* XIX 126 ss. Para FRAZER, II p. 42, Heyne provavelmente estava certo em considerar *met'Átes kai* como uma interpolação introduzida por um escriba que se lembrou de que Ate foi lançada do céu por Zeus (HOMERO, *Ilíada* XIX 131 ss.).

<sup>167</sup> HOMERO, *Ilíada* XX 237-238, não menciona nem as filhas nem a esposa de Laomedonte, em VI 23 ss., afirma que Bucolión era o maior, ainda que ilegítimo. Segundo o escólio a LICOFRON 18, Príamo e Titono eram filhos de mães diferentes; Príamo, de Leucipe, e Titono, de Estrimo ou Reo, filha de Escamandro.

<sup>168</sup> Cf. *Hino Homérico a Afrodite* (V) 218-238; Éos ("a Aurora") pediu a Zeus a imortalidade para Titono, porém se esqueceu de pedir também a juventude eterna, e deste modo Titono envelheceu tanto que Éos encerrou-o em um quarto de onde sua voz fluiu sem cessar. No escólio a *Ilíada* XI 1, Titono terminou por ser metamorfoseado em cigarra. Segundo OVÍDIO, *Amores*, I 13, 35-38, a Aurora madruga para distanciar-se de Titono, por causa de sua velhice. Já PROPÉRCIO, II 18, 7-18, menciona que Aurora não deixou de amá-lo e acompanhá-lo ao leito.

<sup>169</sup> PSEUDO APOLODORO, II 6, 4.

<sup>170</sup> Segundo OVÍDIO, *Met.* XI, 749-795, é transformado em um mergulhão, e atribui-se-lhe como sua mãe Alexírore, filha do rio Granico.

<sup>171</sup> De acordo com EURÍPIDES, *Hécabe* 3, e VIRGÍLIO, *Eneida* VII 320; X 705, seu pai era Cisseu, mas segundo HOMERO, *Ilíada* XVI 718-9, era filha de Dimante, que vivia na Frígia, unto ao rio Sangário. Cf. também HIGINO, *Fáb.* 91, 111 e 249.

<sup>172</sup> Em EURÍPIDES, *Andrômaca* 296 ss. é Cassandra quem aconselha que se mate a criança. Cf. também HIGINO, *Fáb.* 91; EURÍPIDES, *Troianas* 919 ss. VIRGÍLIO, *Eneida* VII 319 ss.; CÍCERO, *Sobre a adivinhação* I 21, 42.

dali e o expusesse no Ida; o servo chamava-se Agelau. Abandonado por este, o menino foi alimentado durante cinco dias por uma urso; quando Agelau o encontrou a salvo, recolheu-o e, levando-o a suas terras, criou-o como seu próprio filho e deu-lhe o nome de Páris. Quando chegou, porém, à adolescência, Páris superava muitos em beleza e força, e recebeu o sobrenome de Alexandre<sup>173</sup> por repelir os ladrões e proteger os rebanhos. Não muito tempo depois, reencontrou-se com seus pais.

Depois dele, Hécabe deu à luz filhas, Creúsa, Laódice, Políxena e Cassandra; desejando se unir a esta, Apolo prometeu-lhe ensinar a arte da adivinhação, mas depois que ela aprendeu a arte, recusou-se a se unir a ele, razão pela qual Apolo lhe suprimiu o poder de persuadir de suas profecias<sup>174</sup>. Posteriormente, Hécabe deu à luz filhos, Deífobo, Heleno, Pámon, Polites, Ântifo, Hipônoo, Polidoro e Troilo; diz-se que este foi gerado por Apolo.

Príamo teve também filhos de outras mulheres<sup>175</sup>: Melanipo, Gorgitíon, Filémon, Hipótoo, Glauco, Ágaton, Quersidamante, Evágoras, Hipodamante, Mestor, Atas, Dóriclo, Licáon, Dríope, Bias, Crômio, Astígono, Telestes, Evandro, Cébrion, Mílio, Arquêmaco, Laódoco, Équefron, Idomeneu, Hipérion, Ascânio, Democoonte, Areto, Diopites, Clônio, Equémon, Hipéroco, Egeoneu, Lisítoo, Polimedonte; e filhas: Medusa, Medesicaste, Lisímaca e Aristodeme.

Heitor desposou Andrômaca, filha de Eécion, e Alexandre desposou Enone<sup>176</sup>, filha do rio Cébren, que tendo aprendido de Reia a arte da adivinhação, preveniu Alexandre para que não navegasse em busca de Helena; como não conseguiu persuadi-lo, disse-lhe que, caso fosse ferido, voltasse até ela, pois era a única que poderia curá-lo. Tendo raptado Helena de Esparta durante o assédio de Troia, Alexandre foi alvejado por Filoctetes com o arco de Hércules e retornou ao Ida para junto de Enone, mas esta, tomada de rancor, negou-se a curá-lo. Então Alexandre retornou a Troia e morreu, mas Enone, que havia se arrependido, trouxera o remédio para curá-lo, e quando o encontrou morto, enforcou-se.

#### DESCENDÊNCIA DE ASOPO

##### *Egina e Éaco. Filhos de Éaco*

O rio Asopo<sup>177</sup> era filho de Oceano e Tétis, ou de Pero e Posídon, conforme diz Acusilau, ou de Zeus e Eurínome, segundo outros. Com ele havia se casado Métope, que era filha do rio Ládôn, e gerou dois filhos, Ismeno e Pelagonte, e vinte filhas, uma das quais, Egina, Zeus raptou. Em sua busca Asopo chegou a Corinto e ficou sabendo por Sísifo que o raptor fora Zeus<sup>178</sup>. Este lançou seus raios contra Asopo, que o estava perseguindo, e o fez regressar à sua foz, por isso, mesmo hoje em dia, suas correntezas transportam carvões. Zeus levou Egina para a ilha que então se chamava Enone e que atualmente recebe o nome de Egina por sua causa, e tendo se unido a ela, gerou um

<sup>173</sup> Apolodoro deriva seu nome a partir do verbo *alégo*, “defender” e do substantivo *anér*, *andrós*, “homem”.

<sup>174</sup> De acordo com SÉRVIO, *Comentários a Eneida* II 247, Apolo privou as profecias de Cassandra da credibilidade ao cuspir-lhe na boca. Segundo o Escólio a *Ilíada* VII 44, por ocasião da comemoração do aniversário dos gêmeos Cassandra e Heleno, no templo de Apolo Timbreu, foram ambos esquecidos e acabaram permanecendo toda a noite no seu interior. No dia seguinte, quando foram buscá-los, encontraram umas serpentes lambendo-lhes os ouvidos (como havíamos visto com o adivinho Melampo, PSEUDO APOLODORO I 9, 11), e foi deste modo que eles adquiriram o dom da profecia. Cf. ÉSQUILO, *Agamêmnon* 1202-1212; HIGINO, *Fáb.* 93.

<sup>175</sup> A tradição atribui a Príamo cinquenta filhos, número que não corresponde com exatidão às listas apresentadas pelos diversos autores. A lista de Apolodoro é a mais completa, perfazendo quarenta e sete nomes. Se lhe acrescentarmos os nomes de Antifonte e Dio, mencionados na *Ilíada*, e o de Áxio, citado por Pausânias, de acordo com a *Pequena Ilíada*, obteremos um total de cinquenta, conforme a tradição, cf. Grimal, p. 394.

<sup>176</sup> Para os amores de Páris e Enone e seu trágico desfecho, cf. CÓNON, *Narrativas* 23; OVÍDIO, *Her.* V; PARTÊNIO, *Narrat.* 4.

<sup>177</sup> Cf. DIODORO, IV 72, 1-5; PAUSÂNIAS, II R 1-2; V 22, 6.

<sup>178</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 3; PAUSÂNIAS, II 5, 1.

filho, Éaco<sup>179</sup>. Como este estava sozinho na ilha, Zeus transformou-lhe as formigas em homens<sup>180</sup>. Éaco se casou com Endeis<sup>181</sup>, filha de Círon, e dela lhe nasceram Peleu e Télamon. Todavia, Ferécides afirma que Télamon era amigo e não irmão de Peleu, mas filho de Actéon e Glauce, filha de Cicreu. Posteriormente, Éaco uniu-se a Psâmata, filha de Nereu, que havia se transformado em foca, já que não desejava essa união, e gerou um filho, Foco<sup>182</sup>.

Éaco era o mais piedoso de todos os homens. Por isso quando a esterilidade se apossou da Hélade por causa de Pélope, uma vez que, na guerra contra Estínfalo, rei dos arcádios, como não pudesse conquistar a Arcádia, fingindo ser seu amigo, matou o rei e dispersou seus membros em pedaços -, os oráculos declararam que a Hélade se livraria das calamidades que a afligiam se Éaco orasse por ela. Então Éaco assim o fez e Hélade ficou livre da esterilidade<sup>183</sup>. Após sua morte, Éaco foi honrado também na morada de Plutão e guarda as chaves do Hades<sup>184</sup>.

#### *Morte de Foco e banimento de seus irmãos*

Como Foco se destacava nas competições atléticas, seus irmãos Peleu e Télamon conspiraram contra ele. Tendo lhe cabido por sorte competir com ele, Télamon o matou com um arremesso de disco na cabeça, e com a ajuda de Peleu levou o corpo a um bosque e o ocultou. Mas quando o crime foi descoberto, ambos foram expulsos de Egina por Éaco<sup>185</sup>. Télamon chegou a Salamina ao lado de Cicreu, filho de Posídon e de Salamina, filha de Asopo. Cicreu havia conseguido o trono de Salamina por haver matado uma serpente<sup>186</sup> que devastava a ilha e, ao morrer sem descendência, entregou seu reino a Télamon. Este desposou Peribeia<sup>187</sup>, filha de Alcato, filho de Pélope. Uma vez que Hércules havia orado para que lhe nascesse um filho varão, e que aparecera uma águia depois das preces, chamou seu filho nascido de Ajax<sup>188</sup>. E tendo participado da expedição militar contra Troia ao lado de Hércules, obteve Hesíone, filha de Laomedonte, como prêmio por sua bravura, e dela lhe nasceu Teucro<sup>189</sup>.

#### *Peleu*

Peleu se refugiou na Ftia junto a Eurícion, filho de Áctor, foi purificado por ele e recebeu a mão de sua filha, Antígona, em casamento e uma terça parte de seu reino. Desta lhe nasceu uma

---

<sup>179</sup> Cf. DIODORO, IV 72, 5; PAUSÂNIAS, II 29, 2 ss.; HIGINO, *Fáb.* 52; PÍNDARO, *Nem.* IV 16; VIII 7; VIII 21; *Ístm.* V 34; OVÍDIO, *Met.* VII, 472 ss.

<sup>180</sup> Estes homens seriam os mirmídonos, nome formado etimologicamente a partir de *mýrmex*, “formiga”. Cf. OVÍDIO, *Met.* VII 614-657; HIGINO, *Fáb.* 52; ESTRABON, VIII 6, 16; HESÍODO, *Fr.* 205.

<sup>181</sup> Cf. PAUSÂNIAS II 29, 9; PLUTARCO, *Teseu* 10; HIGINO, *Fáb.* 14. Às vezes, Endeis aparece como filha de Quíron.

<sup>182</sup> Cf. HESÍODO, *Teogonia* 1003; PÍNDARO, *Nem.* V 12. Os filhos de Foco estabeleceram-se na Fócida e outorgaram seu nome à região, cf. PAUSÂNIAS, II 29, 2; X, 1, I; X 30, 4.

<sup>183</sup> Cf. DIODORO, IV 61, 1, narra que depois que os atenienses assassinaram Androgeu, filho de Minos, este suplicou a Zeus que enviasse enfermidades e fome a Atenas. Cf. também PAUSÂNIAS, II 29, 7

<sup>184</sup> Éaco auxilia Plutão e Perséfone no Hades, cf. ISÓCRATES, *Evágoras* 15, e juntamente com Minos e Radamante, julga os mortos, cf. PLATÃO, *Apologia* 41a, procedentes da Ásia, cf. PLATÃO, *Górgias* 524a. Cf. também LUCIANO, *Diálogo dos mortos* XX 1.

<sup>185</sup> Cf. DIODORO, IV 72, 6-7; PAUSÂNIAS, II 29, 9 ss.; ANTONINO LIBERAL, *Transformações* 38; HIGINO, *Fáb.* 14; OVÍDIO, *Met.* XI 266 ss.

<sup>186</sup> De acordo com uma versão atribuída a Hesíodo, cf. *Escólio a Licofron* 175, esta serpente havia sido criada por Cicreu e foi Euríloco que a expulsou de Salamina. Posteriormente, foi acolhida por Deméter em Elêusis. Outras versões afirmam que se tratava de um homem assim denominado, que foi expulso da ilha por seu caráter perverso. Cicreu era venerado como herói em Salamina e Atenas, cf. PLUTARCO, *Sólón* 9 e *Teseu* 10, cf. também DIODORO, IV 72, 4.

<sup>187</sup> DIODORO, IV 72, 7, afirma que Télamon casou-se primeiramente com Glauce, filha de Cicreu, e que após a morte desta, com Eribeia, filha de Alcáto. PÍNDARO, *Ístm.* VI 45, também cita Eribeia como esposa de Télamon.

<sup>188</sup> PÍNDARO, *Ístm.* VI 45, deriva o nome de Ajax a partir de *aietós*, “águia”.

<sup>189</sup> HOMERO, *Iliada* VIII 283-284, chama Teucro de “bastardo”. As fontes mitográficas não são suficientemente explícitas se foi Télamon ou seu irmão Peleu quem acompanhou Hércules a Troia; EURÍPIDES, nas *Troianas* 804, menciona Télamon, mas em *Andrômaca* 706, é Peleu quem participa da expedição.

filha, Polidora<sup>190</sup>, que Boro, filho de Perieres, tomou como esposa. Tendo partido daí em companhia de Eurícion para a caçada ao javali de Cálidon, ao arremessar uma lança contra o javali, atingiu Eurícion e o matou involuntariamente. Ao fugir novamente da Ftia, chegou junto de Acasto, em Iolco e foi purificado por ele<sup>191</sup>. Nos jogos celebrados em honra de Pélias, competiu na luta livre com Atalanta<sup>192</sup>. Astidâmia, a esposa de Acasto<sup>193</sup>, apaixonada por Peleu, enviou-lhe uma proposta para um encontro amoroso. Como não conseguiu persuadi-lo, fez chegar à sua mulher a notícia de que Peleu estava prestes a se casar com Estéroepe, filha de Acasto; ao ouvir isso, a esposa de Peleu se enforcou. E a mulher de Acasto acusou Peleu em falso diante de seu marido, alegando que ele havia tentado fazer amor com ela. Ao ouvir isso, Acasto não quis matar o homem que ele havia purificado, porém o conduziu a uma caçada no Pélion. Aí surgiu uma disputa a propósito da caçada e Peleu, cortando as línguas dos animais que havia abatido, colocou-as em sua sacola, mas os companheiros de Acasto guardaram suas presas e zombavam de Peleu, supondo que ele não havia caçado nada; no entanto, ele lhes mostrou as línguas e disse que havia caçado tantos animais quanto as línguas que possuía. Enquanto Peleu estava dormindo no Pélion, Acasto o abandonou, e depois de ter ocultado a espada dele no esterco das vacas, retornou<sup>194</sup>. Ao acordar, enquanto procurava sua espada, foi tomado de assalto pelos Centauros e esteve a ponto de morrer, mas foi salvo por Quíron, que, além disso, procurou sua espada e lha restituiu<sup>195</sup>.

### *As núpcias de Peleu e Tétis*

Peleu desposou Polidora, filha de Perieres, da qual lhe nasceu Menéstio, filho putativo, pois na realidade era filho do rio Esperqueio. Mais tarde desposou Tétis, filha de Nereu. Zeus e Posídon haviam se rivalizado para desposá-la, mas quando Têmis vaticinou que o filho que nascesse dela seria mais forte que seu pai, desistiram<sup>196</sup>. No entanto, alguns afirmam que, quando Zeus ia se unir a Tétis, Prometeu disse-lhe que o filho que teria com ela reinaria no céu<sup>197</sup>; outros, por sua vez, dizem que Tétis não quis se unir a Zeus por haver sido criada por Hera, e que Zeus, indignado, determinou que ela convivesse com um mortal<sup>198</sup>. Então, a conselho de Quíron, Peleu agarrou-a e segurou-a enquanto ela se metamorfoseava, observando-a, e a manteve presa mesmo quando se transformava ora em fogo, ora em água, ora em fera, e não a soltou até que a viu recuperar sua forma primitiva<sup>199</sup>. Peleu se casou com Tétis no Pélion e aí os deuses celebraram as núpcias com banquetes e cantos. Quíron presenteou Peleu com uma lança de freixo, e Posídon, com os cavalos Bálío e Xanto, que eram imortais<sup>200</sup>.

<sup>190</sup> Segundo HOMERO, *Iliada* XVI 1173-1178, Polidora era filha de Peleu e teve um filho do rio Esperqueio, Menéstio, que foi adotado pelo seu esposo, Boro. No entanto, o próprio APOLODORO, III 13, 4, afirma que Peleu esposou Polidora, filha de Periere. Quanto à mãe de Polidora, ora é identificada como Antígona, filha de Eurícion, ora como Eurídice, filha de Áctor, cf. *Escol. Iliada* (loc. cit.).

<sup>191</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 2.

<sup>192</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 9, 2.

<sup>193</sup> Em PÍNDARO, *Nem.* IV 5, é Hipólita, ou Hipólita Creteide (*Nem.* IV 56).

<sup>194</sup> cf. HESÍODO, *Fr.* 209

<sup>195</sup> Cf. HOMERO, *Iliada* XVIII 83 ss. e 432 ss.; PÍNDARO, *Ístmicas* IV 61 ss. EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulis*, 701 ss. e 1036 ss,

<sup>196</sup> Cf. PÍNDARO, *Ístmicas* VIII 30 ss.; APOLÔNIO DE RODES, IV 800-804; OVÍDIO, *Metamorfozes* XI 217 ss. Também em Píndaro é a titânide Têmis que faz a profecia e lhes aconselha a casar Tétis com um mortal; em Ovídio é Proteu quem proclama o oráculo.

<sup>197</sup> Segundo HIGINO, *Fáb.* 54, Zeus libertou Prometeu por ele ter-lhe advertido das consequências de se unir a Tétis; cf. ÉSQUILO, *Prometeu* 908 ss.; HIGINO, *Astr.* II 15.

<sup>198</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 793 SS.; HESÍODO, *Fr.* 210

<sup>199</sup> Por ser uma divindade marinha, como Nereu ou Proteu, Tétis possuía o dom de assumir todas as formas que desejasse. Servindo-se desta faculdade, metamorfoseou-se sucessivamente em fogo, água, vento, árvore, pássaro, tigre, leão, serpente e finalmente em siba (um molusco). Cf. PÍNDARO, *Nem.* IV 62 ss.; PAUSÂNIAS V 18, 5; OVÍDIO, *Met.* XI 235 ss.

<sup>200</sup> Sobre a participação dos deuses nas núpcias e seus presentes, cf. *Iliada* XVI 866-7, XVII 443-4, XXIV 62-3; APOLÔNIO DE RODES, IV 807-8; PÍNDARO, *Pit.* III 89-95, e CATULO, 64. Os cavalos dados por Posídon serão os que Aquiles levará para Troia: além de imortais, eram também dotados de fala, cf. *Iliada* XIX 404 ss.

Quando Tétis deu à luz um filho de Peleu, desejando torná-lo imortal, ocultava-o à noite, às escondidas de Peleu, entre o fogo, para destruir-lhe a parte mortal proveniente de seu pai, e de dia, o ungia com ambrosia<sup>201</sup>. Mas Peleu, que a espreitava, ao ver a criança agitando-se convulsivamente sobre o fogo, gritou; e Tétis, impedida de levar a cabo seu projeto, abandonou seu filho ainda pequeno e partiu para junto das Nereidas<sup>202</sup>. Peleu levou seu filho a Quíron, que o acolheu e o criou com entranhas de leões e javalis e medula de ursos, e lhe deu o nome de Aquiles – antes, seu nome era Lígiron –, porque seus lábios não se aproximaram de seios<sup>203</sup>.

Depois disso, Peleu, juntamente com Jasão e os Dióscuros, arrasou Iolco, matou Astidâmia, a mulher de Acasto, e tendo esquartejado seus membros, fez com que o exército passasse entre eles em direção à cidade<sup>204</sup>.

Quando Aquiles completou nove anos, uma vez que Calcas havia declarado que Troia não poderia ser tomada sem ele, Tétis, prevendo que ele morreria se participasse da expedição, disfarçou-o de mulher e confiou-o a Licomedes como se fosse uma donzela<sup>205</sup>. Criado ali, se uniu a Deidâmia, filha de Licomedes, e dela lhe nasceu um filho, Pirro, chamado posteriormente de Neoptólemo. Constatada a presença de Aquiles junto a Licomedes, Odisseu saiu à sua procura e descobriu-o pelo som de uma trombeta<sup>206</sup>; e deste modo, Aquiles partiu para Troia.

Acompanhava-lhe o filho de Amíntor, Fênix. Este havia sido cegado por seu pai porque Ftia, concubina de seu pai, o havia acusado em falso de tê-la seduzido. No entanto, Peleu o levou à presença de Quíron, e depois que este lhe restituiu a visão, tornou-o rei dos dólopes<sup>207</sup>.

Acompanhava-lhe também Pátroclo<sup>208</sup>, filho de Menécio e Estênele, filha de Acasto; ou de Periópide, filha de Feres, ou, conforme afirma Filócrates, de Polimela, filha de Peleu. Em Opunte, quando altercavam a propósito de um jogo de dados, Pátroclo matou Clitônimo, filho de Anfidamas, e tendo fugido com seu pai, passou a morar na casa de Peleu e tornou-se amante de Aquiles.

---

<sup>201</sup> Conforme o mito, Tétis teve outros seis filhos antes de Aquiles (que é o sétimo!) e matou todos eles ao tentar torná-los imortais, atirando-os ao fogo ou a um caldeirão de água fervente, às ocultas de Peleu, cf. *Escólio a Licofron* 178; *Escólio a Ilíada* XVI 37. Cf. APOLÔNIO DE RODES, *Argon*. IV 866-879. O mesmo procedimento é realizado por Deméter com Deofonte (cf. I 5, 1). ESTÁCIO, *Aquileida* I 28-270 é o primeiro autor que menciona a invulnerabilidade de Aquiles, com exceção do calcanhar, por sua mãe tê-lo submergido no lago Estige ao nascer.

<sup>202</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES IV 875 ss.; na *Ilíada* I 357 ss. XVIII 35 ss. XXIV 83 ss., encontramos Tétis vivendo com seu pai, Nereu, nas profundezas dos mar.

<sup>203</sup> Ou seja, uma criança que jamais mamou. Apolodoro deriva o nome de Aquiles de *a-* (alfa privativo) e *kheille*, “lábios”.

<sup>204</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 23, 3. Segundo J. G. Frazer (*O Folclore...*, cap. VI, p. 216) é possível que o fato de cortar a mulher em pedaços e fazer passar os soldados entre eles fosse considerado uma forma de purificação, pois existia na Beócia o costume de cortar um cão em duas partes e passar entre os pedaços quando se queria fazer alguma purificação pública. O mesmo rito para purificar os exércitos também era empregado na Macedônia.

<sup>205</sup> Aquiles é ocultado na corte de Licomedes sob o nome de Pirra, Cercisera ou Isa, segundo outros mitógrafos. Entre a profecia de Calcas e o nascimento de Pirro é necessário supor que se passaram vários anos, ao menos uns seis ou sete, uma vez que Aquiles tinha apenas nove anos quando chegou a Esciro. Cf. HIGINO, *Fáb.* 96 e 97; ESTÁCIO, *Aquileida* I 207-885; OVÍDIO, *Met.* XIII 162-170; FILÓSTRATO, *Imagens* 1.

<sup>206</sup> Odisseu consegue descobri-lo graças ao seguinte estratagem: tendo oferecido na corte de Licomedes, disfarçado de mercador, artigos e roupas femininas, misturou entre eles umas armas e ordenou que soasse o clarim de guerra. Aquiles, acreditando que estava ocorrendo um ataque, precipitou-se em direção às armas e, deste modo, revelou sua identidade. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias que tinham por argumento a estadia de Aquiles em Esciro e seu desmascaramento por Odisseu.

<sup>207</sup> HOMERO, *Ilíada* IX 437-484, não menciona a cegueira de Fênix nem a cura de sua visão por Quíron. Segundo Homero, a acusação da concubina era verdadeira, pois Fênix havia sido instigado por sua mãe para que dormisse com ela.

<sup>208</sup> Cf. HOMERO *Ilíada* XI 785 ss.; XIII 84-90; ESTRABON, IX 4, 2; OVÍDIO, *Pônticas* I 3, 73-74.

*Disputa de Atenas e Posídon pelo domínio da Ática*

O autóctone Cécrope, que tinha um corpo híbrido de homem e serpente, foi o primeiro rei da Ática<sup>209</sup>, e a esta terra, que antes era denominada Acte, passou a chamá-la de Cecrópia, a partir de seu próprio nome. Dizem que nesta época os deuses decidiram tomar posse das cidades em que cada qual havia de receber um culto particular<sup>210</sup>. Deste modo, Posídon foi o primeiro a chegar a Ática e, golpeando com seu tridente no meio da Acrópole, fez surgir um mar, que agora o denominam Erecteu<sup>211</sup>. Depois dele chegou Atena, e tendo tomado Cécrope como testemunha de seu apossamento, plantou uma oliveira, que atualmente se mostra no Pandrósion. Ao surgir entre ambos os deuses uma disputa pelo domínio da região, Zeus os separou e lhes designou como árbitros, não Cécrope e Crânao, como disseram alguns, nem tampouco Erisícton, mas os doze deuses<sup>212</sup>. De acordo com o veredito deles, a região foi outorgada a Atena, pois segundo o testemunho de Cécrope, ela havia sido a primeira a plantar a oliveira. Atena, portanto, chamou a cidade de Atenas, a partir de seu próprio nome, enquanto Posídon, indignado em seu íntimo, inundou a planície de Triásion e submergiu a Ática sob o mar.

*Filhos de Cécrope*

Cécrope desposou Agraulo, filha de Acteu e teve um filho, Erisícton, que morreu sem descendência, e filhas, Agraulo, Herse e Pandroso. De Agraulo e Ares nasceu Alcipe; foi esta última que Halirrótio, filho de Posídon e da ninfa Eurite, tentou violentar, porém foi descoberto e morto por Ares. Acusado por Posídon, Ares foi julgado no Areópago e, tendo os doze deuses como juízes, foi absolvido<sup>213</sup>.

De Herse e Hermes nasceu Céfalo<sup>214</sup>; apaixonada por ele, Éos o raptou, e após ter-se unido a ele na Síria, deu à luz um filho, Titono, que foi pai de Fáeton<sup>215</sup>, Fáeton gerou Astínoo, e este, Sândoco, que se trasladou da Síria para Cilícia, fundou a cidade de Celênderis e, após ter

<sup>209</sup> PAUSÂNIAS, I 2, 6, menciona que o primeiro rei da Ática foi Acteu, que foi sucedido por Cécrope por ter-se casado com sua filha Agraulo. HIGINO, *Fáb.* 48, concorda com Apolodoro ao afirmar que Cécrope foi o primeiro rei da Ática.

<sup>210</sup> Sobre a disputa entre Posídon e Atena, v. HERÓDOTO, VIII 55; PAUSÂNIAS, I 24, 5; I 26, 5; PLUTARCO, *Temístocles* 19; OVÍDIO, *Met.* VI 70 ss.; HIGINO, *fáb.* 164. A versão mais extensa do mito, a de que Posídon surgiu um cavalo em vez do mar, aparece somente nas fontes mitográficas latinas, cf. VIRGÍLIO, *Geórgicas*, I 12 ss. Uma versão etiológica do mito é apresentada por Varron (citada por SANTO AGOSTINHO, *A cidade de Deus* XVIII 9): quando surgiram repentinamente na Ática uma oliveira e água, Cécrope consultou o oráculo de Delfos para saber o motivo; o oráculo respondeu que a oliveira era um sinal de Atena, e a água, de Posídon, e que os cidadãos eram quem deveriam decidir qual dos deuses daria o nome à cidade. Realizada a votação, na qual as mulheres também participaram, estas votaram na deusa, e os homens, no deus. Sagrando-se vitoriosa Atena, Posídon, indignado, inundou a Ática, e proibiu as mulheres de votar e que os filhos recebessem o nome da mãe.

<sup>211</sup> Segundo PAUSÂNIAS, *id.*, um poço de água salgada que emite um rumor de ondas quando sopra o vento sul; e acrescenta que é possível ver na rocha a marca de um tridente. Cf. também ESTRABON, IX 1, 16.

<sup>212</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* VI 72.

<sup>213</sup> Areópago significa “colina de Ares”, pelo fato de ter sido este deus o primeiro a ser julgado ali. Cf. EURÍPIDES, *Íon* 1258 ss.; *Ifigênia em Táuride* 945-946; PAUSÂNIAS, I 28, 5.

<sup>214</sup> Em outras passagens (II 4, 7 e III 15, 1), o PSEUDO APOLODORO afirma que Céfalo é filho de Diomedes e Déion, coincidindo, assim, com ANTONINO LIBERAL, *Transformações*, 411. HIGINO o menciona como filho de Déion em duas passagens (*Fáb.* 189 e 270), mas em outra (*Fáb.* 160), diz que ele era filho de Hermes e Creúsa, filha de Erecteu.

<sup>215</sup> Segundo HESÍODO, *Teog.* 986-991, e PAUSÂNIAS, I 3, 1, Fáeton era filho de Céfalo e de Éos (Aurora). No entanto, na maioria dos textos é filho de Hélios (Sol); cf. DIODORO, V 23, 2; HIGINO, *Fáb.* 152 e 156; OVÍDIO, *Met.* II 19 ss.; PAUSÂNIAS, I 4, 1; II 3, 2. Apolodoro omite a célebre história em que Fáeton pede ao Sol que provasse que era seu pai, fazendo com que promettesse, sob juramento, que lhe concederia qualquer que pedisse. O Sol concordou, e então Fáeton pediu-lhe para conduzir o carro com que ele percorria a abóbada celeste por um dia. O Sol tentou dissuadi-lo, mas não conseguiu. Logo que começou a conduzir o carro, os cavalos se aperceberam de que não era o seu condutor habitual e ficaram descontrolados, provocando tais desastres sobre a terra que Zeus o fulminou e Fáeton caiu no rio Eridano.

desposado Fárnace, filha de Megasares, rei da Hiría, gerou Cíniras. Ao chegar a Chipre com sua gente, fundou Pafos, e aí, tendo desposado Metarme, a filha de Pigmalion, rei de Chipre, gerou Oxíporo e Adônis<sup>216</sup>, e além deles, as filhas Orsédice, Laógora e Brésia. Estas, devido à ira de Afrodite, se uniram a estrangeiros e passaram a viver no Egito. Adônis, que ainda era um menino, por causa da ira de Ártemis, foi ferido por um javali durante a caçada e morreu. Hesíodo, porém, diz que Adônis era filho de Fênix e de Alfesibeia, enquanto Paníasis afirma que ele era filho de Tias, rei dos assírios, que tinha uma filha, Esmirna. Devido à ira de Afrodite, pois que não a cultuava, Esmirna se apaixonou por seu pai, e tendo a ama como sua cúmplice, se uniu a ele por doze noites sem que ele soubesse. Mas quando seu pai percebeu, saiu ao seu encalço brandindo a espada, e Esmirna, ao se ver cercada, suplicou aos deuses que a tornassem invisível, e os deuses, tomados de compaixão por ela, transformaram-na em uma árvore que eles chamam de Esmirna (mirra)<sup>217</sup>. Dez meses depois, a árvore se rompeu e nasceu o denominado Adônis. Por causa de sua beleza, Afrodite o ocultou em uma arca, ainda criança, às escondidas dos deuses, e o confiou a Perséfone; mas esta, depois que o contemplou, não quis devolvê-lo. Levada a decisão perante Zeus, dividiu o ano em três partes e ordenou que Adônis permanecesse uma parte do ano como lhe aprouvesse; outra, com Perséfone, e outra, com Afrodite<sup>218</sup>. Porém Adônis quis passar também sua própria parte com Afrodite; mais tarde, tendo sido ferido por um javali enquanto caçava, Adônis morreu.

### *Crânao*

Depois que Cécrope morreu, sucedeu-lhe no trono Crânao, que era autóctone, e conta-se que, durante seu reinado, ocorreu o dilúvio da época de Deucalion. Tendo desposado uma mulher lacedemônia, Pédia, filha de Mines, gerou Crânae, Cranecme e Átis<sup>219</sup>, e depois que esta morreu ainda virgem, Crânao passou a chamar a região de Átide.

### *Anfictíon e Erictônio*

Após expulsar Crânao, Anfictíon passou a reinar; uns dizem que era filho de Deucalion, enquanto outros afirmam que era autóctone. Depois de haver reinado por doze anos, foi expulso por Erictônio. Segundo uns, este era filho de Hefesto e da filha de Crânao, Átide; segundo outros, de Hefesto e de Atena, da seguinte maneira: Atena havia acorrido a Hefesto para que lhe fabricasse armas, mas ele, que havia sido abandonado por Afrodite, sucumbiu de desejo por Atena e começou a persegui-la, porém ela fugia. Quando, com muito esforço, uma vez que era coxo, conseguiu se aproximar dela, tentou possuí-la, mas Atena, que era casta e virgem, não consentiu, e Hefesto acabou ejaculando na perna da deusa; tomada de asco, ela limpou o sêmen com uma lã e atirou-a ao solo. E enquanto Atena fugia, do sêmen caído ao solo nascia Erictônio<sup>220</sup>. Atena o criou às escondidas dos deuses, desejando torná-lo imortal; depositou-o numa cesta e depois de confiá-lo a Pandroso, a filha de Cécrope, proibiu-lhe abrir a cesta. No entanto, as irmãs de Pandroso abriram a cesta por curiosidade e contemplaram uma serpente enrolada em torno do bebê; e, como dizem alguns, elas foram aniquiladas pela serpente, mas segundo outros, ficaram ensandecidas pela cólera

<sup>216</sup> ANTONINO LIBERAL, *Transform.* 34, apresenta Adônis como filho de Esmirna, filha de Belo e da ninfa Orítia.

<sup>217</sup> A versão mais comum é a de que Adônis era filho de Esmirna e Cíniras, cf. OVÍDIO, *Met.* X 298 ss. ANTONINO LIBERAL, 34; HIGINO, *Fáb.* 58 e 14.

<sup>218</sup> Existe outra versão da lenda, segundo a qual as duas deusas suplicaram a Zeus para que fosse o mediador de sua disputa; este delegou o julgamento a Calíope, que determinou que Adônis passasse metade do ano com cada uma. Contudo, Afrodite, indignada, enlouqueceu as mulheres trácias e fez com que despedaçassem Orfeu, o filho de Calíope, cf. HIGINO, *Astron.* II 6.

<sup>219</sup> Com referência a “autóctone”, cf. PAUSÂNIAS, I 2 6. É a partir do nome de Átis que o território de Crânae passou a se chamar “Ática”, nome por que ficou conhecido desde então.

<sup>220</sup> Sobre o nascimento e a história de Erictônio cf. ERATÓSTENES, *Catast.* 13; EURÍPIDES, *Íon* 20 ss.; OVÍDIO, *Met.* II 553-561; HIGINO, *Fáb.* 166; *id.*, *Astr.* II, 13; PAUSÂNIAS, I 18, 2. Os três primeiros coincidem com Apolodoro ao atribuir a maternidade de Erictônio a Atena. Apolodoro descreve Erictônio como um menino normal, mas segundo a versão mais comum, suas pernas terminavam em serpentes.

de Atena e se precipitaram da acrópole<sup>221</sup>. Erictônio, que havia sido criado pela própria Atena dentro de um bosque sagrado, após expulsar Anfictíon, tornou-se rei de Atenas; erigiu na acrópole uma estátua de madeira de Atena e instituiu a festa das Panateneias<sup>222</sup>; desposou a ninfa náíade Praxíteia, que lhe gerou um filho, Pandíon<sup>223</sup>.

### *Pandíon*

Depois que Erictônio morreu e foi enterrado no mesmo recinto sagrado de Atena, Pandíon sucedeu-lhe no trono; durante seu reinado, Deméter e Dioniso chegaram a Ática. Deméter foi acolhida por Céleo em Elêusis<sup>224</sup>, e Dioniso, por Icário, que recebeu uma cepa de videira e aprendeu a produzir o vinho. Icário, desejoso de presentear as dádivas do deus aos homens, chegou junto a uns pastores que, após terem provado da bebida e tê-la bebido sem água, prazerosa e copiosamente, acreditaram que haviam sido enfeitiçados e o mataram. Já de dia, recobrada a sensatez, o enterraram. Quando sua filha Erígone saiu ao encalço de seu pai, uma cadela doméstica, chamada Mera, que acostumava acompanhar Icário, indicou-lhe o cadáver, e ela, transida de dor por seu pai, se enforcou<sup>225</sup>.

### *Procne e Filomela*

Pandíon desposou Zeuxipe, irmã de sua mãe, e teve duas filhas, Procne e Filomela, e filhos gêmeos, Erecteu e Butes. Quando eclodiu a guerra contra Lábdaco a respeito das fronteiras da região, solicitou a ajuda de Tereu da Trácia, filho de Ares, e por haver tido êxito na guerra graças a ele, deu-lhe a mão de sua própria filha Procne em casamento. Tereu teve um filho com ela, Ítis; apaixonado por Filomela, também a seduziu, dizendo-lhe que Procne havia morrido, quando, na verdade, ela a mantinha oculta em suas terras. Posteriormente, casou-se com Filomela, teve relações sexuais com ela e cortou-lhe a língua. Esta, porém, tendo bordado em uma túnica uns caracteres, fez com que Procne ficasse sabendo, por meio deles, a sua própria desgraça. Tendo saído à procura de sua irmã, Procne matou seu filho Ítis e, depois de cozinhá-lo, serviu-o num banquete a Tereu, sem que ele percebesse, e juntamente com sua irmã, fugiram rapidamente. Quando Tereu percebeu o que havia ocorrido, pegou um machado e saiu no encalço delas; elas, ao verem-se cercadas em Dáulia, na Fócida, suplicaram aos deuses que as metamorfoseassem em pássaros; Procne transformou-se em rouxinol e Filomela, em andorinha; Tereu também se metamorfoseou em pássaro e se tornou uma poupa<sup>226</sup>.

---

<sup>221</sup> Não há acordo entre os diversos autores que tratam do tema (v. nota anterior) se foram duas, três ou apenas uma das cecrópides incumbidas de cuidar da cesta por Atena. Tampouco existe concordância a respeito de quem descumpriu a sua recomendação. Segundo OVÍDIO, *Met.* II 562-565, uma gralha denuncia a Atena a falta cometida pelas cecrópides, e pede proteção à deusa.

<sup>222</sup> PLUTARCO, *Teseu* 24, atribui a instituição das Panateneias a Teseu. Também se atribui a Erictônio a invenção do carro de quatro cavalos, com que se competia nos jogos, cf. HIGINO, *pass. cit.* e ERATÓSTENES, *id.*

<sup>223</sup> PAUSÂNIAS, I 5, 3, bem como Apolodoro, fala de dois reis da Ática que têm o nome de Pandíon: o filho de Erictônio e o do segundo Cécrope.

<sup>224</sup> Segundo a inscrição do Mármore de Paros (23 ss.), a chegada de Deméter a Ática não ocorreu durante o reinado de Pandíon, mas durante o de seu filho, Erecteu. Cf. Diodoro I 29 1-3.

<sup>225</sup> A cadela também se suicida, atirando-se no poço seco. Zeus ou Dioniso metamorfoseou os três em constelações: Erígone, na constelação de Virgem; Icário, na constelação do Boieiro, e a cadela, na da Canícula, cf. OVÍDIO, *Met.* X 450 ss. e HIGINO, *Astron.* II 4 e 25 e *Fáb.* 130. Os atenienses celebravam uma festa como uma expiação pelo enforcamento de Erígone: as jovens brincavam em balanços e penduravam figurinhas nas árvores que eram movidas pelo vento. FRAZER menciona que a morte que fora expiada era, segundo outros mitógrafos, a de Erígone filha de Egisto, que havia se suicidado após a absolvição de Orestes. Cf. *Epítome* 6, 25.

<sup>226</sup> As principais fontes latinas divergem de Apolodoro e nelas Procne se metamorfoseia em andorinha, e Filomela, em rouxinol. OVÍDIO, *Met.* VI 424-674 também apresenta uma versão diferente da de Apolodoro, em que Tereu não se casa com Filomela, apenas a violenta; além disso, não faz nenhuma referência ao fato de que a metamorfose das irmãs tivesse sido concedida pelos deuses mediante sua súplica. HIGINO, *Fáb.* 45, menciona que Tereu regressou à Trácia por sua própria iniciativa e que, após ter comunicado a Pandíon a falsa morte de Procne, pediu-lhe a mão de Filomela em casamento. Durante a viagem de retorno, livrou-se da escolta, lançando seus membros ao mar, e violentou Filomela,

### *Erecteu e seus filhos*

Após a morte de Pandíon, seus filhos dividiram a herança paterna; Erecteu obteve o reino<sup>227</sup> e Butes, o sacerdócio de Atena e de Posídon Erecteu<sup>228</sup>. Erecteu desposou Praxíteia, filha de Frásimo e Diogênia, filha de Cefiso, e teve filhos, Cécrope, Pandoro e Metíon, e filhas, Prócris, Creúsa, Ctônia e Orítia, a que Bóreas raptou<sup>229</sup>.

### *Prócris*

Ctônia foi esposada por Butes; Creúsa, por Xuto<sup>230</sup>, e Prócris, por Céfalos, filho de Díon<sup>231</sup>. Esta se uniu a Pteleonte em troca de uma coroa de ouro, e ao ser surpreendida em flagrante, refugiou-se junto a Minos. Este se apaixonou por ela e tentou seduzi-la. Contudo, se uma mulher fazia amor com Minos, era impossível continuar viva; pois Pasífae, uma vez que Minos costumava ter relações sexuais com muitas mulheres, havia lhe enfeitado com uma droga, e cada vez que ele se unia a uma mulher, lançava feras em suas articulações e, deste modo, elas pereciam. Minos possuía um cão veloz e um dado certo, e em troca deles, Prócris se uniu a ele, tendo antes, porém, lhe dado para beber a raiz de Circe para que não sofresse nenhum dano. Mais tarde, por temor à esposa de Minos, voltou a Atenas e, tendo se reconciliado com Céfalos, saiu com ele para caçar, pois era aficionada pela caça. Enquanto ela perseguia uma presa entre as folhagens, Céfalos, sem reconhecê-la, lançou o dardo e atingiu-a, ocasionando-lhe a morte. Após ter sido julgado no Areópago, foi condenado a um exílio perpétuo<sup>232</sup>.

### *Orítia e Bóreas*

Enquanto Orítia brincava junto ao rio Iliso, Bóreas a raptou e se uniu a ela, que lhe gerou duas filhas, Cleópatra e Quíone, e filhos alados, Zetes e Cálais<sup>233</sup>; estes navegaram em companhia de Jasão e morreram quando perseguiram as Harpias<sup>234</sup>; mas segundo afirma Acusilau, foram mortos por Hércules nos arredores de Tenos<sup>235</sup>. Cleópatra foi desposada por Fineu, que teve dois filhos com ela, Plexipo e Pandíon. Após ter tido estes filhos com Cleópatra, Fineu desposou Ideia, filha de Dárdano. Esta acusou falsamente seus enteados de tentativa de sedução, e Fineu acreditou nela e os

---

e uma vez na Trácia, ele a envia a Linceu, cuja esposa Latusa, amiga de Procne, fá-la chegar junto à irmã. Nesta versão, Tereu transforma-se em gavião e não em poupa. Não obstante, como Apolodoro, Higinio não menciona a participação de Filomela no assassinato de Ítis.

<sup>227</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* VI 675 ss.; HIGINIO, *Fáb.* 48.

<sup>228</sup> Na acrópole de Atenas havia um altar erigido a Erecteu, outro a Butes e outro a Hefesto (cf. PAUSÂNIAS I 26, 5). Segundo HESÍQUIO (v. ERECHTEUS) Erecteu foi identificado com Posídon pelos atenienses. Numa inscrição encontrada no Erectéion, há uma dedicatória a Posídon-Erecteu. Uma lenda aberrante afirma que Erecteu veio do Egito, numa época em que a fome dizimava a Ática. Teria importado trigo e introduzido na região a cultura deste cereal, merecendo assim o reconhecimento dos habitantes que o elegeram rei. Atribuía-se também a Erecteu a instituição da festa das Panateneias e a invenção do carro de guerra, por inspiração de Atena, cf. Grimal, p. 143.

<sup>229</sup> Segundo OVÍDIO, *Met.* VI 683 ss., Bóreas primeiramente pediu a mão de Orítia em casamento, e ao ser-lhe negada, raptou-a. Presume-se que Ovídio toma este dado de uma tragédia perdida de Ésquilo, *Orítia*, embora não haja nenhum indício que possa corroborá-lo.

<sup>230</sup> Cf. EURÍPIDES, *Íon* 57 ss.; PAUSÂNIAS, VII 1, 2.

<sup>231</sup> Para a história de Céfalos e Prócris, cf. OVÍDIO, *Met.* VII 672-865; ANTONINO LIBERAL, 41; HIGINIO, *Fáb.* 189. O cão, denominado Lélape por Ovídio, fora dado a Minos por sua mãe, Europa, que o recebera de presente de Zeus, quando este se uniu a ela; em Ovídio e Higinio, Prócris recebe estes dons (o cão e o dardo) de Diana (Ártemis).

<sup>232</sup> Segundo PAUSÂNIAS, I 37 6, Céfalos viveu como exilado em Tebas.

<sup>233</sup> HIGINIO, *Fáb.* 14, diz que ambos tinham asas em seus pés e que seus cabelos eram azuis como o céu, mas em outra passagem, *Fáb.* 19, os descreve com asas nos pés e na cabeça. Cf. também APOLÔNIO, *Argon.* I 211 ss. e II 273 ss.; OVÍDIO, *Met.* VI 711 ss.; PSEUDO APOLODORO, I 9, 21.

<sup>234</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 21; APOLÔNIO DE RODES, I 211 SS.; HIGINIO, *Fáb.* 14; OVÍDIO, *Met.* VI 711 ss.

<sup>235</sup> Segundo APOLÔNIO DE RODES, I 1298-1308, foram mortos por Hércules, em Tenos, quando retornavam dos Jogos Fúnebres em honra de Pélias, porque haviam convencido os Argonautas que o abandonassem na Mísia.

cegou<sup>236</sup>; quando os Argonautas, juntamente com Bóreas, passaram por ali em seu périplo, eles o castigaram<sup>237</sup>.

### *Erecteu e Eumolpo*

Quíone se uniu a Posídon, e às ocultas de seu pai deu à luz a Eumolpo<sup>238</sup>, e para não ser descoberta, atirou o bebê em um precipício. No entanto, Posídon o recolheu e o levou para a Etiópia, entregando-o a Bentesícime, sua filha e de Anfítrite, para que o criasse. Quando ele se tornou adulto, o marido de Bentesícime concedeu-lhe a mão de uma de suas filhas em casamento, porém Eumolpo tentou violentar a irmã de sua esposa e, tendo sido exilado por causa disso, chegou, juntamente com seu filho Ísmaro, diante de Tegírio, rei dos trácios, que deu sua filha em casamento ao filho de Eumolpo. Contudo, tendo tramado depois uma conspiração contra Tegírio, Eumolpo foi descoberto e se refugiou junto aos eleusinos, com os quais estabeleceu uma relação de amizade. Posteriormente, após a morte de Ísmaro, Tegírio mandou buscá-lo e, após ter solucionado sua disputa anterior, recebeu o reino. Quando eclodiu a guerra entre os atenienses e os eleusinos, Eumolpo foi convocado por estes e lutou como seu aliado com um grande número de forças trácias<sup>239</sup>. Quando Erecteu perguntou ao oráculo sobre a vitória dos atenienses, o deus lhe respondeu que teria êxito na guerra se degolasse uma de suas filhas, e após haver degolado a mais jovem, as restantes degolaram-se a si próprias, pois, segundo dizem alguns, elas haviam jurado entre si morrer juntas<sup>240</sup>. Na batalha que ocorreu após a matança, Erecteu matou Eumolpo, porém Posídon aniquilou Erecteu e sua casa<sup>241</sup>. Cécropo, o primogênito de Erecteu, ocupou o trono<sup>242</sup>, e tendo desposado Metiadusa, filha de Eupálamo, gerou-lhe um filho, Pandíon. Este, que reinou depois de Cécropo, foi expulso pelos filhos de Metíon durante uma sedição, e dirigindo-se à Mégara diante de Pílas, desposou a filha deste, Pília. Mais tarde, chegou a ser também rei da cidade, pois Pílas, após matar o irmão de seu pai, Bias, entregou o reino a Pandíon, enquanto ele próprio se dirigia com seu povo ao Peloponeso e fundava a cidade de Pilos.

### *Egeu*

Pandíon, enquanto estava em Mégara, gerou os seguintes filhos: Egeu, Palas, Niso e Lico. Mas alguns dizem que Egeu era filho de Círio e que Pandíon o fazia passar por seu. Após a morte de Pandíon, seus filhos marcharam contra Atenas, expulsaram os metiônidas e dividiram o reino em quatro partes, porém Egeu detinha todo o poder<sup>243</sup>. Primeiramente desposou Meta, filha de Hoples, em seguida, Calcíope, filha de Rexénor. Como não tinha filhos e receava seus irmãos, acorreu à Pítia e consultou a respeito de como podia gerar filhos<sup>244</sup>. O deus lhe respondeu:

---

<sup>236</sup> SÓFOCLES, *Antígona* 969, atribui esse ato não a Fineu, mas à cruel madrasta, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 21; DIODORO, IV 43; HIGINO, *Fáb.* 19.

<sup>237</sup> Nesta passagem, o PSEUDO APOLODORO contradiz a si mesmo (em I 9, 21) e se afasta da versão tradicional, segundo a qual os Argonautas livraram Fineu das Harpias, que o atormentavam.

<sup>238</sup> Cf. PAUSÂNIAS, I 38, 2; HIGINO, *Fáb.* 157.

<sup>239</sup> Sobre a guerra entre atenienses e eleusinos, cf. PAUSÂNIAS, I 5, 2 e I 38, 3.

<sup>240</sup> Segundo EURÍPIDES, *Íon* 277-280, é a mais jovem, Creúsa, que se salva, por levar uma criança em seus braços; em HIGINO, *Fáb.* 46 e 238, ainda que Erecteu tenha vencido Eumolpo, Posídon exige a imolação de uma das filhas de Erecteu. Ctônia é a escolhida pelo sorteio e as demais se suicidam. Segundo Cícero (*Tusc.* I 48, 116; *Pro Sestio* XXI 48), as filhas de Erecteu ofereceram sua vida pela salvação de seus concidadãos, e, em decorrência deste sacrifício, os atenienses teriam incluído Erecteu e suas filhas entre os deuses (CÍCERO, *Sobre a natureza dos deuses* III 19, 50).

<sup>241</sup> Segundo HIGINO, *Fáb.* 46, Zeus fulminou Erecteu a pedido de Posídon, que estava encolerizado pela morte de seu filho Eumolpo.

<sup>242</sup> Cf. PAUSÂNIAS, I 5, 3; VII 1, 2.

<sup>243</sup> Cf. PAUSÂNIAS, I 5, 3 e 39, 4, segundo o qual Egeu, por ser o mais velho, obteve a Ática, enquanto Niso se tornou rei de Mégara.

<sup>244</sup> Sobre o oráculo e a paternidade de Teseu, v. PAUSÂNIAS, I 17, 3; 27, 8; II 32, 7; PLUTARCO, *Teseu* 3 e 6; DIODORO IV 59, 1 e 6; HIGINO, *Astron.* II 5.

*A tampa que sobressai do odre, tu, o melhor dos homens,  
não a retires antes que tenhas chegado ao alto de Atenas.*

Desconcertado pela resposta do oráculo, Egeu retornou a Atenas. Ao passar por Trezena, foi hospedado por Piteu, filho de Pélope, o qual compreendeu o oráculo e, depois de embriagá-lo, fez com que ele se deitasse com sua filha Etra. Mas nesta mesma noite, também Posídon teve relação sexual com ela. Egeu recomendou a Etra que, se desse à luz um varão, o criasse sem dizer de quem era filho. Deixou uma espada e umas sandálias debaixo de uma pedra e disse que, quando o menino fosse capaz de mover a rocha e pegá-los, que lho enviasse juntamente com esses objetos.

#### *Morte de Androgeu, Minos contra Mégara e Atenas*

Egeu chegou a Atenas e instituiu os jogos das Panateneias, nos quais Androgeu, filho de Minos, venceu a todos. Egeu o enviou contra o touro de Maratona, que o aniquilou. Porém alguns afirmam que quando Androgeu viajava para Tebas para participar dos jogos em homenagem a Laio, seus rivais armaram-lhe uma emboscada e por inveja o mataram<sup>245</sup>. Quando sua morte foi anunciada, Minos, que estava em Paros oferecendo um sacrifício às Graças arrojou a coroa de sua cabeça e fez cessar os aulos, porém completou o sacrifício. Por isso, até hoje em Paros realizam-se sacrifícios às Graças sem coroas e aulos. Não muito tempo depois, tendo se tornado imbatível nos mares, Minos atacou Atenas com sua esquadra, tomou Mégara durante o reinado de Niso, filho de Pandíon, e matou Megareu, filho de Hipômenes, que havia acorrido em auxílio de Niso. Niso também morreu pela traição de sua filha. Pois possuía no meio da cabeça um fio de cabelo purpúreo e havia um oráculo segundo o qual ele morreria se fosse arrancado. Porém sua filha, Cila, que havia se apaixonado por Minos, o arrancou<sup>246</sup>. Após ter dominado Mégara, Minos atou a moça pelos pés à popa da nau e a submergiu na água. Uma vez que a guerra se prolongava sem que conseguisse tomar Atenas, suplicou a Zeus que se vingasse dos atenienses. Quando a peste e a fome se alastraram pela cidade, os atenienses, em conformidade com um antigo oráculo, primeiramente degolaram as filhas de Hiacinto, Anteide, Egleide, Lítea e Órtea, sobre o túmulo do Ciclope Geresto; Hiacinto<sup>247</sup>, o pai delas, havia chegado da Lacedemônia e havia se estabelecido em Atenas. Porém, como esse sacrifício não serviu de nada, consultaram o oráculo sobre como poderiam se livrar do mal. O deus respondeu-lhes então que dessem a Minos a indenização que ele escolhesse. Deste modo, enviaram uma embaixada a Minos e permitiram-lhe que pedisse uma indenização. Minos ordenou que lhe enviassem sete rapazes e o mesmo número de moças, desarmados, como alimento para o Minotauro<sup>248</sup>. Este estava encerrado no labirinto, no qual quem entrava jamais conseguia sair, pois complicadas sinuosidades obstruíam a saída desconhecida. Fora construído por Dédalo, filho de Eupáلامo, o filho de Metíon, e de Alcipe, pois era um exímio arquiteto e o primeiro inventor de imagens. Havia fugido de Atenas por ter precipitado do alto da acrópole Talo<sup>249</sup>, o filho de sua irmã Perdiz, que era seu discípulo, receando que ele o superasse com seu talento, pois tendo encontrado certa vez uma mandíbula de serpente, Talo serrou com ela um fino

<sup>245</sup> Há outras versões a respeito da morte de Androgeu. Segundo Pausânias, I 27, 10, foi o touro de Maratona quem o matou; HIGINO, *Fáb.* 41, por sua vez, afirma que morreu durante a guerra empreendida por seu pai (Minos) contra os atenienses.

<sup>246</sup> Cf. ÉSQUILO, *Coéforas* 612-622, que menciona como Cila deixou-se subornar por Minos; PAUSÂNIAS, I 19, 4; II 34, 7; PROPÉRCIO, III 19, 21-26; OVÍDIO, *Met.* VIII 6-151: Minos abandona Cila e ela se lança ao mar e é metamorfoseada na aves *ciris*, não identificada; HIGINO, *Fáb.* 198.

<sup>247</sup> Cf. DIODORO, XVII 15, 2; HIGINO, *Fáb.* 238. Este Hiacinto da Lacedemônia, o pai das “Hiacintides”, mencionado por Apolodoro, é desconhecido por todas as outras fontes, e não deve ser identificado ao herói amado por Apolo. Cf. Grimal, p. 257.

<sup>248</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 4; DIODORO, IV 61, 1-4; PAUSÂNIAS, I 27, 10; PLUTARCO, *Teseu* 15; VIRGÍLIO, *Eneida* VI 20 ss; HIGINO, *Fáb.* 41.

<sup>249</sup> Cf. DIODORO, IV 76, 4-7; PAUSÂNIAS, I 21, 4; 26, 4; VII 4, 5; OVÍDIO, *Met.* VIII 236-259; HIGINO, *Fáb.* 39 e 244.

pedaço de madeira<sup>250</sup>. Quando o cadáver foi descoberto, Dédalo foi julgado no Areópago e, após ser condenado, refugiou-se junto a Minos. Ali se tornou cúmplice de Pasífae, que havia se apaixonado pelo touro de Posídon, fabricando-lhe uma vaca de madeira, e construiu o labirinto, ao qual a cada ano os atenienses enviavam sete rapazes e igual número de moças como alimento para o Minotauro.

### *Teseu*

Teseu, o filho que Egeu teve de Etra, quando se tornou adulto, ergueu a rocha, pegou a espada e as sandálias e depressa partiu a pé para Atenas<sup>251</sup>. Deixou livre de perigos o caminho que se encontrava sob o domínio de malfeitores. Pois, em primeiro lugar, em Epidauro, matou Peripetes, filho de Hefesto e Anticleia, que fora apelidado de Corinetes pela clava\* que portava. Por ter pernas fracas, Peripetes portava uma clava de ferro, com a qual matava os transeuntes; Teseu lha tomou e passou a levá-la consigo. Em segundo lugar, matou Sínis, filho de Polipémon e Sileia, filha de Corinto, que tinha o apelido de Pitiocamptes<sup>252</sup>; pois habitava o Istmo de Corinto e obrigava aos que passavam por ali a dobrar pinos e mantê-los assim; porém os que não conseguiam fazê-lo por sua debilidade, eram lançados ao ar pelas árvores e pereciam de modo pavoroso. Desta mesma maneira, Teseu matou Sínis.

\*\*\*\*\*

---

<sup>250</sup> Segundo DIODORO, IV 76, 5, Talo inventou a serra imitando a mandíbula da serpente. Porém, segundo OVÍDIO, *Met.* VIII 244 ss, e HIGINO, *Fáb.* 274, inspirando-se na espinha de um peixe. Também se lhe atribui a invenção da roda do oleiro e a do compasso.

<sup>251</sup> Cf. DIODORO, IV 59; PAUSÂNIAS, I 44, 8; II 1, 3-4; PLUTARCO, *Teseu* 8 ss; HIGINO, *Fáb.* 38; OVÍDIO, *Met.* VII 433 ss e *Ibis* 407 ss.

\* *Korýnes*, em grego.

<sup>252</sup> Isto é, “O que dobra pinheiros”.



# EPÍTOME

COMPOSTA PELA EPÍTOME DO VATICANO E PELOS FRAGMENTOS SABAITICOS

Teseu (continuação)

*A porca de Cromión. Círon, Cerción e Damastes*

Em terceiro lugar, matou em Cromión a porca chamada Fea, como a anciã que a havia criado; alguns dizem que ela era filha de Equidna e Tífon<sup>1</sup>. Em quarto lugar, matou Círon de Corinto, filho de Pélope ou, segundo outros, de Posídon. Círon, que dominava as rochas, por ele denominada Cirônias, na região de Mégara, obrigava todos os transeuntes a lavar-lhe os pés e enquanto eles os lavavam, precipitava-os num abismo como alimento para uma tartaruga colossal; Teseu, porém, agarrando-o pelos pés, arrojou-o ao mar<sup>2</sup>. Em quinto lugar matou, em Elêusis, Cércion, filho de Branco e da Ninfa Argíope. Cércion obrigava os caminhantes a lutar e os matava durante a luta; contudo, Teseu ergueu-o no ar e quebrou-o contra o solo<sup>3</sup>. Em sexto lugar, matou Damastes, que alguns chamam de Polipémon. Este, que tinha sua morada ao lado de um caminho, havia estendido dois leitos, um curto e outro comprido, e convidava os transeuntes a aceitar sua hospitalidade; os de baixa estatura, ele os fazia deitar no comprido e batia-lhes com o martelo para igualá-los ao leito, enquanto que os de alta, ele fazia deitar no curto e serrava as partes que sobressaíam<sup>4</sup>.

*O touro de Maratona. Morte do Minotauro*

Assim, pois, Teseu chegou a Atenas, depois de expurgar o caminho. Medeia, que vivia então com Egeu<sup>5</sup>, tramou contra Teseu e persuadiu Egeu para que tomasse precauções frente ao presumido conspirador. Egeu, que desconhecia seu filho, por temor o enviou contra o touro de Maratona<sup>6</sup>. E quando Teseu o matou, Egeu lhe ofereceu um veneno que havia recebido neste mesmo dia de Medeia. Porém, quando estava prestes a sorver a bebida, Teseu presenteou seu pai com a espada, e Egeu, ao reconhecê-la, arrebatou a taça de sua mão<sup>7</sup>. E tendo sido reconhecido por seu pai e ficado a par da trama, expulsou Medeia.

Teseu foi designado para o terceiro tributo ao Minotauro ou, como alguns dizem, ofereceu-se como voluntário<sup>8</sup>. Como a nau tinha as velas negras, Egeu encarregou seu filho de que, em caso de retornar com vida, desfraldasse nela as velas brancas<sup>9</sup>. Quando chegou a Creta, Ariadne, filha de Minos, se apaixonou por ele e prometeu lhe ajudar se concordasse em levá-la a Atenas e a tomasse como esposa. Logo que Teseu lhe confirmou por juramento, ela pediu a Dédalo que lhe indicasse a saída do labirinto, e a conselho dele, deu um fio a Teseu no momento em que ele entrava. Tendo

<sup>1</sup> Cf. DIODORO, IV 59, 4; PLUTARCO, *Teseu* 9, PAUSÂNIAS, II 1, 3; em HIGINO, *Fáb.* 38 trata-se de um javali.

<sup>2</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 10; HIGINO, *Fáb.* 38; OVÍDIO, *Met.* 433 ss.; PAUSÂNIAS, I 44, 8; DIODORO, IV 59, 4. Ovídio menciona que os ossos de Círon não foram acolhidos nem pela terra nem pelo mar, e que o tempo os endureceu, convertendo-os em penhascos.

<sup>3</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 11; HIGINO, *Fáb.* 38; DIODORO, IV 59, 5; PAUSÂNIAS, I 39, 3; OVÍDIO, *Met.* VII 439.

<sup>4</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 11. Outros autores como DIODORO, IV 59, 5, denominam-no Procuste, atribuindo-lhe um único leito, no qual os transeuntes eram igualados por amputação ou estiramento.

<sup>5</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 28.

<sup>6</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 5, 7; PAUSÂNIAS, I 9-10; OVÍDIO, *Met.* VII 433-4.

<sup>7</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 12; OVÍDIO, *Met.* VII 404-424, que menciona que o veneno era o acônito e que Medeia o traía nas margens da Cítia.

<sup>8</sup> As vítimas eram escolhidas por sorteio, porém, segundo Helânico (cf. PLUTARCO, *Teseu* 17), o próprio Minos ia a Atenas para escolhê-las e é assim que Teseu teria sido escolhido. No entanto, conforme a tradição mais difundida, ofereceu-se como voluntário. Cf. HIGINO, *Fáb.* 41; *Escólio a Odisseia* XI 322; *Escólio a Iliada* XVIII 590.

<sup>9</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 17, 4; DIODORO, IV 61, 4; PAUSÂNIAS, I 22, 5. Em SIMÔNIDES, 550, a vela que deveria substituir a negra era de cor púrpura.

atado o fio à porta, Teseu o soltava à medida que ia se adentrando. E tendo encontrado o Minotauro na parte mais extrema do labirinto, matou-o, desferindo-lhe socos; e recolhendo o fio, encontrou a saída novamente<sup>10</sup>. À noite, chegou a Naxos com Ariadne e os jovens<sup>11</sup>. Ali Dioniso, tendo se apaixonado por Ariadne, raptou-a e levou-a para Lemnos, onde se uniu a ela e gerou Toas, Estáfilo, Enópion e Pepareto<sup>12</sup>.

### *Morte de Egeu*

Entristecido pela perda de Ariadne, Teseu se esqueceu de soltar as velas brancas ao se aproximar da costa; e Egeu, tendo avistado da acrópole a nau com velas pretas e presumido que Teseu havia falecido, precipitou-se e morreu<sup>13</sup>. Teseu assumiu a soberania de Atenas e matou os filhos de Palante, em número de cinquenta<sup>14</sup>; Matou igualmente todos os que quiseram se lhe opor, e concentrou todo o poder em suas mãos.

### *Dédalo e Ícaro. Morte de Minos*

Ao se aperceber da fuga de Teseu e de seus acompanhantes, Minos encerrou o culpado Dédalo no labirinto juntamente com seu filho Ícaro, que ele havia tido de Náucrate, uma escrava de Minos. Contudo, Dédalo fabricou umas asas para si e para seu filho e lhe advertiu, no instante de alçar voo, a não fazê-lo demasiado alto, para evitar que as asas se soltassem, ao derreter-se a cola pela ação do sol, e tampouco próximo ao mar, a fim de que elas não se desprendessem pelo efeito da umidade. Ícaro, porém, desdenhando as recomendações de seu pai, em seu arrebatamento, deixava-se levar cada vez mais alto; até que, derretida a cola, precipitou-se no mar, que foi denominado Icário em sua homenagem, e morreu<sup>15</sup>. Dédalo, por sua vez, chegou são e salvo a Camico, na Sicília<sup>16</sup>. Minos perseguiu Dédalo, e toda vez que investigava uma região, levava consigo um caracol e proclamava que daria uma grande recompensa a quem fizesse passar um fio através da sua concha, e por este procedimento pensava encontrar Dédalo. E tendo chegado a Camico, na Sicília, à corte de Cócalo, junto ao qual Dédalo se escondia, mostrou-lhe a concha. Cócalo a tomou e lhe prometeu passar o fio e entregou a concha a Dédalo, o qual atou um fio a uma formiga e, tendo perfurado a concha, permitiu que a formiga passasse através dela. Mas quando Minos comprovou que o fio havia sido passado, apercebeu-se de que Dédalo estava com Cócalo e imediatamente o reclamou. Cócalo prometeu que lho entregaria e o convidou como seu hóspede. Minos, depois de ter sido banhado pelas filhas de Cócalo, ficou exânime. Segundo afirmam alguns, pereceu por ter sido vertida água fervente sobre ele<sup>17</sup>.

<sup>10</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 19; HIGINO, *Fáb.* 42; DIODORO, IV 61, 4. Os atenienses do período histórico comemoravam esta façanha enviando uma nau a Delos em ação de graças. Cf. PLATÃO, *Fédon* 58 a-c.

<sup>11</sup> Isto é, os rapazes e as moças que estavam destinados ao Minotauro.

<sup>12</sup> A versão mais comum é a de que Teseu abandonou Ariadne em Naxos enquanto dormia, por diversas razões, conforme os autores: em OVÍDIO, *Met.* VIII 174 ss., por crueldade; em HIGINO, *Fáb.* 43, porque parecia desonroso levá-la para Atenas; em HESÍODO, *Fr.* 298, porque amava Egle, a filha de Panopeu. HOMERO, *Odisseia* XI 321-325, nos dá outra versão: Teseu levou Ariadne de Creta a Atenas, mas Ártemis matou-a na ilha de Dia, por acusação de Dioniso. Cf. também PAUSÂNIAS, I 20, 3 e X 29, 4; PLUTARCO, *Teseu* 20.

<sup>13</sup> Cf. PAUSÂNIAS, I 22, 5; HIGINO, *Fáb.* 43; DIODORO IV 61, 6-7; PLUTARCO, *Teseu* 22.

<sup>14</sup> Palante, que era o tio de Teseu (cf. III 15, 5), lutou contra ele juntamente com seus filhos, porém Teseu os matou e por isso foi condenado ao exílio em Trezena. Cf. EURÍPIDES, *Hipólito* 34 ss.; PAUSÂNIAS, I 22, 2; 28, 10; PLUTARCO, *Teseu* 3 e 13.

<sup>15</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* VIII 184-235; HIGINO, *Fáb.* 40; DIODORO, IV 77, 5-6; este último menciona que Dédalo e Ícaro fugiram de Creta numa nau que Pasífae lhes concedeu, e PAUSÂNIAS, IX 11, 4-5, disse que em naus distintas. O mar Icário é uma porção do mar Egeu próxima à ilha de Míconos.

<sup>16</sup> A estadia de Dédalo com Cócalo e a perseguição de Minos com o caracol eram o tema da tragédia de Sófocles *Os Camicos*.

<sup>17</sup> PAUSÂNIAS, VII 4, 6, menciona a morte de Minos às mãos das filhas de Cócalo, e acrescenta que, quando este se negou a entregar Dédalo, manteve uma guerra contra Minos por ele; em DIODORO, IV 79, 2, é Cócalo quem o mata,

### *Teseu e as Amazonas. Fedra e Hipólito*

Em uma expedição militar em companhia de Hércules contra as Amazonas, Teseu raptou Antíope ou, segundo outros, Melanipe ou, segundo Simônides, Hipólita<sup>18</sup>. Por este motivo, as Amazonas fizeram uma incursão contra Atenas, e quando estavam acampadas nas cercanias do Areópago, Teseu as venceu<sup>19</sup>. Ele tinha um filho da Amazona, Hipólito, e mais tarde recebeu de Deucalion<sup>20</sup> Fedra, a filha de Minos. Durante a celebração destas núpcias, a Amazona que havia sido a esposa anterior de Teseu se apresentou armada, com seu séquito de Amazonas, e se dispunha a matar os convidados; mas estes fecharam as portas rapidamente e a mataram. Alguns dizem que ela morreu durante o combate às mãos de Teseu. Fedra, tendo gerado com Teseu dois filhos, Acamas e Demofonte, apaixonou-se pelo filho da Amazona e pediu-lhe que tivesse relações sexuais com ela, mas ele, que odiava todas as mulheres, rejeitou a cópula. Fedra, porém, temendo que ele a acusasse diante de seu pai, forçou as portas de seu quarto, rasgou suas vestes e acusou falsamente Hipólito de violação. Teseu acreditou nela e suplicou a Posídon que aniquilasse Hipólito. Então, quando este guiava velozmente seu carro próximo ao mar, o Deus fez emergir um touro das ondas turbulentas, e quando os cavalos foram tomados de espanto, o carro partiu-se em pedaços. E por ter-se enrolado nas rédeas, Hipólito morreu arrastado. Quando sua paixão se tornou pública e notória, Fedra se enforcou<sup>21</sup>.

### *Íxion*

Dizem que Íxion havia se apaixonado por Hera e tentava violentá-la; quando Hera o denunciou, Zeus, querendo saber se tal fora, de fato, o ocorrido, formou uma nuvem semelhante a Hera e acostou-a ao lado dele, e quando Íxion se vangloriou de ter-se unido a Hera, Zeus o atou a uma roda<sup>22</sup>, pela qual ele é levado no ar através dos ventos. A nuvem, fecundada por Íxion, deu à luz Centauro<sup>23</sup>.

### *Combate entre Centauros e Lápitias. Ceneu*

Teseu combateu com Pirítoos quando este manteve uma guerra contra os Centauros. Pois quando pretendia se casar com Hipodâmia, Pirítoos convidou os Centauros para o banquete de casamento, uma vez que eles eram parentes dela; porém como não estavam acostumados ao vinho, beberam-no prodigamente e se embriagaram, e quando a noiva se apresentou, tentaram violentá-

---

mantendo-o por muito tempo no banho, e depois disse que foi Minos que havia se afogado. A morte de Minos também é relatada por HERÓDOTO, VII 169-170, e por HIGINO, *Fáb.* 44.

<sup>18</sup> Em PAUSÂNIAS, VII 4, 6, Hipólita é irmã de Antíope. A maioria dos autores coincidem em denominar Antíope a Amazona esposa de Teseu. Cf. DIODORO, IV 28; PLUTARCO, *Teseu* 26-28; PAUSÂNIAS, I 2, 1; 15, 2; 41, 7; II 32, 9.

<sup>19</sup> Cf. a evocação poética desta guerra em ÉSQUILO, *Eumênides* 685-690.

<sup>20</sup> Este Deucalion era filho de Minos e portanto irmão de Fedra. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 2.

<sup>21</sup> Com referência à paixão de Fedra por Hipólito, EURÍPIDES compôs duas tragédias intituladas *Hipólito*, das quais uma chegou até nós. A tragédia *Fedra*, de SÊNECA, versa sobre o mesmo tema. Cf. também DIODORO, IV 62; PAUSÂNIAS, I 22, 1-2; II 32, 1-4; OVÍDIO, *Met.* XV 497 ss.; id. *Her.* IV; HIGINO, *Fáb.* 47

<sup>22</sup> Segundo o *Escólio a Eur. Feníc.* 1185, tratava-se de uma roda de fogo.

<sup>23</sup> Cf. DIODORO, IV 69 4-5; PÍNDARO, *Pít.* II 40 ss.; *Escólio a Odisseia* XXI 303; HIGINO, *Fáb.* 62; OVÍDIO, *Met.* 42. Este dois últimos situam o castigo de Íxion no Tártaro.

la<sup>24</sup>. Piríto, no entanto, completamente armado, juntamente com Teseu, travou-lhes combate e Teseu matou muitos deles<sup>25</sup>.

Ceneu, a princípio, era uma mulher, mas depois de se unir a Posídon pediu que fosse convertida num homem invulnerável, por isso, no combate contra os Centauros, matou muitos deles sem se preocupar com as feridas; os restantes, porém, o cercaram e, golpeando-o com abetos, o enterraram<sup>26</sup>.

### *Teseu e Piríto no Hades*

Teseu havia combinado com Piríto para esposar filhas de Zeus; em companhia dele, raptou para si Helena de Troia, que tinha doze anos<sup>27</sup>, e desceu ao Hades para pedir a mão de Perséfone em casamento para Piríto. Então os Dióscuros, com os lacedemônios e os arcádios, tomaram Atenas e levaram Helena e, juntamente com ela, como prisioneira, Etra, filha de Piteu; no entanto, Demofonte e Acamante fugiram. Fizeram também com que Menesteu retornasse e lhe concederam a soberania de Atenas<sup>28</sup>. Mas quando Teseu chegou com Piríto no Hades, foi vítima de um engodo, pois com o pretexto de lhes proporcionar sua hospitalidade, Hades lhes disse para se sentarem no trono do Esquecimento, no qual permaneceram fortemente atados pelas espirais de umas serpentes. Piríto ficou atado para sempre, mas Hércules reconduziu Teseu para cima e o levou a Atenas<sup>29</sup>. Tendo sido expulso daí por Menesteu, Teseu foi para junto de Licomedes, que o arrojou em um abismo e o matou<sup>30</sup>.

## A PROGÊNIE DE PÉLOPE

### *Tântalo*

Tântalo é castigado no Hades a ter uma rocha pendente sobre si e a passar sua existência em um lago, vendo em torno de seus ombros árvores frutíferas que crescem nas suas margens. A água lhe toca o mento, mas quando deseja sorvê-la, ela seca, e quando deseja apanhar os frutos, as árvores com os frutos se elevam até as nuvens pela ação dos ventos. Alguns afirmam que ele é castigado desta forma por haver divulgado aos homens os mistérios dos deuses e por ter compartilhado a ambrosia com seus companheiros<sup>31</sup>.

Bróteas era caçador e não venerava Ártemis; além disso, dizia que tampouco era afetado pelo fogo. Tendo, portanto, se enlouquecido, atirou-se ao fogo<sup>32</sup>.

Pélope, depois de ter sido degolado e cozido no banquete dos deuses, renasceu ainda mais belo<sup>33</sup>. Por se destacar por sua beleza, foi amado por Posídon, que o presenteou com um carro

<sup>24</sup> Piríto é filho de Íxion, rei dos Lápitais (cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 2), que é também avô dos Centauros. Mas DIODORO, IV 69, 1-3, fornece-nos uma genealogia diferente: Centauro era irmão de Lápitais e ambos eram filhos de Apolo e de uma filha do rio Peneu; Íxion é descendente de Lápitais. A respeito das núpcias de Piríto e Hipodâmia e a luta dos Centauros e Lápitais, cf. PLUTARCO, *Teseu* 30; PAUSÂNIAS, V 10, 8; OVÍDIO, *Met.* XII 210-535; DIODORO, IV 70, 3.

<sup>25</sup> Esta passagem é reconstruída a partir de ZENÓBIO, *Centauromaquia* V 33.

<sup>26</sup> Cf. HESÍODO, *Fr.* 87; OVÍDIO, *Met.* XII 459-532; ANTONINO LIBERAL, 17; APOLÔNIO DE RODES, I 57-64.

<sup>27</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 7.

<sup>28</sup> Descendente de Erecteu, cf. PAUSÂNIAS, II 25, 6 e PLUTARCO, *Teseu* 32 ss.

<sup>29</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, II 15, 12.

<sup>30</sup> Cf. PLUTARCO, *Teseu* 35; PAUSÂNIAS, I 17, 6; DIODORO, IV 62, 4.

<sup>31</sup> HOMERO, *Odisseia* XI 582-592 menciona o tormento de Tântalo sem fazer referência à rocha, que aparece em muitos autores: PÍNDARO, *Olímpicas* I 57-8; EURÍPIDES, *Orestes* 4-10; ANTONINO LIBERAL, 36; OVÍDIO, *Met.* IV 458-9; HIGINO, *Fáb.* 82; LUCIANO, *Diálogo dos mortos* 17 menciona apenas o castigo da sede. Quanto aos delitos cometidos por Tântalo, além dos mencionados por Apolodoro, atribuem-lhe também o perjúrio: pois quando Hermes, a mando de Zeus, foi pedir-lhe o cão destinado a guardar o santuário de Creta, que estava provisoriamente em sua posse, Tântalo negou tê-lo visto, e Zeus castigou-o, sepultando-o sob o monte Sípilo; cf. PAUSÂNIAS, II 22, 3 e V 13, 7.

<sup>32</sup> Filho de Tântalo, cf. PAUSÂNIAS, III 22, 4.

alado; este, mesmo quando corria através do mar, não molhava seus eixos<sup>34</sup>. O então rei de Pisa, Enomau, tinha uma filha chamada Hipodâmia e, quer porque ele estivesse apaixonado por ela, como dizem alguns, quer porque fora advertido por um oráculo de que haveria de morrer às mãos daquele que a esposasse, ninguém a tomava como esposa<sup>35</sup>, pois como seu pai não conseguia lhe persuadir a ter relações sexuais com ele, matava os pretendentes; com efeito, por ter armas e cavalos recebidos de Ares, Enomau propunha a mão de sua filha como prêmio aos pretendentes, e cada um deles devia subir a seu carro com Hipodâmia e fugir até o Istmo de Corinto, enquanto Enomau, completamente armado, devia persegui-lo imediatamente, e caso o alcançasse, matá-lo; se o pretendente não fosse alcançado, devia desposar Hipodâmia. Deste modo, havia matado muitos pretendentes, doze, conforme dizem alguns; e tendo-lhes cortado as cabeças, mantinha-as suspensas em sua casa<sup>36</sup>.

### *Mirtilo*

Não obstante, Pélope também se apresentou como pretendente; Hipodâmia, ao contemplar sua beleza, se apaixonou por ele, e persuadiu Mirtilo, filho de Hermes, a ajudá-lo. Mirtilo era o condutor do carro de Enomau, e como a amava e desejava agradá-la, não pôs os pinos nos eixos das rodas e fez com que Enomau fosse derrotado na corrida e morresse<sup>37</sup>, arrastado pelas rédeas nas quais se enredara; ou, segundo outros, morreu às mãos de Pélope. No instante em que morria, ao perceber a conspiração, Enomau lançou uma maldição a Mirtilo, para que encontrasse a morte às mãos de Pélope<sup>38</sup>.

Deste modo, Pélope conquistou Hipodâmia, e quando passava por certo lugar em companhia de Mirtilo, distanciou-se um pouco para trazer água para sua esposa, que estava com sede, e neste ínterim, porém, Mirtilo tentou violentá-la. Quando Pélope ficou sabendo por meio dela o ocorrido, arrojou Mirtilo ao mar, nas imediações do Cabo Geresto, denominado Mirtoo, em sua homenagem<sup>39</sup>; contudo, ao ser lançado, Mirtilo proferiu maldições contra a estirpe de Pélope. Após ter chegado às margens do Oceano e ser purificado por Hefesto, Pélope retornou a Pisa da Élide e apoderou-se do reino de Enomau, e tendo submetido a região, denominada anteriormente de Ápia e Pelasgiótida, denominou-a Peloponeso, a partir de seu próprio nome<sup>40</sup>.

### *Atreu e Tiestes, filhos de Pélope*

Os filhos de Pélope foram Piteu, Atreu, Tiestes e outros<sup>41</sup>. Aérope era esposa de Atreu, filha de Catreu, e amava Tiestes. Atreu havia prometido certa vez sacrificar a Ártemis o que havia de mais belo em seu rebanho, mas dizem que quando apareceu uma ovelha de ouro, ele negligenciou

---

<sup>33</sup> Tântalo, pai de Pélope, serviu os membros de seu filho aos deuses, mas somente Deméter comeu um de seus ombros. Quando os deuses ressuscitaram Pélope, substituíram esse ombro por outro de marfim. Cf. OVÍDIO, *Met.* VI 404-411; HIGINO, *Fáb.* 83; PÍNDARO, *Olímpicas* I 26 e 37-41.

<sup>34</sup> Cf. PÍNDARO, *Olímpicas* I 75 ss.; PAUSÂNIAS, V 17, 7.

<sup>35</sup> Cf. PÍNDARO, *Olímpicas* I 67 ss.; DIODORO, IV 73, 2; PAUSÂNIAS, V 10, 6-7; 14, 6; 17, 7; VI 20, 17; 21 6-11; VIII 14, 10-11.

<sup>36</sup> Pélope, ao ver as cabeças dos pretendentes mortos, esteve a ponto de renunciar à sua pretensão, cf. HIGINO, *Fáb.* 84.

<sup>37</sup> De acordo com DIODORO, IV 73, 5, Enomau, ao constatar que havia perdido a corrida, se suicida.

<sup>38</sup> Os preparativos desta corrida constituem o tema do frontão Leste do templo de Zeus em Olímpia.

<sup>39</sup> Parte do mar Egeu delimitada pela Lacedemônia, Argólida, Ática e sul da Eubeia, onde estava situado o promontório de Geresto. Cf. EURÍPIDES, *Orestes* 989 ss.

<sup>40</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II, 1, 1; PAUSÂNIAS, II 5, 7.

<sup>41</sup> PÍNDARO, *Olímpicas* I 144, menciona que Pélope e Hipodâmia tiveram seis filhos. HIGINO, *Fáb.* 84, nomeia três: Hipálcimo, Tiestes e Atreu. Além dos filhos legítimos, há também a menção a um filho bastardo, Crisipo (PSEUDO APOLODORO, III 5, 5), que foi morto por seus irmãos a pedido de Hipodâmia; cf. TUCÍDIDES, I 9; PAUSÂNIAS, VI 20, 7.

completamente o seu voto, e depois de tê-la asfíxiado, depositou-a numa arca e aí a guardava<sup>42</sup>, e Aérope deu a ovelha a Tiestes, por quem ela se deixou seduzir. Com efeito, os micênios haviam recebido um oráculo que lhes prescrevia escolher um dos filhos de Pélope como seu rei, e então mandaram chamar Atreu e Tiestes. Quando ocorreu uma discussão sobre a soberania, Tiestes declarou à multidão que a soberania deveria pertencer àquele que possuísse a ovelha de ouro. Logo que Atreu concordou, Tiestes mostrou a ovelha e tornou-se rei. Zeus, no entanto, enviou Hermes a Atreu e disse-lhe para chegar a um acordo com Tiestes, de que Atreu passaria a reinar, caso o sol se encaminhasse na direção contrária. Depois que Tiestes concordou, o sol fez seu caminho do poente para o levante<sup>43</sup>; uma vez que a divindade testemunhou a usurpação de Tiestes, Atreu passou a ocupar o trono e baniu Tiestes. Mais tarde, depois de ter percebido o adultério, Atreu enviou-lhe um arauto e o convocou para uma reconciliação. Fingindo ser seu amigo, degolou os filhos que Tiestes tivera com uma ninfa náíade: Aglaos, Calileonte e Orcômeno, apesar de terem se sentado como suplicantes no altar de Zeus; e, depois de desmembrá-los e cozinhá-los, serviu-os a Tiestes, com exceção das extremidades. Depois que ele havia se saciado, mostrou-lhe os membros e o expulsou do país<sup>44</sup>. Tiestes, que procurava por todos os meios se vingar de Atreu, consultou o oráculo a respeito deste assunto e recebeu o vaticínio de que o conseguiria se gerasse um filho ao ter relações sexuais com a própria filha<sup>45</sup>. Assim ele o fez e de sua filha gerou Egisto, que quando se tornou adulto e ficou sabendo de que era filho de Tiestes, matou Atreu e restituiu o trono a seu pai.

#### *Agamêmnon e Menelau*

A ama, porém, conduziu Agamêmnon e Menelau a Polífides, soberano de Sícion, que por sua vez os enviou a Eneu, o etólio; pouco depois, Tíndaro os reconduziu à sua pátria, e eles expulsaram o próprio Tiestes, que havia se refugiado no altar de Hera, depois de fazê-lo jurar que viveria em Citera. Tornaram-se genros de Tíndaro, ao desposarem suas filhas: Agamêmnon tomou Clitemnestra como esposa, após matar seu marido, Tântalo, filho de Tiestes, e seu filho recém-nascido, e Menelau desposou Helena<sup>46</sup>.

Agamêmnon reinou sobre os micênios e casou-se com Clitemnestra, filha de Tíndaro, após haver matado seu primeiro marido, Tântalo, filho de Tiestes, juntamente com seu filho<sup>47</sup>; e teve um filho, Orestes, e as filhas Crisótemis, Electra e Ifigênia<sup>48</sup>. Menelau casou-se com Helena e reinou em Esparta, pois Tíndaro lhe concedera o trono<sup>49</sup>.

#### PRÉ-HOMÉRICA

#### *A maçã da Discórdia. Juízo de Páris. Rapto de Helena*

Por sua vez, Alexandre raptou Helena, conforme alguns dizem, pela vontade de Zeus, para que sua filha se tornasse célebre por fazer com que a Europa e a Ásia entrassem em guerra; segundo

<sup>42</sup> Segundo o *Escólio a EURÍPIDES, Orestes* 995, o próprio Hermes envia a ovelha de ouro para se vingar da morte de seu filho Mirtilo. Por outro lado, FERÉCIDES, 3, 133, afirma que foi Ártemis que enviou a ovelha, uma vez que a discórdia entre os irmãos ocorreu pelo fato de Atreu não tê-la oferecido em seu sacrifício.

<sup>43</sup> A respeito da mudança na direção do sol cf. *Escólio a EURÍPIDES, Orestes* 998; EURÍPIDES, *Electra* 726-732; PLATÃO, *Político* 269a.; ESTRABON, I 15, 23.

<sup>44</sup> O banquete nefasto de Atreu aparece pela primeira vez em ÉSKUÍLO, *Agamêmnon* 1590 ss. Cf. também HIGINO, *Fáb.* 88; SÊNECA, *Tiestes* 682 ss.; PAUSÂNIAS, II 18, 1-2

<sup>45</sup> Com referência ao incesto de Tiestes com sua filha Pelópiã, cf. HIGINO, *Fáb.* 87 e 88, que, no entanto, não menciona se Tiestes estava consciente do incesto.

<sup>46</sup> Este parágrafo é uma tradução em prosa dos versos 456-465 do Livro I das *Quilíades* de TZETZES, que R. Wagner supôs que poderiam derivar da passagem correspondente de Apolodoro. Cf. nota de FRAZER, II p. 169.

<sup>47</sup> Cf. EURÍPIDES, *Ifigênia em Aulide* 1148 ss.; PAUSÂNIAS, II 18, 2; 22, 2-3.

<sup>48</sup> Na *Ilíada* IX 142 ss.; Agamêmnon tem um filho, Orestes, e três filhas, Crisótemis, Laódice e Ifianassa; não há menção alguma a Ifigênia nem a Electra.

<sup>49</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 11, 2.

outros, para que fosse enaltecida a estirpe dos semideuses. Por um destes motivos, Éris lançou o pomo da beleza entre Hera, Atena e Afrodite, e Zeus ordenou a Hermes que as conduzisse ao Ida, diante de Alexandre, a fim de que fossem julgadas por ele<sup>50</sup>. E elas prometeram presentes a Alexandre: Hera, caso fosse preferida às demais, a soberania total; Atena, a vitória na guerra, e Afrodite, o casamento com Helena. Ele escolheu Afrodite e zarpou para Esparta com as naus construídas por Féreco<sup>51</sup>. Por nove dias, Alexandre foi hospedado na casa de Menelau, porém no décimo, quando Menelau viajou para Creta para prestar honras fúnebres a seu avô materno Catreu<sup>52</sup>, persuadiu Helena a partir consigo. Ela, abandonando Hermíone, sua filha de nove anos, e levando a bordo a maior parte das suas riquezas, zarpou com ele durante à noite. Mas Hera enviou-lhes uma forte tempestade, pela qual foram constrangidos a atracar em Sídon. Receoso de que o perseguissem, Alexandre fez questão de passar um bom tempo na Fenícia e em Chipre e, quando supôs que a perseguição havia cessado, dirigiu-se a Troia com Helena<sup>53</sup>. Alguns dizem que Helena, por desígnio de Zeus, após ter sido raptada por Hermes, foi levada para o Egito e entregue à custódia de Proteu, rei dos egípcios, e que Alexandre chegou a Troia com um simulacro de Helena, feito de névoa<sup>54</sup>.

### *Convocação dos reis helenos para a guerra*

Quando Menelau se apercebeu do rapto, dirigiu-se a Micenas, à presença de Agamêmnon, e pediu-lhe que reunisse o exército, recrutando-o na Hélade. E ele, enviando um arauto a cada um dos reis, lembrava-os dos juramentos que haviam sido prestados<sup>55</sup>, e exortava-os a cuidarem da segurança das próprias esposas, dizendo que a afronta havia sido idêntica e comum a toda Hélade. Quando muitos se mostraram dispostos a tomar parte na expedição, dirigiram-se também a Odisseu em Ítaca. Este, que não queria tomar parte na expedição, fingiu-se de demente. Mas Palamedes, filho de Náuplio, demonstrou que sua loucura era fingimento, pois quando Odisseu simulava estar louco, Palamedes o acompanhou e, depois de arrebatar Telêmaco do colo de Penélope, sacou da espada com a intenção de matá-lo. Então Odisseu, receoso por seu filho, confessou a dissimulação de sua loucura e uniu-se à expedição<sup>56</sup>.

### *Morte de Palamedes*

Tendo tomado um frígio como prisioneiro, Odisseu obrigou-lhe a escrever uma carta de traição supostamente enviada por Príamo a Palamedes, e após enterrar ouro em sua tenda, lançou a

---

<sup>50</sup> A respeito do julgamento de Páris. Cf. *Cíprias*, resumo de Proclo; HOMERO, *Ilíada* XXIV 25 ss.; EURÍPIDES, *Troianas* 924 ss.; 971-981, *Helena* 23-31, *Ifigênia em Áulis* 1300 ss.; *Andrômaca* 274-290; LUCIANO, *Diálogo dos deuses* 20, *Diálogos marinhos* 5, 1; HIGINO, *Fáb.* 92. Segundo a tradição mais divulgada, Éris, a Discórdia, foi a única divindade que não foi convidada às núpcias de Peleu e Tétis e, para se vingar disto, lançou entre as três deusas uma maçã de ouro, que portava a inscrição “para a mais bela”. Mas dentre os textos mencionados, a menção à maçã só ocorre em Luciano e Higinio.

<sup>51</sup> Homero narra sua morte em combate na *Ilíada* V 59 ss. Os nomes de seu pai e seu avô, citados nesta passagem, parecem comprovar a consagração a esse ofício por sua família durante três gerações.

<sup>52</sup> PSEUDO APOLODORO, III 2.

<sup>53</sup> Cf. *Ilíada* VI 289-292. Nas *Cíprias*, segundo PROCLO, assim que chegou a Sídon, Páris saqueou a cidade, mas HERÓDOTO, II 117, proporciona outra versão das *Cíprias*: Helena e Páris, graças a um vento favorável e ao mar tranquilo, fizeram a viagem de Esparta a Troia em três dias.

<sup>54</sup> EURÍPIDES, *Helena* 31-51, 582 ss., 670, menciona que a verdadeira Helena nunca foi para Troia, mas apenas um simulacro seu, pois Hermes a raptara a mando de Hera e a entregara a Proteu, no Egito; e HERÓDOTO, II 112-120, afirma que Páris, obrigado a desviar-se de sua rota, havia chegado com Helena ao Egito, e Proteu, indignado com ele, expulsou-o e reteve Helena consigo para posteriormente entregá-la a Menelau.

<sup>55</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 9.

<sup>56</sup> Não obstante, a versão mais difundida sobre a loucura de Odisseu é a de que ele havia jungido um boi e um cavalo (ou um asno) ao arado e semeava sal nos sulcos. Palamedes tê-lo-ia desmascarado ao colocar Telêmaco diante do arado, pois ao vê-lo, Odisseu desviou-se de seu curso, denunciando-se. Cf. HIGINO, *Fáb.* 95; LUCIANO, *De uma casa* 30; LICOFRON, *Alexandra*, 815-819.

carta em meio ao acampamento. Agamêmnon leu a carta, encontrou o ouro e entregou Palamedes aos seus aliados para que o apedrejassem como a um traidor<sup>57</sup>.

### *Cínicas*

Menelau, juntamente com Odisseu e Taltíbio foram a Chipre ante a presença de Cínicas e tentaram convencê-lo a aliar-se a eles. E Cínicas, na ausência de Agamêmnon, presenteou-lhes com umas couraças, e apesar de haver prometido, sob juramento, enviar-lhes cinquenta naus, enviou-lhes apenas uma, sob o comando do filho de Migdalíon; as restantes ele as modelou em argila e as despachou pelo mar.

### *As Enótrofas*

As filhas de Ânio, filho de Apolo, chamadas Enótrofas, foram Elaide, Espermo e Eno: Dioniso havia lhes concedido o dom de fazer azeite, trigo e vinho a partir da terra<sup>58</sup>.

### *Catálogo das naus*

O exército se reuniu em Áulis. Os que marcharam contra Troia foram os seguintes<sup>59</sup>: da Beócia, dez chefes, comandando quarenta naus; de Orcômeno, quatro, comandando trinta naus; da Fócida, quatro chefes comandando quarenta naus; da Lócrida, Ajax, filho de Oileu, comandando quarenta naus; da Eubeia, Elefénor, filho de Calcodonte e Alcíone, comandando quarenta naus; de Atenas, Menesteu, comandando cinquenta naus; de Salamina, Ajax, filho de Télamon, comandando doze naus; de Argo, Diomedes, filho de Tideu, e seus sequazes, comandando oitenta naus; de Micenas, Agamêmnon, filho de Atreu e Aérope, cem naus; da Lacedemônia, Menelau, filho de Atreu e Aérope, sessenta naus; de Pilos, Nestor, filho de Neleu e Clóris, quarenta naus; da Arcádia, Agapénor, sete naus; da Élide, Anfímaco e seus acompanhantes, quarenta naus; de Dulíquia, Meges, filho de Fileu, quarenta naus; de Cefalênia, Odisseu, filho de Laertes e Anticleia, doze naus; da Etólia, Toas, filho de Andrémon e Gorge, quarenta naus; de Creta, Idomeneu, filho de Deucalion, quarenta; de Rodes, Tlepólemo, filho de Héacles e Astíoque, nove naus; de Sime, Nireu, filho de Cáropo, três naus; de Cós, Fidipo e Ântifo, filhos de Téssalo, trinta; dos mirmídones, Aquiles, filho de Peleu e Tétis, cinquenta; de Fílace, Protesilau, filho de Íficlo, quarenta; de Feres, Eumelo, filho de Admeto, onze; de Olizante, Filoctetes, filho de Peante, sete; de Ênia, Guneu, filho de Ócito, vinte e duas; de Tríceia, Podalírio <e Macáon, filhos de Asclépio>, trinta, Órmeno, Eurípilo... quarenta naus; de Girtona, Polipetes, filho de Pirítoo, trinta; da Magnésia, Prótoo, filho de Tentredon, quarenta. Portanto, o total das naus remonta a mil e treze, o de chefes, a quarenta e três, e a trinta, os reinos.

### *O augúrio de Áulis*

Quando o exército se encontrava em Áulis, durante a celebração de um sacrifício em honra a Apolo, uma serpente se lançou do altar para um plátano próximo, onde havia um ninho, e após

<sup>57</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 105; escólio a EURÍPIDES, *Orestes* 432.

<sup>58</sup> A menção a Ânio ocorre, ao que tudo indica, porque os helenos requisitaram seus serviços, segundo se depreende de DÍCTIS, *Guerra de Troia* I 23. Ânio era rei de Delos, e segundo o escólio a *Odisseia* VI 164, ESTESÍCORO menciona uma viagem de Odisseu e Menelau a sua corte para levarem suas filhas. Elaide, “a do azeite”, Espermo, “a da semente” e Eno, “a do vinho”. Cf. também escólio a LICOFRON, 570, 581; OVÍDIO, *Met.* XIII 623-674. Segundo o escoliasta, quando os helenos chegaram a Delos em sua travessia para Troia, Ânio tentou convencer-lhes de que deviam permanecer ali nove anos, pois no décimo destruiriam Troia, e prometeu-lhes que suas filhas alimentariam o exército. Em Ovídio, é Agamêmnon que obriga as filhas de Ânio a lhes acompanharem a Troia, porém elas fogem e Dioniso as transforma em pombas.

<sup>59</sup> Cf. HOMERO, *Ilíada* II 494-759; EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulis* 253 ss., HIGINO, *Fáb.* 97; com algumas variantes no número de chefes e de naus.

devorar oito filhotes que se encontravam nele e a mãe, em nono lugar, converteu-se em pedra. Então Calcas disse que semelhante sinal havia lhes surgido pelo desígnio de Zeus, e supôs pelo ocorrido que Troia seria tomada no décimo ano<sup>60</sup>. E eles se prepararam para navegar contra Troia. Agamêmnon era o chefe supremo do exército, enquanto Aquiles, com quinze anos de idade, comandava a esquadra<sup>61</sup>.

#### *A guerra na Mísia. Retorno dos helenos*

Uma vez que desconheciam a rota para Troia, atracaram na Mísia e a devastaram, pensando que era Troia<sup>62</sup>. Télefo, filho de Hércules, que nesta época reinava na Mísia, ao ver seu território saqueado, armou os mísijs e perseguiu os helenos até suas naus; matou muitos, entre eles Tersandro, filho de Polinice, que havia lhe defrontado. Quando Aquiles se lançou contra Télefo, este não o enfrentou e foi perseguido, ao fugir, enredou-se num ramo de videira e foi ferido na coxa pela lança do herói. Ao partirem da Mísia, os helenos fizeram-se ao mar, e então lhes sobreveio uma violenta tempestade e, separados uns dos outros, chegaram às suas pátrias. Por isso se diz que, como os helenos regressaram naquela ocasião, a guerra durou vinte anos<sup>63</sup>, pois foi no segundo ano após o rapto de Helena que os helenos, tendo completado seus preparativos, empreenderam a expedição e, desde que se retiraram da Mísia para a Hélade, oito anos se passaram antes que retornassem a Argo e chegassem a Áulis.

#### *Segunda expedição*

Quando se reuniram de novo em Argo, após o mencionado período de oito anos, encontravam-se numa situação de grande dificuldade com respeito à travessia, pois necessitavam de um guia que pudesse lhes indicar a rota para Troia. Porém Télefo, que não havia curado sua ferida, e porque Apolo lhe dissera então que só seria curado quando aquele que o ferira se convertesse em seu médico, chegou da Mísia a Argo, envolvido em trapos<sup>64</sup>; e tendo requisitado a ajuda de Aquiles, prometeu-lhes indicar o caminho para Troia. Então Aquiles o curou, após raspar a ferrugem de sua lança de haste fraxínea do Pélion<sup>65</sup> sobre a ferida. Assim, pois, uma vez curado, mostrou-lhes o caminho, e Calcas confirmou a veracidade desta indicação por meio de sua arte divinatória.

#### *Sacrifício de Ifigênia*

Zarpando de Argo, os helenos chegaram a Áulis pela segunda vez, porém a ausência de ventos retinha a esquadra. Então Calcas declarou que não poderiam navegar a não ser que, dentre as filhas de Agamêmnon, a mais pujante em beleza fosse sacrificada a Ártemis, pois a deusa havia se irritado contra Agamêmnon porque este dissera ao atingir um cervo: “nem Ártemis”, e também porque Atreu não havia lhe sacrificado uma cordeira dourada<sup>66</sup>. Ao ocorrer este vaticínio, Agamêmnon enviou Odisseu e Taltíbio a Clitemnestra com a missão de trazer Ifigênia, alegando que havia prometido concedê-la como esposa a Aquiles em retribuição por sua participação na expedição. Deste modo, Clitemnestra a enviou, e quando Agamêmnon estava se preparando no altar

<sup>60</sup> Cf. *Ilíada* II 299-330; CÍCERO, *Sobre a adivinhação* II 30; 63-65; OVÍDIO, *Met.* 11-23; em Homero, a petrificação da serpente é anterior à interpretação de Calcas, em Ovídio, é posterior.

<sup>61</sup> Apolodoro é único autor dentre todos os mitógrafos conhecidos que atribui a Aquiles o mando supremo da esquadra.

<sup>62</sup> Para a chegada dos helenos a Mísia, cf. *Cíprias*, resumo de Proclo.

<sup>63</sup> Na *Ilíada* XXIV 765-6, Helena diz que se passaram vinte anos desde que abandonou sua pátria.

<sup>64</sup> Cf. OVÍDIO, *Pônticas* II 2, 6; HIGINO, *Fáb.* 101. Apolodoro parece ter em mente o episódio da tragédia perdida de Eurípidés, *Télefo*, em que o protagonista aparece em cena coberto de trapos, fato que provocou a sátira de Aristófanes na sua comédia *Os acarnenses*, 430 ss.

<sup>65</sup> Cf. OVÍDIO, *Pônticas* II 2, 6; HIGINO, *Fáb.* 101; PROPÉRCIO, II 1, 63-64.

<sup>66</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 2, 10.

para degolá-la, Ártemis arrebatou-a e a estabeleceu como sacerdotisa de seu culto em Táuris, pondo em seu lugar uma cervaz; segundo dizem alguns, a deusa a tornou imortal<sup>67</sup>.

Partindo de Áulis, atracaram em Tênedo, onde reinava Tenes, filho de Cicno (ou de Apolo, segundo outros) e Procleia. Este habitava ali após ter sido banido por seu pai, pois Cicno havia tido de Procleia, filha de Laomedonte, um filho, Tenes, e uma filha, Hemíteia, e havia se casado pela segunda vez com Filônome, filha de Trágaso, a qual, tendo se apaixonado por Tenes e não conseguido seduzi-lo, acusou-o ante Cicno de assassinato e apresentou um auleta\* chamado Eumolpo como sua testemunha. Cicno acreditou nela, e após metê-lo numa arca juntamente com sua irmã, arrojou-os ao mar. Quando a arca atingiu a terra firme da ilha de Lêucofris, Tenes desembarcou, povoou-a e denominou-a Tênedo, a partir de seu nome. Posteriormente, ao ficar sabendo da verdade, Cicno lapidou o auleta e enterrou sua esposa viva<sup>68</sup>.

Ao ver que os helenos vinham navegando em direção a Tênedo, Tenes tentou afastá-los lançando-lhes pedras, porém, ferido no peito pela espada de Aquiles, morreu, apesar de Tétis ter advertido Aquiles que não matasse Tenes, pois se o fizesse, ele próprio morreria às mãos de Apolo<sup>69</sup>.

### *A ferida de Filoctetes*

Quando os helenos estavam celebrando um sacrifício a Apolo, uma serpente marinha surgiu do altar e mordeu Filoctetes. E uma vez que a ferida se tornou incurável e fétida e o exército não conseguia suportar o fedor, Odisseu, seguindo as ordens de Agamêmnon, abandonou Filoctetes em Lemnos, com o arco e as flechas de Hércules, dos quais detinha a posse. Ali, abatendo os pássaros com o arco, ele obtinha alimento no deserto<sup>70</sup>.

### *Os helenos em Troia: Protesilau*

Tendo zarpado de Tênedo, os helenos navegaram em direção a Troia, e enviaram Odisseu e Menelau para solicitar a devolução de Helena e seus bens<sup>71</sup>. Mas os troianos, após terem se reunido em assembleia, não apenas se recusaram a lhos restituir, como também quiseram matá-los. Contudo, Antenor os salvou, enquanto os helenos, indignados com a insolência dos bárbaros, envergaram suas armas e fizeram-se ao mar para atacá-los. Tétis advertiu Aquiles para que não fosse o primeiro a desembarcar, pois o primeiro a desembarcar haveria de ser o primeiro a morrer. Mas quando os bárbaros se aperceberam de que a esquadra os atacava, acorreram armados ao mar e tentaram impedir que desembarcassem, atirando-lhes pedras. Protesilau foi o primeiro guerreiro a desembarcar da nau, e após haver matado não poucos dos bárbaros, morreu às mãos de Heitor. Sua mulher, Laodâmia, continuou a amá-lo mesmo após a sua morte, e tendo modelado uma réplica de seu marido, mantinha relações sexuais com ela. Os deuses se compadeceram dela, e Hermes trouxe Protesilau de volta do Hades; Laodâmia, ao vê-lo, pensou então que ele havia voltado de Troia, e ficou exultante, mas quando ele foi reconduzido para o Hades, suicidou-se<sup>72</sup>.

---

<sup>67</sup> Cf. EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulis*; OVÍDIO, *Met.* 24-38; HIGINO, *Fáb.* 98; *Cíprias*, resumo de Proclo.

\* Auleta, isto é, o tocador de aulo, instrumento de sopro precursor da flauta.

<sup>68</sup> Cf. PAUSÂNIAS, X 14, 2-4; DIODORO, V 83. Outros relatos mencionam que Cicno teria se dirigido a Tênedo para se reconciliar com o filho, porém este se recusou a recebê-lo e, com uma machadada, cortou a amarra que ligava à praia o barco de seu pai e em consequência desse caso, todos os auletas (flautistas) eram banidos de Tênedo, cf. Grimal, p 87.

<sup>69</sup> Cf. PLUTARCO, *Quest. Graec.* 28 (297f), menciona que, quando Aquiles perseguia a irmã de Tenes, este acorreu para defendê-la e Aquiles o matou sem saber quem era. Matou também um de seus próprios servos que havia sido enviado por Tétis para fazer-lhe a advertência.

<sup>70</sup> Segundo SÓFOCLES, *Filoctetes* 263-270 e 1326-1328, o acidente não ocorre em Tênedo, mas na ilha de Crises, junto ao altar de uma deusa também chamada Crise; porém, conforme HIGINO, *Fáb.* 102, ocorreu em Lemnos. Cf. *Ilíada* II 718-724.

<sup>71</sup> Cf. HOMERO, *Ilíada* III 205-208, XI 138-142; BAQUÍLIDES, XIV 1-64; *Cíprias* (resumo de Proclo).

<sup>72</sup> Cf. LUCIANO, *Diálogo dos mortos* 23; PROPÉRCIO, I 19, 7-10; HIGINO, *Fáb.* 103 e 104. Segundo Higino, Laodâmia havia obtido dos deuses que Mercúrio (Hermes) lhe trouxesse seu esposo por apenas três horas; depois, fez

### *Cicno. Troilo. As conquistas de Aquiles*

Depois que Protesilau morreu, Aquiles desembarcou com seus mirmídones e matou Cicno com uma pedrada na cabeça<sup>73</sup>. Assim que os bárbaros o viram sem vida, fugiram para a cidade, enquanto os helenos, saltando de suas naus, encheram a planície de cadáveres; e após fecharem o cerco aos troianos, sitiaram-nos e arrastaram suas naus para local seco. Como os bárbaros não lhes fizeram frente, Aquiles armou uma emboscada e matou Troilo no santuário de Apolo Timbreu, e ao entrar à noite na cidade, capturou Licáon<sup>74</sup>. Além disso, após escolher alguns dos mais intrépidos guerreiros, passou a devastar a região e chegou ao monte Ida à procura das vacas de Eneias. Este havia fugido, porém Aquiles matou os boieiros e Mestor, filho de Príamo, e levou as vacas consigo<sup>75</sup>. E também conquistou Lesbos e Fócea, e em seguida, Cólofon, Esmirna, Clazômenas e Cime, e depois destas, Egíalo e Teno [as chamadas cem cidades], e sucessivamente Adramítio e Side, e depois Endio, Lineu e Colona. Também se apossou de Tebas Hipoplácia<sup>76</sup>, Lirnesso<sup>77</sup>, e ainda Antandro e muitas outras cidades.

### *Os aliados dos troianos*

Transcorrido um período de nove anos, chegaram os aliados dos troianos<sup>78</sup>: das cidades vizinhas, Eneias, filho de Anquises, e com ele, Arquéloco e Acamante, filhos de Antenor e Teano, comandantes dos dardânios; da Trácia, Acamas, filho de Eusoro; de Cicônia, Eufemo, filho de Trezeno; da Peônia, Pirecmes; de Paflagônia, Pilêmenes, filho de Bisaltes; de Zeleia, Pândaro, filho de Licáon; de Adrástia, Adrasto e Ânfito, filhos de Mérope; de Arisbe, Ásio, filho de Hírtaco; de Larissa, Hipótoo, filho de Pelasgo; da Mísia, Crômio e Ênomo, filhos de Arsínoo; de Alizônia, Odio e Epístrofo, filhos de Mecisteu; da Frígia, Fórcis e Ascânio, filhos de Aretáon; da Meônia, Mestles e Ânfito, filhos de Talêmenes; da Cária, Nastes e Anfímaco, filhos de Nomíon; e da Lícia, Sarpédon, filho de Zeus, e Glauco, filho de Hipóloco.

## A ILÍADA

### *A cólera de Aquiles. Combate entre Menelau e Alexandre*

Aquiles, em sua ira tenaz, se recusava a guerrear por causa de Briseide... a filha do sacerdote Crises<sup>79</sup>. Por isso os bárbaros se animaram e saíram da cidade. Alexandre lutou num combate

---

uma estátua de Protesilau, e quando estava abraçada a ela, foi surpreendida por um servo que a delatou ao seu pai, Acasto, que ordenou que a estátua fosse queimada. Protesilau recebeu o culto de herói após sua morte, e há informações interessantes sobre seu santuário em Eleunte em PAUSÂNIAS, I 34 e HERÓDOTO, IX 116.

<sup>73</sup> Há vários heróis de nome Cicno, cf. PSEUDO APOLODORO, *Epítome* 3, 23 ss.; este, é filho de Posídon. Segundo OVÍDIO, *Met.* XII 70-145, Cicno era invulnerável e Aquiles o matou estrangulando-o. Seu pai, Posídon, transformou-o em cisne.

<sup>74</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, III 12, 5. Nas *Cíprias*, Licáon é apenas capturado e vendido como escravo, mas HOMERO, na *Ilíada* XXI 34 ss., afirma que foi vendido como escravo, resgatado, e poucos dias depois, morto por Aquiles.

<sup>75</sup> Cf. *Ilíada* XX 90 ss., 188 ss.; *Cíprias*, resumo de Proclo.

<sup>76</sup> Cf. *Ilíada* II 691, VI 397.

<sup>77</sup> Foi em Lirnesso que Aquiles capturou Briseide, cf. *Ilíada* II 688 ss.; XIX 291-299, XX 92, 191 ss.

<sup>78</sup> Cf. *Ilíada* II 816-877.

<sup>79</sup> A partir daqui o autor faz um resumo dos principais eventos da *Ilíada* de Homero. Há uma lacuna no texto. A história já é conhecida e constitui a trama principal do poema: uma vez que Agamêmnon recusou-se a devolver Criseide, a filha do sacerdote de Apolo, Crises, o deus enviou a peste ao exército helênico. Em vista disso, Agamêmnon foi obrigado a devolver Criseide ao sacerdote, mas para se ressarcir desta perda, arrebatou de Aquiles Briseide, que os helenos haviam lhe dado como prêmio de guerra por sua bravura.

singular contra Menelau, e quando Alexandre estava sendo derrotado, Afrodite o arrebatou. Pândaro disparou uma flecha contra Menelau e rompeu o pacto<sup>80</sup>.

#### *Diomedes. Combate entre Heitor e Ajax*

Diomedes, ao realizar suas façanhas, feriu Afrodite, que havia ocorrido para socorrer Eneias, e tendo desafiado Glauco, lembrou-se da amizade entre seus pais e trocou suas armas com ele. Quando Heitor desafiou o melhor guerreiro para um combate singular, muitos acorreram, porém Ajax<sup>81</sup>, designado por sorteio, foi quem se destacou no combate. Ao chegar a noite, os arautos os separaram<sup>82</sup>.

#### *Proposta dos helenos a Aquiles. Morte de Dólón e de Reso*

Os helenos construíram um muro e um fosso em torno ao ancoradouro das naus, e quando ocorreu o combate na planície, os troianos os perseguiram até o muro<sup>83</sup>. Então os helenos enviaram Odisseu, Fênix e Ajax como embaixadores a Aquiles para lhe pedir que combatesse a seu lado, prometendo-lhe Briseide e outros presentes<sup>84</sup>. Ao anoitecer, enviaram Odisseu e Diomedes como espíões. Estes mataram Dólón, filho de Eumelo, e Reso, o trácio, que, chegado um dia antes como aliado dos troianos e sem ter tomado parte na luta, havia acampado distante das forças troianas, afastado de Heitor; mataram também doze guerreiros que dormiam ao seu redor e levaram seus cavalos para as naus<sup>85</sup>. No dia seguinte, após ter travado uma árdua batalha, Agamêmnon, Diomedes, Odisseu, Eurípilo e Macáon foram feridos, e ao ocorrer a debandada dos helenos, Heitor rompeu o muro, entrou<sup>86</sup>, e assim que Ajax se retirou, ateou fogo nas naus<sup>87</sup>.

#### *Morte de Pátroclo e de Heitor*

Quando Aquiles viu a nave de Protesilau em chamas, enviou Pátroclo acompanhado dos mirmídones, após tê-lo armado com suas próprias armas e ter-lhe dado seus cavalos. Ao vê-lo, os troianos presumiram que era Aquiles e puseram-se em fuga. E tendo-os perseguido até as muralhas, Pátroclo matou muitos, entre eles Sarpédon, filho de Zeus, e foi morto por Heitor<sup>88</sup>, apesar de haver sido previamente ferido por Euforbo. Travou-se um intenso combate pelo cadáver, e Ajax, realizando grandes proezas, conseguiu salvar o corpo<sup>89</sup>. Aquiles se desfez de sua ira tenaz e recuperou Briseide; tendo envergado as armas trazidas por Hefesto, partiu para o combate<sup>90</sup> e perseguiu os troianos até o Escamandro, onde, entre muitos outros, matou também Asteropeu, filho de Pélagon, que por sua vez era filho do rio Áxio. O rio (Escamandro) lançou-se impetuoso contra ele, porém Hefesto fez secar sua correnteza, perseguindo-o com intensas labaredas<sup>91</sup>. Aquiles matou Heitor em um combate singular, e tendo lhe atado os tornozelos a seu carro, arrastou-o até às naus. Após enterrar Pátroclo, instituiu jogos em sua homenagem, nos quais Diomedes sagrou-se campeão

---

<sup>80</sup> Cf. HOMERO, *Ilíada* III 15-382 e IV 1 ss. O pacto era que o vencedor ficaria com Helena e seus bens, o que poria um fim à guerra. Mas como o desígnio de Zeus tinha de se cumprir (a queda de Troia), foi a própria Atena, instigada por Hera, quem persuadiu Pândaro a disparar o arco contra Menelau.

<sup>81</sup> Trata-se de Ajax, filho de Télamon, rei de Salamina.

<sup>82</sup> Cf. *Ilíada* VII 66-312.

<sup>83</sup> Cf. *Ilíada* VIII 53-565.

<sup>84</sup> A embaixada de Odisseu, Fênix e Ajax é o tema do Canto IX da *Ilíada*.

<sup>85</sup> Estes acontecimentos são mencionados na tragédia de EURÍPIDES, *Reso*, e no Canto X da *Ilíada*.

<sup>86</sup> Cf. *Ilíada* XII 436 ss.

<sup>87</sup> Cf. *Ilíada* XV 716 ss.

<sup>88</sup> Estes acontecimentos são narrados no canto XVI da *Ilíada*.

<sup>89</sup> Estes acontecimentos constituem o tema do Canto XVII da *Ilíada*.

<sup>90</sup> Estes acontecimentos são descritos no Canto XVIII da *Ilíada*.

<sup>91</sup> Para a morte de Asteropeu por Aquiles, cf. *Ilíada* XXI 139-204; para o combate de Aquiles contra o rio Escamandro, *IBID*, XXI 211-382.

na corrida equestre; Epeu, no pugilato e Ájax e Odisseu, na luta<sup>92</sup>. Depois dos jogos, Príamo apresentou-se diante de Aquiles, resgatou o cadáver e o sepultou<sup>93</sup>.

#### PÓS-HOMÉRICA

##### *Pentesileia*

Pentesileia, filha de Otrera e Ares, após matar Hipólita involuntariamente, foi purificada por Príamo. Matou muitos em combate, entre eles Macáon, e morreu em seguida às mãos de Aquiles, que, tendo se apaixonado pela amazona após sua morte, matou Tersites por haver zombado dele<sup>94</sup>.

##### *Hipólita*

A mãe de Hipólito foi Hipólita, também chamada de Glauce ou Melanipe. Quando eram celebradas as núpcias de Fedra, ela se apresentou armada com suas Amazonas e ameaçou matar os convidados de Teseu, mas foi morta em combate, quer involuntariamente, por sua aliada Pentesileia, quer por Teseu ou por aqueles que o acompanhavam, que ao ver a atitude ameaçadora das Amazonas rapidamente fecharam as portas, e tendo-a aprisionado, a mataram<sup>95</sup>.

##### *Mêmnon. Morte de Aquiles: jogos fúnebres. Loucura de Ájax*

Mêmnon, filho de Titono e Éos, que havia chegado a Troia com uma grande força de etíopes contra os helenos, matou muitos e também Antíloco, porém Aquiles o matou. Quando estava perseguindo os troianos, junto às portas Ceias, Aquiles foi atingido no calcanhar por uma flecha disparada por Alexandre e Apolo<sup>96</sup>. Tendo sido travado um combate por seu cadáver, Ájax matou Glauco, despojou-o das armas para que as levassem às naus e, apesar de ser fustigado pelas flechas, carregou o cadáver de Aquiles, passando em meio aos inimigos, enquanto Odisseu combatia os que o atacavam. A morte de Aquiles encheu o exército de consternação. Enterraram-no juntamente com Pátroclo na ilha Leuca, misturando os ossos de ambos. Diz-se que depois de morto, Aquiles habitou com Medeia na ilha dos Bem aventurados<sup>97</sup>. Nos jogos celebrados em sua homenagem, Eumelo venceu a corrida de carros; Diomedes, a corrida pedestre; Ájax, o arremesso disco, e Teucro, a prova do arco. As armas de Aquiles foram oferecidas como prêmio ao mais valoroso e por elas rivalizaram-se Ájax e Odisseu. Os árbitros foram os troianos ou, segundo outros, os seus aliados. Odisseu foi o escolhido, e Ájax, perturbado pela decepção, planejou um ataque ao

<sup>92</sup> Estes acontecimentos são narrados no Canto XXIII da *Ilíada*.

<sup>93</sup> Estes acontecimentos são descritos no Canto XXIV da *Ilíada*.

<sup>94</sup> Estes acontecimentos eram narrados na *Etiópida* de ARCTINO, cujo resumo se encontra na *Crestomatia* de PROCLO, na qual se menciona que depois que Aquiles matou Tersites surgiu uma disputa entre os helenos e Aquiles parte para Lesbos; aí, após celebrar um sacrifício em honra a Apolo, Ártemis e Leto, é purificado do crime por Odisseu. Cf. Também HIGINO, *Fáb.* 112; DIODORO, II 46, 5. Para Tersites, v. HOMERO, *Ilíada* II, 211-277.

<sup>95</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO, *Epít.* 1, 17

<sup>96</sup> A morte de Aquiles é narrada também na *Etiópida* de Arctino. Ao nascer Aquiles, sua mãe Tétis submergiu-o no lago Estíge e deste modo tornou-o invulnerável, com exceção do calcanhar por onde o segurava. Cf. HIGINO, *Fáb.* 107; OVÍDIO, *Met.* XII 597-609. A morte de Aquiles é atribuída a Páris, na *Ilíada* XXII 359-60, XIX 404-5; OVÍDIO, *Met.* XII 605-6, XIII, 501; VIRGÍLIO, *Eneida* VI 56-58. Somente a Apolo, na *Ilíada* XXI 277-8, SÓFOCLES, *Fil.* 334-5; EURÍPIDES, *Andrômaca*, 1108. A Apolo sob a aparência de Páris, em HIGINO, *Fáb.* 107. Mas há outra versão da morte de Aquiles relacionada com seu amor pela filha de Príamo, Políxena: os troianos haviam lhe chamado ao templo de Apolo Timbreu com o pretexto de celebrar um pacto para suas núpcias com Políxena e ali o mataram à traição. Cf. HIGINO, *Fáb.* 110; DÍCTIS DE CRETA, IV; FILÓSTRATO, *Heroico* XX 16.

<sup>97</sup> Na *Etiópida* é narrado que Tétis, acompanhada pelas Musas e as Nereidas, acudiu junto ao cadáver de seu filho e, depois de pranteá-lo, arrebatou-o da pira e o levou a ilha Leuca, isto é, a “ilha Branca” Cf. APOLÔNIO DE RODES, *Argonáuticas*, IV 810 ss. Mas há outras versões, como, por exemplo, que aí desposou Helena. V. também HOMERO, *Odisseia* XI 467 ss., passagem que é considerada paradigmática com referência ao conceito que os helenos em geral tinham da vida após a morte, apesar de que também se admitia que as almas ilustres habitassem em algum lugar paradisíaco, como os Campos Elíseos ou as Ilhas dos Bem aventurados.

exército durante à noite; porém Atena o enlouqueceu e o dirigiu, armado com uma espada, contra os rebanhos. Enlouquecido, matou reses e pastores, pensando que fossem aqueus; mais tarde, ao recobrar a razão, se suicidou. Agamêmnon se opôs a que seu corpo fosse incinerado e, deste modo, ele é o único dentre todos os que pereceram em Ílion que jaz em um ataúde; seu túmulo está em Reteu<sup>98</sup>.

#### *Filoctetes em Troia. As profecias de Heleno*

Quando a guerra já estava no décimo ano, os helenos estavam desacorçoados e Calcas lhes profetizou que Troia não poderia ser tomada sem o concurso do arco e das flechas de Hércules<sup>99</sup>. Ao ouvir isso, Odisseu se dirigiu com Diomedes a Lemnos à presença de Filoctetes, e após ter-se apropriado do arco e das flechas por meio de um ardil, persuadiu-o a navegar para Troia<sup>100</sup>. Filoctetes chegou e, tendo sido curado por Podalírio, disparou uma flecha contra Alexandre. Depois que este morreu, Heleno e Deífobo disputaram para se casar com Helena. Como Deífobo foi o preferido, Heleno abandonou Troia e foi viver no monte Ida<sup>101</sup>. Quando Calcas disse que Heleno conhecia os oráculos que protegiam a cidade, Odisseu capturou-o em uma emboscada e conduziu-o ao acampamento<sup>102</sup>. Heleno foi obrigado a dizer como Ílion poderia ser tomada: a primeira condição consistia em trazer os ossos de Pélope; a segunda, que Neoptólemo lutasse a seu lado, e a terceira, que o paládio<sup>103</sup>, que havia caído do céu, fosse roubado, pois enquanto se encontrasse em seu interior, a cidade seria inexpugnável.

#### *Neoptólemo. Roubo do Paládio*

Ao ouvirem isso, os helenos fizeram com que os ossos de Pélope fossem trazidos e enviaram Odisseu e Fênix a Licomedes, em Esciro, e estes o convenceram a deixar Neoptólemo<sup>104</sup> partir. Este, após ter chegado ao acampamento, e recebido as armas que haviam pertencido a seu pai de Odisseu, que de bom grado lhas entregou, matou um grande número de troianos. Mais tarde chegou, como aliado dos troianos, Eurípilo, filho de Télefo, conduzindo um grande contingente de mísios; e depois de realizar grandes façanhas, pereceu às mãos de Neoptólemo<sup>105</sup>. Odisseu foi à noite à entrada da cidade com Diomedes, e deixou-o ali, à sua espera, e após ter-se desfigurado e coberto de andrajos, entrou de modo irreconhecível na cidade, como um pedinte. Mas apesar de ter sido reconhecido por Helena, roubou, com sua ajuda, o paládio, e após matar um grande número de guardiões, retornou com Diomedes para as naus<sup>106</sup>.

#### *O cavalo de madeira*

Mais tarde, Odisseu planejou a construção do cavalo de madeira e a sugeriu a Epeu, que era arquiteto. Este, tendo cortado madeira no monte Ida, construiu um cavalo oco, com aberturas nas

---

<sup>98</sup> O julgamento das armas de Aquiles era narrado na *Pequena Ilíada* e na *Etiópida*; cf. o resumo de PROCLO; OVÍDIO, *Met.* XIII, 1-383; HIGINO, *Fáb.* 107; *Odisseia* XI 544-548. Sobre a loucura de Ajax e os ataques a rebanhos e pastores, cf. SÓFOCLES, *Ájax* 97-100 e 237-244.

<sup>99</sup> Segundo o autor da *Pequena Ilíada*, a profecia foi feita por Heleno, que havia sido capturado por Odisseu; do mesmo modo também em Sófocles, *Filoct.* 605-614.

<sup>100</sup> Na tragédia de Sófocles, *Filoctetes*, são Odisseu e Neoptólemo que vão a Lemnos.

<sup>101</sup> Cf. *Pequena Ilíada* no resumo de PROCLO; EURÍPIDES, *Troianas* 960-1; CÓNON, *Narrativas* 34.

<sup>102</sup> Cf. SÓFOCLES, *Filoctetes* 64 ss. e 1337.

<sup>103</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO III 12, 3.

<sup>104</sup> Cf. *Pequena Ilíada* (resumo de PROCLO); *Odisseia* XI 506 ss.; SÓFOCLES, *Filoctetes* 343-356; QUINTO DE ESMIRNA, VI 56-113;

<sup>105</sup> Cf. *Odisseia* XI 516-521; QUINTO DE ESMIRNA, VIII 128-207

<sup>106</sup> Cf. resumo de PROCLO da *Pequena Ilíada*; *Odisseia* IV 250-256; CÓNON, *Narrat.* 34. Segundo EURÍPIDES, *Hécabe* 239-250, quando Odisseu entrou em Troia, Helena o reconheceu e o levou a Hécabe e esta o enviou para fora do país, salvando-lhe a vida.

laterais. Odisseu persuadiu cinquenta ou, conforme o autor da *Pequena Ilíada*, três mil, dos mais intrépidos a entrar nele<sup>107</sup>, e os restantes, para que, ao chegar a noite, queimassem suas tendas e que depois zarpasssem e ancorassem nas proximidades de Tênedo, para fazer a travessia de volta na noite seguinte. Eles obedeceram e introduziram os mais intrépidos no cavalo, após designarem Odisseu como seu líder e terem gravado no cavalo a inscrição “Os helenos, em agradecimento a Atena por seu retorno à pátria”. Eles próprios atearam fogo em suas tendas e, tendo deixado Sínon, que deveria acender uma tocha como sinal, zarparam à noite e ancoraram nas proximidades de Tênedo.

### *O saque de Troia*

Quando amanheceu, ao contemplarem o acampamento dos helenos deserto, os troianos julgaram que eles haviam fugido e cheios de júbilo, arrastaram o cavalo e o estacionaram diante do palácio de Príamo, enquanto deliberavam sobre o que lhes convinha fazer<sup>108</sup>. Cassandra dizia que dentro dele havia uma tropa armada, e o adivinho Laocoonte assim o confirmava; alguns eram partidários de que fosse consumido pelo fogo, outros, de que fosse arrojado a um precipício; contudo, a maioria era da opinião de que fosse deixado como uma oferenda consagrada à deusa, e se entregaram à celebração de sacrifícios e banquetes. Não obstante, Apolo enviou-lhes um sinal: pois duas serpentes vieram nadando pelo mar das ilhas vizinhas e devoraram os filhos de Laocoonte<sup>109</sup>. Quando sobreveio a noite e todos eram reféns do sono, os helenos zarparam de Tênedo e Sínon acendeu-lhes uma tocha sobre o túmulo de Aquiles para guiá-los<sup>110</sup>. Entretanto, Helena andava em torno do cavalo e chamava os chefes, imitando as vozes de suas mulheres. Anticlo quis responder, porém Odisseu tampou-lhe a boca<sup>111</sup>. E quando julgaram que seus inimigos estavam dormindo, abriram e saíram armados. O primeiro foi Equíon, filho de Porteu, que escorregou e caiu, mas os demais desceram por uma corda e, ao chegarem à muralha, abriram as portas e receberam seus companheiros que haviam zarpado de Tênedo. Estes avançaram armados até a cidade e, entrando nas casas, assassinaram os que estavam dormindo. Neoptólemo matou Príamo, que havia se refugiado no altar de Zeus Herceu<sup>112</sup>. Odisseu e Menelau reconheceram Glauco, filho de Antenor, que fugia para sua casa, e com sua intervenção armada o salvaram<sup>113</sup>. Eneias, carregando seu pai Anquises, fugiu, e os helenos o deixaram em paz, devido sua piedade<sup>114</sup>. Menelau, após matar Deífobo, levou Helena para as naus<sup>115</sup>. Por sua vez Demofonte e Acamante, filhos de Teseu, também levaram Etra, a mãe de Teseu<sup>116</sup>, pois também destes se diz que haviam

<sup>107</sup> Cf. *O saque de Troia e Pequena Ilíada* (resumo de PROCLO); *Odisseia* IV 271-289, VIII 492-515, XI 523-532; VIRGÍLIO, *Eneida* II 13-267; HIGINO, *Fáb.* 108; QUINTO DE ESMIRNA, XII 23-83, 218-443, 539-585, XIII 21-59; este último cita vinte e nove nomes de guerreiros que entraram no cavalo e afirma que entraram ainda mais.

<sup>108</sup> Sobre as deliberações dos troianos, cf. *O saque de Troia* (resumo de PROCLO); *Odisseia* VIII 505 ss.

<sup>109</sup> Cf. o resumo de *O saque de Troia*; VIRGÍLIO, *Eneida* II 201-231; HIGINO, *Fáb.* 135; QUINTO DE ESMIRNA, XII 444-477; segundo Virgílio e Higino, as serpentes mataram Laocoonte e seus filhos, e segundo o autor do *Saque de Troia*, Laocoonte e um de seus filhos. SÉRVIO (*Comentários a Eneida* II 201) disse que essa desgraça ocorreu a Laocoonte porque, sendo sacerdote de Apolo Timbreu, havia cometido o sacrilégio de ter tido relações sexuais com sua esposa no templo.

<sup>110</sup> Cf. *Pequena Ilíada* no resumo de PROCLO; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 23 ss. Em VIRGÍLIO, *Eneida* II 259, Sínon abre o cavalo ao ver o sinal luminoso, porém na *Eneida* VI 518-9, é Helena com sua própria tocha quem guia os helenos; no escólio a LICOFRON 340, é Antenor quem a acende, e em TRIFIODORO (510-521), são os dois: Sínon, sobre o túmulo de Aquiles, e Helena em seus aposentos.

<sup>111</sup> Cf. *Odisseia* IV 274-289; segundo TRIFIODORO, 476-487, Anticlo morre deste modo, asfixiado por Odisseu.

<sup>112</sup> “Protetor do lar”. Sobre a morte de Príamo, cf. EURÍPIDES, *Troianas*, 16-7, 481-483; *Hécabe* 22-24 ; PAUSÂNIAS, IV 17, 4; VIRGÍLIO, *Eneida* II 533-538; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 220-250; TRIFIODORO, 634-639.

<sup>113</sup> Antenor sempre se mostrou favorável à devolução de Helena e seus tesouros aos helenos; cf. *Ilíada* III 203-207.

<sup>114</sup> Cf. VIRGÍLIO, *Eneida* II 699-729; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 315-327;

<sup>115</sup> Cf. *O saque de Troia* no resumo de PROCLO; HIGINO, *Fáb.* 113, QUINTO DE ESMIRNA, XIII 354-357; TRIFIODORO, 613-633. Em VIRGÍLIO, *Eneida* VI 520-27, Helena conduz Menelau ao quarto de Deífobo, que o mata enquanto este estava dormindo.

<sup>116</sup> Etra havia sido feita prisioneira por Cástor e Polideuces (Pólux) quando estes foram a Atenas para resgatar Helena, cf. PSEUDO APOLODORO III 7, 4; *Epítome* I, 23.

ido a Troia mais tarde. Ájax, o lócrio, ao ver Cassandra abraçada a uma estátua de madeira de Atena, violentou-a; por esse motivo a estátua dirige o olhar para o céu<sup>117</sup>.

#### *A partilha do butim*

Após terem massacrado os troianos, os helenos incendiaram a cidade e dividiram os despojos entre si. Depois de oferecerem sacrifícios a todos os deuses, precipitaram Astíanax das torres<sup>118</sup> e degolaram Políxena sobre o túmulo de Aquiles<sup>119</sup>. Como recompensa especial, Agamêmnon recebeu Cassandra; Neoptólemo, Andrômaca e Odisseu, Hécabe<sup>120</sup>; mas alguns dizem que foi Heleno que a recebeu, e que após atravessar com Hécabe para o Quersoneso, ela se converteu numa cachorra, e ele a enterrou em um lugar que agora se chama Túmulo da Cachorra<sup>121</sup>. Quanto a Laódice, que se destacava em beleza dentre as filhas de Príamo, foi tragada por uma fenda que se abriu na terra diante de todos<sup>122</sup>.

Quando os helenos se preparavam para retornar após o saque de Troia, foram retidos por Calcas, que lhes disse que Atena estava irritada contra eles devido à impiedade de Ájax. E eles estavam prestes a matá-lo, porém Calcas se refugiou no altar e o deixaram.

### OS RETORNOS

#### *Disputa entre Agamêmnon e Menelau pelo retorno*

Depois disso, após terem se reunido em assembleia, Agamêmnon e Menelau rivalizaram-se: Menelau recomendava-lhes que zarpassem, enquanto Agamêmnon exortava-os a permanecer e a sacrificar a Atena. Diomedes, Nestor e Menelau zarparam simultaneamente. Os primeiros fizeram uma boa travessia, porém Menelau, surpreendido por uma tempestade, chegou com apenas cinco naus ao Egito, após haver perdido as restantes.

#### *Morte de Calcas*

Anfíloco, Calcas, Leonteu, Podalírio e Polipetes deixaram suas naus em Ílion e se dirigiram por terra a Cólofon, onde enterraram Calcas, o adivinho<sup>123</sup>, pois havia um vaticínio referente a ele de que morreria quando se deparasse com um adivinho mais sábio que ele. Com efeito, quando foram hospedados pelo adivinho Mopso, filho de Apolo e Manto, esse Mopso competiu com Calcas a respeito da arte da adivinhação. Havia ali uma figueira, e Calcas lhe perguntou: “quantos figos tem?” Mopso respondeu: Dez mil, um médimno e um figo a mais”. E assim foi confirmado. Por sua vez, Mopso, tendo uma porca prenhe, perguntou a Calcas “quantos leitões ela tem em seu ventre e quando irá parir?” E ele respondeu-lhe: “Oito”. Porém Mopso respondeu-lhe com um sorriso: “Calcas está equivocado com referência à adivinhação correta, pois eu, filho de Apolo e Manto, sou

<sup>117</sup> Cf. o resumo de PROCLLO de *O saque de Troia*; PAUSÂNIAS, I 15, 2; V 19, 5; X 26, 3; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 420-429; VIRGÍLIO, *Eneida* II 403-406.

<sup>118</sup> Cf. *O saque de Troia* (resumo de PROCLLO); EURÍPIDES, *Troianas*, 719-739, 1133-1135; *Andrômaca* 8-11; OVÍDIO, *Met.* XIII 415-417; HIGINO, *Fáb.* 109; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 251-257; SÊNECA, *Troianas* 524 ss. e 1063 ss. No *Saque de Troia*, Astíanax morre às mãos de Odisseu; na *Pequena Ilíada* (Fr. 19 A) é Neoptólemo quem o arroja da torre. Em Eurípides e Sêneca, os helenos decidem em assembleia pelo assassinato do menino. Em Sêneca é o próprio Astíanax quem se lança das muralhas, antes que o fizessem.

<sup>119</sup> Cf. *O saque de Troia* (resumo de PROCLLO); EURÍPIDES, *Hécabe* 226 ss., 521-582; OVÍDIO, *Met.* XIII 439-480; HIGINO, *Fáb.* 110; SÊNECA, *Troianas* 168 ss., 938-944, 1118-1164.

<sup>120</sup> Cf. EURÍPIDES, *Troianas* 247-259, 271-291; QUINTO DE ESMIRNA XIV 20-23.

<sup>121</sup> EURÍPIDES, *Hécabe* 1259-1273 QUINTO DE ESMIRNA XIV 347-351; OVÍDIO, *Met.* XIII 565-571; HIGINO, *Fáb.* 111; SÊNECA, *Agamêmnon* 723-726.

<sup>122</sup> Cf. QUINTO DE ESMIRNA, XIII 544-551; TRIFIODORO, 660-663.

<sup>123</sup> Cf. o resumo de PROCLLO dos *Retornos* (*Nóstoi*).

extremamente dotado da visão penetrante da adivinhação exata, e profetizo que ela porta nove em seu ventre, e não oito, como diz Calcas, e que todos são machos e nascerão sem falta amanhã à sexta hora”. Tendo ocorrido estas coisas, Calcas morreu de desgosto e foi enterrado em Nótion<sup>124</sup>.

### *A esquadra de Agamêmnon*

Após oferecer os sacrifícios, Agamêmnon zarpou e chegou a Tênedo. Tétis se apresentou e persuadiu Neoptólemo a permanecer dois dias e a oferecer sacrifícios. Ele assim o fez. Porém os outros partiram e se depararam com uma tempestade perto de Tênedo, pois Atena havia pedido a Zeus que enviasse uma tormenta aos helenos e muitas naus naufragaram.

### *Morte de Ájax*

Atena arrojou um raio contra a nau de Ájax, e este, ao se despedaçar a nau, buscou a salvação em um rochedo e jactou-se de ter sobrevivido, apesar da providência da deusa; no entanto, Posídon, golpeando o rochedo com seu tridente, o partiu, e Ájax, ao cair ao mar, morreu. Quando seu corpo foi devolvido a terra, Tétis o enterrou em Míconos<sup>125</sup>.

### *Náuplio. Naufrágio junto ao Cafareu*

Enquanto os demais se dirigiam para a Eubeia à noite, Náuplio acendeu tochas sobre o monte Cafareu. Eles, julgando que se tratava de alguns sobreviventes, navegaram nessa direção, porém os cascos das naus se romperam contra as rochas Caférides e muitos pereceram<sup>126</sup>. Palamedes, filho de Náuplio e Climene, filha de Catreu, havia sido lapidado pelos ardis de Odisseu<sup>127</sup>. Ao ficar sabendo disso, Náuplio navegou até os helenos e exigiu uma indenização por seu filho. De volta, sem ter obtido êxito algum, pois todos apoiavam o rei Agamêmnon, com o qual Odisseu havia assassinado Palamedes, Náuplio costeou os territórios helênicos e predisps as mulheres dos helenos a cometer adultério: Clitemnestra com Egisto, Egialeia com Cometes, filho de Estênelo, e Meda, esposa de Idomeneu, com Leuco. Esta última, inclusive, Leuco a matou juntamente com sua filha Clisítera, que havia se refugiado no templo, e tendo provocado a secessão de dez cidades de Creta, governou-as como tirano. Após a guerra de Troia, expulsou Idomeneu, assim que este desembarcou em Creta. Tendo tomado primeiramente tais expedientes, Náuplio, após ficar sabendo do retorno dos helenos às suas respectivas pátrias, acendeu tochas no monte Cafareu, atualmente denominado Xilófago\*; então os helenos, julgando que havia um porto, aproximaram-se dali com suas naus e foram aniquilados.

### *O retorno de Neoptólemo*

Neoptólemo permaneceu dois dias em Tênedo, conforme o conselho de Tétis, e depois se dirigiu por terra com Heleno ao país dos molossos, e como Fênix havia morrido no caminho, enterrou-o. Tendo vencido os molossos em combate, reinou sobre eles e teve um filho de

<sup>124</sup> FRAZER (II, p. 244-5) dá em nota a seguinte variante do manuscrito do Vaticano da *Epítome*: “enquanto este (Calcas) nada disse, ele (Mopso) afirmou que teria dez crias, uma delas macho, e que pariria no dia seguinte. Esta versão coincide com a TZETZES (escólios a LICOFRON 427-30, 980). FERÉCIDES, por sua vez, segundo ESTRABON, XIV 1, 27, disse que a resposta correta era “três porquinhos, um deles fêmea”. CÓNON, *Narrativas* 6, relata que a rivalidade dos adivinhos consistiu em formular vaticínios contrários sobre o resultado de uma guerra que o rei dos lícios iria empreender.

<sup>125</sup> Cf. *Odisseia* IV 499-511; VIRGÍLIO, *Eneida* I 39-45; HIGINO, *Fáb.* 116; QUINTO DE ESMIRNA, XIV 530-589.

<sup>126</sup> Cf. PSEUDO APOLODORO II, 1, 5; EURÍPIDES, *Helena* 766 ss. e 1126 ss.; QUINTO DE ESMIRNA, XIV 621-628; HIGINO, *Fáb.* 116.

<sup>127</sup> Cf. *Epítome* 3, 8.

\* Isto é, “que devora os lenhos” (as naus).

Andrômaca, Molosso<sup>128</sup>. Heleno, após ter fundado uma cidade na Molóssia, passou a habitá-la e Neoptólemo lhe deu como esposa sua mãe, Deidâmia. Quando Peleu foi banido da Ftia pelos filhos de Acasto<sup>129</sup> e morreu, Neoptólemo herdou o reino de seu pai. E quando Orestes enlouqueceu, Neoptólemo arrebatou-lhe sua mulher, Hermíone, que antes havia sido sua prometida em Troia<sup>130</sup>; e por este motivo foi morto em Delfos por Orestes, embora alguns digam que, tendo ido a Delfos pedir reparação a Apolo pela morte de seu pai, saqueou as oferendas e incendiou o templo, e por isso foi morto por Maquereu, o focense<sup>131</sup>.

### *O assentamento dos heróis*

Os helenos, após andarem errantes, desembarcaram e se estabeleceram em diferentes lugares: uns na Líbia, outros na Itália, outros na Sicília, outros nas ilhas próximas a Ibéria; outros nas margens do rio Sangário, e houve outros também que habitaram em Chipre. Os que haviam naufragado em torno do monte Cafareu, tomaram distintos caminhos: Guneu foi para a Líbia; Ântifo, filho de Téssalo, para a região dos pelasgos, cujo território denominou Tessália, após ter se apoderado dele; Filoctetes dirigiu-se ao país dos campânios, na Itália<sup>132</sup>; Fidipo, com o contingente de Cós, estabeleceu-se em Andro, Agapênor, em Chipre<sup>133</sup>, e os demais em diversos lugares.

Apolodoro<sup>134</sup> e os demais dizem o seguinte: Guneu, tendo abandonado suas naus, chegou à Líbia e se estabeleceu junto ao rio Cínipe; Meges e Prótoo pereceram com muitos outros na Eubeia, em torno do monte Cafereu... após o naufrágio de Prótoo, no Cafereu, os magnésios que o acompanhavam foram arrojados com ele a Creta, onde passaram a residir.

Após o saque de Ílion, Menesteu, Fidipo, Ântifo, os que acompanhavam Elefénor e Filoctetes navegaram juntos até Mimas. Menesteu foi até Melos e aí passou a reinar, pois o rei Poliánax havia morrido. Ântifo, filho de Téssalo, dirigiu-se à região dos pelasgos e, apoderando-se dela, denominou-a Tessália<sup>135</sup>. Fidipo foi arrojado com o contingente de Cós a Andros e depois a Chipre, onde passou a residir. Elefénor morreu em Troia<sup>136</sup>, seus comandados, porém, arrojados ao golfo Jônio, habitaram Apolônia, no Epiro. O contingente de Tlepólemo chegou a Creta, e mais tarde, impelido pelos ventos, estabeleceu-se nas ilhas ibéricas... O contingente de Protesilau foi

---

<sup>128</sup> Cf. *Retornos (Nóstoi)* cf. resumo de Proclo. Segundo SÉRVIO, *Comentários a Eneida* III 297, não foi Tétis que o aconselhou a permanecer em Tênedo, mas Heleno, que de bom grado o havia acompanhado. Conforme outra tradição, citada por Eustácio (*Comentários a Odisseia* III 189, p. 1463), ao retornar de Troia, Neoptólemo desembarcou na Tessália, queimou suas naus a conselho de Tétis e por fim estabeleceu-se no Epiro, porque aí constatou que o oráculo de Heleno se cumprira: este lhe havia aconselhado que se estabelecesse num local em as casas tivessem as bases de ferro, paredes de madeira e telhados de tela; os habitantes do Epiro viviam em tendas, cravadas ao solo com ferros, com revestimento de madeira nas paredes e cobertas de tela. PAUSÂNIAS I 11, 1, menciona que Pirro (Neoptólemo) recusou-se a retornar a Tessália e estabeleceu-se no Epiro, e que de Andrômaca teve os filhos Molosso, Pielo e Pérgamo.

<sup>129</sup> Segundo EURÍPIDES, *Troianas* 1126-1130, quando ainda estava em Troia, Neoptólemo soube que seu avô Peleu havia sido banido por Acasto e partiu imediatamente com Andrômaca; no escólio a *Troianas* 1128, foram os filhos de Acasto, Arcandro e Arquíteles, que expulsaram Peleu, o qual buscou refúgio na ilha de Cós e aí morreu. DICTIS DE CRETA, VI 7-9, por sua vez, nos proporciona outro relato: Acasto havia expulsado Peleu, que se refugiou em uma gruta na Magnésia para esperar Neoptólemo, que retornava de Troia; este, ao chegar matou Acasto e seus filhos, e, deste modo, Peleu pôde recuperar Ftia.

<sup>130</sup> Cf. EURÍPIDES, *Andrômaca* 967-981; Menelau havia concedido a mão de sua filha em casamento a Orestes, filho de Agamêmnon, mas depois, em Troia, ela foi prometida a Neoptólemo, caso conquistasse a cidade. Cf. também escólio a *Odisseia* IV 4; HIGINO, *Fáb.* 123.

<sup>131</sup> Sobre a morte de Neoptólemo em Delfos, cf. EURÍPIDES, *Andrômaca* 49-55, 1086-1165; *Orestes* 1656 ss.; PAUSÂNIAS I, 13, 9; HIGINO, *Fáb.* 123 Segundo o escólio a EURÍPIDES 1655, o motivo da visita de Neoptólemo a Delfos foi a consulta ao oráculo a respeito da esterilidade de seu casamento com Hermíone.

<sup>132</sup> Cf. ESTRABON, VI 1, 3.

<sup>133</sup> Cf. PAUSÂNIAS, VIII 5, 2.

<sup>134</sup> Os parágrafos 15a, 15b e 15c foram extraídos dos escólios a Licofron de TZETZES (Cf. nota crítica de FRAZER, II, p. 258).

<sup>135</sup> Cf. ESTRABON, IX 5, 23

<sup>136</sup> Cf. *Ilíada* VI 463-472.

parar em Palene, próxima à planície de Canastro<sup>137</sup>. Filoctetes foi levado a Campânia, na Itália, e depois de lutar contra os lucânios, estabeleceu-se em Crimisa, próxima de Crotona e Túrios; ao cessar sua marcha errante, fundou o santuário de Apolo Áleo, ao qual dedicou seu arco e suas flechas – afirma Eufórion.

Naveto é um rio da Itália<sup>138</sup>, assim chamado, segundo Apolodoro e os demais, porque após a conquista de Ílion as filhas de Laomedonte, irmãs de Príamo, Etila, Astíoque e Medesicasta, com o restante das cativas que se encontravam nessa parte da Itália, temendo a escravidão na Hélade, incendiaram as naus por isso o rio se chama Naveto, e as mulheres, Naupréstides, os helenos que estavam com elas, ao serem destruídas as naus, permaneceram ali.

### *Demofonte e Fílis*

Demofonte<sup>139</sup> chegou ao país dos trácios bisaltas com escassas naus e Fílis, a filha do rei, se apaixonou por ele e lhe foi entregue em casamento por seu pai, juntamente com o reino como dote, porém ele queria retornar à sua pátria e depois de muito suplicar-lhe, partiu, tendo jurado regressar. Fílis o acompanhou até os chamados Nove Caminhos e lhe deu um cofre dizendo que continha um objeto sagrado da mãe Reia, e que ele não devia abrir até que houvesse perdido a esperança de retornar para junto dela. Demofonte foi a Chipre e estabeleceu-se aí. Quando passou o tempo fixado, Fílis se suicidou, após tê-lo amaldiçoado. Este abriu o cofre e, dominado pelo medo, montou a cavalo, e galopando desenfreadamente, morreu, pois quando o cavalo tropeçou, lançou-o fora e ele caiu sobre sua espada e morreu<sup>140</sup>. Seu contingente estabeleceu-se em Chipre.

### *Podalírio*

Podalírio chegou a Delfos e perguntou ao oráculo onde deveria habitar. A resposta que obteve foi que o fizesse na cidade na qual, se o céu circundante caísse, ela não sofreria dano algum; deste modo, estabeleceu-se no local do Quersoneso da Cária que está rodeado de montanhas por todo o horizonte<sup>141</sup>.

### *Anfíloco*

Anfíloco, filho de Alcméon, que segundo alguns havia ido mais tarde a Troia, foi arrojado por uma tempestade até Mopso, e alguns dizem que, tendo travado um combate singular pelo reino, mataram-se um ao outro<sup>142</sup>. Os lócrios recuperaram seu país com dificuldade; ao final de três anos, quando uma praga invadiu a Lócrida, eles receberam um oráculo segundo o qual deviam aplacar Atena em Ílion e enviar duas donzelas como suplicantes durante mil anos. As primeiras designadas por sorteio foram Peribeia e Cleópatra. Quando estas chegaram a Troia, ao serem perseguidas pelos seus habitantes, refugiaram-se no santuário; não se aproximavam da deusa, porém limpavam e

<sup>137</sup> Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 599; HERÓDOTO, VII 123.

<sup>138</sup> Cf. ESTRABON VI 1, 12. O Pseudo Apolodoro deriva o nome de Naveto a partir de *naus*, “nave” e *aítho*, “queimar”.

<sup>139</sup> É o filho de Teseu que vai a Troia com seu irmão Acamante para resgatar sua avó, Etra; cf. *Epítome* 5, 22.

<sup>140</sup> SÉRVIO, *Comentários a Écloga* V 10, de Virgílio, menciona que Fílis, tendo perdido todas as esperanças de que Demofonte regressasse, suicidou-se e foi transformada em árvore, um almendro sem folhas; mais tarde, quando Demofonte retornou à Trácia e abraçou a árvore, ela se reverdeceu. Por isso, as folhas, que eram antes denominadas “pétalas”, passaram a se chamar *phýlla*. Cf. também HIGINO, *Fáb.* 59; OVÍDIO, *Rem. Am.* 591 ss.

<sup>141</sup> Havia na Itália, ao pé do monte Drío, um santuário consagrado a Podalírio no qual quem dormisse sobre a pele de um carneiro sacrificado teria sonhos proféticos; cf. ESTRABON, VI 3, 1047 SS. menciona que Podalírio foi enterrado na Itália.

<sup>142</sup> ESTRABON, XIV 5, 16 menciona que Anfíloco foi a Troia com o adivinho Mopso e fundou a cidade de Malo na Cilícia. Posteriormente, desejou retornar a Argo e deixou Malo em poder de Mopso, porém, ao chegar a Argo, não lhe agradou o estado em que a cidade se encontrava e retornou a Malo. E aí reclamou o mando a Mopso e como este recusasse devolver-lhe, lutaram entre si e ambos pereceram. PAUSÂNIAS, I 34, 3, menciona que na sua época havia um oráculo de Anfíloco em Malo, na Cilícia.

varriam o templo. Não saíam, tinham os cabelos raspados, vestiam apenas uma túnica e andavam descalças. Quando as primeiras morreram, enviaram outras. Estas entravam na cidade à noite para não serem assassinadas ao aparecer fora do recinto sagrado. Posteriormente enviaram meninas com suas amas. Quando se passaram mil anos, após a guerra da Fócia, eles cessaram de enviar suplicantes<sup>143</sup>.

#### *Morte de Agamêmnon. Orestes e Electra*

Agamêmnon retornou a Micenas com Cassandra e foi morto por Egisto e Clitemnestra, esta lhe deu uma túnica sem mangas e sem gola, e enquanto a vestia, foi assassinado, e Egisto passou a reinar em Micenas<sup>144</sup>. E também mataram Cassandra<sup>145</sup>. Electra, uma das filhas de Agamêmnon, ocultou seu irmão Orestes e confiou-o a Estrófió, o focense, para que cuidasse dele, e ele o criou juntamente com seu filho, Pílates<sup>146</sup>. Quando Orestes atingiu a idade adulta, foi a Delfos para perguntar ao deus se deveria se vingar dos assassinos de seu pai<sup>147</sup>. Com a aprovação do deus, Orestes, acompanhando de Pílates, dirigiu-se furtivamente a Micenas e matou sua mãe e Egisto. Não muito tempo depois, foi acometido de loucura, e perseguido pelas Erínias, chegou a Atenas e foi julgado no Areópago. Segundo alguns, foi acusado pelas Erínias, segundo outros, por Tíndaro, e segundo outros, por Erígone, filha de Egisto e Clitemnestra. E tendo sido julgado, ocorreu o empate dos votos e ele foi absolvido<sup>148</sup>.

#### *Orestes no país dos Tauros*

Então Orestes perguntou como poderia se libertar de sua enfermidade, e o deus lhe respondeu que conseguiria se trouxesse a estátua de madeira que havia no país dos tauros<sup>149</sup>. Os tauros são um ramo dos citas que sacrificam os estrangeiros e os arrojam ao fogo sagrado<sup>150</sup>, que penetra no recinto elevando-se desde o Hades através de certa rocha. Quando Orestes chegou com Pílates ao país dos tauros, foram descobertos, capturados e levados atados ante o rei Toas, que enviou ambos à sacerdotisa. Como foi reconhecido por sua irmã, que atuava como sacerdotisa entre os tauros, Orestes fugiu com ela, após ter-se apoderado da estátua<sup>151</sup>. Esta foi levada a Atenas e agora é chamada a estátua do Taurópolo<sup>152</sup>. Porém, alguns dizem que Orestes foi levado por uma

<sup>143</sup> Cf. escólio a *Ilíada* XIII 66; POLÍBIO, XII 5; ESTRABON, XIII 1, 40; SÉRVIO, *Comentários a Eneida* I 41.

<sup>144</sup> Cf. os *Retornos (Nóstoi)* no resumo de PROCLO; *Odisseia* III 193-4, 303-305, IV 529-537, XI 404-434; ÉSQUILO, *Agamêmnon*, 1379 ss.; *Eumênides* 631-635; SÓFOCLES, *Electra* 95-99; EURÍPIDES, *Electra* 8-10; *Orestes* 25-6; PAUSÂNIAS, II 16, 6; HIGINO, *Fáb.* 117; SÊNECA, *Agamêmnon* 975-909; DÍCTIS DE CRETA, VII 2. O autor dos *Retornos*, Homero e Pausânias atribuem a morte de Agamêmnon a Egisto; Ésquilo, a Clitemnestra. Sófocles e Eurípidas, aos dois.

<sup>145</sup> Cf. *Odisseia* XI 421-423; PÍNDARO, *Píticas* XI 19 ss.; HIGINO, *Fáb.* 117.

<sup>146</sup> Cf. PÍNDARO, *Píticas* XI 34 ss.; SÓFOCLES, *Electra* 11 ss.; EURÍPIDES, *Electra* 14 ss.; HIGINO, *Fáb.* 117.

<sup>147</sup> A vingança pela morte de Agamêmnon é o tema de três tragédias gregas: *Coéforas*, de Ésquilo, *Electra*, de Sófocles, e *Electra*, de Eurípidas. Cf. também HIGINO, *Fáb.* 117.

<sup>148</sup> O julgamento de Orestes no tribunal do Areópago é o argumento da tragédia de ÉSQUILO, *As Eumênides*; com o empate dos votos pró e contra, Orestes foi absolvido pelo voto de Atena. Em Ésquilo, Orestes é acusado pelas Erínias, em HIGINO, *Fáb.* 119, por Tíndaro, e segundo o autor do *Etimologicum Magnum*, por Erígone e Tíndaro. Cf. EURÍPIDES, em *Ifigênia em Táuris* 940-967, 1469-1472; e em *Orestes* 931 ss.; 1648-1652; PAUSÂNIAS, III 22, 1. VIII 34, 1-4.

<sup>149</sup> Cf. EURÍPIDES, *Ifigênia em Táuris* 77-92, 970-978; HIGINO, *Fáb.* 120.

<sup>150</sup> Cf. HERÓDOTO, IV 103; DIODORO, IV 44, 7; PAUSÂNIAS, I 43, 1; EURÍPIDES, *Ifigênia em Táuris* 34-41. De acordo com Heródoto, os tauros ofereciam sacrifícios humanos a uma deusa virgem que identificavam com Ifigênia.

<sup>151</sup> A chegada de Orestes com Pílates ao país dos tauros e sua fuga com a imagem compõem o argumento da tragédia de EURÍPIDES, *Ifigênia em Táuris*.

<sup>152</sup> Segundo EURÍPIDES, *Ifigênia em Táuris* 1446-1467, a imagem foi consagrada em um lugar da Ática denominado Halas, sob os nomes de Ártemis Taurópolo ou Ártemis Braurônia. PAUSÂNIAS, I 33, 1 menciona que Ifigênia chegou a Brauron, localidade próxima a Maratona, com a imagem de Ártemis quando fugiu do país dos Tauros e também (I, 23, 7), que na Acrópole de Atenas havia um santuário dedicado a Ártemis Braurônia, nome atribuído à deusa pelo demo de Brauron, onde estava a estátua de madeira de Ártemis (*xóanon*)

tempestade à ilha de Rodes... e por causa de um oráculo, a imagem foi consagrada na muralha<sup>153</sup>. Ao chegar a Micenas, Orestes casou sua irmã Electra com Pílades<sup>154</sup> e, por sua vez, se casou com Hermíone ou, segundo alguns, com Erígone; gerou Tisâmeneo<sup>155</sup>, e morreu no Oresteio, da Arcádia, por uma picada de serpente<sup>156</sup>.

### *Retorno de Menelau*

Menelau, com cinco naus no total sob seu comando, chegou ao cabo Súnion, na Ática; dali, impelido novamente pelos ventos para Creta, desviou-se muito de seu caminho e tendo errado pela Líbia, Fenícia, Chipre e Egito conseguiu reunir muitas riquezas<sup>157</sup>; segundo alguns, no palácio de Proteu, rei do Egito, descobriu Helena, pois até esse momento, Menelau só tinha consigo uma imagem feita de névoa. E após vagar durante oito anos, chegou a Micenas e aí encontrou Orestes, que havia vingado a morte de seu pai. Foi a Esparta e recuperou seu próprio reino, e imortalizado por Hera, foi para os Campos Elíseos com Helena<sup>158</sup>.

## AS PERAMBULAÇÕES DE ODISSEU

Odisseu, conforme alguns dizem, andou errante pela Líbia; segundo outros, pela Sicília, e segundo outros, pelo Oceano ou pelo mar Tirreno. Zarpou de Ílion e chegou a Ísmaro, cidade dos cícones e após conquistá-la pelas armas, a saqueou<sup>159</sup>, tendo se compadecido apenas de Máron, sacerdote de Apolo<sup>160</sup>. Os cícones que habitavam o continente, ao ficarem sabendo, dirigiram-se armados contra Odisseu, e este, tendo perdido seis homens de cada nau, fez-se ao mar e fugiu. Ao chegar ao país dos lotófagos, enviou alguns homens para investigar quem o habitava, porém estes comeram do loto e permaneceram ali, pois na região crescia um fruto doce, chamado loto, que produzia em quem o provava o esquecimento de tudo<sup>161</sup>. Quando Odisseu ficou sabendo disso, reteve os demais, e levou à força os que o haviam comido para as naus, e zarpando dali, navegou para a terra dos ciclopes.

### *Polifemo*

Tendo deixado o restante das naus em uma ilha próxima, com apenas uma se aproximou da terra dos ciclopes e desembarcou com doze companheiros. Odisseu, levando consigo o odre de vinho que Máron lhe havia dado, dirigiu-se a uma gruta próxima ao mar; era a gruta de Polifemo, filho de Posídon e da ninfa Toosa, um homem descomunal, selvagem e antropófago, que tinha um único olho na frente. Após ter acendido o fogo e sacrificado alguns cabritos, celebravam um banquete. Porém o ciclope chegou e, tendo feito os rebanhos entrarem, colocou uma pedra enorme à

<sup>153</sup> Suspeita-se que haja aqui uma lacuna. BÖCHELER propôs que ela fosse assim completada: “Dizem que a imagem permanece ali e que foi consagrada na muralha seguindo a prescrição de um oráculo”. Cf. nota crítica de FRAZER, II p. 276.

<sup>154</sup> Cf. EURÍPIDES, *Electra* 1249; e *Orestes* 1658-59.

<sup>155</sup> Segundo PAUSÂNIAS, II 18, 6, Orestes uniu-se a Hermíone e gerou Tisâmeneo, que o sucedeu no trono de Esparta; porém ele também menciona outra tradição em que Orestes teria tido um filho bastardo, Pentilo, ao se unir com Erígone, a filha de Egisto,

<sup>156</sup> Cf. escólio a EURÍPIDES, *Orestes* 1645; PAUSÂNIAS, VIII 34, 1-4; HIGINO, *Fáb.* 120.

<sup>157</sup> Cf. *Odisseia* III 276-303; PAUSÂNIAS, X 25, 2.

<sup>158</sup> EURÍPIDES, *Helena* 1676-1679. Na *Odisseia* VI 561-569, Proteu profetiza a Menelau que será levado pelos deuses aos Campos Elíseos por ser genro de Zeus.

<sup>159</sup> Os cícones são um povo da Trácia; sobre as aventuras de 196-211 entre eles, cf. *Odisseia* IX

<sup>160</sup> Odisseu salvou Máron, juntamente com sua mulher e seus filhos e, por isso, recebeu ricos presentes, entre eles doze ânforas de um vinho excelente; cf. *Odisseia* IX 39-66.

<sup>161</sup> Lotófagos, i.é. “comedores de loto”. Supõe-se que habitam a região costeira do norte da África, na Cirenaica. Acerca das aventuras de Odisseu entre eles, cf. *Odisseia* IX 82-104; HIGINO, *Fáb.* 125.

porta, e ao ver os homens, devorou alguns deles. Odisseu deu-lhe o vinho de Máron para beber. Ele bebeu e pediu mais, e depois que bebeu pela segunda vez, perguntou a Odisseu o seu nome. Este lhe respondeu que se chamava Ninguém, então o ciclope ameaçou devorar Ninguém após devorar os outros primeiro, tal foi a mostra de hospitalidade que, por sua vez, lhe prometeu; porém, vencido pela embriaguês, adormeceu. Ao encontrar ali uma estaca, Odisseu afiou-a, ajudado por quatro companheiros, e com ela acesa, cegou Polifemo. Este gritou, pedindo ajuda aos ciclopes das redondezas, e quando eles chegaram e lhe perguntaram quem o havia maltratado, ele respondeu: “Ninguém”, e eles, presumindo que queria dizer que não havia recebido maus tratos de ninguém, foram embora. Porém, como o rebanho necessitava de sua pastagem habitual, Polifemo descerrou a gruta e, postando-se na entrada, com as mãos estendidas apalpava os animais. Odisseu, por sua vez, atou três carneiros juntos ... e ele próprio se ocultou sob o ventre do maior e saiu com o rebanho. Após desatar seus companheiros dos animais, conduziu-os às naus, e, ao zarpar, gritou ao ciclope que ele era Odisseu, e que havia escapado de suas mãos. Um adivinho havia vaticinado ao ciclope que seria cegado por Odisseu, e por isso, ao ficar sabendo de seu nome, arrancou rochas e as arrojou ao mar; com muito custo, a nau se salvou das pedras. Desde então, Posídon ficou irritado com Odisseu<sup>162</sup>.

### *A ilha de Éolo*

Após zarpar com todas as suas naus, Odisseu chegou a Eólia, ilha em que reinava Éolo<sup>163</sup>. Este havia sido instituído por Zeus como o guardião dos ventos, encarregado de amainá-los ou de lançá-los. Tendo acolhido Odisseu como seu hóspede, deu-lhe um odre de pele de boi, no qual havia encerrado os ventos e o atou a nau, após ter-lhe indicado quais deveria usar na travessia. Odisseu, servindo-se de ventos favoráveis, teve uma viagem propícia, e quando estava perto de Ítaca e já se avistava a fumaça que se elevava da cidade, adormeceu. Seus companheiros acreditaram que o odre continha ouro e o desataram, deixando sair os ventos; deste modo, eles retornaram ao seu ponto de partida, arrebatados por seus sopros. Então Odisseu se apresentou diante de Éolo e pediu-lhe que lhe permitisse retornar, mas ele o expulsou da ilha dizendo que não poderia lhe ajudar porque os deuses lhe eram contrários.

### *Os lestrigões*

Portanto, navegando, Odisseu chegou ao país dos lestrigões<sup>164</sup> e... sua nau ficou amarrada mais distante. Os lestrigões eram antropófagos e seu rei era Antífates. Desejoso de informar-se sobre os seus habitantes, Odisseu enviou alguns homens para averiguar. A filha do rei se encontrou com eles e levou-os diante de seu pai. Este agarrou um deles e o devorou, e quando os demais fugiram, ele os perseguiu com altos brados, chamando os demais lestrigões. Estes chegaram ao mar e, lançando pedras, destroçaram as naus e devoraram os homens. Odisseu cortou as amarras de sua nau e zarpou, porém as restantes foram aniquiladas, juntamente com suas tripulações.

### *Circe. Descida ao Hades*

Com uma única nau, chegou à ilha de Eeia<sup>165</sup>; ali vivia Circe, filha de Hélio (Sol) e Perse, perita em todo tipo de poções mágicas. Após tirar a sorte entre seus companheiros, coube a Odisseu permanecer junto à nau, e a Euríloco, com outros vinte e dois, correspondeu ir até Circe. Todos acorreram a esta convocação, exceto Euríloco; Circe deu a cada um uma poção de queijo, mel, cevada e vinho, misturados com uma droga. Assim que a beberam, ela os tocou com uma vara,

---

<sup>162</sup> Com referência às aventuras de Odisseu entre os Ciclopes, cf. *Odisseia* IX 105-542; HIGINO, *Fáb.* 125

<sup>163</sup> Cf. *Odisseia* X 1-76; OVÍDIO, *Met.* XIV 223-232; HIGINO, *Fáb.* 125.

<sup>164</sup> Cf. *Odisseia* X 80-132; OVÍDIO, *Met.* XIV 223-244.

<sup>165</sup> Cf. *Odisseia* X 133-574; OVÍDIO, *Met.* XIV 246-440; HIGINO, *Fáb.* 125.

transformando alguns em lobos, outros em porcos, outros em asnos e outros em leões<sup>166</sup>. Euríloco viu isso e o comunicou a Odisseu. Então este se apresentou a Circe com o *moly*,<sup>167</sup> que havia recebido de Hermes, e lançando-o à poção, bebeu-a e foi o único que não sucumbiu ao sortilégio; tendo desembainhado sua espada, quis matar Circe, porém ela aplacou sua cólera e restabeleceu a antiga forma a seus companheiros. Após lhe fazer jurar que não lhe causaria dano algum, uniu-se a ela e gerou um filho, Telégono<sup>168</sup>. E tendo permanecido ali por um ano, navegou pelo Oceano, ofereceu sacrifícios às almas<sup>169</sup> e, aconselhado por Circe, consultou o adivinho Tirésias<sup>170</sup> e contemplou as almas dos heróis e das heroínas. Viu também sua mãe Anticleia e Elpenor, que havia morrido na casa de Circe<sup>171</sup> em decorrência de uma queda.

### *As Sereias*

Após outra permanência com Circe, foi expedido por ela, zarpou e costeou a ilha das Sereias. Estas eram Pisínoe, Agláoipe e Telxíoipe, filhas de Aqueloo e Melpômene, uma das Musas. Uma tocava a lira, outra cantava e a terceira tocava aulo e deste modo persuadiam os navegantes e permanecer<sup>172</sup>. Tinham forma de pássaros a partir das coxas<sup>173</sup>. Ao navegar perto delas, Odisseu quis ouvir seu canto e, por conselho de Circe, tampou com cera os ouvidos de seus companheiros e ordenou-lhes que o atassem ao mastro. Ao ser persuadido pelas Sereias a permanecer, ele pedia que o desatassem, porém eles o ataram ainda mais e assim continuou a viagem. Havia um vaticínio para as Sereias de que elas pereceriam quando uma nau passasse por elas; e assim elas morreram<sup>174</sup>.

### *Cila e Caríbdis. As vacas de Hélio (Sol).*

Em seguida, chegou a dois caminhos. De um lado estavam as Rochas Errantes, do outro, dois gigantescos penhascos<sup>175</sup>; em um deles estava Cila, filha de Crateide e Trieno ou Forco, que tinha face e peito de mulher, e de seus flancos saíam seis cabeças e doze patas de cão<sup>176</sup>. No outro, estava Caríbdis, que três vezes por dia tragava a água e em seguida a vomitava. Aconselhado por Circe, Odisseu evitou passar junto às Rochas Errantes, e navegando em direção ao penhasco de Cila, postou-se armado na popa. Mas Cila apareceu, arrebatou seis de seus companheiros e os engoliu. Dali Odisseu dirigiu-se a Trinácia, a ilha de Hélio, onde suas vacas pastavam, e por falta de ventos favoráveis, permaneceu ali<sup>177</sup>. Seus companheiros degolaram algumas vacas e se banquetearam com elas, pois estavam famintos. Hélio contou o ocorrido a Zeus e quando Odisseu zarpou, Zeus lançou-lhe um raio<sup>178</sup>. Uma vez que a nau ficou destroçada, Odisseu se agarrou ao

<sup>166</sup> Em HOMERO os companheiros de Odisseu são todos transformados em porcos, apesar de que, na *Odisseia* X, 210-219 é dito que, quando eles chegaram à casa de Circe, vieram junto dela lobos e leões que haviam sido encantados por ela.

<sup>167</sup> O *moly*, segundo HOMERO, *Odisseia* X 302-306, era uma planta de raiz negra e flor branca.

<sup>168</sup> O autor dos *Retornos (Nóstoi)* afirma que Telégono era filho de Odisseu e Calipso, e HIGINO, *Fáb.* 125, menciona que ele tivera com Circe dois filhos: Telégono e Nausítoos.

<sup>169</sup> A visita de Odisseu à região dos mortos é o tema do Canto XI da *Odisseia*.

<sup>170</sup> Cf. *Odisseia* IX 90-151.

<sup>171</sup> Odisseu e seus companheiros haviam deixado o corpo de Elpenor insepulto ao se dirigirem apressadamente para a ilha; cf. Cf. *Odisseia* X 552-560 e XI 51-83.

<sup>172</sup> Cf. *Odisseia* XII 1-200; HIGINO, *Fáb.* 125. Segundo APOLÔNIO DE RODES, IV 895-6, as Sereias eram filhas da Musa Terpsícore e de Aqueloo.

<sup>173</sup> APOLÔNIO DE RODES, IV 898-9, descreve-as do mesmo modo: em parte pássaros, em parte donzelas. OVÍDIO, *Met.* 552-562, com plumas e patas de ave e rostos de donzelas; talvez porque elas acompanhassem Perséfone quando ela foi raptada, foram dotadas de asas pelos deuses para que pudessem buscá-la inclusive pelos mares.

<sup>174</sup> Cf. HIGINO, *Fáb.* 125 e 141

<sup>175</sup> Cf. *Odisseia* XII 52-72 e 201-221. As Planctas são as mesmas Rochas Errantes pelas quais os Argonautas haviam passado

<sup>176</sup> Cf. *Odisseia* XII 73-126 e 222-259; HIGINO, *Fáb.* 125 e 199. Homero afirma que Cila é filha de Crateide, sem, porém, mencionar o pai; Higinio, que é filha de Tifon e Equidna.

<sup>177</sup> Cf. *Odisseia* XII 127-141 e 260-402.

<sup>178</sup> Cf. *Odisseia* XII 403-425.

mastro e chegou até Caríbdis. Quando esta sorveu o mastro, ele se agarrou a uma figueira que crescia no penhasco e aguardou. Ao ver o mastro novamente regurgitado, lançou-se sobre ele e foi transportado à ilha de Ogígia<sup>179</sup>.

#### *Calipso. A ilha dos feaces*

Aí o acolheu Calipso, filha de Atlas, e unindo-se a ela, Odisseu gerou um filho, Latino. Permaneceu com ela cinco anos e tendo construído uma jangada, zarpou<sup>180</sup>. Porém esta foi destroçada em alto mar pela fúria de Posídon e Odisseu foi arrojado desnudo à terra dos feaces<sup>181</sup>. Nausícaa, filha do rei Alcínoo, estava lavando roupa, e quando Odisseu pediu-lhe sua proteção, ela o conduziu a seu pai, que o hospedou, e depois de lhe dar presentes, enviou-o de volta à sua pátria com uma escolta<sup>182</sup>. Tendo se enfurecido com os feaces, Posídon petrificou a nau e cobriu a cidade com uma montanha<sup>183</sup>.

#### *Retorno à pátria. Os pretendentes de Penélope.*

Ao chegar à sua pátria, Odisseu encontrou sua casa arruinada, pois, julgando-o morto, muitos pretendiam Penélope<sup>184</sup>. De Dulíquio haviam chagado cinquenta e sete: Anfníno, Toas, Demoptólemo, Anfímaco, Euríalo, Páralo, Evenórides, Clítio, Agenor, Eurípilo, Pilêmenes, Acamante, Tersíloco, Hágio, Clímeno, Filodemo, Meneptólemo, Damastor, Bias, Télmio, Polído, Astíloco, Esquédio, Antígono, Márpsio, Ifidamante, Árgio, Glauco, Calidoneu, Equíon, Lamas, Andrémon, Agéroco, Médon, Ágrio, Promo, Ctésio, Acárnan, Cicno, Pseras, Helânico, Perifron, Megástenes, Trasimedes, Ormênio, Diópites, Mecisteu, Antímaco, Ptolemeu, Lestórides, Nicômaco, Polípetes, e Cerau. De Same chegaram vinte e três: Agelau, Pisandro, Élato, Ctesipo, Hipódoco, Eurístrato, Arquêmoló, Ítaco, Pisénor, Hiperénor, Feretes, Antístenes, Cérbero, Perimedes, Cino, Tríaso, Eteoneu, Clítio, Prótoo, Liceto, Eumelo, Itano e Liamó. De Zacinto vieram quarenta e quatro: Euríloco, Laomedes, Mólebo, Frênio, Índio, Mínis, Liócrito, Prônomo, Nisante, Daémon, Arquéstrato, Hipômaco, Euríalo, Períalo, Evenórides, Clítio, Agenor, Pólíbo, Polidoro, Tadítio, Estrátio, Frênio, Índio, Desenor, Laomedonte, Laódico, Hálíio, Magnes, Olétróco, Bartas, Teófron, Niseu, Alcárope, Periclímeno, Antenor, Pelas, Celto, Perifante, Órmeno, Pólíbo e Andromedes. Os pretendentes da própria Ítaca eram doze: Antínoo, Prônóo, Liodes, Eurínomo, Anfímaco, Anfíalo, Prômáco, Anfimedonte, Arístrato, Heleno, Dulíquieu e Ctesipo.

#### *A mortalha de Penélope. Morte dos pretendentes*

Estes haviam chegado ao palácio e celebravam banquetes, consumindo os rebanhos de Odisseu<sup>185</sup>. Penélope se viu obrigada a prometer que se casaria quando terminasse a mortalha de Laertes; ela a vinha tecendo há três anos, pois o que tecia de dia, desfazia-o à noite; deste modo pôde ludibriar os pretendentes, até que foi descoberta<sup>186</sup>.

<sup>179</sup> Cf. *Odisseia* XII 426-450.

<sup>180</sup> Cf. *Odisseia* V 13-281, VII 243-266; HIGINO, *Fáb.* 125. Segundo Homero, Odisseu permaneceu junto a Calipso sete anos; segundo Higino, um. HESÍODO, *Teog.* 1011-1013, menciona que Circe foi a mãe de Latino (e também de Ágrio).

<sup>181</sup> Cf. *Odisseia* V 282-493.

<sup>182</sup> Cf. *Odisseia*, Cantos VI, VII, VII e XII 1-124; HIGINO, *Fáb.* 125.

<sup>183</sup> Cf. *Odisseia* XII 125-187.

<sup>184</sup> Cf. *Odisseia* XVI 245-253; a relação dos pretendentes feita por Homero é de cento e oito: cinquenta e dois de Dulíquio, vinte e quatro de Same, vinte de Zacinto e doze de Ítaca. Segundo o Pseudo Apolodoro são cento e trinta e seis.

<sup>185</sup> Cf. *Odisseia* XIV 80-109

<sup>186</sup> Cf. *Odisseia* XIX 136-158

Quando Odisseu ficou sabendo o que ocorria na sua casa, apresentou-se como um mendigo diante do escravo Eumeu<sup>187</sup>, revelou sua identidade a Telêmaco<sup>188</sup> e chegou à cidade. Melântio, o cabreiro, se encontrou com eles e, apesar de ser um escravo, os desprezou<sup>189</sup>. Ao entrar no palácio, Odisseu pediu comida aos pretendentes<sup>190</sup>, e ao se deparar com um mendigo chamado Iro, lutou contra ele<sup>191</sup>; revelou-se a Eumeu e Filício, e com eles e Telêmaco, armou um ardil contra os pretendentes<sup>192</sup>. Penélope entregou-lhes o arco de Odisseu, que ele havia recebido de Ífito, em certa ocasião, e disse que se uniria em casamento a quem fosse capaz de entesá-lo<sup>193</sup>. Como ninguém pudesse fazê-lo, Odisseu o tomou e abateu os pretendentes a flechadas, com a ajuda de Eumeu, Filício e Telêmaco<sup>194</sup>. Matou também a Melântio e as donzelas escravas dos pretendentes<sup>195</sup>; em seguida, revelou sua identidade a sua mulher e a seu pai<sup>196</sup>.

### *Odisseu entre os tesprotos*

Tendo feito os sacrifícios a Hades, Perséfone e Tirésias, dirigiu-se ao Epiro e chegou à região dos tesprotos; e depois de oferecer sacrifícios conforme as recomendações de Tirésias, aplacou Posídon<sup>197</sup>. Então a rainha dos tesprotos, Calídice, pediu-lhe que permanecesse e ofereceu-lhe o reino; e tendo se unido a ele, teve um filho, Polípetes. Odisseu se casou com Calídice, reinou sobre os tesprotos e venceu em combate os vizinhos que haviam se sublevado em armas. Porém, ao morrer Calídice, Odisseu deixou o reino a seu filho e retornou a Ítaca, onde encontrou Políportes, o filho que havia gerado com Penélope. Telégono, ao ficar sabendo de Circe que era filho de Odisseu, zarparou à sua procura. Quando chegou à ilha de Ítaca, roubou gado e, quando Odisseu interveio, feriu-o com a lança que brandia na mão, arrematada por uma espinha de uma arraia, e Odisseu morreu<sup>198</sup>. Telégono o reconheceu, e muito angustiado, levou o cadáver a Circe, juntamente com Penélope, e ali se casou com esta. Circe enviou os dois às ilhas dos Bem-aventurados.

### *Morte de Odisseu*

Contudo, alguns dizem que Penélope foi seduzida por Antínoo, e devolvida por Odisseu a seu pai Icário, e que na Mantineia da Arcádia teve um filho de Hermes, chamado Pã<sup>199</sup>. Segundo outros, morreu às mãos do próprio Odisseu por culpa de Anfínoo<sup>200</sup>, pois contam que este a seduzira. Há também alguns que afirmam que Odisseu foi acusado da matança pelos parentes e julgado por Neoptólemo, rei das ilhas próximas ao Epiro, e que este, presumindo que se afastasse Odisseu poderia se apoderar da Cefalênia, condenou-o ao exílio. Então Odisseu chegou diante de Toas, filho de Andrémon, na Etólia, desposou sua filha e, tendo deixado um filho que tivera com ela, Leontófono, morreu em idade avançada.

<sup>187</sup> Cf. *Odisseia* XIV 1-492; HIGINO, *Fáb.* 126.

<sup>188</sup> Cf. *Odisseia* XVI 1-234.

<sup>189</sup> Cf. *Odisseia* XVII 184-253.

<sup>190</sup> Cf. *Odisseia* XVII 360-457.

<sup>191</sup> Cf. *Odisseia* XVIII 1-107; HIGINO, *Fáb.* 126.

<sup>192</sup> Cf. *Odisseia* XXI 188-244.

<sup>193</sup> Cf. *Odisseia* XXI 1-82; HIGINO, *Fáb.* 126.

<sup>194</sup> Cf. *Odisseia* XXI 140-434, XXII 1-389.

<sup>195</sup> Cf. *Odisseia* XXII 417-477.

<sup>196</sup> Cf. *Odisseia* XXIII 153-297, XXIV 205-348.

<sup>197</sup> Tirésias havia advertido a Odisseu que depois de matar os pretendentes deveria ir, com um remo sobre o ombro, ao país dos homens que jamais haviam visto o mar, onde se encontraria com outro caminhante que diria que levava um abanador sobre o ombro. Ali Odisseu deveria cravar seu remo e sacrificar um carneiro, um touro e um porco a Posídon; cf. *Odisseia* XI 119-131.

<sup>198</sup> Assim também no resumo de PROCLO da *Telegonia*. Cf. HIGINO, *Fáb.* 1267; DÍCTIS DE CRETA, VI 14-5

<sup>199</sup> CÍCERO, *De Nat. Deorum* III 22, 56, menciona a tradição de que Penélope era mãe de Pã; SÉRVIO, comentário à Eneida II 44, afirma que Penélope havia dado à luz Pã, na ausência de Odisseu, e este, ao chegar, expulsou-o de sua casa. Cf. CABRAL, L. A. M., *Os Hinos Homéricos*, 2011, notas ao Hino XIX, a Pã, nota ao verso 47.

<sup>200</sup> Um dos pretendentes de Penélope que morre às mãos de Telêmaco; cf. *Odisseia* XXII 89 ss.



# BIBLIOGRAFIA<sup>1</sup>

## EDIÇÕES DA *BIBLIOTECA* DO PSEUDO APOLODORO

- APOLLODORUS. *The Library*. Introdução, tradução, notas e apêndices de J. G. Frazer. Edinburgo: Harvard University Press, 1995. (The Loeb Classical Library, 121, 2 v.)\*.
- APOLODORO. *Biblioteca*. Introdução de Javier Arce, tradução de Margarita R. Sepúlveda. Madri: Editorial Gredos, 1995 (Biblioteca Clásica Gredos, 85)\*.
- APOLODORO. *Biblioteca*. Introdução, tradução e nota de Marina Cavalli. Milão: Oscar Mondadori Editore, 1998\*.
- APOLLODOROS. *Bibliothéke*. Introdução, tradução e comentários de P. Petrides. Atenas: Zaccarópoulos, s/d. (Biblioteca de autores antigos 89)\*.
- APOLLODOROS. *Bibliothéke*. Tradução e notas da equipe de filólogos da Editora Kákotos, Atenas: 1999. (Cultura helênica antiga “Os Helenos”, 2 vol.)\*.
- APOLLODORUS. Richard Wagner. 3. ed. Leipzig: Teubner, 1965.
- MÜLLER, C. *Fragmenta Historicorum Graecorum I, Apollodori bibliotheca cum fragmentis...auxerunt*. C. e t T. Müller, Paris, 1841 (5 vols).
- J.C. CARRIÈRE; B. MASSONIE. *La Bibliothèque d'Apollodore*. Paris: Les Belles Lettres, 1991\*.
- MORENO, J. G. *Apolodoro, Biblioteca Mitológica*. Madrid: Alianza Editorial, 2010\*.

## SOBRE A *BIBLIOTECA* DO PSEUDO APOLODORO

- BRASWELL, Bruce Karl. Meleager and the Moirai: a Note on Ps.-Apollodoros 1.65. *Hermes*, n. 119. p. 488-489, 1991.
- BRILLANTE, C. “Ps.-Apoll. Bibl. III”. *Rivista di Cultura Classica e medioevale*, n. 21-22, 195, 198, 1979-80\*.
- DILLER, A. The Text History of the Bibliotheca of Pseudo-Apollodorus. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Baltimore, v. 66, p. 296-313, 1935\*.
- \_\_\_\_\_. A New Source for the Text of Apollodorus' Bibliotheca. *Classical Philology*, v. 33, n. 2, p. 209, abr. 1938\*.

---

<sup>1</sup> Esta é uma bibliografia selecionada com os livros de referência e artigos que julguei importantes para uma pesquisa mais aprofundada. Os livros e artigos que foram consultados para o presente trabalho são assinalados ao final com um asterisco\*.

- DORANDI, T. La cronologia di Apollodoro. *Pubbl. papirolog. Nel XIX cent. Dell'eruzione del vesuv. dell'anno 79*, Nápoles, 1983.
- FLETCHER, K. F. B. Systematic Genealogies in Apollodorus' Bibliotheca and the Exclusion Rome from Greek Myth, *Classical Antiquity*. v. 27, n. 1, p. 59-91, abr, 2008\*.
- HANSEN, William F. Greek Mythology and the Study of the Ancient Greek Oral Story. *Journal of Folklore Research*. v. 20, n. 2/3, p. 101-112, jun.–dez. 1983.
- HENRICHES, A. Three Approaches to Greek Mythography. Interpretations of Greek Mythology, Londres, p. 242-277, 1987.\*
- HUYS, M. Geographica Apollodorea. *Hermes*, 126. Bd., H. 1, p. 124-129, 1998.
- IRELAND, S. A note on Apollodorus. *Hellenica*, 32, p. 137-139, 1980\*.
- KYLINTIREA E. *Pseudo-Apollodoros' Bibliothek and the Greek mythological traditions*, Londres: University College, 2002.
- LAGES, L. Apontamentos sobre a Biblioteca de Apolodoro. *Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo*. José Amarante, Luciene Lages (orgs.). Salvador, UFBA, 2012.
- MONBRUN, Ph., La notion de retournement et l'agôn musical entre Apollon et Marsyas chez le ps.-Apollodore: interpretation d'un mythe. *Kernos*, n. 18, p. 269-289, 2005\*.
- ROBERT, Carl, *De Apollodori Bibliotheca*. Berlim, s.ed., 1873.
- RUBIN, N. F.- Deal, H. M. The Myth of the Alvades, *Semitica*, 29, 1-2, p. 39-52, 1980.
- RUIZ MONTERO, C. La morfologia de la Biblioteca de Apolodoro. *Farentia*, VIII, p. 29-40, 1986.
- SCOTT, J. A. Apollodorus and Homer. *The Classical Journal*, v. 3, p. 211-213, dez. 1927.
- TOSETTI, G., La dernière generation héroïque: un parcours historic-religieux et sémio-narratif, d'Hésiode au ps.-Apollodore. *Kernos* 19, 2006.
- VAN DER VALK, M. On Apollodori Bibliotheca. *REG*, 71, p.100-168, 1958\*.

#### SOBRE O PSEUDO APOLODORO

- APOLLODORUS, The Library. Tradução de Sir James George Frazer, 2 vol. Londres: Cambridge, 1995 (Loeb Classical Library).\*
- BRULÉ, Pierre, *La liste des premiers rois d'Athènes dans la Bibliothèque d'Apollodore: histoire et politique premiers, Discours religieux dans l'Antiquité*. Paris: M. M. Mactoux 7 El Geny ed. 1995, p. 209-240.\*
- GRAF, Fritz, *Greek Mythology: an introduction*. The Johns Hopkins University Press. Baltimore, 1993\*.
- JACOB C. Le savoir des mythographes, *Annales (ESC)*, n. 49, p.419-428, 1994\*.
- ROBERT C. *De Apollodori Bibliotheca*. Berlin: s. ed., 1873.

SCHWARTZ E. *Apollodoros*, *RE I.2*, col. 2875-2886, 1894.

SMITH R. S; TRZASKOMA S. M. *Apollodorus' Library and Hyginus' Fabulae Two Handbooks of Greek Mythology*. Indianapolis/Cambridge: s. ed., 2007\*.

VAN ROSSUM-STEENBEEK M. Greek Readers' Digests? Studies on a Selection of Subliterary Papyri. *Mnemosyne. Supplementa 175*, p. XIII-XIV, 25-28, 70-72, 103-111, 157, 164-169 (App. 1), 176-179 (App. 2), passim, 1998.

## HISTÓRIA DO TEXTO

APOLLODORI BIBLIOTHECA. Editado por Richard Wagner. Leipzig: Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, 1894. (Mythographi Graeci, I).

APOLLODORUS. *The Library*. Tradução de James G. Frazer 2 vol. Cambridge, Londres, 1995 (Loeb Classical Library)\*.

CAVALLO G. The Text History of the Bibliotheca of Pseudo-Apollodorus, TAPA 66 (1935).

PAPATHOMOPOULOS M. Pour une nouvelle édition de la Bibliothèque d'Apollodore, *Varia philologica et papyrologica*, I (reprint), Jannina (reprint) 1990, p. 55-77 Papathomopoulos Manolis, Pour une nouvelle édition de la Bibliothèque d'Apollodore, *Hellenica* 26 (1973), p. 18-40.

SCARPI Paolo, CIANI Maria Grazia (trad.), *Apollodoro, I miti greci* (Biblioteca) (Scrittori greci e latini), Milano, 1996

SMITH R. Scott, TRZASKOMA Stephen M., *Apollodorus' Library and Hyginus' Fabulae, Two Handbooks of Greek Mythology*, Indianapolis/Cambridge, 2007\*.

WEITZMANN Kurt, *Greek Mythology in Byzantine Art*, Princeton 1951, 1984.

WILSON Nigel G., A Mysterious Byzantine Scriptorium. Ioannikios and his Colleagues, *Scrittura e Civiltà* 7 (1983), p.161-176.

## EVIDÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

BROMMER Frank, *Heracles, II: Die unkanonischen Taten des Helden*, Darmstadt 1984.

\_\_\_\_\_, *Theseus. Die Taten des griechischen Helden in der antiken Kunst und Literatur*, Darmstadt 1982.

CINGANO Ettore, Il duello tra Tideo e Melanippo nella Biblioteca dello Ps. Apollodoro e nell'altorilievo etrusco di Pyrgi, *QUCC* 25 (1987), p. 93-102.

CIRIO Amalia Margherita, Fonti letterarie ed iconografiche del mito di Atteone, *Bollettino del Comitato per la preparazione dell' Edizione nazionale dei Classici greci e latini* 25 (1977), p. 44-60.

GIANGRANDE Giuseppe, Tideo, Melanippo ed il frontone di Pyrgi, *Siculorum Gymnasium* 42 (1989), p. 41-45.

MARCH Jennifer R., *The Creative Poet, Studies on the Treatment of Myths in Greek Poetry*, (*Bulletin of the Institute of Classical Studies Suppl* 49), London 1987, p. 51, *passim*.

VIAN Francis, *La guerre des Géants. Le mythe avant l'époque hellénistique* (*Études et Commentaires* 11), Paris 1952.

WEITZMANN Kurt, *Greek Mythology in Byzantine Art*, Princeton, 1984.

## MITOGRAFIA

ALGANZA, Roldán, Minerva. 2006. La mitografía como género de la prosa helenística: Cuestiones previas. *Florentia Iliberritana* 17:9–37\*.

BROWN, Malcolm. *The Narratives of Konon*. Saur: Munich, 2003.

CAMERON, Alan. *Greek mythography in the Roman world*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2004\*.

CELORIA, Francis. *The Metamorphoses of Antoninus Liberalis*. Routledge: London and New York, 1992.

CONDOS, Theony. *Star Myths of the Greeks and Romans: A Sourcebook*. Phanes press: Grand Rapids, MI, 1997.

FOWLER, Robert L. *Early Greek Mythography; vol. 1. Text and Introduction*. Oxford University Press: Oxford, 2000\*.

HENRICHS, Albert. Three approaches to Greek mythography. In *Interpretations of Greek mythology*. Edited by Jan Bremmer, 242–277. London and Sydney, Australia: Croom Helm, 1987\*.

HIGBIE, Carolyn. Hellenistic mythographers. In *The Cambridge companion to Greek mythology*. Edited by Roger D. Woodard, 237–254. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 2007.

KERNOS: *Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique*, 1988 – Liège, Belgium: Université de Liège. Volume 18 e 19 (2006), o *Xe do Actes du colloque du CIERGA: Formes et fonctions de la mythologie et de la mythographie gréco-romaine*.

LESKY, A. *Historia de la Literatura Griega*. Trad. José M. D. Regañon e Beatriz Romero. Madrid, Gredos: 1985\*.

LIGHTFOOT, J. L. *Parthenius of Nicaea: The Poetical Works and the Erotika Pathemata*. Oxford University Press: Oxford, 1999\*.

ROSSUM-STEENBEEK, M. van, *Greek Readers' Digests? Studies on a Selection of Greek Sub-literary Papyri*. Brill: Leiden, 1997.

RUSSEL, A. e KONSTAN, D. *Heraclitus: Homeric Problems*. Society of Biblical Literature, Atlanta, 2005\*.

- PAJARES, A. B. *Fragmentos de épica griega arcaica*. Madri, Gredos (B.C.G.), 1979\*.
- PELLIZER, Ezio. La mitografia. In *Lo spazio letterario della Grecia antica*. Vol. 1. 2. Edited by Giuseppe Cambiano, et al., 283–303. Rome: Salerno Editrice, 1993\*.
- SMITH, R. ; TRZASKOMA, S. M. *Apollodorus' Library and Hyginus' Fabulae: Two handbooks of Greek mythology*. Cambridge, MA: Hackett, 2007\*.
- STERN, Jacob. *Palaephatus: On Unbelievable Tales* (Bolchazy-Carducci Publishers: Wauconda, IL, 1996).
- \_\_\_\_\_, *Erotika Pathemata: The love Stories of Parthenius*. Garland Publishers: New York, 1992\*.
- TREADGOLD, W. T. *The Nature of the Bibliotheca of Photius*, *Dumbarton Oaks Studies*, XVIII, Washington, 1980\*.
- WENDEL, Carl. 1935. Mythographie. Em *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. Vol. 16. Editado por r. f. von Pauly e Georg Wissowa, cols. 1352–1374. Stuttgart: J.B. Metzler\*.
- WEST, M. L. *Hesiod. Theogony*. Oxford, 1966\*.

## MITOLOGIA GREGA

- BALLABRIGA, Alain, Le dernier adversaire de Zeus. Le mythe de Typhon dans l'épopée grecque archaïque. *RHR* 207 (1990), p. 3-30.
- BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Trad. M. J. Simões Loureiro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian: 1993\*.
- BRILLANTE, Carlo, La paideia di Eracle, Héraclès d'une rive à l'autre de la méditerranée. Bilan et perspectives, éd. Par Corinne Bonnet et Colette Jourdain-Annequin, Bruxelles / Rome 1992, p. 199-222.
- BREMMER, Jan (ed.), *Interpretations of Greek Mythology*. Routledge, Londres, 1987.
- CABRAL, L. A. M., *O Hino Homérico a Apolo*, São Paulo, Ateliê-UNICAMP, 2004.
- \_\_\_\_\_, *Os Hinos Homéricos*. São Paulo, Odysseus Editora, 2011.
- CALAME Claude, *Poétique des mythes dans la Grèce antique* (Collection 'Langues et civilisations anciennes'), Paris, 2000.
- CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. Trad. J. Guinsburg e M. Schanaiderman. São Paulo, Ed. Perspectiva: 1972\*.
- DELLA CORTE, Francesco, *Mitologia classica, Introduzione allo studio della cultura classica, II: Linguistica e filologia*, Milão 1972, p.197-257, esp. 202-203
- DETIENNE, M. *A invenção da mitología*. Trad. André Telles e Gilza M. S. da Gama. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora-Edunb: 1992\*.

- \_\_\_\_\_ *L'écriture d'Orphée*, Paris, Gallimard, 1989\*.
- DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*. Trad. de Cid K. Moreira. Campinas, Papyrus Editora, 1994\*.
- ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva: 1972\*.
- \_\_\_\_\_ *O Mito do Eterno Retorno*. Trad. Manuela Torres. Lisboa, Ed. 70: 1988\*.
- \_\_\_\_\_ *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Ed. "Livros do Brasil", s/d\*.
- ELMSLEY, P. *Scholia in Sophocles*, Oxford, 1925.
- ERBSE, H. *Scholia Graeca in Homeri Iliadem I*, Berlim, 1969.
- FESTUGIÈRE, A. J. et alii. *Grécia e Mito*. Trad. Leonor R. Ribeiro. Lisboa, Gradiva: 1988\*.
- FRÄNKEL, H. *Poesia y Filosofia de La Grécia Arcaica*. Trad. de Ricardo S. O. Urbina. Madri, Visor, 1993 (Coleção La Balsa de Medusa 63)
- HENRY, P. *Photius. Bibliothèque*, III, Paris, Les Belles Lettres.
- GRAVES, R. *The Greek Myths* (complete edition). London, Penguin Books, 1992\*.
- KERÉNYI, C. *La Mythologie des Grecs*, Paris, Payot: 1952\*.
- KIRK, G. S. *La Naturaleza de los Mitos Griegos*. Trad. Basi Mira de M. y P. Carranza. Barcelona, Editorial Labor, 1992\*.
- \_\_\_\_\_ *Myth : It's Meaning and Functions in Ancient and Other Culture*. Berkeley and Los Angeles Un. California Press: 1973\*.
- \_\_\_\_\_ *Los Poemas de Homero*. Trad. Eduardo J. Prieto. Buenos Aires, Biblioteca de Literatura Clásica, Editorial Paidós, 1968.
- LEVI-STRAUSS, C. *Mito e Significado*. Trad. Antonio M. Bessa. Lisboa, Edições 70, 1987\*.
- LLOYD-JONES Hugh, *Lykaon and Kyknos*, ZPE 108 (1996), p. 38-44; corrigendum in ZPE 134 (2001), p. 23.
- OTTO, W. F. *Os deuses da Grécia*. Trad. Ordep J. Serra. São Paulo, Odysseus Editora, 2005.
- ROBERTSON, D.S., *The Flight of Phrixus*, CR 54 (1940), p. 2-8, esp. 4
- SERGENT, Bernard, *Pylos et les Enfers*, RHR 203 (1986), p. 5-39
- PAJARES, A. Bernabé. *Fragmentos de épica griega arcaica*. Introdução, tradução e notas de, Madri, Gredos (B.C.G.), 1979\*.
- SNELL, B. *A Cultura Grega e As origens do Pensamento Europeu*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001\*.
- TORRANO, J. A. A. *Teogonia: A Origem dos Deuses*. São Paulo, Iluminuras, 1992\*.
- \_\_\_\_\_ *O Sentido de Zeus: O Mito do Mundo e o Modo Mítico de Ser no Mundo*. São Paulo, Iluminuras, 1996\*.

TREADGOLD, W. T. *The Nature of the Bibliotheca of Photius*, Dumbarton Oaks Studies, XVIII, Washington, 1980\*.

VERNANT, J. P. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Trad. Myriam Campello. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1999\*. (2ª edição)

VEYNE, P. *Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?* Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa, Edições 70, 1987\*.

WALCOT, P. *Hesiod and the Near East*. Cardiff, Univ. of Wales Press: 1966\*.

## DICIONÁRIOS

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Hachette: 1980\*.

BOISACQ, E. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. 3º ed. Paris: 1938\*.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots* (2 vols.). Paris, Klincksiek, 1984\*.

DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. Oxford. Clarendon Press:1966\*.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. de Victor Jabouille. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1997\*.

LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *A Greek English Lexicon*. 9º ed. rev. by H.Stuart Jones e R. Mackenzie. Oxford: 1940\*.

\*\*\*\*\*